



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

Mirian Raquel Buiz Mion

**Estratégias narrativas audiovisuais e o dispositivo vídeo (quase) aula: o caso
de professores-youtubers**

Porto Alegre

2022

MIRIAN RAQUEL BUIZ MION

**Estratégias narrativas audiovisuais e o dispositivo vídeo (quase) aula: o caso de
professores-youtubers**

Tese de Doutorado apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes



Porto Alegre

2022

AGRADECIMENTOS

Nesta seção a que compete os agradecimentos devo exercer a atitude de reconhecimento para com as forças que formam o universo e que se coengendram e fazem as coisas acontecerem e as pessoas se movimentarem, sem elas não teria conseguido. Muitas pessoas seguraram a minha mão ou meu coração nesta caminhada. Dentre elas estão a minha terapeuta e amiga, Naidel Coimbra, que ao acreditar em mim me deu conforto psíquico. As minhas tias, mulheres fortes, que fazem parte da minha família de origem. Xs querides mestres, a Prof^ª Dr^ª Marie Jane Carvalho, que acreditou no meu “pensamento original”, que primeiro foi a minha professora de estágio na graduação e depois me selecionou e foi a minha primeira orientadora no doutorado e ao Prof^o Dr^o Daniel de Queiroz Lopes que me acompanhou e sustentou meu processo de aprendizagem durante estes últimos dois anos e meio e que como bom piagetiano soube com elegância me desafiar e ajudar a me recompor como uma pesquisadora, mesmo em formação, que tinha passado pelo processo iconoclástico foucaultiano. Ainda sobre xs mestres, queria agradecer as professoras doutoras Cleci Maraschin, Eliane Shlemmer e Rosa Maria Fischer pelas contribuições no momento de qualificação da tese e aos professores doutores Crediné Menezes e Alexandra Lorandi que me acolheram em suas turmas, para eu fazer o estágio docente. Aos colegas de doutorado e amigos que nessa trajetória estenderam a mão pra mim e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação pelo exemplo. Assim como agradecer a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento que possibilitou a realização desta pesquisa. Para finalizar com chave de ouro, quero agradecer aos meus maiores amores, a minha família. Em primeiro, a família de origem, já *in memorium*, nas pessoas de meu pai Roque Afonso Mion e minha mãe Selma Buiç Mion. E, principalmente, agradecer e honrar a existência da minha filha que se tornou junto comigo minha família inteira, obrigada pela paciência com as minhas oscilações de humor e os dias trancadas em casa para a realização desta tese. Você que esteve no meu ventre na minha formatura da graduação, me viu começar a minha trajetória na pós-graduação no mestrado ainda criança e chega a sua adolescência me acompanhando na finalização do doutorado. Filha amada, Isadora Mion Figueiró, novamente eu repito desculpa, obrigado e eu te amo, eu tenho muito orgulho de você! Essa conquista é pra ti, você a motivou, que ela te inspire! E que abra possibilidades para novos empreendimentos.

RESUMO

Esta tese tem como pesquisa central, os processos envolvidos quanto aos aspectos comunicacionais da docência nas mídias sociais digitais utilizando a plataforma *YouTube*, no que tange as narrativas audiovisuais (videoaulas) de modo a investigar a mídiatização e a mediatização do ensino. Teve-se como objetivo investigar os fluxos das narrativas audiovisuais presentes em vídeos produzidos por professores-*youtubers*, identificar as ações envolvidas na inter-relação professor e tecnologias audiovisuais, discutir como as narrativas audiovisuais se associam aos aspectos epistemológicos do que pretendem ensinar, investigar o que seria uma videoaula que leve em consideração os leitores contemporâneos, além de investigar a rede discursiva que se cria a partir da trama das narrativas audiovisuais no contexto das plataformas digitais de grande influência social. A metodologia utilizada foi do tipo exploratório, de inspiração etnográfica, que se propôs a desenvolver um estudo de caso no canal “*YouTube Edu*”. Usamos o conceito de Docência *Online* de Edméa Santos e no polo propositivo da tese, nos apoiamos em artistas neoconcretos brasileiros. Também exploramos os tipos de leitor de Lucia Santaella, além do conceito de aula de Paulo Freire e Gilles Deleuze. Para as análises sociológicas e filosóficas utilizamos Byung-Chul Han, Michel Foucault, Manuel Castells e Alain Badiou entre outros. Para tratar as entrevistas utilizamos a Análise de Discurso de orientação foucaultiana e análises mediante software Nvivo. Como resultados evidenciamos que essas videoaulas veiculadas por professores-*youtubers* possuem características – essencialmente – de uma pedagogia diretiva, instrucionista-conteudista, não dialógica, portanto não construtivista, muito em função dos constrangimentos que características técnicas da plataforma *YouTube* e das apropriações que a *midiência* impõe. Identificamos que a maioria das estratégias educacionais propostas são direcionadas aos leitores moventes. Entendemos que as videoaulas ainda possuem uma potente possibilidade, ainda a se desenvolver, a fim de atender ao leitor contemporâneo, que possui características tanto de leitores contemplativos e moventes, mas tem potencial para atender de forma mais eficiente os leitores imersivos e ubíquos. Trazemos uma proposta do que poderá ser uma videoaula mais alinhada a conceitos construtivistas de uma educação dialógica, utilizando conteúdos do H5P para vídeos interativos. Chamamos essa nova geração de videoaulas de “Quase-aulas”, baseada na obra “Quase-cinema” do artista neoconcreto Hélio Oiticica, que prioriza a multipresencialidade.

Palavras chave: Docência *online*; Mídia social; Videoaula.

ABSTRACT

This thesis has as its central research, the processes involved regarding the communicational aspects of teaching in digital social media using the *YouTube* platform, regarding audiovisual narratives (video classes) in order to investigate mediation and mediatization of teaching. The objective was to investigate the flows of audiovisual narratives present in videos produced by teachers-youtubers, identify the actions involved in the interrelationship between teacher and audiovisual technologies, discuss how audiovisual narratives are associated with the epistemological aspects of what they intend to teach, investigate what a video lesson that takes into account contemporary readers would be, besides investigating the discursive network that is created from the plot of audiovisual narratives in the context of digital platforms of great social influence. The methodology used was the exploratory kind, of ethnographic inspiration, which proposed to develop a case study on the channel “*YouTube Edu*”. The concept of Online Teaching by Edméa Santos has been used, and in the propositional pole of the thesis, we rely on Brazilian neo-concrete artists. Lucia Santaella's types of readers have also been explored, in addition to Paulo Freire and Gilles Deleuze's class concept. For sociological and philosophical analyses, we used Byung-Chul Han, Michel Foucault, Manuel Castells and Alain Badiou. In order to handle the interviews, we used the Foucauldian-oriented Discourse Analysis and analyzes using Nvivo software. As a result, we noticed that these video classes broadcast by teachers-youtubers have characteristics - essentially - of a directive pedagogy, instructional-content, non-dialogical, therefore non-constructivist pedagogy, largely due to the constraints that technical features of the *YouTube* platform and the appropriations that media impose. We identified that most of the educational strategies proposed are aimed at moving readers. We understand that video classes still have a powerful possibility, still to be developed, in order to serve the contemporary reader, who has characteristics of both contemplative and moving readers, but has the potential to serve immersive and ubiquitous readers more efficiently. We bring a proposal of what could be a video lesson more aligned with constructivist concepts of a dialogic education, using H5P contents for interactive videos. We call this new generation of video classes “Almost-classes”, based on the work “Almost-cinema” by neo-concrete artist Hélio Oiticica, which prioritizes multi-presence.

Keywords: Online teaching; Social media; Video lesson.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1. Critérios de inclusão/exclusão das pesquisas analisadas.....	27
Quadro 1. Relações de principais pesquisas analisadas em profundidade.....	28
Quadro 2. Resumo dos artigos e dissertações encontrados nas bases de dados de busca: portal de periódicos da Capes e <i>Google Scholar</i>	32
Quadro 3. Relação dos principais autores e conceitos nos textos analisados.....	34
Quadro 4. Quantitativo dos artigos analisados por ano e os temas emergentes....	38
Quadro 5. Características dos suportes de leitura e seus leitores.....	45
Figura 1. Planilha no word sobre os dados qualitativos das videoaulas.....	69
Figura 2. Planilha no excel sobre os dados quantitativos das videoaulas.....	70
Figura 3. Planilha no excel gerada no Netylics com a coleta dos comentários de vídeos da amostra em profundidade.....	70
Figura 4. Visualização dos dados para análise dos comentários no Nvivo.....	71
Quadro 6. Processo de organização dos dados.....	76
Quadro 7. Roteiro de entrevista.....	75
Figura 5. Tela inicial do <i>YouTube Edu</i>	80
Figura 6. <i>Dashboard</i> com análises de videoaulas.....	81
Quadro 8. Totais de visualizações, comentários, <i>likes</i> e <i>dislikes</i> de acordo com o tipo de leitor ao qual se destina o vídeo.....	82
Quadro 9. Característica dos suportes de leitura e seus leitores.....	83
Tabela 2. Número de perguntas e suas respectivas métricas de cada canal.....	86
Quadro 10. Relação de número de vídeos por disciplinas e seus temas abordados	89
Quadro 11. Relação de estratégias narrativas e sua reincidência.....	93
Figura 7. Peça de arte têxtil autora.....	101
Tabela 3. Quantitativo dos signos comunicacionais	112

identificados.....		
Figura 8. Principais estratégias narrativas identificadas na amostra geral.....		115
Figura 9. Possibilidade de criação de conteúdo no H5P para vídeos narrativos...		144
Figura 10. <i>Frame</i> da tela com <i>link</i> acoplado.....		146
Figura 11. <i>Frame</i> da tela com exemplo de pergunta de múltipla escolha.....		147
Figura 12. <i>Frame</i> da tela do resumo.....		147
Tabela 4. Resultado quantitativo do aproveitamento das turmas do projeto piloto		148
Figura 13. <i>Frame</i> da tela do <i>Moodle</i> com as perguntas pré-teste e pós-teste.....		149
Quadro 12. Características das “Quase aulas”.....		153

LISTA DE ABREVIACÕES

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 UAB - Universidade Aberta do Brasil
 IFSC - Instituto Federal de Santa Catarina
 SEO - *Search Engine Optimization*
 SECOM - Secretaria Especial de Comunicação Social
 DIY - *Do It Yourself*
 CTDC - Catálogo de Teses e Dissertações da Capes
 EJA - Educação de Jovens e Adultos
 H5P - HTML5 Package
 TICs - Tecnologias de Comunicação e Informação
 CI - Capitalismo Informacional
 TAR - Teoria Ator-Rede
 EAD – Educação a Distância
 AVA - Ambientes Virtuais de Aprendizagem

TCLE - Consentimento Livre e Esclarecido
UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e Cultura
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
BNCC - Base Nacional Comum Curricular
MEC - Ministério da Educação

SUMÁRIO

1 UMA PESQUISADORA ENCONTRANDO O SEU CAMPO: PRIMEIROS PASSOS E PERCALÇOS	12
2 SE INSCREVA NO CANAL, CURTA, COMENTE E COMPARTILHE: UMA INTRODUÇÃO.....	17
2.1 O <i>YOUTUBE</i> E O PROFESSOR- <i>YOUTUBER</i>	19
3 <i>YOUTUBE</i> E EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO DE LITERATURA NO CONTEXTO BRASILEIRO.....	26
3.1 VIDEOAULAS E <i>YOUTUBE</i>	37
4 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS ENTRE O CAMPO DA COMUNICAÇÃO E DA EDUCAÇÃO.....	41
4.1 SOCIEDADE MEDIATEZADA E O CAPITALISMO INFORMACIONAL	41
4.2 EDUCAÇÃO <i>ONLINE</i>	47
4.3 MÍDIAS E COMUNICAÇÃO.....	50
4.4 MÍDIAS E O LEITOR CONTEMPORÂNEO	52
4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUDIOVISUAL, SUAS NARRATIVAS E A VIDEOAULA	59
5 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	69
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISES DOS DADOS	78
6.1 O CANAL <i>YOUTUBE</i> EDU.....	78
6.2 AS MÉTRICAS DA AMOSTRA DO <i>YOUTUBE</i> EDU.....	82
6.3 QUANTO AOS OBJETIVOS DAS VIDEOAULAS	89
6.4 QUANTO À INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA	92
6.5 QUANTO AS ESTRATÉGIAS NARRATIVAS.....	95
6.6 QUANTO AOS FLUXOS DAS ESTRATÉGIAS NARRATIVAS	108
6.9 SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR- <i>YOUTUBER</i>	119
7 VÍDEO QUASE AULA: UMA PROPOSIÇÃO PARA O LEITOR CONTEMPORÂNEO	145
7.1 VIDEOAULAS INTERATIVAS: UMA EXPERIMENTAÇÃO NO CONTEXTO DO ESTÁGIO DOCENTE.....	146

7.2 VÍDEO (QUASE) AULAS: NARRATIVAS AUDIOVISUAIS CONSTRUTIVISTAS E TRANSGRESSORAS?	152
7.3 MOVIMENTOS DA MINHA ATENÇÃO: PROPOSIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA PRODUÇÃO DE VIDEOAULAS PARA O LEITOR CONTEMPORÂNEO.....	157
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	174
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	194
Apêndice B – Transcrição de Entrevista - Transcrição Professor 1	199
Apêndice C – Transcrição de Entrevista - Transcrição Professor 2	208
Apêndice D – Transcrição de vídeo - Davi, Michelangelo e Pugliesi.....	224
Apêndice E – Transcrição de vídeo - De onde vêm os fósseis - Nerdologia Ensina 07231	
Apêndice F– Transcrição de vídeo - Entenda o Imperialismo	237
Apêndice G – Transcrição de vídeo - Literatura - Aula 5_ Romantismo (introdução) 243	
Apêndice H – Transcrição de vídeo - O Brasil na I Guerra Mundial - Eduardo Bueno251	
Apêndice I - Evento Youtube Edu - 1º parte	255
Apêndice J - Evento Youtube Edu - 2º parte	258
Apêndice L - Evento Youtube Edu - 3º parte	261
Apêndice M - Transcrição do vídeo: “YouTube/EDU - Conheça a história do projeto”264	
Apêndice M – Relatório pós-teste – Turma B.....	268
Apêndice N – Relatório pré-teste – Turma B	269
Apêndice O – Relatório do pré-teste da turma A	270
Apêndice P – Relatório Pós-teste – Turma A.....	271
Apêndice Q – Relação dos vídeos com seus hiperlinks que compõem a amostra geral.272	
Apêndice R – Quadro das análises qualitativas da amostra geral	277
Apêndice S – Tabela com a descrição em profundidade da amostra de cinco vídeos selecionados para a análise	319
Apêndice T – Quadro com as métricas da amostra geral, por vídeo	330
Apêndice U – Síntese das respostas das entrevistas contendo as regularidades-singularidades, os procedimentos de limitação interna e os temas segundo os objetivos que cada resposta se refere.	333
Apêndice V – Principais estratégias narrativas identificadas na amostra geral	343
Apêndice W – Lista de palavras mais frequentes extraídas dos comentários deixados nos vídeos.....	346

1 UMA PESQUISADORA ENCONTRANDO O SEU CAMPO: PRIMEIROS PASSOS E PERCALÇOS

Logo após a minha formatura em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ingressei como tutora-bolsista do Laboratório de Estudos em Educação a Distância do Colégio de Aplicação da UFRGS (LE@d.CAP/UFRGS). Minhas expectativas profissionais começavam a se concretizar, estava dando o primeiro passo na carreira de pesquisadora. Outrossim, tal laboratório visava promover atividades de educação à distância, o aperfeiçoamento pedagógico mediante a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação no ensino, bem como a produção científica a respeito dos processos educacionais. Entre os anos de 2006 a 2013 integrei a equipe de pesquisadores do laboratório como tutora e professora formadora de dois projetos de extensão: o Conviver para Aprender e o Trajetórias Criativas.

Todavia, o curso de aperfeiçoamento Conviver para Aprender consistia numa formação continuada destinada a educadores sociais ministrada pela equipe do Le@d.Cap/UFRGS quanto aos pressupostos da Epistemologia Genética e as relações com os usos de dispositivos tecnológicos que pudessem aprimorar o fazer pedagógico e por consequência melhorar o aprendizado dos alunos. No escopo do curso, atuamos com a utilização de mapas conceituais como ferramenta de avaliação e noções de educação em rede e na rede. Era um curso na modalidade semi-presencial que tinha a parceria da iniciativa privada e de entidades da sociedade civil. Cerca de 80 educadores de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social passaram pelas salas de aula virtual e presencial, numa espécie de modelo híbrido de formação.

Ademais, alguns anos depois dessa experiência, em 2011, o LE@d.CAP/UFRGS foi convidado pelo Ministério da Educação para elaborar uma proposta teórica-metodológica que atendesse aos jovens de 15 a 17 anos que estivessem matriculados na escola, mas estivessem em descompasso idade/série, ou seja, deveriam estar no Ensino Médio, mas estavam no Ensino Fundamental. Professores-pesquisadores ligados ao Colégio de Aplicação da UFRGS de diversas áreas produziram uma proposta que promovia a autoria, a criação, o protagonismo e a autonomia. Logo, o projeto piloto foi desenvolvido em parceria com a Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul, atendendo na primeira fase seis escolas e na segunda fase 12 escolas. Concebido para inspirar gestores, professores, famílias e jovens a modificarem antigas visões de fracasso escolar, a resignificar tempos escolares oportunizando

novas aprendizagens para jovens de 15 a 17 anos que não concluíram o ensino fundamental. Intitulado Trajetórias Criativas, pois permitia operacionalizar ações educativas abertas adaptáveis às escolas, incentivava que todos os atores da comunidade escolar criassem alternativas para a situação posta para cerca de 3 milhões de brasileiros nesta idade, na sua maioria da população negra.

Não obstante, em 2011 ficou sob minha responsabilidade gerenciar a comunicação com os integrantes do programa através das mídias sociais digitais, meio de diálogo muito usado por alunos e professores. Seus usos suscitaram questões, principalmente em torno do interesse que despertava pela vida escolar atravessada pelas mídias sociais digitais. A aceitação da mídia digital, seus recursos e a adesão do público fizeram com que propuséssemos seu uso no âmbito dos projetos educacionais em que trabalhávamos na época.

Minha experiência enquanto profissional do mundo da educação a distância amplia-se quando passo num processo seletivo para atuar com o Grupo Marista que executava o programa Telecentros BR no sul do país, ou seja, nos estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, como tutora de um curso de capacitação de jovens. Tal iniciativa constituía em formar jovens do Ensino Médio, os monitores, a elaborarem projetos de impacto social nas suas comunidades que envolvessem tecnologia. A atividade era desenvolvida através da plataforma Moodle e atuava como tutora de cerca de 40 alunos espalhados nos três estados do Sul do país. O Programa era uma iniciativa do Ministério das Comunicações, realizado entre 2010 e 2013, que equipou uma rede de telecentros a partir da parceria com 58 instituições. O programa constituía-se em: compra e distribuição de computadores e internet; monitores e qualificação profissional, através de formação à distância dessas pessoas. Na ocasião, as mídias sociais digitais foram excelentes parceiros no processo para mobilizar os monitores e comunidade local.

Em 2013 iniciei meu mestrado em Psicologia Social e Institucional pela mesma Universidade que me graduei, me interessei ainda mais pelos movimentos que ocorriam e ocorrem nas mídias sociais digitais, agora acompanhando, de forma cartográfica, mães e pais de crianças na primeira infância quanto aos atos de consumo. Neste trabalho problematizei a forma de organização em rede de movimentos sociais que existiam quase que exclusivamente de forma virtual contra a publicidade direcionada a crianças. Na época existia cerca de 9,4 milhões usuários de até 12 anos que navegavam na internet por cerca de 18 horas-diárias (COMSCORE, 2014) de maneira não assistida por adultos. O fenômeno dos *Youtubers* - apresentadores de programas exibidos pelo *Youtube* sobre assuntos diversos - circundavam o

universo infanto-juvenil, produzindo milhões de seguidores, que não eram apenas expectadores, pois tratavam-se de um público que interagiu com seus *YouTubers* preferidos. Abria-se para mim um novo universo de investigação. O *YouTube*, que se apresentava diferente, mas potente também para suscitar questionamentos em relação ao seu uso na educação, tendo em vista a sua aderência junto aos mais jovens, tanto quanto outras mídias sociais para a sua utilização como plataformas que poderiam ser exploradas de forma institucional e para a ensino e aprendizagem. Estas mídias sociais digitais apresentam potência em relação à educação não formal e formal, colocando-se como uma tecnologia que possibilita autoria devido aos coengendramentos entre os autores e essas plataformas.

Após o fim do mestrado voltei a atuar como tutora, agora como tutora presencial na Universidade Aberta do Brasil (UAB), com os cursos de Gestão Pública sendo eles de especialização e de graduação desenvolvidos pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Campus Gaspar, no pólo de Cachoeira do Sul. Os cursos tinham como objetivo capacitar profissionais para atuação na área da gestão administrativa de instituições públicas federais de Educação Profissional e Tecnológica. Novamente as mídias sociais digitais, em especial o *Facebook* e o *Whatsapp*, foram imprescindíveis para desenvolver um vínculo com o grupo de alunos geograficamente dispersos.

Concomitantemente a experiência de tutora iniciei minha carreira na educação básica como professora de sociologia no Ensino Médio de uma escola privada no interior do Rio Grande do Sul. Foram dois anos de intensas atividades com turmas de primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Médio. Com esses grupos as estratégias utilizadas tiveram que ser adaptadas, já que a escola seguia um método bem tradicional de ensino e repelia o uso da tecnologia, não necessariamente por questões metodológicas, mas principalmente por questões estruturais. Por isso optei em reuni-los em grupos no *Facebook* para organizar atividades que tinham influência da metodologia ativa da sala de aula invertida, que consistia em disponibilizar material para que o aluno estudasse em casa e fosse até a instituição de ensino para discutir suas dúvidas e ter mais aprofundamento no tema. Foram necessários muitos ajustes, mas através das mídias sociais, disponibilizava previamente dicas e conteúdo sobre o tema que seria trabalhando posteriormente em sala de aula presencial. O retorno era positivo dos alunos que classificavam como “diferente” a minha iniciativa.

Contudo, todas essas experiências enquanto professora e pesquisadora não foram suficientes para me amparar ao me deparar com o maior desafio que foi acompanhar a minha filha na formação escolar dela. Por conta da epilepsia ela apresentou dificuldades de

aprendizagem que ocasionaram a repetição de alguns anos no Ensino Fundamental I, o meu maior desafio fora não se deixar desmotivar diante das dificuldades. Por isso venho incessantemente testando maneiras que a envolva de uma maneira lúdica no processo de aprender. Em virtude disso, busco a partir dos seus interesses fazer uma ponte com os conteúdos formais, e tenho apostado na utilização de vídeos para complementar os estudos feitos em sala de aula. Meus esforços têm sido recompensados, já que ela não tem repetido mais de ano. Porém isso tem me inquietado. Será que essa estratégia está realmente ajudando ela a aprender? Se sim, como posso qualificar a interação entre o conteúdo apresentado no vídeo e o pensamento crítico dela e, também, de meus alunos? Quais seriam as melhores estratégias comunicacionais para que atendesse as suas necessidades educacionais?

Essas inquietudes me fizeram circundar as estratégias nascidas na cibercultura, a educação *online*. Então, em 2018, por conta do doutorado em Informática na Educação, passei a me dedicar a pesquisar sobre as mídias sociais digitais e suas relações com a educação no âmbito da Educação *Online*, estudo que aqui apresento em forma de tese.

No final de 2019, há poucos meses da qualificação, enfrentei uma troca de orientação por conta da aposentadoria da Prof.^a Dr.^a Marie Jane Carvalho, sendo aceita para ser orientada pelo Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes. Essa troca também acarretou mudança de linha investigativa, levando-me a ter que reiniciar o meu processo de pesquisa conforme orientação e sugestões da banca de qualificação em abril de 2020.

Todavia, mantive pelo período do doutorado o vínculo com Porto Alegre, indo e vindo toda semana, até que em março de 2020 o mundo foi assolado por uma pandemia que nos trancafiou dentro de casa, cortou nossos translados e transformou nossa casa em nosso *Home Office*, passando a ser o local de trabalho e de estudos, também. Neste momento, devido aos problemas sanitários e consequente distanciamento social provocado pela Pandemia da Covid 19, precisamos refazer o desenho da pesquisa. Desse modo, para avançar, foi necessário reconduzir a pesquisa novamente, adaptando a investigação às condições que se apresentavam no cenário atual e no momento histórico que se apresentava a humanidade. Outrossim, neste momento pandêmico as mídias sociais foram parceiras para reduzir a sensação de isolamento. Houve então, uma transferência em massa das interações do presencial para o digital e plataformas como o *Google Meet*, *Teams* e *Zoom* ganharam espaço nas nossas vidas, e muitos desses encontros no modo *Online* passaram a ser gravados e enviados para repositórios como o *YouTube*.

Em consequência disso, durante a pandemia, seus usuários aumentaram o seu tempo de acesso em 91% e, assim seminários, palestras, aulas e encontros transformaram-se quase que, em sua totalidade, digitais, e as agendas passaram a ser marcadas através de seus endereços *Online* de forma abundante. A explosão do uso das mídias sociais e a necessidade da utilização dos recursos midiáticos na educação pegou muitos de surpresa e por conta disso, a produção científica em torno do tema das videoaulas aumentou significativamente.

Assim, devido a todo esse registro de experiências e circunstâncias, é que surgiram inquietações que me motivaram a produzir uma pesquisa de doutorado para dar conta de, num primeiro momento, um interesse pessoal sobre a apropriação das mídias sociais digitais no ensino e para responder questões que atravessam a minha formação e atitude profissional e pessoal e, num âmbito mais abrangente, buscar contribuir com o campo da informática na educação que busca incessantemente por estratégias e proposições que atendam às necessidades de crianças e jovens que tem a sua performance escolar atravessada contemporaneamente pelas mídias sociais.

2 SE INSCREVA NO CANAL, CURTA, COMENTE E COMPARTILHE: UMA INTRODUÇÃO

Antes de dissertar sobre esse tema, vale ressaltar aqui, que esta pesquisa de doutorado teve como objetivo compreender os processos envolvidos nos aspectos comunicacionais da docência no contexto das mídias sociais digitais, em especial o *YouTube*, e que configuram as narrativas audiovisuais existentes nas videoaulas, através dos seus signos comunicacionais. Essa plataforma foi escolhida para ser o campo de pesquisa por sua intensa utilização pela imensa maioria da população e por suas características, que estudadas, podem vir a colaborar com o campo da informática na educação.

O *YouTube* conta com mais de um bilhão de usuários espalhados por 75 países, sendo o grande buscador do *Google* de vídeos. Como o sistema indexa uma diversidade enorme de informações no formato de vídeo, produz uma sensação comum em seus frequentadores de que é possível aprender de tudo através do *Youtube*. Isso se intensifica em função de o formato de vídeo possuir um status de “verdade” e de ser mais facilmente assimilável que a maior parte dos conteúdos *online* que se apresentam na forma de texto. Essa questão é respaldada por estudos na área da neurociência que indica que um conteúdo audiovisual tem em 60 mil vezes aumentada a sua capacidade de compreensão em relação a um texto, por exemplo. Por este motivo, cerca de 65% dos usuários acessam o *Youtube* para aprender algo, e 42% acessam para se informar politicamente, colocando-o em primeiro lugar no ranking de preferência entre as mídias sociais para se informar (GOOGLE, 2020).

Outro fator importante para o seu sucesso entre seus usuários é que o *YouTube* possui um sistema de monetização que estimula a dedicação dos criadores de conteúdo, atraindo muitos professores com promessas de ganhos financeiros, caso fidelize a sua *audiência*. A plataforma tem o seu sistema de *Search Engine Optimization* (SEO) e de recomendação poderosos, tendo um sistema de anúncio robusto, o que confere alta convergência financeira, o que transforma os sistemas de recomendação em estruturas não neutras, nem em relação a classe, gênero e nem raça. Tais características, por si só, já reúnem elementos suficientes que mostram a importância para o campo da educação de se debruçar sobre o *Youtube* para ver o que realmente está acontecendo ali.

Em tempos de midiaticização do ensino, os professores assumem outras modalidades de docência, sendo que midiaticizar é incluir no planejamento das aulas, as mídias. Para isso, eles criam estratégias comunicacionais para além do contexto de sala de aula, quando lecionam

pelas mídias sociais digitais, produzindo narrativas audiovisuais. Ademais, as narrativas são exposições ou acontecimentos que narram um fato audiovisual que, conforme o dicionário, são meios de comunicação que se destinam ou visam estimular os sentidos da audição e da visão simultaneamente (DICIO, 2021). Portanto, produzir audiovisual, as conhecidas videoaulas, é complexo e envolve desenvoltura e capacidade técnica.

Segundo Mogetti e colaboradores (2020) a videoaula tem a potência de ser ao mesmo tempo informativa, lúdica e motivadora da aprendizagem, pois tem como uma de suas características ser um objeto didático que reúne diversos signos comunicacionais, sejam eles visuais, sonoros ou textuais. Aliada aos recursos da *Web 3.0*, possibilita composições lúdicas e interativas, graças a tecnologias que possibilitam incluir outras camadas de informações que podem atender à necessidade do professor de, mesmo não estando fisicamente presente, propor desafios aos alunos para testarem seus conhecimentos. As plataformas digitais apresentam essa já referida potência em relação à educação formal e não formal, colocando-se como tecnologia que possibilita autoria devido aos coengendramentos entre o professor-autor e as mídias, no mesmo sentido que propõe Fischer (2007).

Apostar que há um emaranhado rico de práticas envolvendo toda uma tecnologia de produção de imagens, modos diferenciados de recepção e apropriação de narrativas audiovisuais do cinema, televisão e vídeos em que escolhas éticas e estéticas de criadores se pautam pelas incertezas da linguagem, pelo fechamento das interpretações, pelas pequenas cintilações de uma obra aberta disponível a um criativo gesto educacional (FISCHER, 2007, p.9).

A relevância do campo problemático desta investigação se configura devido ao crescente número de usuários das mídias sociais digitais. Segundo pesquisas internacionais, tais como *Digital News Report* (2017), do Reuters Institute (2017), e *Panorama das Redes Sociais na América Latina*, da ComScore (2017), metade da população mundial utiliza estes recursos. Segundo as pesquisas internacionais citadas, assim como a *Pesquisa Brasileira de Mídia 2016* (BRASIL, 2016), apresentada pela Secretaria Especial de Comunicação Social (SECOM) do Governo Brasileiro, o *YouTube*, juntamente com o *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Whatsapp*, são as mídias sociais digitais mais utilizadas no Brasil e no mundo. No âmbito da docência, a videoaula é fruto desse coengendramento que vem se intensificando desde a popularização das tecnologias digitais de produção audiovisual (filmadoras, smartphones e plataformas de distribuição *online*).

2.1 O YOUTUBE E O PROFESSOR-YOUTUBER

Dentre essas várias mídias sociais digitais encontramos o *YouTube*, o qual segundo a pesquisa *Video Views 2017* (GOOGLE, 2018), 65% dos usuários acessam a plataforma quando querem aprender algo. Além de ser a plataforma de vídeos mais popular do mundo hoje, contando com mais de um bilhão de usuários espalhados por 75 países¹. Durante a Pandemia da Covid 19 a procura por meios digitais para continuar o processo de ensino e aprendizagem foi a saída para mantê-lo ativo, sendo que segundo *Think Google* (GOOGLE, 2020) 17% dos brasileiros tiveram o contato com estudos *online* pela primeira vez no período pandêmico.

O *YouTube* tem características híbridas, ou seja, ele, ao mesmo tempo, congrega predicados de plataforma, site, repositório e mídia social. O seu poder é potencializado ao passo que suas características técnicas se juntam ao seu modelo de monetização, que possibilita que pessoas ou empresas sejam remuneradas pelo conteúdo criado e disponibilizado para os usuários consumirem. Este modelo de negócio possibilita que, além de consumidores, seus usuários tornem-se também produtores de conteúdos remuneráveis. Isso torna o *YouTube* um fenômeno influenciador de comportamento consumidor-político-educativo, sua primeira inclinação, como também reconfigura os espaços de trabalho, pautado pelos movimentos algoritmos pautados pela plataforma (HERTZOG, 2019).

O poder de transformação social das mídias sociais digitais também é muito utilizado no campo educacional, seja ele formal ou não formal. A plataforma abriga inúmeros canais que agregam informação de forma bem didática. O fenômeno do *It Yourself* (DIY), faça você mesmo em português, encontra na plataforma um campo profícuo, principalmente ligado à realização de tarefas práticas. O universo dos *vloguers* ou *youtubers*, como se convencionou chamar esses produtores de conteúdo nas plataformas de vídeo, é bastante plural. Existem os produtores que relatam coisas do seu dia a dia, produtores de conteúdo independentes, produções profissionais e muita informação (ou desinformação), todos organizados em canais, que é o formato de usuário da plataforma.

O *YouTube* é a mídia social que essencialmente trabalha com a linguagem audiovisual e foi escolhido como o campo desta investigação por seu potencial pedagógico e por ser a

¹<https://www.voxeldigital.com.br/blog/5-plataformas-de-video-gratuitas-para-integrar-sua-comunicacao/#:~:text=O%20Youtube%20C3%A9%2C%20de%20longe,usu%C3%A1rios%20espalhados%20por%2075%20pa%C3%ADses> .

mais popular plataforma audiovisual do planeta, contabilizando cerca de 1 bilhão de usuários. Esta mídia social apresenta potência em relação à educação não formal e formal, colocando-se como uma tecnologia que possibilita autoria devido aos coengendramentos entre o professor autor e essa plataforma que por sua vez possibilita compartilhar vídeos. Dados do relatório executivo do *Google*, o *Google Consumer Survey 2018*, apontam que 43,1% dos entrevistados reconhecem a família como sendo a principal influência. Em seguida vem os amigos, com 34,8%, e em terceiro lugar os *youtubers*, com 20% de influência, colocando-se à frente das outras mídias (GOOGLE, 2018). Segundo o Relatório Digital in 2019, feita pela *We Are Social* em parceria com a Hootsuite, o *YouTube* teve 58% de crescimento de usuários no Brasil nos últimos anos, sendo acessado por cerca de 95% dos internautas e, desta forma, se tornando a plataforma mais acessada no país e a segunda no mundo (PAGBRASIL, 2019).

A mídia digital em questão é o principal repositório de vídeos *online* da atualidade, com mais de 1 bilhão de usuários ativos. A plataforma foi fundada em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-executivos da *Paypal*. O sucesso meteórico fez com que a plataforma fosse adquirida pelo *Google* no ano seguinte, em 2006, por 1,65 bilhão de dólares. O *YouTube* já é um ícone da *Web 2.0*, principalmente por ser parte integrante da cultura de participação (BURGESS; GREEN, 2009).

Dentre as características mais peculiares estão os termos de uso da plataforma que restringe certos usos, a forma como a plataforma interfere na privacidade do usuário através do sistema de filtragem, do processo para retirar os vídeos do ar, além da monetização do comportamento dos usuários, isto é, conforme o número de inscritos e visualizações a plataforma remunera o criador de conteúdo. Para haver monetização, ou seja, remuneração por disponibilização de espaço para publicidade através de anúncios, o canal tem que ter, no mínimo, 1.000 inscritos e 4 mil horas assistidas. Um vídeo é considerado exitoso se é recomendado para um número maior de pessoas e para isso ele depende de agradar ao algoritmo do *YouTube*, que não é apenas um algoritmo, mas sim vários. Sendo que uma das variáveis consideradas para valorizar o vídeo é o tempo de visualização do mesmo. Que é a combinação do número de visualizações, da duração dessas visualizações da inicialização de sessões, da frequência de uploads feitos pelas contas na plataforma, da duração e da finalização das sessões (minutagem) em que se inicia ou se finaliza um vídeo.

Dentro do *YouTube* escolhemos trabalhar com uma sessão da plataforma destinada a vídeos educacionais, o *YouTube Edu*, que congrega diversas videoaulas cuja curadoria é realizada por uma equipe parceira do *Google* que definem se o conteúdo atenda às

necessidades a qual o vídeo se destina. Essa plataforma foi lançada em 2013 a partir de uma parceria no Brasil entre o *Google* e a Fundação Lemann. A plataforma age com as mesmas definições algorítmicas do *YouTube* geral, privilegiando o engajamento do público, com o intuito de monetizar o canal.

Essa capitalização do comportamento do usuário possibilita uma regulação do conteúdo recomendável a partir do conceito de *mediância*, isto é, o algoritmo da plataforma valoriza os vídeos através das visualizações, das curtidas, das não curtidas, dos seguidores/assinantes e dos comentários (atualmente o mais valorizado). Esta dinâmica alimenta o algoritmo da plataforma que recomenda o conteúdo apresentado para estes usuários em uma atuação da otimização para motores de busca, o *Search Engine Optimization* (SEO).

Ainda na fase de rastreio da pesquisa foi necessário definir o que seria um professor-*youtuber*. Durante o processo nos deparamos com diferentes tipos de usuários/produtores de conteúdo da plataforma. A título de definição adotamos a expressão professor-*youtuber* para aquele *vloguer* que além de produzir conteúdo de forma autoral para ser veiculado para seus alunos e/ou seguidores sobre algum tema relacionado à educação e à ciência, seja, também, professor da educação presencial e/ou à distância. Diferindo-se do professor que apenas utiliza o repositório para dar aulas como suporte tecnológico e do *vloguer* que produz conteúdo ensinando alguma coisa na plataforma.

Esses professores-*youtubers* atuam como uma empresa nesta plataforma, investindo cada vez mais na sua performance, nos equipamentos e no conteúdo para angariar mais métricas positivas. É o Capitalismo informacional atuando no que Han (2018), chama de psicopolítica, que articula os bloquinhos do jogo para que o neoliberalismo articule novas técnicas de poder. O *YouTube* é uma representante das plataformas privadas que utilizam os dados dos usuários para monetizarem-se através de venda de espaço publicitário para as marcas, caso não se assine a versão premium privada, manipulado pela algoritmização da vida. Esta plataforma de interação da *web* surgiu como uma pequena empresa no Vale do Silício, fundada por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, três ex-funcionários do sistema de transferência de fundos e pagamentos *online PayPal*, e funcionava em um pequeno escritório na cidade de San Francisco (BURGESS; GREEN, 2009). De forma inédita para a época, a plataforma era dotada da capacidade de adicionar outros usuários como amigos, e gerava automaticamente códigos em HTML que permitiam que vídeos postados no site pudessem ser incorporados em *blogs*, ou outros sites. Mesmo não possuindo robustez técnica,

a plataforma despontou com grande potência no universo digital, e atraiu investimento da Sequoia Capital, uma empresa de capital de risco, que também financiou gigantes da tecnologia como o *Google*, a *Apple* e o *Instagram*. No ano seguinte ao seu lançamento, a *Google* comprou o *YouTube*. Segundo a Alexa, um serviço que lista os maiores sites do mundo, o *YouTube* está em segundo lugar, atrás apenas do *Google*, e à frente de outros como o *Facebook* e a *Wikipédia* (LOIOLA, 2018).

Segundo Burgess e Green (2009), a razão do *YouTube* ter chamado a atenção do mundo corporativo da tecnologia tem vários fatores. O primeiro deles foi o reconhecimento pelo TechCrunch, um influente *blog* de tecnologia e negócios, que classificou o *YouTube* como um site a se prestar atenção. Essa recomendação fundamentava-se na capacidade do site de incorporar vídeos em *blogs*, a barra de vídeos relacionados e o sistema de compartilhamento e comentários, que se assemelha a uma rede social. Outro fator foi a sua capacidade de viralização de conteúdo, atestada graças a um vídeo chamado *Lazy Sunday*, criado pelo programa *Saturday Night Live*. Tal vídeo atingiu a marca de 5 milhões de visualizações em fevereiro de 2006 (BURGESS; GREEN, 2009).

Com o passar dos anos, o *YouTube* mudou sua postura enquanto empresa, e passou de um site de armazenamento de conteúdo audiovisual, para uma ferramenta de expressão pessoal, conforme argumentam Burgess e Green (2009). Esse redirecionamento deu significativo espaço para os usuários que produziam vídeos, identificados como canais, apostando na co-criação, pressuposto que a cultura da participação está ancorada. Porém, a plataforma optou em não possibilitar espaço para diálogo entre os usuários, além dos comentários e do *chat* para as *lives* (JENKINS, 2009). Essa característica propositalmente instalada pela plataforma foi a principal responsável pela baixa adesão dos professores ao chamado da pesquisa.

Outras características são importantes para explicar a dinâmica única desta plataforma, entre elas estão as relações estabelecidas entre os termos de uso, o sistema de filtragem, a lentidão para exclusão de vídeos e a monetização baseada na comercialização da atenção dos usuários. Todas essas características estão imbricadas nas relações estabelecidas entre os usuários, os produtores de conteúdo, o mercado que utiliza a plataforma como veículo publicitário e o algoritmo criado pela empresa. Todas essas características possibilitaram inclusive que produtores de conteúdo fossem remunerados pela plataforma, devido ao seu potencial de agregar atenção. Segundo Loiola (2018), os *youtubers* são verdadeiras *web-celebridades*, que são fomentadas pelo modelo de negócio da plataforma. E

os professores-*youtubers* motivados pelo sucesso monetário e de prestígio alcançado por esses novos trabalhadores imateriais, criam conteúdo educacional com o intuito de disfrutar das possíveis benesses, caso caiam nas graças dos seus públicos. Neste universo existem alguns professores que despontam do grupo, mas sua notoriedade é infinitamente menor do que as alcançadas por *youtubers* de outros segmentos, tais como o maior *youtuber* do Brasil, o Felipe Neto, que possui cerca de 43 milhões de inscritos no seu canal.

Reconhecendo essa vocação de influência o *YouTube* tornou-se um recurso educacional importante, principalmente na contemporaneidade. Os usuários utilizam a mídia social digital para entretenimento, mas também para aprendizagem, projetando o que poderíamos chamar de *feat* entre educação e entretenimento, o “eduentretimento”, apresentando uma necessidade do pesquisador em educação e tecnologia estar presente nestes espaços. Segundo a pesquisa Video Views 2017 (GOOGLE, 2018), 65% dos usuários acessa a plataforma quando querem aprender algo. Boa parte da população mundial acessa a plataforma buscando informação disponível de forma gratuita, descartando a versão paga do *YouTube* que se apresenta sem anúncios, para instruir-se. Seja para entender um conteúdo da escola ou como fazer um pequeno concerto em sua residência. A plataforma já mostrou seu potencial para ser usada tanto na educação formal quanto não formal, ou seja, fora das paredes da escola.

Vem se discutindo o potencial da plataforma para a educação desde o seu lançamento. Segundo Gadotti (2005), na educação formal, os professores precisam seguir um currículo estabelecido por Lei, predeterminado para dar conta de uma etapa do aprendizado. Na educação não formal, pode-se ampliar as possibilidades de cursos livres sobre diversas temáticas, revelando sempre uma intencionalidade pedagógica, com o intuito de melhor ensinar para melhor aprender. As diferenças entre a educação formal e não formal estão no pré-estabelecimento das formas do conteúdo e do agente educador (GADOTTI, 2005).

O que podemos observar é que as narrativas audiovisuais transmitidas por este tipo de plataforma têm como característica a não avaliação, pois o professor não tem acesso ao retorno dado pelo aluno, muitas vezes um profissional ministra uma aula e o resultado é mensurado por outro profissional completamente diferentes, sem que os dois se conheçam, dificultando o *feedback* necessário.

No cenário da Pandemia da Covid 19 o debate sobre a eficácia desses recursos tomou outras nuances. O repertório dos professores precisou ser alterado e ajustado conforme o contexto. A Pandemia da COVID-19 assolou o mundo e transformou nosso jeito de interagir

com o outro e, inclusive, de estudar. As mudanças foram muitas e permitiram que processos que já haviam sido iniciados, como o uso das mídias digitais em ambientes escolares, fossem acelerados. Dificuldades foram sentidas tanto pelos professores quanto pelos alunos. A carga horária do professor se alterou, mas sem ser remunerado a mais por conta disso. Atividades foram moldadas para caber num ato comunicativo de mídia, e algumas controvérsias foram se acumulando diante da nova e inesperada realidade.

Durante a Pandemia da Covid 19 a afetação entre humanos e não-humanos tornou-se ainda mais imbricada e as mídias sociais digitais, em especial o *Facebook*, *YouTube* e o *Whatsapp*, foram imprescindíveis para manter um vínculo com grupos de alunos e de professores geograficamente dispersos, enquanto as instituições encontravam soluções tecnológicas para atender no formato de ensino remoto emergencial. Houve uma transferência em massa das interações do presencial físico para o digital virtual. De acordo com o relatório do *Youtube*, 2020 foi o ano em que o *YouTube* alcançou o topo das plataformas que os consumidores dizem não conseguir viver sem. Durante a pandemia, 91% dos entrevistados confirmaram ter aumentado seu tempo de navegação do canal e 54% afirmaram que vão passar a usar ainda mais a plataforma², graças às videoaulas e aos *webnários*, conhecidos como “Lives”.

Neste contexto, encontramos os professores que já utilizavam o *YouTube* como estratégia docente, gravando aulas e aproveitando-se dos canais de divulgação desta plataforma para divulgar seus vídeos. Para isso, os professores-*youtubers*, que são aqueles que utilizam do recurso de gravar vídeos para ensinar conteúdos de sua área de formação, assumem outras modalidades de docência, criando estratégias comunicacionais para além do contexto de sala de aula. Essa postura dos professores requer mudanças perante seu planejamento e, também, manejo de tecnologias para dar conta do conteúdo de suas disciplinas através de narrativas audiovisuais (FISCHER, 2007). O *YouTube* tem se apresentado como um campo de novas possibilidades em relação à educação não-formal e formal. Mas será que os professores-*youtubers* têm se apropriado dessa tecnologia no sentido de explorar a potência criativa e autoral que essa tecnologia suscita? Será que têm explorado de forma apropriada a contribuição do campo de estudos da comunicação e da cultura audiovisual na produção de suas videoaulas? E para que tipo de leitor essas videoaulas são direcionadas? E que rede discursiva se forma em torno da estratégia das videoaulas?

²<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/11/05/youtube-faz-balanco-da-pandemia-e-projeta-2021.html#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20relat%C3%B3rio.usar%20ainda%20mais%20a%20plataforma.>

Assim, ações comunicacionais *online* precisam ser analisadas na sua simetria, de modo a considerar a importância dos modos de associação entre todos os atores envolvidos nessas ações. Segundo Fischer (2007) vem se constituindo uma profunda mudança nos hábitos devido às apropriações feitas pelas tecnologias, em especial pelas mídias no nosso cotidiano. Os modos de existir são modulados pelas associações feitas entre humanos e não-humanos. Professores e alunos também foram impactados por estas transformações alterando assim as práticas docentes. Segundo a autora já temos alguns resultados destas transformações:

a) o excesso e o acúmulo de informações, em relação ao tipo de experiência correspondente, de modo particular para crianças e jovens; b) a velocidade do acesso a fatos, imagens e dados, em relação a um tipo diferenciado de experiência com o tempo, a memória e a própria concepção aprendida de história; c) novos modos de viver a intimidade e a vida privada, em relação com a experiência política e as práticas sociais, nos diferentes espaços públicos; d) outros modos de compreender o que seriam as diferenças, de que tanto se fala em relação às práticas do mercado, ávidas por novidades sempre “outras” (FISCHER, 2007 p. 291-292).

As circunstâncias sanitárias aceleraram o processo de midiaticização do ensino, suscitando algumas questões. Quais as características da comunicação audiovisual e como elas têm sido coengendradas com a produção de videoaulas no *Youtube*? Como os recursos audiovisuais são integrados às narrativas dos professores que utilizam o vídeo na sua produção de conteúdo? Como esses recursos estão associados aos aspectos epistemológicos relacionados às áreas de conhecimento desses professores?

3 YOUTUBE E EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO DE LITERATURA NO CONTEXTO BRASILEIRO

As ponderações exibidas nesta seção são provenientes de revisão de literatura³ sobre as apropriações do *YouTube* na educação no contexto brasileiro. Antes da Pandemia o *YouTube* já vinha se configurando como alternativa pedagógica e durante o período de isolamento social se mostrou ainda mais potente. O período pandêmico levou aos governos a determinar o fechamento presencial de escolas e universidades em todo o território nacional e mundo afora também. Mesmo com os estabelecimentos fechados foi necessário manter o vínculo aluno-escola/universidade então surgiram iniciativas de ensino remoto emergencial e também de atividades não usuais de capacitação, palestras e treinamentos. Dentre diversas plataformas, o *YouTube* figurou como importante meio de realização de aulas expositivas de forma estável e acessível – as *lives* e *webnários* que reproduziam o formato de palestras *online*. Muitos canais novos surgiram trazendo videoaulas de quase todos os assuntos, houve uma dispersão de conteúdo, não necessariamente um aumento de audiência, mas um aumento de produtores de conteúdo espalhados na rede. Essa profusão de criação possibilitou que *YouTube*, somente neste período pandêmico, aumentasse cerca de 91% no tempo de usuário⁴.

Devemos lembrar que a plataforma *YouTube* é uma solução privada, de propriedade da *Google*. O *YouTube* não foi o único a lucrar com a pandemia, muitas soluções de plataformas privadas dominaram o cenário pandêmico, fazendo com que surgissem novos bilionários inclusive. Redes públicas de ensino adotaram as soluções da *Google* para armazenar e transmitir dados dos alunos, professores e servidores.

Enquanto esse tema não engaja atores que promovam uma discussão mais ampla sobre o significado da *plataformização* da educação pública, o *YouTube* ainda é o grande palco das transmissões de vídeo *online*. Dois recursos da plataforma foram amplamente utilizados durante esse período: as *lives*, que são transmissões síncronas de conteúdo em forma de vídeo *online* que possibilitam interação por *chat* de comentários em tempo real; e as videoaulas, que são transmissões assíncronas e possuem interação indireta por comentários. Essas práticas se disseminaram no ciberespaço com conteúdo educacional e diversos durante o período de isolamento, garantindo que continuassem as aulas e os eventos científicos. Essa profusão de

³ Esta revisão de literatura foi publicada originalmente no artigo: Youtube e educação: uma revisão da pesquisa brasileira no período de 2014 a 2021. Acesso em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/121376>

⁴<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/11/09/pandemia-aumenta-em-91-tempo-de-usuariobrasileiro-no-youtube.htm>

interações *online* garantiu a presencialidade mesmo com a dispersão geográfica (SANTOS, 2020).

Para sustentar teoricamente essa pesquisa bibliográfica, buscamos teorias da comunicação que conversem com a educação e a cultura digital e encontramos suporte em Lucia Santaella (2013, 2014), em Marschall McLuhan (1989, 1996). Elas tratam, essencialmente, a partir de vários ângulos, deste fenômeno que são as tecnologias de comunicação e informação e, também, a educação. O *YouTube* faz parte do universo *multimidiático online* do contemporâneo e a sua existência é suficiente para moldar de forma única as percepções e ações dos leitores midiáticos.

Marschall McLuhan (1996), teórico da comunicação, educador e filósofo canadense, assegurou que o “meio é a mensagem”, portanto cada tipo de suporte de mídia tem efeitos específicos no seu leitor. Esta tese foi bastante controversa, pois, até então, garantia-se que os conteúdos deveriam ser analisados e não seus suportes. O autor ressalta que cada tecnologia específica molda um tipo de leitor, pois as tecnologias de linguagem produziram mudanças neurológicas e sensoriais que tem afetado significativamente nossas percepções e ações, tornando-se parte do sistema nervoso humano, chegando a denominá-los como “prótese técnica”.

As transformações deflagradas pelos meios de comunicação não são somente no leitor, mas sim em todas as relações sociais. McLuhan (1989) explicitou essas transformações sociais em que as distâncias se encurtaram graças aos avanços tecnológicos, levando o mundo a agir como uma grande aldeia global. Essa ideia está diretamente ligada ao conceito de globalização, e ajudam a explicar um cenário em que se tornou necessário que as pessoas, sistemas e países estivessem interligados, e esse cenário foi possível graças às tecnologias: sejam elas de comunicação ou de transporte. Esse processo gerou uma teia de interligações e interdependências mundiais, do mesmo modo como hoje acontece nas mídias sociais digitais, com o modelo de comunicação de todos para todos. McLuhan (1996) não conheceu a internet, mas podemos dizer que a previu décadas antes de ser inventada. Ele usou em suas obras o modelo da televisão, da comunicação de massas, para explicar como seria essa inovação, mas enganou-se no que tange às transmissões via satélite, pois estas últimas iriam dar conta de fazer fluir a comunicação entre todos.

Polêmicas à parte, McLuhan (1996) definiu que cada suporte tecnológico traz modificações significativas para a humanidade, então podemos pensar que, isso acontece sejam eles os livros, com os cidadãos *gutenbergianos*, a televisão e os meios de

comunicação de massas, ou com os computadores e a galáxia da internet. Santaella (2013), concorda com McLuhan (1996) de que cada suporte traz modificações aos modos de ser da humanidade, e vai além quando propõe que cada suporte produz um tipo de leitor diferente. Como semiótico, afirma que lemos imagens tanto quanto lemos livros, e, portanto, produzimos, hoje, assim leitores de livros e, também, de telas. Desta forma ela afirma que se consagraram três tipos de leitores: o contemplativo (livros), o movente (televisão) e o imersivo (computador e internet). Porém a autora acrescenta mais um tipo de leitor: o ubíquo, que se configura a partir da reunião do leitor movente e do imersivo, associado a dinâmica dos dispositivos móveis que confere mobilidade a esse leitor. A mobilidade da internet e dos dispositivos móveis sobre a qual se acoplam os leitores ubíquos configura um novo quadro midiático de disputa e de regime atencional do leitor.

Com base nas ideias desses autores, um dos primeiros movimentos dessa tese foi buscar conhecer como diferentes pesquisas no campo do ensino tem considerado a dimensão comunicacional das videoaulas, mais especificamente das videoaulas veiculadas na plataforma do *Youtube*. É importante registrar que o procedimento adotado para nos aproximarmos das pesquisas envolvendo *YouTube* e Educação se deu através dos indexadores *Google Scholar* (*Google Acadêmico*) e o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (CTDC), realizados durante o período de novembro de 2019 a junho de 2021. As buscas consideraram os últimos sete anos, abarcando, portanto, o período pré-pandêmico, assim como o pandêmico, circunscritos à produção acadêmica brasileira. Durante o período de delineamento do campo desta pesquisa, foram realizadas a busca e a leitura de artigos que dessem conta dos conceitos pesquisados, tendo como *string* de busca genérico: *YouTube AND (educação OR ensino)*. O *Google Scholar* foi selecionado como ferramenta de busca por permitir acesso mais abrangente a textos acadêmicos, buscando referências em diversas bases de documentos disponíveis *online*. Já o CTDC foi escolhido por nos permitir obter um panorama mais diretamente relacionado à pós-graduação no Brasil, no sentido de conhecer como está a produção científica sobre o tema nos diferentes grupos de pesquisa brasileiros.

Tabela 1 - Critérios de inclusão/exclusão das pesquisas analisadas

Critério	Google acadêmico	CTDC	Total
1-Busca a partir dos descritores “ <i>YouTube</i> ” AND (“educação” OR “ensino”) com filtro “Ano” de 2014 a 2021	23200	85	23285
2-Relevância (número de citações dos trabalhos, contidos nas 10 primeiras páginas da busca no <i>Google Acadêmico</i>)	100	85*	185
3-Foco na temática – inclusão da palavra <i>YouTube</i> no título	27	9	36
4-Foco na temática da docência no ensino formal informada nos resumos	15	5	20
Total de pesquisas analisadas em profundidade		20	

* Critério 2 não se aplica ao CTDC

Fonte: MION & LOPES (2021)

O passo seguinte foi estabelecer os critérios de inclusão e exclusão, conforme a Tabela 1. O espaço temporal de pesquisa foi o primeiro critério de inclusão que foi considerado, sendo estabelecido o período entre 2014 e 2021. Selecionou-se esse espaço de tempo devido à necessidade de buscar dados mais recentes sobre o uso dessa plataforma na educação, inclusive incluindo possíveis pesquisas que abarcassem o período pandêmico. Também foi nesse período do recorte, mais precisamente o período que sucede o lançamento do canal “*YouTube Edu*”, contexto em que se desenrola a presente pesquisa. Os outros dois critérios de inclusão aplicados foram conter no título do trabalho a palavra “*YouTube*” e informar em seus resumos que se tratava de uma pesquisa envolvendo a participação de professores/pesquisadores no uso do *YouTube* integrado ao ensino formal. Dessa forma, foram excluídos trabalhos ou experiências isoladas ou informais limitadas à aprendizagem de produção de vídeos por estudantes ou outros coletivos. Após a aplicação desses critérios, resultaram para leitura em profundidade 20 publicações, das quais 15 são artigos e 5 são dissertações de mestrado, conforme consta na Tabela 1.

A seguir apresentamos a análise dos trabalhos sob a ótica da aprendizagem ubíqua e dos seus respectivos leitores a qual foram destinadas as ações. Buscamos saber se as ações educacionais e de pesquisa levaram em conta as teorias da comunicação para promover aprendizagens através das videoaulas. Dos vinte trabalhos analisados em profundidade agrupamos no quadro abaixo as suas principais características entre si quanto ao seu argumento. Sendo que Quintanilha (2017) e Pechansky (2016) veem o *YouTube* como estratégia para aproximação com os alunos (nativos digitais) apelo audiovisual. Para Silva,

Pereira e Arroio (2017) o *YouTube* pode proporcionar “ganho cognitivo” ao proporcionar a diversidade de informações; também se aproxima da linguagem dos jovens. Roskowinski (2016) pensa que *YouTube*, por si só, não caracteriza inovação; necessidade de planejamento para dar conta do “letramento digital” de professores e alunos. Santana (2018) entende que *YouTube* aumenta a carga de trabalho; mas aumenta o protagonismo e habilidades de docentes e discentes.

Coelho e Bottentuit Jr. (2019) e Rebelo e Carvalho (2017) concluem que o *YouTube* como recurso para ampliar a capacidade crítica, a reflexão e potencializar a habilidade de pesquisa e compartilhamento de experiências; auxilia na construção do conhecimento. Já os autores Kamigouchi (2017), Bispo e Barros (2016), Neto e De Sá (2019), Oliveira, J. (2016), Queiroga Jr. e Dulci (2019) e Souza e seus colaboradores (2019) entendem que *YouTube* como recurso para o ensino de história; problematiza o papel da docência na formação do sujeito. Junges e Gatti (2019) definem que o *YouTube* favorece a autoria, a autonomia, a tomada de decisão, a criatividade, a criação de uma estética própria, um currículo participativo.

Por sua vez, Oliveira (2016) tem o *YouTube* como recurso para a autoria docente e discente. Brito Silva (2019) entende a plataforma como recurso para a autoria docente e discente. Silva, M. (2017) pensa a mídia social como possibilidade de reflexão de como as disciplinas têm sido trabalhadas na sala de aula e a dinâmica entre esse espaço real e o processo de ensino e aprendizagem virtual por meio dos vídeos. *YouTube* como possibilidade de reflexão de como as disciplinas têm sido trabalhadas na sala de aula e a dinâmica entre esse espaço real e o processo de ensino e aprendizagem virtual por meio dos vídeos. Paulo, P. (2017) conclui que o material inclusivo no *YouTube* auxilia várias disciplinas. Borges (2020) De Mello Souza (2020) salienta que o uso do *YouTube* como sendo uma nova abordagem no processo de ensino e aprendizagem no tempo da cibercultura, no Quadro 1 temos a relação das pesquisas analisadas em profundidade.

Quadro 1 – Relação de principais pesquisas analisadas em profundidade

Autores dos trabalhos (Ano de publicação)	Quantidade de trabalhos	Ideia principal
1. Quintanilha (2017); 2. Pechansky (2016)	2	<i>YouTube</i> como estratégia para aproximação com os alunos (nativos digitais); apelo audiovisual.
3. Silva, Pereira e Arroio (2017)	1	<i>YouTube</i> Pode proporcionar “ganho cognitivo” ao proporcionar a diversidade de informações; também se aproxima da linguagem dos jovens (leitor ubíquo).

Autores dos trabalhos (Ano de publicação)	Quantidade de trabalhos	Ideia principal
4. Roskowinski (2016)	1	<i>YouTube</i> , por si só, não caracteriza inovação; necessidade de planejamento para dar conta do “letramento digital” de professores e alunos.
5. Santana (2018)	1	<i>YouTube</i> aumenta a carga de trabalho; mas aumenta o protagonismo e habilidades de docentes e discentes.
6. Coelho e Bottentuit Jr. (2019); 7. Rebelo e Carvalho (2017)	2	<i>YouTube</i> como recurso para ampliar a capacidade crítica, a reflexão e potencializar a habilidade de pesquisa e compartilhamento de experiências; auxilia na construção do conhecimento.
8. Kamigouchi (2017); 9. Bispo e Barros (2016); 10. Neto e De Sá (2019); 11. Oliveira, J. (2016); 12. Queiroga Jr. e Dulci (2019); 13. Souza, <i>et al</i> (2019)	5	<i>YouTube</i> como recurso para o ensino de história; problematiza o papel da docência na formação do sujeito.
14. Junges e Gatti (2019)	1	<i>YouTube</i> favorece a autoria, a autonomia, a tomada de decisão, a criatividade, a criação de uma estética própria, um currículo participativo.
15. Oliveira, P.P.M (2016)	1	<i>YouTube</i> como recurso para a autoria docente e discente.
16. Brito Silva (2019)	1	<i>YouTube</i> como possibilidade de construção e socialização de conhecimentos; modo criativo de ensinar, como alternativa às aulas expositivas.
17. Silva, M. (2017)	1	<i>YouTube</i> como possibilidade de reflexão de como as disciplinas têm sido trabalhadas na sala de aula e a dinâmica entre esse espaço real e o processo de ensino e aprendizagem virtual por meio dos vídeos.
18. Paulo, P. (2017)	1	Material inclusivo no <i>YouTube</i> auxilia várias disciplinas. (Acessibilidade)
19. Borges (2020) 20. De Mello Souza (2020)	2	O uso do <i>YouTube</i> como nova abordagem no processo de ensino e aprendizagem no tempo da cibercultura.
Total:	20	

Fonte: MION & LOPES (2021)

Esmiuçando o material encontrado, nos deparamos com Silva, Pereira e Arroio (2017), que têm como contexto de ensino as Ciências Naturais, definiram que os leitores de *YouTube* possuem habilidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo e que o seu uso acarretaria em um “ganho cognitivo” específico. Sabemos que isso é uma situação discutível, pois os alunos vêm perdendo habilidade de ler livros progressivamente, eles não possuem fixação para ler um livro inteiro, por exemplo. Ainda não se sabe totalmente os efeitos em crianças pequenas, mas os estudos mostram que a capacidade de prender a atenção na tela é o maior desejo das plataformas. Santaella (2013), entende que esse traço é muito característico dos leitores contemporâneos, pois esses passeiam por espaços virtuais materializados em telas de computador e de *smarthphones*.

Para Coelho e Junior (2019), eles entendem o *YouTube* como sendo uma possibilidade de aumentar repertório dos alunos e por consequência sua criticidade. No mesmo sentido, Rebelo e Carvalho (2017) tem o mesmo posicionamento e acreditam que a plataforma possibilita adquirir novos conhecimentos. É possível inferir que o uso dos vídeos nas disciplinas de história seria uma recorrente entre as pesquisas encontradas Kamigouchi (2017), assim como Bispo e Barros (2016), Neto e De Sá (2019), Souza *et al* (2019), Queiroga e Dulci (2019) e Oliveira (2016). Eles apontaram que as mídias sociais são elementos importantes na Docência *Online* e por isso não devem ser minimizados no processo de ensino e aprendizagem. Mas alertam que a sua utilização tem ônus também, a questão é polêmica e levanta muitos argumentos contra e a favor dos seus usos.

Uma questão que permanece como sendo importante é a possibilidade de autoria dos atores no processo de construção do conhecimento viabilizada através dos arranjos técnicos possibilitados pelo uso da plataforma. Junges e Gatti (2019) ressaltam questões importantes como a autoria, a autonomia, a tomada de decisão, a criatividade, a criação de uma estética própria, além da participação na constituição dos currículos. Mas levantam uma questão importante para esta pesquisa: o constrangimento dos professores de não saber fazer pode vir a limitar as potentes possibilidades de interação humano e não humano. Assim, como sustenta Oliveira (2016), a autoria docente é uma das possibilidades suscitadas pelas plataformas de veiculação de vídeos. A pesquisa do autor teve como objetivo demonstrar a utilização de vídeos do *YouTube* como ferramenta pedagógica. A autoria proporcionada pela apropriação da plataforma não diz respeito apenas aos docentes, mas também aos discentes que também podem socializar seus conhecimentos, assim como toda a comunidade que possui acesso a essa tecnologia.

Santana (2018) alerta que as horas aulas despendidas para realizar as videoaulas sobrecarregam o professor que não possui hora/atividade pagas em seus vencimentos, mas que a sua utilização aumenta o protagonismo de um professor com mais perfil propositivo, mas precisamos lembrar que esse protagonismo é mais efetivo quando o material é usado de uma maneira inventiva, criativa, não apenas como um item desconectado da intencionalidade pedagógica. Neste sentido devemos dizer que durante a pandemia muito se exigiu do professor, necessariamente eram profissionais que não utilizavam tecnologia e se viram obrigados a realizar todo e qualquer tipo de operação sem qualquer remuneração extra, foram muitas horas demandadas e tempo de planejamento para adequar-se, deixando muitos profissionais esgotados psiquicamente. Roskowinski (2016) reforça este argumento quando

diz que é necessário realizar o letramento dos profissionais para o uso correto das mídias e que só o simples uso não caracteriza inovação, há de se ter uma intencionalidade envolvida como podemos ver nas análises das videoaulas.

As pesquisas encontradas não refletem ainda essas situações no período pandêmico, ou ainda, podemos pensar que não despertou o interesse de imediato nos pesquisadores de entender o fenômeno, pode ser que isso aconteça nos próximos anos. As pesquisas encontradas refletem inicialmente o uso intensivo da plataforma como um achado importante a ser registrado. Mello Souza (2020) observou um acréscimo de 140% de canais de ciências, para darmos um exemplo. A suspensão das aulas presenciais “jogou” para as mídias os professores. E em Borges (2020) ressalta a importância do *YouTube* como uma plataforma que possibilita acesso a todos, mesmo sendo particular de uma grande empresa, ela é estável o suficiente para sustentar milhões de pessoas acessando ao mesmo tempo.

As dissertações encontradas que abordavam o tema pesquisado foram Silva (2017), com a dissertação intitulada “O uso de vídeos no ensino de ciências: o papel do *YouTube* para estudantes do ensino médio”, que traz luz a questão do uso da plataforma tanto no virtual quanto no presencial; a dissertação de Silva (2016), com o título “*YouTube*, juventude e escola em conexão: a produção da aprendizagem ciborgue”, que define nos seus escritos como seria essa aprendizagem atravessada pela tecnologia e ele desenha uma espécie de aprendizagem ciborgue; o trabalho de Paulo (2017), intitulado “Produção de videoaulas como materiais didáticos inclusivos (acessibilidade) para professores de química no ensino médio”, que tem como escopo pesquisar os ganhos para todas as disciplinas de fazer materiais inclusivos; a dissertação de J. Silva (2019), a “Plataforma *YouTube* como ferramenta para o ensino de biologia”, que traz para a cena a importância do uso da plataforma para a difusão do conhecimento e a dissertação de Brito (2019), intitulada “Plataforma *YouTube*® como ferramenta para o ensino de Biologia”, que salienta que a utilização do *YouTube* em sala de aula possibilita aumentar a criatividade. Como podemos conferir no resumo que consta no Quadro 2.

Quadro 2 – Resumo dos artigos e dissertações encontrados nas bases de busca: Portal de Periódicos da Capes e *Google Scholar*

Autor	Ano	Título	Palavras-Chave	Ideia principal
-------	-----	--------	----------------	-----------------

Autor	Ano	Título	Palavras-Chave	Ideia principal
SILVA, Marco Polo Oliveira da, Sales, Shirlei Rezende	2015	O fenômeno cultural do <i>YouTube</i> no percurso educacional da juventude ciborgue.	Artigo publicado em evento, sem palavras-chaves.	<i>YouTube</i> como estratégia de docente para ter aproximação com os jovens
BISPO, Luana Maria Cavalcanti BARROS, Kelly Cristiane	2016	Vídeos do <i>YouTube</i> como recurso didático para o ensino de história.	Ensino de História; Memória; Redes Sociais; <i>Youtube</i> .	<i>YouTube</i> como aliado no ensino de história, mudança de papel do professor
OLIVEIRA, Priscila Patricia Moura	2016	O <i>YouTube</i> como ferramenta pedagógica.	<i>YouTube</i> ; Processo Ensino Aprendizagem; Ferramenta Pedagógica.	Problematizam o <i>YouTube</i> como possibilidade de autoria de professor e aluno
PECHANSKY, Rafaela Chiapin	2016	O <i>YouTube</i> como plataforma educacional: reflexões acerca do canal Me Salva.	Comunicação; ensino; mídia digital; <i>YouTube</i> .	<i>YouTube</i> como estratégia de docente para ter aproximação com os jovens
REBELO, Beatriz Carvalho, Tiago	2017	<i>YouTube</i> como ferramenta de apoio no ensino não-formal do inglês.	<i>YouTube</i> ; <i>Learn English</i> , Ensino do Inglês, aprender Inglês; online vídeo; aprendizagem não-formal.	<i>YouTube</i> como recurso para ampliar a capacidade crítica do aluno
QUINTANILHA, Luiz Fernando	2017	Inovação pedagógica universitária mediada pelo <i>Facebook</i> e <i>YouTube</i> : uma experiência de ensino-aprendizagem.	<i>Facebook</i> ; <i>YouTube</i> ; Educação; Geração Z.	<i>YouTube</i> como estratégia de docente para ter aproximação com os jovens
SILVA, Marcelo José da PEREIRA, Marcus Vinicius ARROIO, Agnaldo	2017	O papel do <i>YouTube</i> no ensino de ciências para estudantes do ensino médio.	Vídeo; <i>YouTube</i> ; Ensino de ciências; Ensino médio.	<i>YouTube</i> pode proporcionar "ganho cognitivo" ao proporcionar a diversidade de informações; também se aproxima da linguagem dos jovens (leitor ubíquo).
KAMIGOUCHI, Tales Hiroshi Medeiros BORGES, Martha Kaschny	2017	Professores e <i>YouTube</i> : possibilidades e desafios para o ensino de História na era da cultura digital.	Ensino de história; educação e tecnologias digitais; <i>YouTube</i> .	Problematiza o ensino de história através do <i>YouTube</i> e a mudança do trabalho de professor
COELHO, Fernando Miguel Teixeira da Silva BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista	2019	O <i>YouTube</i> como instrumento de estímulo ao processo de aprendizagem nas universidades.	Redes sociais; Cultura digital; Vídeo educativo.	<i>YouTube</i> como recurso para ampliar a capacidade crítica, a reflexão e potencializar a habilidade de pesquisa e compartilhamento de experiências; auxilia na construção do conhecimento.
FELCHER, Carla Denize Ott, BIERHALZ, Crisna Daniela Krause, FOLMER, Vanderlei,	2019	A utilização dos vídeos educacionais do <i>YouTube</i> na Licenciatura em Matemática: presencial e a distância.	<i>YouTube</i> ; Vídeos educacionais; Formação inicial; Professor de Matemática.	<i>YouTube</i> como alternativa para o ensino da matemática, alterando a posição do professor em sala de aula

Autor	Ano	Título	Palavras-Chave	Ideia principal
RAMOS NETO, João Oliveira PEREIRA DE SÁ, Júlya	2019	Ensino de História e educação não formal: o fenômeno das videoaulas do <i>YouTube</i> .	Ensino de História; Educação não formal; Videoaula, <i>YouTube</i> .	<i>YouTube</i> como alternativa para o ensino de história e a alternância na centralidade do professor e do aluno em sala de aula
JUNGES, Débora de Lima Velho GATTI, Amanda	2019	Estado da arte sobre <i>YouTube</i> na educação.	Estado da arte; <i>Youtube</i> ; Ferramenta de aprendizagem.	<i>YouTube</i> como motor da criatividade e autoria, numa proposta de desenho alternativo de currículo
NACAK, A.; BAĞLAMA, B.; DEMIR, B	2020	<i>Teacher Candidate Views on the Use of YouTube for Educational Purposes</i>	education, video, <i>YouTube</i> , teacher candidates, views	<i>YouTube</i> como um aliado nas aulas e que os professores deveriam passar por capacitação para usar didaticamente a plataforma. Alerta para efeitos colaterais como vício e diminuição do contato presencial
RODRIGO-CANO, D. AGUADED GÓMEZ, I. GARCÍA MORO, F.J.	2019	Metodologías colaborativas en la Web 2.0. El reto educativo de la Universidad	Aprendizaje colaborativo; Aprendizaje en línea; Educación superior; Innovación; Tecnologías emergentes; TIC	<i>Youtube</i> como meio de colaboração entre alunos-alunos e professor-aluno,
RAMÍREZ-OCHOA, María Isabel	2016	Posibilidades es del uso educativo de Youtube	<i>herramientas web 2.0, YouTube, comunicación mediada por computadora, educación</i>	<i>YouTube</i> como constituição de comunidades de aprendizagem e treinamento das habilidades dos alunos para a busca, seleção, armazenamento e avaliação de representações audiovisuais de autoria.
MOREIRA, José António SANTANA, Camila Lima e BENGOECHEA, Aitor González	2019	Ensino e aprendizagem em redes sociais digitais: o caso Mathgurl no <i>YouTube</i>	redes sociais digitais, <i>YouTube</i> , ensino aprendizagem, vídeos	Espaços não formais de aprendizagem não devem ser considerados substitutos dos espaços formais de aprendizagem, mas devem funcionar como espaços com características próprias, <i>online</i> , abertos e em rede

O que se percebe é que os trabalhos analisados estavam muito preocupados com a questão do uso da tecnologia na educação, relações estabelecidas com o contexto da cibercultura e valorizavam muito a autonomia do estudante, por exemplo, mas pouco versavam sobre as relações estabelecidas entre a educação e o campo da comunicação e da linguagem conforme podemos ver no Quadro 3, com algumas exceções. Nesse quadro constam os principais autores e conceitos operados nas pesquisas analisadas.

Quadro 3 – Relação de principais autores e conceitos operados nos textos analisados

Principais Autores	Principais conceitos operados
P. LEVY	Inteligência coletiva/Cibercultura
N. BERBEL; P. FREIRE	Autonomia do estudante
J. MORÁN; N. PRETTO; J. A MOREIRA; A. MONTEIRO; M. G. NOGUEIRA . & M. A. PADILHA	Tecnologias na educação
J. RÜSEN	Consciência histórica
M. YUNUS & H. SALEHI	Uso de redes sociais para estudos de línguas
J. BURGUESS & J. GREEN	<i>YouTube</i>
J. PACHECO	Metodologias ativas
A. PRIMO	Arquitetura de participação
S. HALL	Cultura
D. HARAWAY	Ciborgue
J. DAYRELL; SILVA e SILVA ; M. SPOSITO	Juventude
H. PERRATON	Educação a distância
SILVA, PEREIRA e ARROIO	Protagonistas de saberes
M. BAKTHIN	Linguagem
A. SANT'ANNA	Discursos publicitários
R. RECUERO; L. SANTAELLA; C. COLL; A. MARCHESI; J. PALACIOS,	Mídia social e redes sociais na Internet
J. FERRÉS	Vídeo e Educação
R. R. S. SCUCUGLIA	Performance Matemáticas digitais
H. GARDNER	Teoria das Inteligências Múltiplas

Fonte: MION; LOPES (2021)

Como podemos ver no Quadro 3 há muitos autores que podem versar sobre o tema, ajudando a pensar a relação entre o *YouTube* e a educação. Nosso objetivo, no entanto, foi de abordar o tópico numa perspectiva da linguagem e da comunicação, motivo pelo qual a questão do leitor contemporâneo abordada por Santaella (2013) nos pareceu mais potente para problematizar o tema da videoaula. Essa escolha teórica nos possibilitou compreender mais amplamente as relações que se firmam entre texto, imagem e som amparado pelo suporte

e a instantaneidade das redes sociais. Assim, os textos foram analisados na perspectiva de saber como as narrativas audiovisuais eram consideradas nas videoaulas no *YouTube*.

A partir dessa revisão de literatura, foi possível perceber a importância que o *YouTube* tem adquirido como dispositivo comunicacional na contemporaneidade. Esse sistema tem catalisado grande parte do material audiovisual que tem sido produzido e distribuído *online*. Porém, as pesquisas que têm investigado o potencial educacional do *YouTube*, na perspectiva da docência através de videoaulas, quase não consideram as contribuições de autores que tem refletido sobre esse fenômeno da cibercultura no seu aspecto comunicacional. Dessa forma, apesar das pesquisas reconhecerem o potencial das videoaulas *online* como um dispositivo cuja linguagem pode aproximar professores e estudantes, as pesquisas que encontramos limitam-se a uma abordagem disciplinar das produções de conteúdo, tendo como foco “o ensino de...” nas videoaulas do *YouTube*.

3.1 VIDEOAULAS E YOUTUBE

É importante pontuar que as videoaulas no *YouTube* que foram analisadas e serão apresentadas mais adiante não foram aulas quaisquer, ensinando qualquer coisa. O recorte foi bem específico, e trabalhamos com o material produzido por professores de disciplinas comuns trabalhadas na Educação Básica, por identificarmos que este recurso era pouco analisado pelo ponto de vista da inter-relação entre os atores. A maneira mais usual de análise que encontramos nas pesquisas parte da ideia do *Youtube* como um recurso, uma ferramenta, e não dos aspectos comunicacionais implicados na produção das narrativas audiovisuais. Portanto, além da revisão de literatura mais geral sobre o tema “*YouTube* e Educação” consideramos importante colocar uma lente no que se produziu sobre o tema das videoaulas no *YouTube* nos últimos cinco anos. Para isso recorreremos ao agregador de conteúdo acadêmico, o *Google Youtube* e buscamos pelas *strings* “videoaula AND didática” para ver se havia alguma alteração no uso desta estratégia se a restringíssemos ao âmbito educacional e não atrelássemos a qualquer mídia social.

Selecionamos o período de 2017 até 2021 para analisarmos quantitativamente o material, o primeiro achado foi quanto aos resultados retornados, ao aplicar estas *strings* retornou cerca de 7410 resultados, um número cerca de três vezes menor do que a quantidade de resultados geral obtida quando aplicamos na revisão de literatura as *strings* “*YouTube* AND educação” que alcançou 23200 resultados gerais. Demonstrando a relevância de se

pesquisar as relações das mídias sociais e a educação com uma grande incidência neste contexto. Seguindo esse mesmo raciocínio podemos constatar que a categoria “videoaula” é ainda pouco explorada pelas pesquisas.

Neste sentido percebemos um relevante crescimento de interesse por inserir a videoaula como objeto de análise. Podemos comprovar ao olharmos os números dos resultados obtidos quando aplicamos a mesma *string*, porém no mesmo intervalo de tempo pesquisando os cinco anos anteriores ao período de recorte mais recente, ou seja, de 2013 a 2017, que vamos chamar de período A e, portanto, o período de 2017 a 2021 chamaremos de período B. A quantidade de resultados mais que duplicaram em relação ao período B e A. Se no período 2013 a 2017, período A, totalizaram 3330 resultados, no período B de 2017 a 2021 foram de 7410 resultados, então o interesse por pesquisar este objeto mais que duplicou.

Esse resultado é fruto de um interesse crescente ano após ano, ou seja, se em 2017 retornaram 941 resultados, em 2021 retornaram 2260 trabalhos, confirmando a tendência significativa do número de pesquisas com videoaulas realizadas por investigadores da área da educação. No período pandêmico houve uma maior produção de material sobre videoaulas, um aumento de 600 trabalho em comparação a 2020 e 2019 e de 460 em comparação de 2020 e 2021, conforme podemos verificar no Quadro 4.

Quanto aos contextos estudados podemos inferir que há uma mudança significativa do uso das videoaulas não atrelada ao *YouTube* ao ensino das humanas (constatação percebida que refuta a revisão de literatura e a coleta da amostra), o recurso passa a ser ferramenta recorrente nas disciplinas, tanto da Educação Básica quanto do Ensino Superior, para as áreas das ciências/saúde, exatas/engenharias, letras/alfabetização. Mas alguns temas importantes vão aparecendo na medida que vai se avançando no tempo e vai diversificando as abordagens. Se no período “A” a tônica que imperava eram trabalhos que versavam sobre o “como” deveria ser uma videoaula, concentrando-se em aspectos mais técnicos-tecnológicos. No período “B” seus temas se refinam e tornam-se mais didáticos.

Em 2017 ainda havia uma tendência de tratar esse “como” deveria ser uma videoaula, temas como roteirização, profissionalização e material direcionado ao ensino superior era os temas das pesquisas daquele ano. Em 2018 surge no cenário a questão da Docência *Online* e de estratégias voltadas ao ensino médio, com algumas orientações epistemológicas pontuais. Em 2019 a acessibilidade figura timidamente, mas questões ligadas a nomenclatura utilizada na comunicação mercadológica passam a ser incorporadas neste olhar mais investigativo, tais como o engajamento, que está relacionado diretamente com o fator motivacional do aluno.

Algumas pesquisas estão preocupando-se com o contexto dos usos na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No período pandêmico, a produção aumenta significativamente e questões como o uso das videoaulas nos ensinos remoto e híbrido surgem nas pesquisas, sendo que em 2020 a interatividade passa a ter espaço nas pesquisas. Vídeos interativos utilizando conteúdos do *HTML5 Package (H5P)* figuram entre os trabalhos reportados, assim como a preocupação que as produções sejam cada vez mais didáticas, intuitivas e atrativas - outros fatores que envolvem a motivação do aluno. Em 2021 surge dentre as preocupações a questão dos direitos autorais e dos usos de técnicas lúdicas, muito utilizadas no neuromarketing, como a utilização do *storytelling* (narrativas), novamente a ideia aqui é capturar a atenção e motivar o aluno e seus usos na formação de professores e, agora também, na alfabetização do Ensino Fundamental. Demonstrando que a atenção do pesquisador tem se intensificado quanto ao tema, mas ainda está voltada para um olhar mais tecnicista do “como” fazer e não do “porque” fazer, que tem uma relação com o sentido de motivar os alunos tornando as videoaulas mais atrativas, intuitivas e lúdicas. Conforme podemos conferir no resumo no Quadro 4.

Essa breve contextualização das pesquisas sobre videoaula vem a reforçar o argumento já identificado na revisão de literatura que abarcava o *YouTube* e a Educação que o olhar dos professores e pesquisadores não estão direcionados para as questões que envolvem a cibercultura, a inter-relação entre humanos e não humanos e, principalmente, não dialoga com teorias da comunicação e em relação a educação que busca tratar como dialogar com esse leitor contemporâneo, tendo por base a perspectiva teórica de Santaella (2013).

Quadro 4 – Quantitativo dos artigos analisados por ano e os temas emergentes

ANO	QUANTATIVO	TEMAS QUE EMERGIRAM
2017	941	Roteirização, profissionalização e trabalhos sobre os usos no Ensino Superior.
2018	1140	Acessibilidade, à Docência <i>Online</i> e estratégias voltadas ao Ensino Médio.
2019	1200	Acessibilidade, o engajamento e seus usos na Educação de Jovens e Adultos (EJA).
2020	1800	Vídeos interativos utilizando H5P, produções cada vez mais didáticas, intuitivas e atrativas, estratégias para o ensino Remoto.
2021	2260	Direitos autorais, <i>storytelling</i> (narrativas), seus usos no Ensino Híbrido, na formação de professores e da alfabetização no Ensino Fundamental.

Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Diante desse conjunto de argumentos se faz importante problematizar se as videoaulas estariam levando em consideração esse leitor contemporâneo que está imerso no universo do Capitalismo informacional. O que elas são na contemporaneidade? Podemos perceber pela revisão apresentada que, atualmente, as videoaulas atendem a uma perspectiva tecnicista, que se apoia na lógica do Capitalismo informacional, e não são algo que tenham uma orientação epistemológica – ética, estética e política – do ponto de vista construtivista, inventivo, que atenda esse tipo de leitor que precisa de uma educação mais alinhada aos desafios contemporâneos, que possibilite diálogo, trocas significativas entre professor e aluno, promovendo autoria, espaço de criação e que possuam um posicionamento mais crítico, de resistência ao formato imposto pelo mercado, representado aqui pela lógica da *plataformização*.

Assim, a presente tese distingue-se dessas pesquisas ao situar sua discussão em torno das estratégias narrativas audiovisuais de professores-*youtubers* em suas videoaulas, numa perspectiva analítica que considera o campo teórico e crítico da pesquisa em educação e cultura digital. Dessa forma, pretende articular tanto as discussões que envolvem as noções de videoaula e audiovisualidades, quanto ao perfil do leitor contemporâneo, trazendo proposições que nos possibilite pensar em alternativas que buscam atender as necessidades apresentadas pelos docentes que almejam ser autores e discentes que buscam por maior interação, estabelecendo uma equação eficaz para uma aprendizagem alinhada a conceitos mais contemporâneos. Trata-se, portanto, de um trabalho que se insere no campo das pesquisas sobre Docência *Online* na cibercultura a partir de um recorte comunicacional.

4 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS ENTRE O CAMPO DA COMUNICAÇÃO E DA EDUCAÇÃO

4.1 SOCIEDADE MIDIATIZADA E O CAPITALISMO INFORMACIONAL

Uma primeira aproximação teórica que entendemos ser necessária à compreensão do fenômeno comunicacional na sua relação com o campo da educação, passa pela caracterização de uma sociedade midiaticizada e suas implicações sociológicas. É de consenso que o mundo, com poucas exceções, está organizado num sistema capitalista que está calcado no conceito da propriedade privada, na obtenção de lucros máximos, apoiado por muito tempo na exploração de mão de obra assalariada e na competição. O capitalismo, por possuir a capacidade de se adaptar a cada evolução tecnológica, tornou-se um sistema longo, pois ele sempre se reinventa absorvendo as características cada vez mais complexas da sociedade.

Neste escrito não temos o intuito de desbravar os engendramentos históricos do capitalismo, que hoje se atualiza no Capitalismo Informacional (CASTELL, 1999), mas sim citar brevemente cada fase, com suas características principais. Vale lembrar que mais recentemente temos tido acesso a teorias que atualizam esse conceito e o trazem para o campo de análise como o Capitalismo de Plataforma, que assume características bem específicas graças aos processos sofridos na economia devido as articulações estabelecidas pelas *plataformizações* da economia, mas não iremos explorá-lo aqui neste escrito, apenas deixaremos registrado.

A primeira versão reconhecidamente capitalista esteve calcada em torno do comércio, o chamado capitalismo comercial ou mercantil ou mercantilismo, que compreendeu os séculos XIV até XVIII perfazendo assim a primeira fase do sistema. Historiadores dão conta que o mercantilismo tem manifestações anteriores ao século XIV, ainda no Império Romano e até antes, mas é a partir do século XIV que o sistema se organiza (WOOD, 2002). Entre suas características estava o protecionismo, o controle estatal da economia, o metalismo e a balança comercial favorável. Associa-se a esta fase o intenso movimento dos chamados “descobridores” de novas terras. Nesse período as Américas passam a figurar no mapa como sendo uma descoberta de países do continente Europeu.

Esse regime perdurou por quatro séculos até surgir as revoluções tecnológicas do século XVIII que implementaram o capitalismo industrial, com a chegada das máquinas e da eletricidade, o que mudou os modos de produção. Nesta fase, o que estava prevalecendo era a

organização de bases tecnológicas que tinha como tônica a substituição do trabalho manual pelo trabalho mecânico. Esse cenário foi palco de inúmeras transformações, as primeiras invenções tecnológicas marcaram por séculos a estrutura da sociedade organizada em torno das indústrias.

No século XX vimos o regime capitalista se metamorfosear novamente, reinventando assim novas formas de estabelecer trocas financeiras. O capitalismo financeiro se instalou na sociedade com o intuito de operar através dos lucros financeiros obtidos através de especulação cujo principal mercadoria era os juros obtidos a partir de transações que envolvessem a bolsa de valores, bancos e financeiras.

Como o mundo do capital é dinâmico no final do século XX e início do século XXI o sistema novamente sofre uma atualização e passa por nova mudança de paradigma sustentada pela revolução informacional das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) e passamos para um novo momento chamado de Capitalismo informacional, segundo Manuel Castells (2008) descrito na sua obra *Sociedade em Rede*. Segundo o autor, o Capitalismo Informacional (CI) se instala no sistema a partir de 1980. Tal paradigma possui estreita relação com o processo histórico chamado globalização e da 4ª Revolução Industrial. Esse processo tem como característica organizar as diversas dimensões da sociedade em rede, podendo executar todas as ações através desta estrutura que organiza Estados e Nações graças à revolução informacional. O CI é uma forma de valorar todo o tipo de informação, monetizando-a.

A sociedade em rede possui um ordenador que se tornou a espinha dorsal deste novo capitalismo, que são as tecnologias da informação e da comunicação. As TICs colocaram a sociedade em contato perene, transformando o formato da mesma. Assim, sem elas não seria possível organizar, gerar, processar e distribuir informação a partir do conhecimento acumulado nos nós/ entremear dessas redes. Portanto, segundo Castells (2008), rede é uma estrutura formal constituída por nós, onde a curva se intersecta a si própria, mudando, ampliando-se e encolhendo conforme as mudanças necessárias. Para compreendermos o Capitalismo informacional se faz necessário ter em mente que a “tecnologia não determina a sociedade: ela incorpora-a. Mas a sociedade também não determina a inovação tecnológica: ela interfere” (CASTELL, 2000 p.43). Portanto a sociedade e tecnologias interferem-se mutuamente, alterando os discursos e práticas dos sujeitos que vivem sob a égide dela.

É possível fazer um breve paralelo entre tipos de capitalismo, sem a intenção de se aprofundar no tema, e verificar o objetivo particular de cada um. No modelo mercantil,

apoiado no sistema agrário de produção, acumular mão de obra e ter excedente de recursos naturais era o objetivo. No modo industrial o que importa é a entrada de novas fontes de energia, que irão propiciar aumento de produção baseado no advento das máquinas nas fábricas e pelo uso da eletricidade. Agora, no modo informacional, a fonte de produtividade é o conhecimento que produz novos saberes e toda a informação é passível de ser capitalizada.

Esses novos conhecimentos são aprendidos ao longo da vida, pois a escola não é mais a única detentora do poder de ensinar. O importante é ser inovador e empreendedor para produzir, disseminar e acumular informação tendo assim um poder de troca maior no mercado do que propriamente o poder econômico. Nesse modelo vigente do capitalismo, a atenção do público é o que possibilita a monetização das mídias sociais digitais, como é o caso, por exemplo, dos criadores de conteúdo do *YouTube*. Os empreendedores de si mesmos são os responsáveis por criar conteúdo de forma autônoma para depositar numa plataforma que lucra com a veiculação destas informações e, se bem atendido aos caprichos do mercado-algoritmo, têm seus esforços recompensados. É aqui que surge a categoria dos criadores de conteúdo, que aqui neste trabalho são denominados de professores-*youtubers*. Vale registrar que usamos o hífen entre as palavras *professore* e *youtubers* para caracterizar sua composição composta, ou seja, ao se unirem, professor e plataforma, eles tornam-se um terceiro ser, ambos influenciados pelas suas atuações entre humanos e não-humanos.

Neste contexto do empreendedor de si, que entra em campo a flexibilidade, a mobilidade, a requalificação e a capacidade de trabalhar de forma autônoma. Segundo Castells, (2008), a rede capturou o trabalhador e ofereceu uma pseudo-liberdade com a promessa que ele irá decidir seu próprio salário, seu próprio horário, sendo recompensado pela criação do seu produto e recompensado devido ao engajamento do público. Desfazendo-se assim, inicialmente, da figura do patrão, categoria necessária e suficiente para os marxistas estabelecerem a divisão do trabalho, a partir das lutas de classe. Porém, dentre outras categorias dicotômicas, as relações do tipo patrão e empregado foram flexibilizadas ao ponto de praticamente terem sucumbido ao capital, que tem imposto uma ideia de hierarquia fluída, *soft*, usando as redes de teletrabalho que se constituíram para dar a impressão de que o sujeito seria livre, de uma forma sem limites.

Essa crise da liberdade é criticada por Han (2018) que acredita que as mídias sociais digitais estão interferindo sobremaneira na vida do homem através dos algoritmos, e não ao contrário. Para o filósofo coreano, radicado na Alemanha, e influenciado por Michel Foucault e Gilles Deleuze, o poder que emana nesses ambientes é inteligente. O poder disciplinar

utilizado em instituições totalitárias como a escola, hospitais, quartéis, prisão e fábrica confinava os corpos dos sujeitos, através da reclusão. Hoje, o que impera é a inteligência disciplinar que não está mais centrada no corpo, na biopolítica, e sim na política de controle das mentes, numa psicopolítica. Esta, possui uma forma peculiar de ação que tem um poder positivo que emana da motivação, do projeto, da competição, da otimização e da iniciativa, características que são inerentes a este poder, o qual age sobre as almas, não agindo somente sobre os corpos (HAN, 2018).

No Capitalismo informacional e neoliberal estabelecesse uma crise do modelo fabril, ascendido da fase do capitalismo industrial. O que vigora neste momento é a modelo empresa, que busca soterrar a luta de classes. Essa empresa torna-se o próprio sujeito, transformando-se assim em seu próprio projeto, na figura do empreendedor de si. Com a promessa de liberdade, troca sua força de trabalho por uma autogestão que, ao libertar-se das pressões externas, impostas pelo outro, agora obedece a coerções internas, em busca de performance, pois é na exploração da liberdade que se obtém mais lucro. Essa configuração pode ser sentida no contexto deste trabalho, uma vez que toda aula ministrada pelas mídias assume uma condição que se assemelha a uma peça publicitária que trabalha em prol de construir a reputação do professor, que tende a virar uma marca, nos moldes que determinam as diretrizes mercadológicas determinadas por estratégias de marketing.

O conceito de luta de classes da sociedade capitalista, importante contribuição marxista para compreender os movimentos da história, tem sido atualizado no atual cenário, muito porque as classes de trabalhadores têm perdido o status de empregado e assumido a cultura do empreendedorismo neoliberal por conta da corrosão do emprego – agora cada um é, supostamente, servo e senhor de si mesmo. A gestão deste processo de acultramento é administrada pelo mercado, que os regula pelo pan-óptico moderno das mídias sociais digitais e das plataformas, graças à cultura da transparência dos sujeitos. Num processo contínuo de confissão (DREYFUS e RABINOW, 2013), cedem seus dados – e sua docência – graciosamente, com intenção de acumular capital seja ele social ou monetário, para que estes mesmos sejam manipulados ao serviço do próprio mercado. O empreendedor de si se expõe para divulgar seu trabalho, e passa a ser capturado pela rede que o joga ao escrutínio do mercado (HAN, 2018). Esse mercado é representado no ecossistema das videoaulas pelo algoritmo do *YouTube* e pelas orientações institucionais “sugeridas” pela sua divisão educacional.

Há uma transformação também no sujeito, que passa a ser consumidor deste mercado empreendedor. Portanto os alunos/seguidores dos professores-*youtubers*, que são empreendedores de si, deixam de ser somente alunos/seguidores para se tornarem alunos/consumidores. A relação muda e faz com que os professores passem a pautar suas atuações conforme o gosto da *audiência*⁵, transformando assim sua performance para agradar não só os alunos/consumidores, mas também ao algoritmo da plataforma, que age conforme uma série de sequencias quantitativas relacionadas as métricas alcançadas pelos canais. A ideia de outrora do professor de púlpito se inverte, agora os alunos é que estão na condição privilegiada e podem julgar os professores por seus desempenhos. E isso pode ser considerado tanto assustador, quanto revolucionário, dependendo apenas dos usos intencionais que estabelecemos a cada ação.

Mesmo que olharmos essa relação sob a perspectiva crítica de Han (2018) que nos alerta que existe uma afetação entre os diversos atores que compõem a cena neoliberal materializada pelo modelo de negócio do *YouTube*. E que os objetos e as pessoas são forças que atuam de igual maneira se afetando, assim como nos apresenta a Teoria Ator-Rede (TAR) que desmitifica o caráter antropocêntrico das relações entre humanos e não humanos, mas que está a serviço do poder. A descrição das relações são um adensado de “atores das mais diversas naturezas, em que o social, os sujeitos e os objetos sejam sempre resultados provisórios e instáveis das muitas atuações em curso” (SEGATA, 2012 p. 242). A cadeia sociotécnica que se estabelece na cibercultura põe os objetos não como inertes, e sim, com papel fundamental na construção da maneira que nossas ações se configuram. Olhar a cadeia de associação que se formam entre humanos, tecnologia, algoritmos, discursos e eventos permite visualizar novos fluxos de atuação, tornando-se essencial para entender como a sociedade se configura (LATOURET, 2012).

Esses fluxos de atuação também são percebidos nos discursos que dão corpo as práticas. Em a *Ordem do Discurso* (FOUCAULT, 2002) o autor traz os procedimentos que operam no discurso. Para o autor há o interior e o exterior da fala. Sendo que no exterior há o de exclusão, divididos em interdição, separação e rejeição e vontade de verdade. Na interdição o que temos é o controle do que pode ser dito, em que circunstância e a quem é permitido falar, são ações intrínsecas ao desejo e ao poder. Na separação e rejeição existem alguns que é dado a oportunidade de ouvir quem é considerado inadequado, mas não deixam de fazer a separação de um lado o que pode e do outro o que não pode. E há a vontade de

⁵ Variação adaptada para as mídias sociais do conceito de audiência para a televisão

verdade (verdadeiro x falso) tem influência de outros discursos, que partem das instituições. Assim como teorias educacionais que sustentam o fazer do professor. Os procedimentos adotados revelam o que até parece banal, mas que está cifrado no texto.

Neste sentido escolhemos trabalhar com procedimentos internos que operam no discurso: a autoria, a disciplina, o comentário e os rituais. Para Foucault (2002) o autor é tido como um “princípio de agrupamento” havendo discursos paralelos que são diferentes dos autores empoderados, como cientistas, filósofos, literatos. O autor é muito mais visto como aquele que mantém uma coerência do texto, do que aquele que detém a propriedade intelectual. A disciplina está na condição de campo de saberes, mas uma disciplina não significa que tenha todo o saber sobre algo. A rarefação é que vai definir os rituais discursivos que determinam pelas falas quem deverá compor o ambiente. E comentários seriam o acontecimento de criação de um novo enunciado.

Pelo sentido das análises de discursos foucaultianas o grupo é formado por instituições, empresas, grupos de estudos, associações que neste sentido recebem o nome de “sociedade de discurso”. Neste sentido, para uma compreensão da aglutinação conceitual que resulta no termo *professores-youtubers*, partimos da premissa que os professores entrevistados possuem o poder da interdição, pois fazem parte deste grupo que controla o que pode e não pode ser dito, em que circunstância e a quem é permitido falas; são ações intrínsecas ao desejo e ao poder. Essa compreensão nos ajuda a perceber esses professores pertencendo a “sociedade de discurso” definida pela curadoria da instituição parceira do *Google*, e aos grupos seletos reunindo alguns escolhidos, onde neste espaço eles tem acesso a parte das falas privilegiadas.

Neste caso há o que Foucault (2002) chamou de “apropriação social dos discursos” que possuem a intenção de “ensinar” o que o poder tem interesse que seja ensinado. E seus operadores são das mídias tradicionais e sociais, as redes de ensino, marketing, as empresas e outras tantas instituições. Podemos resumir que a educação feita por essas instituições age para que controlem o corpo e, na contemporaneidade, principalmente, as mentes dos sujeitos, pois agem de maneira competente para alterar a forma de alterar os acessos e limites dos sujeitos aos discursos, aos saberes e aos poderes que a eles se associam, conforme Foucault (2002) nos alerta. Essa forma ampliada de compreender o que seria um autor, como sendo aquele que dá coerência ao texto e não tem domínio único sobre ele, sustenta muitas das ações realizadas de forma colaborativa pela Educação *Online*. A seguir vamos conhecer a diferença em Educação a Distância e Educação *Online*.

4.2 EDUCAÇÃO ONLINE

Num contexto pré-pandêmico, o uso das narrativas audiovisuais veiculadas no *YouTube* figuravam, normalmente, como complemento das atividades presenciais. Porém pudemos acompanhar de forma empírica, a sua utilização em estratégias educacionais focados na Educação *Online*, modalidade de ensino que possui algumas diferenças da Educação à Distância clássica, pautada na multifuncionalidade de plataformas e na interação dinâmica entre professores–alunos e alunos–alunos.

A Educação à Distância clássica é definida como um processo de educação mediado por tecnologia que envolve pessoas que ensinam e que aprendem e que estão geograficamente dispersas, tendo como geográfica a noção de distância física. Essas pessoas se conectam a instituições que promovem o currículo e o conteúdo, porém não contam com o conceito de sala de aula, de grupo e têm o material de estudo produzido por uma equipe pedagógica. Como pode ser ministrada para grandes quantidades de alunos, aproxima-se das tecnologias massivas, que possuem apenas um emissor e vários receptores e estão geograficamente dispersos. Presta-se conta do conteúdo estudado através de provas esporádicas, ou atividades corrigidas, o que possibilita a certificação, e está amparada por um conjunto de leis, decretos, portarias e resoluções (SANTOS, 2010).

A EAD clássica é unidirecional, pois a conversa sempre se dá num sentido apenas: aproximando-se do que a corrente freiriana chama de educação bancária. Esse modelo, muitas vezes, coloca o aluno apenas como receptor da mensagem, onde ele nada sabe e só pode ter ouvidos e não fala, assim como acontece com as videoaulas no *YouTube*. Mas na EAD clássica, essa relação é verticalizada entre aluno e professor, reproduzindo a ideia que o detentor do saber é apenas o seu emissor, que no caso é o professor. Sendo que o sujeito da aprendizagem seria aquele no qual se deposita o conhecimento. Vale lembrar que novas formas de se fazer EAD já existem e o novo modelo já coloca o docente e alunos mais em interação, mesmo que de forma assíncrona, utilizando os fóruns do Moodle e os grupos em redes sociais, por exemplo (SANTOS, 2010).

Já a Educação *Online* está mais relacionada com o multidirecional, próprio do digital, com os recursos que a internet permite, abusa das chamadas tecnologias digitais em rede, que permite a digitalização de toda a informação, convergindo mídias, sejam elas analógicas ou digitais. A Educação *Online* ocorre na interpelação com os *smartphones*, *desktops*, *notebooks*, *tablets*, que são grandes agregadores de tecnologias: Neles é possível gravar áudio e vídeo,

escrever textos, navegar na internet e ter acesso às mídias sociais digitais. Além das tecnologias analógicas como livros, televisão, cinema e rádio. Toda essa convergência de tecnologias, que possibilitam processos sociotécnicos, com mais ou menos autoria, que configura em mudanças nos modos de conviver, mudanças sociais e técnicas é que chamamos de cibercultura (LEVY, 1999).

Essa outra educação apoiada nos pressupostos da Educação *Online* pode se configurar mais próxima, não mais a distância como no EAD, mas sim, mesmo estando geograficamente dispersos, estarem próximos digitalmente, através das convergências das mídias, principalmente as ubíquas são pressupostos da cibercultura que permeiam o que seria uma sala de aula *online*, sendo que a sua principal característica é a interatividade. Nesse modelo as tecnologias digitais em rede ganham grande potência, pois em termos comunicacionais todos são emissores e receptores, é uma comunicação de todos entre todos. Ao partilhar mensagens e fazer mediação, os integrantes da atividade *online* garantem o seu aprendizado promovendo a autoria, possibilitando que professor-alunos e alunos-alunos troquem informações numa conversa que pode ser assíncrona ou síncrona.

Outra característica da Educação *Online* é a utilização de hipertexto, que permite uma bricolagem de textos em diferentes linguagens, organizando os conteúdos diversos numa teia de significados não linear, trabalhando com vários textos, imagens e cores diferentes. Como ressalta Santos (2010), é preciso engendrar uma teia complexa de conexões e acionar os estudantes a adentrarem os conteúdos, produzindo colaborativamente conhecimentos nas interfaces de comunicação síncronas e assíncronas.

Mídias sociais digitais tais como *Facebook, YouTube, Instagram, Twiter* permitem nos comunicarmos com nossa rede social, nos colocando conectados na sociedade em rede, que, segundo Castells (2008) tem sua sociabilidade apenas facilitada pelas tecnologias digitais, mas não devem ser determinadas por elas. Esses artefatos digitais são disparadores de conversa e tornam-se verdadeiros Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), que podem ter chats, mídias sociais digitais, *blogs, wikis, portfólios, diários online*. Como Levy (1999) salientou, a internet, *locus* das mídias sociais digitais, não é a solução de todos os problemas, mas sim a abertura de novos espaços de comunicação que possibilita que façamos outras criações: sejam elas estéticas, éticas e políticas.

Na Educação *Online* surgem ambientes propícios ao ato de aprender e ensinar, inclusive ela apresenta algumas pistas quanto à forma de interação, o que possibilita uma educação para todos, e não centrada hora num polo - hora em outro, próxima da educação

dialógica de Paulo Freire (FREIRE, 2008). Isso faz com que a paisagem educacional mude, já que estamos atendendo a ações comunicacionais mais colaborativas e de resistência ao modelo neoliberal adotado pelas grandes empresas de tecnologia que operam as plataformas, praticadas em rede e na rede. Neste caso, a comunicação que acontece nas mídias sociais digitais colabora com a produção de sentidos da experiência humana.

A Educação *Online* permite que o professor, no contexto da cibercultura, crie a sua forma de se relacionar com os alunos, que desenhe sua própria didática e modos de acesso ao currículo. Ao desenvolver processos educativos mediados pela tecnologia, o professor pode problematizar os contextos, desenvolvendo rizomaticamente suas ideias. Num desenho didático que permite que uma ação que não tenha pré-determinado o começo nem fim, pois não estaria centrada apenas no sujeito-professor ou no sujeito-aluno, nem está centrada no objeto estaria sim conectada a uma rede de significações que possibilita oferecer agenciamentos.

É no âmbito da educação *online* que se engendram o paradoxo que o professor contemporâneo está submetido, onde ao mesmo tempo que surgem como potência os professores que utilizam o *YouTube* como canal de comunicação com seus alunos e demais seguidores, surge também a necessidade de qualificar suas intervenções para dar conta da rede de significações solicitadas pelo conhecimento, que a plataforma não dá conta totalmente.

Muito embora o recurso das videoaulas sejam uma herança das tele-aulas da cultura audiovisual, num formato massivo de transmissão de conhecimento, é na cultura da participação da *Web 2.0* que esse fenômeno dos professores-*youtubers* se coengendram. No contexto dessa pesquisa julgamos adequado caracterizar quem seriam os professores-*youtubers*, no entanto, por ser um tema pouco explorado, buscamos algumas aproximações conceituais. Poderíamos chamar de *youtubers* todo humano que possui um canal no *YouTube* e veicula algum tipo de informação audiovisual.

Segundo Dulci e Junior (2019) o internauta que publica vídeos *online* potencialmente se torna um canal de comunicação, podendo ser um formador de opinião e emissor de informação sobre qualquer tema. Podemos considerar professores-*youtubers* as pessoas que, além de possuírem canal no *YouTube*, ensinam os conteúdos da sua disciplina de formação acadêmica através dessa plataforma, que através da *mididência* (audiências das mídias) confere ou não autoridade, tornando assim uma referência e um especialista num certo tema. Essa denominação está interligada por hífen para caracterizar a inter-relação entre os professores produtores de conteúdo e a plataforma digital, assim como postula a Teoria Ator Rede (TAR)

numa relação humano não humano. As condutas tomadas pelos professores-*youtubers* estão diretamente ligadas ao processo de ranqueamento dos vídeos na plataforma, que são definidos por alguns critérios de engajamento que sustentam o seu algoritmo; além dos professores se movimentarem com maior ou menor sucesso conforme o nível de conhecimento que possui das técnicas que permitem elaborar uma narrativa audiovisual atrativa. A seguir iremos discutir esse processo de incluir as mídias e a comunicação nos contextos formativos.

4.3 MÍDIAS E COMUNICAÇÃO

Para entendermos de onde vem essa potência das mídias, recorremos a Gomes (2016) que inicia a averiguação da palavra mídia. Sua origem advém da palavra norte americana *media*, que significa meios de comunicação. No Brasil se adotou o neologismo, uma adaptação do termo a partir da sua pronúncia que é “mídia”, e então passou-se a se definir o meio de comunicação como mídia acrescido da sua ambiência, ou seja, chama-se de mídia impressa: os jornais, mídia televisiva: a televisão, mídias sociais digitais: os sites de redes sociais etc. Portanto, midiatização seria um conceito que tomamos emprestado do que diz respeito à ambiência em questão, que nesta pesquisa se refere inclusive à apropriação das mídias nos planejamentos dos docentes.

Esse pensamento tem relação com um clássico dos estudos em comunicação: as obras de Marshall McLuhan (1996), citado através de Gomes (2016), que entende que os meios de comunicação são extensões do homem. Em sua obra, o autor disserta sobre a era da eletricidade e a configuração social que esta propiciou a sociedade, trazendo novos dilemas para serem discutidos. Tais como nossas ações que agora possuem reverberação planetária graças a diversidade de meios de comunicação que as revoluções em sucessão desde a invenção de Gutemberg, a prensa, propiciou para o mundo. Segundo o autor “a projeção da consciência por vias tecnológicas dará cabo às extensões do homem, o que ocorrerá é uma explosão de meios, todos concorrendo entre si para expandir as possibilidades do ser humano” (MCLUHAN, 1996, p.17). Podemos dizer que uma tecnologia incorpora a tecnologia anterior, sem desprezá-la, mas agregando novos elementos disruptivos.

Ainda para o autor, o meio já seria a própria mensagem, isso quer dizer que qualquer extensão dos seres humanos é o resultado do novo escalão que permeia as nossas vidas, seja por uma nova tecnologia ou extensão de si (GOMES, 2016). O fato de usar uma tecnologia já produz efeitos notáveis numa sociedade e que isso nos diz que qualquer meio é conteúdo. Isso

poderia nos levar a crer que qualquer invasão tecnológica, seja da eletricidade, da televisão ou das mídias digitais irá nos entorpecer como aos gregos com os escritos até que uma outra inovação se estabeleça.

As consequências deste mundo eletrotécnico é a expansão dos atos comunicativos que saem da sala de aula. Com o invento das mídias chamadas de massa, como rádio, jornais e televisão deu-se uma nova ruptura. As mídias de massa possibilitaram que as ideias fossem propagadas para muitos receptores, um emissor apenas poderia se comunicar com diversos receptores, numa proporção de um para todos. Essa foi uma grande mudança para os modos de vida no mundo. Os fatos passaram a ser reportados de forma massiva ao ponto de realizar uma nova revolução nos modos de viver. Seguindo nessa linha de raciocínio a invenção da internet é outra revolução comunicacional, pois agora o que existe é a emissão das mensagens feitas por muitas pessoas para outra infinidade de receptores. A comunicação de todos para todos é própria das mídias sociais digitais, entendendo esse “todo” não como uma medida de totalidade das pessoas e objetos, mas como expressão de uma possibilidade condicionada às circunstâncias. A emissão e recepção de mensagem se complexifica com a tecnologia digital criando uma nova ambiência, portanto criando um outro social (LATOURE, 2015). A ambiência que se forma com mídias sociais permite que professores-*youtubers* ganhem foco, passem a ganhar voz diante de um público exigente e um algoritmo que determina condutas que ocasiona uma consciência de total interdependência entre si.

Segundo Gomes (2016) a midiaticização da sociedade não surgiu apenas com as tecnologias digitais em rede, elas vêm se construindo por durante anos, transformando novos jeitos de ser e de viver. Como já dissemos, a midiaticização do ensino requer engendramentos entre as mídias, sejam elas analógicas ou digitais. McLuhan adiantou em seus escritos a explosão de vários meios de comunicação interagindo entre si. Na contemporaneidade, o uso de multiplataformas para aproveitar os diversos recursos e potencialidades de cada uma delas e conversar com públicos variados é uma tendência confirmada em vários âmbitos da vida, e encontra sintonia com os pressupostos da Educação *Online*. A Educação *Online* usa o movimento entre plataformas para assegurar a interação entre alunos e professores. Essa tendência revela a possibilidade de estar presente de forma virtual e de propiciar uma educação mais dialógica, como diria Freire, levando o polo de transmissão de todos para todos os envolvidos.

Essa treliça comunicacional que resulta em narrativas audiovisuais tornou-se o conceito de campo problemático desta tese, que se explica por ser tudo aquilo que possibilita,

ao observador, compreender um acontecimento específico, numa espécie de *vamos ver o que está acontecendo ali*. A noção de enquadrar certos acontecimentos para realizar a análise vem da percepção que tais se dão por meio de encontros que, por sua vez, se referem às diferentes abordagens e interpretações advindas do estudo de cada acontecimento específico. A seguir trazemos um achado que se apresentou a posteriori do desenho inicial da pesquisa, que tinha como intenção investigar os professores-*youtubers*. No processo de investigação descobrimos que nosso objeto a ser problematizado seria a narrativa audiovisual produzida por esse professor e passamos a explorar os seus aspectos, tanto comunicacionais, estéticos, educacionais e políticos.

4.4 MÍDIAS E O LEITOR CONTEMPORÂNEO

O mundo vem passando por processos e transformações importantes, principalmente nas últimas décadas: essas modificações são atravessadas pela revolução tecnológica de comunicação e informação, que vem se intensificando cada vez mais e se integrando a nossa vida cotidiana. Essas transformações tecnológicas passaram a ser tão importantes para a sociedade da informação (LEVY, 1999; CASTELLS, 2008) quanto foi a invenção da máquina a vapor e a descoberta da eletricidade para a Sociedade Industrial, que com o advento das máquinas e dos motores transformaram desde então os modos de ser e de viver.

Na sociedade da informação não tem sido diferente, uma vez que a tecnologia tem permeado e modificado as várias dimensões da vida, tais como a saúde, a política, a produção de conhecimento, entre outras. A capilaridade e velocidade com que as informações circulam têm alterado os modos de vida de uma sociedade cada vez mais organizada em rede. Às redes simbólicas (conhecimento, significados, crenças, valores) e materiais (comércio, trabalho, produção) próprias dos fenômenos socioculturais, associam-se as redes digitais (conjunto de nós /links e fluxos que perfazem uma estrutura complexa que se interconecta).

Essa rede à qual nos referimos não se resume às chamadas redes sociais digitais, compostas por sistemas de comunicação que agregam pessoas por interesse mútuo. A essas redes sociais digitais entendemos ser mais apropriado designá-las como mídias sociais digitais, pois o seu papel na comunicação entre humanos e não-humanos tem sido considerado como uma atualização da cultura de massa outrora operada pelas mídias massivas (rádio e televisão), e que tem operado sobre o que se entende atualmente por cultura pós-massiva. “As primeiras, normalmente são concessões do Estado, controlam o fluxo de informação –

que deve passar pelos mediadores profissionais. São mantidas por verbas publicitárias, grandes empresas e grupos políticos” (LEMOS, 2013). Para o professor-pesquisador da UFBA, André Lemos, referência em estudos da cibercultura, “as funções pós-massiva, turbinada pelas redes sociais digitais, descentralizam o fluxo informativo, escapando dos tradicionais profissionais da informação. A emissão é aberta sem controle, mais conversacional”. A descentralização é uma categoria importante para a análise dos fluxos das narrativas. De fato, a descentralização é tratada por Lemos como um dos princípios da cibercultura e diz respeito ao polo de emissão da informação. Nos fluxos das narrativas audiovisuais, a descentralização se expressa no grau de hipertextualidade presente nas narrativas. Eis aqui o paradoxo do professor-youtuber: “fidelizar” sua audiência para que não troquem de canal – produzir narrativas hipertextuais que reflitam melhor a natureza própria do conhecimento com suas múltiplas associações e redes.

(+) docência *online* na cibercultura <= PARADOXO => (+) *youtuber*

Segundo Santaella (2013) existe uma espécie de ecologia das mídias que congrega tanto a esfera técnica da informação e comunicação quanto das comunidades culturais. A ecologia das mídias é uma forma de denominar a sociedade que vivemos atualmente, ou seja, mediatizada e midiaticizada, termos que diferem um do outro. A expressão “mediaticizada refere-se à mediação, um conceito epistemológico que se traduz por signos de todas as naturezas – verbais, visuais, sonoros e todas as suas misturas – que se encarnam, circulam e são difundidos pela midiaticização” (SANTAELLA, 2013, p.13). Sendo que midiaticização é a disseminação desses signos através das mídias na vida social a partir de novos circuitos comunicativos e informacionais.

Essa distinção conceitual entre mediatização e midiaticização se faz importante para o contexto dessa tese pois possibilita uma melhor compreensão desses ecossistemas que se constituem através do *YouTube* e seus canais de conteúdo. Estar inserido nessa trama midiática hiper complexa requer certas habilidades, pois se faz necessário distinguir linguagens e mídias, tanto quanto suas características, seus usos político-sociais ao ponto de problematizar o contexto ao nosso redor. Para Santaella, (2013), esse desenho de sociedade se engendra coletivamente, pois a cognição é distribuída em rede, integrando uma inteligência coletiva, num sentido de uma educação que precisa dar conta de uma ubiquidade. No mesmo sentido, Levy (1999) já indicava que essa inteligência coletiva seria uma ampliação de

sentidos cognitivos de forma coletiva e não particular e que estaria elevando a humanidade a outro patamar, graças à interação com tecnologias analógicas e digitais. Tal conceito leva em consideração as ecologias das mídias e demais cenários, incluindo todos os seres na paisagem e outras paisagens híbridas.

Esse jeito de se relacionar influenciado pelas mídias, arregimentada pela televisão é uma das características da Indústria Cultural (IC). Segundo Theodor Adorno e Max Horkheimer (2002) este conceito pode ser usado para designar a padronização de diversas obras, graças à implantação da tecnologia no seu processo produtivo. Os autores veem de forma crítica o advento das mídias e alertam que a IC utiliza as peças originalmente culturais para manipular a população, informando de uma determinada maneira, disseminando a visão da ideologia dominante. Historicamente, a comunicação de massa teve papel importante no controle do imaginário da população, em especial quanto às guerras ideológicas. Aconteceu isso em relação à Guerra Fria, protagonizada pelos EUA e URSS, com a questão do muro de Berlim e a conflituosa relação entre muçulmanos e cristãos. E atualmente continuam registrando ao seu ver os conflitos entre Palestina e Israel e a guerra entre Rússia e Ucrânia, mesmo que agora não possua exclusividade sobre as informações.

A Indústria Cultural no Brasil se organizou em relação aos interesses dos grupos dominantes que ocupavam os governos, já que a televisão, por exemplo, é uma concessão pública. Impulsionados pelos governos da época, a televisão, o rádio e os jornais tinham claros interesses na difusão dos ideais da elite. A primeira grande obra da IC foi a difusão dos preceitos da Era Vargas via rádio, na primeira metade do século XX, as diretrizes que embasavam a cultura nacionalista também foram a base para o Estado Novo.

A televisão na década de 1950 passou a integrar a vida do brasileiro: nas próximas décadas a TV tomaria a hegemonia das rádios e passaria a ser o mais influente meio de comunicação de massa. Esse sistema teve muita injeção de investimento nos governos militares. A TV passou a ter papel importante na manutenção da ordem durante a Ditadura Militar, pois veiculava notícias que exaltavam seus feitos. E em 1960 a tevê lança o seu gênero de maior sucesso narrativo que é a telenovela. Responsável por uma influência direta no comportamento dos brasileiros graças à homogeneização cultural, que considera fora do contexto toda a manifestação que não se coaduna com o padrão televisivo, e que não incentiva o consumo exacerbado de bens e serviços. Fazendo isso através da veiculação de um certo tipo de comportamento que referenda a realidade, modulando o comportamento social.

Os meios de comunicação de massa reinaram durante muitos anos, deixando para a revolução eletroeletrônica o legado de conectar as pessoas através da informação. Atualmente, estamos vivendo um novo estágio de ampliação da inteligência coletiva, capitaneada pelo digital, que possibilitou uma comunicação ubíqua, de interconexão e de informação. A comunicação ubíqua permite que estejamos, sem presencialidade geográfica, em vários lugares ao mesmo tempo. Por exemplo, graças aos meios digitais de comunicação pudemos testemunhar o ataque às Torres Gêmeas nos EUA em tempo real e hoje acompanhar a guerra entre Rússia e Ucrânia. Transformando o ciberespaço numa capacidade em que ao mesmo tempo permite liberdade de expressão e comunicação em escala mundial e de controle do cidadão através de meios estatais, comerciais e pessoais, instalando um Big Brother da vida real. As mídias sociais não precisam de concessão estatal para operar, agora eles operam seguindo os interesses dos grandes conglomerados corporativos.

O *Google* é um gigante da tecnologia mundial e exerce um poder sobre as informações gigante, como na era do Capitalismo de informação toda informação é negociável, nossas informações são objeto de barganha mudando totalmente o jeito que vivemos elas. O Capitalismo de informação, a psicopolítica ou o Capitalismo de plataforma, com a “uberização” do trabalho rondam e modulam jeitos de viver e de existir ao gosto do mercado neoliberal. A saber que segundo o sociólogo Ricardo Antunes a “uberização” é um termo que faz referência ao modelo de negócio sem contratos trabalhistas entre a plataforma e o prestador de serviço, que utiliza de seus próprios recursos para empreender, mas seria uma eufemização da precarização do trabalho na era da Indústria 4.0. Essa relação tomada como um empreendimento esconderia na verdade modos de exploração do trabalhador pelo capital. Essas relações invisibilizadas de trabalho não serão aprofundadas nesta tese, por conta de não ser o objeto principal, mas apresenta potência de investigação.

Diferentemente de Manuel Castells (2008), Byung – Chul Han (2018) e Ricardo Antunes (2020), Pierre Levy (1999) no início da popularização da internet via todas essas transformações da realidade humana como algo que possui múltiplas direções, sejam elas na educação, no mercado ou na política. O autor sustenta, ainda, que a internet tem base na inteligência coletiva que é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências o que propicia uma revolução no jeito de ser. Segundo o autor a inteligência coletiva seria a socialização e soma da ínfima parte do saber de alguns indivíduos totalizando uma frente de saber somada que ampliaria o conhecimento sobre alguma coisa.

Para ele a internet teria essa configuração, a figura da soma de diversas mentes colaborando para o entendimento coletivo de algo. Portanto, não há unanimidade quanto à forma que afeta quanto à invenção das mídias sociais digitais. Santaella (2013) abre o livro “Comunicação Ubíqua: Repercussões na cultura e na educação” indagando-se sobre as implicações de ordem econômicas e políticas decorrentes das profundas transformações ocorridas graças a ecologia das mídias, em especial, as ocorridas na cognição humana. A autora entende que a internet e as mídias sociais alteram a cognição e, por consequência, alteram as formas de educar, como veremos oportunamente.

Para esta tese é importante pensar que não queremos demonizar, nem idealizar estratégias comunicacionais desenvolvidas pelo professor que lançam mão das mídias sociais digitais para exercer outro tipo de docência. O que queremos é problematizar o que são atualmente essas narrativas audiovisuais e quais são as suas outras condições de existir como possibilidades de fuga deste modelo, mais controlado, para algo que envolva mais autoria e interatividade.

Sabemos que o regime de atenção dos alunos se modifica graças às diversas fontes de informação que disputam seu foco. Para dar conta dessa situação os docentes precisam, segundo Santaella (2013), alertar-se para o novo tipo de leitor que advém da comunicação ubíqua, característica da internet e dos dispositivos móveis, que permite outros tipos de presencialidade. Portanto o docente contemporâneo poderá manter estratégias educacionais que não somente rivalizem com os meios de comunicação simplesmente de maneira rígida, mas sim que agreguem elementos da sua cultura no ambiente de ensino e aprendizagem. A partir de tais interações, ou inter-relações, espera-se que haja mudanças pois requerem cuidados especiais por parte do docente e por parte deste leitor contemporâneo que lê imagens, texto, som tudo ao mesmo tempo e busca de maior interação.

A autora afirma que o “cerne da questão da aprendizagem localiza-se, hoje, na figura do leitor, no perfil cognitivo do leitor” (SANTAELLA, 2013 p. 265). Portanto para aprender e para ensinar é preciso desenvolver habilidades de leitura de mundo nesse contexto de hipermídia. Esse contexto é permeado por muitas narrativas audiovisuais, porém quem ensinaria a ler estas narrativas, já que não há método que ensine a leitura de imagens?

As imagens são passíveis de serem lidas, sim (SANTAELLA; MACLUHAN, 2013;1996) mas não haveria apenas um tipo de leitura e sim vários, que variam de acordo com o paradigma da época e de que forma a produção foi elaborada, para que tipo de leitor se

destina. Como há formas em que cada leitor se movimenta de um jeito diferente, formam-se leitores de formatos diversos.

A leitura, desde os primórdios da civilização, veio se complexificando, sendo que, num primeiro momento, a leitura era feita sobre imagens de desenhos rupestres; com o passar do tempo migrou para a leitura escrita e hoje se intensifica com as imagens estáticas e em movimento, até chegar à leitura de imagens, som e a instantaneidade das mídias sociais digitais.

Há vários tipos de leitores, que vão de uma postura mais fixa até a leitura mais de hipermídia. Há o leitor contemplativo (impresso/figuras estanques), o leitor movente (imagens em movimento/televisivo-cinema), o leitor imersivo (hipertextualidade/eletroeletrônico) e a autora consagra um quarto tipo de leitor, o ubíquo (mídias sociais/mobilidade-multipresencialidade) cada um calcado nos diferentes tipos de suporte de leitura. O leitor contemplativo marca o período pré-industrial, baseado nos livros impressos que surgiram, tinha uma leitura mais focada e sua atenção era totalmente endereçada para as histórias narradas, fazendo que sua imaginação fosse sua principal maneira de compreender as narrativas. Tais histórias não possuíam apenas a parte escrita também ganhavam gravuras em momentos esporádicos que junto com a leitura de pinturas, gravuras, mapas e partituras faziam a base para as leituras de imagens de agora. A leitura não era só de livros, esse leitor lia pinturas, gravuras, mapas e partituras, tendo como suporte o papel e a tela de tecido (SANTAELLA, 2013).

Com o avançar da história, e a era Industrial se instaurando, houve uma mudança radical no sentido do tempo. O capitalismo se complexificou, surgiram as grandes cidades e o tempo, que não era contado com tanta importância, passou a ser moeda válida. Passou-se a processar as relações por conta da velocidade e pela transitoriedade, que acabou afetando as sinapses cerebrais. Essa modificação se desenvolveu com auxílio de tecnologias eletromecânicas, técnicas reprodutíveis, tais como o jornal, a foto e o cinema, lançaram os primeiros passos do que seria a cultura de massa. O seu público era apenas consumidor: havia deste modo, um polo de emissão e muitos receptores.

Neste contexto surge o segundo tipo de leitor, o movente, que sai da fixação da leitura escrita, focada, concentrada e despreocupada com o tempo, e passa a ler imagens em movimento, graças ao cinema. Temos agora um leitor desfocado, interessado em novidades, de memória curta, mas atento ao transcorrer do tempo. É a partir destes fatos que o entretenimento toma corpo na sociedade e faz com que surja demanda para o fenômeno de

rádio e televisão, típicos representantes da cultura de massa. As habilidades desenvolvidas a partir do audiovisual foram importantíssimas para a inauguração de um outro tipo de leitor, o imersivo.

O leitor imersivo tem seu surgimento e auge baseado nas tecnologias eletroeletrônicas; seu habitat é a internet, está sempre em busca de algo importante e tem como característica a vontade de explorar até encontrar algo precioso. Flanando pelo ciberespaço experimenta várias linguagens, sejam elas de suporte escrito, imagético, musical ou audiovisual. Associando informações, navega de forma a ser transitória, sempre em prontidão, se conecta rapidamente em múltiplas plataformas, perfazendo um caminho ramificado que leva para diversos lugares. Essa modalidade de comunicação, por ter referência na cultura massiva do leitor movente, assumiu a alcunha de cultura pós-massiva, tipicamente caracterizada pelos movimentos que a internet *Web 1.0* possibilitou (SANTAELLA, 2013, p. 287).

A internet se transformou e vimos surgir o fenômeno das redes sociais digitais que integram pessoas, que apuram e aceleram formas comunicacionais, conhecida como a *Web 2.0*, que promoveu a cultura da participação *online*. Todos passam a ser vetores de comunicação, portanto há vários emissores e receptores de mensagens, comportamento acelerado pela popularização dos dispositivos de tecnologia móveis e a melhoria de sinal de internet. Nesta efervescência eclode um quarto tipo de leitor, o ubíquo. O leitor ubíquo herdou características do leitor movente e do leitor imersivo, tem um hábito de ler o mundo através de imagens, pois sua compreensão é mais fluida e imediata. Esse movimento traz para a cena a figura do prossumidor⁶. Esse tipo de leitor emerge do mundo informacional e ganha mobilidade graças aos dispositivos móveis, possibilitando se desfazer do espaço fixo, aproveitando-se das duas presenças a física e a digital, tornando-se onipresente (SANTAELLA, 2013).

O leitor ubíquo herdou do leitor movente as habilidades de “ler e transitar entre formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos, direções, traços, cores, luzes que se acendem e se apagam, pistas, mapas” (SANTAELLA, 2013, p. 270), e do leitor imersivo a competência de transitar entre telas. Portanto o leitor ubíquo passa por uma variedade de estímulos que lhe coloca numa condição de multitarefa. Essa condição precisa ser analisada sob o ponto de vista da atenção, pois um depende do funcionamento do outro. Portanto podemos entender que os quatro tipos de leitores que disputam a atitude atencional do leitor a

⁶ Prossumidor (*prosumer*) é um termo criado por Alvin Toffler no livro “A Terceira Onda” (1980), que conjuga as palavras produtor e consumidor.

partir de estímulos diferentes e, muitas vezes, complementares fazendo assim uma espécie de acoplamento de habilidades conforme descrito no Quadro 5.

Quadro 5 – Características dos suportes de leitura e seus leitores

Tipo de Leitor	Características do suporte de leitura	Descrição
Contemplativo	Imagens estanques e livros	A leitura requer atenção plena, normalmente conseguida através do suporte escrito, pinturas, gravuras, mapas e partituras.
Movente	Livros, imagens estanques e em movimento (televisão/cinema)	Leitor interessado em novidades, de memória mais curta, preocupado com o transcorrer do tempo, apressado.
Imersivo	Livros, imagens estanques e em movimento e hipertextualidade	Multiletramento em suporte escrito, imagético, musical aproveitando-se da capacidade associativa da hipertextualidade. Sua atenção está sempre em prontidão.
Ubíquo	Livros, imagens estanques e em movimento, hipertextualidade e mobilidade – multipresencialidade	Mobilidade, multipresencialidade, apoiada na remixagem de elementos, na intertextualidade e na cultura da participação

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Esse processo de leitura no contemporâneo é resultado da relação entre mediatização e midiaticização que assume características específicas de acordo o período sócio-histórico que vivemos. Percebe-se, assim, que Santaella apresenta um quadro teórico que caracteriza a leitura de imagens a partir do coengendramento entre os suportes de leitura e a posição subjetiva de seus leitores.

No contexto dessa tese, além da análise do fluxo das narrativas baseadas no grau de hipertextualidade proposto nas videoaulas, esse quadro teórico proposto por Santaella oferece um campo de análise dessas narrativas no sentido de perceber como estão sendo considerados nas videoaulas *online* os leitores contemporâneos. Para tanto, para dar conta da análise dessas narrativas audiovisuais, consideraremos as seguintes questões: Quais os principais signos comunicacionais que estão presentes nas narrativas? Há variação e diversificação desses signos? Como as misturas desses signos são apresentadas ou dispostas no fluxo das narrativas?

4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUDIOVISUAL, SUAS NARRATIVAS E A VIDEOAULA

O cinema, a televisão, o vídeo e atualmente a internet possuem aspectos comuns que permitem reuni-los na categoria que chamamos de audiovisual, uma vez que integram som e imagem em movimento através dos signos comunicacionais. Aproveitamos para recuperar o movimento histórico do audiovisual do cinema, passando pela TV e vídeo, até chegar na internet.

O cinema inaugurou o gênero ainda no século XIX com o trabalho desenvolvido pelos irmãos Lumiere. Eles deram vida às imagens fotográficas projetadas em sequência em preto e branco, criando, assim, a sensação de movimento. O áudio foi acoplado ao filme tempos depois, criando um simulacro de realidade.

Outra invenção mais contemporânea foi a televisão que, em meados do século XX, modificou significativamente o entendimento sobre o audiovisual. Essas invenções inauguraram o modo de transmitir imagem e som por meios magnéticos e não mais físicos, como era o cinema nos primórdios. Foi no final do século XX que a televisão começou a ter um rival à altura. Com a chegada dos computadores e o advento da internet nos meios comerciais, em meados da década de 1990, experimentou-se novas possibilidades de comunicação, que tem proporcionado uma outra relação com o tempo e as relações interpessoais.

A televisão teve seu auge ainda em pleno século XX, tornando-se onipresente, muitas vezes com o monopólio da informação e como dispositivo de subjetivação massiva. Deste modo, a televisão inaugurou em âmbito planetário a cultura de massas pós-moderna (após o ano de 1945), sendo veículo de objetivos ideológicos e econômicos. Essa sociedade passou a desempenhar o papel de transmissor dos desejos e necessidades dos consumidores em escala primeiramente local, e após global. Segundo Martin Barbeiro (1997) na cultura massiva “havia apenas emissores-dominantes e receptores-dominados, sem nenhuma sedução, nem resistência só a passividade do consumo e a alienação desenfreada nenhuma da imanência de uma mensagem-texto nunca atravessada por conflitos e contradições muito menos lutas” (MARTIN-BARBEIRO, 1997, p. 279).

Já nas mídias sociais digitais a relação emissor e receptor mistura-se, e a relação dominante e dominado torna-se mais fluida, sem um dualismo estanque. Há ação e interação entre atores, formando uma rede, muito mais conectada, tendendo a uma alternância de poder-resistência, num sentido foucaultiano, estabelecidas entre ambos e as demais circunstâncias envolvendo a ação.

Essa disputa pelo polo emissor e receptor que transformou o sujeito em *promissor* alterou significativamente o desenvolvimento cognitivo dos seus usuários, graças ao novo regime de atenção que o computador e a internet propiciam, o jeito de aprender também muda. Desta maneira, as mídias sociais possibilitaram diversas outras formas de comunicação, o que, em menos de um século, veio a mudar o mundo. Neste intenso processo comunicacional o que se viu foi a convergência das mídias (cinema, televisão, rádio e vídeo) sem exceção, acoplarem-se à internet, fazerem parte do sistema de ligação entre os usuários da *web*. E como não poderia deixar de ser, a internet acabou também, por sua vez, sendo acoplada às demais mídias, como a televisiva. Assim, ao audiovisual foi acrescida a possibilidade de interação entre autores e espectadores para, em seguida, ser popularizada a própria produção e distribuição desse tipo de conteúdo. A seguir iremos explorar as questões que envolvem as narrativas audiovisuais.

Após esse sucinto apanhado sobre o audiovisual se faz importante compreender o que são narrativas audiovisuais. Para iniciar esta reflexão é importante ter presente que o ato de narrar está presente na história da humanidade. Encontramos narrativas já nas pinturas rupestres, nas narrativas e performances, como canto e dança e rituais dos primeiros xamãs das cavernas. Deste modo, o ato de narrar atravessou os tempos, tornando-se parte fundamental do existir humano. As narrativas (familiares, do clã, da aldeia) são o que fazem os humanos, seres humanos. Segundo Prociópio (2016, p. 301) “as narrativas são compreendidas como uma organização discursiva específica, resultando de uma atividade humana que tem por objetivo contar ações e servir para a exposição de acontecimentos sejam eles reais ou imaginários” Podem ser apresentados por códigos semiológicos variados – língua, imagem, gesto, símbolos, etc. – estejam isolados ou em conjunto. “Há uma condição para a existência da narrativa. É preciso ter uma representação de acontecimentos, quando alguém dá sentido, organiza e estabelece relações entre esses acontecimentos” (PROCOPIO, 2016 p.302).

A cultura culta vai aos poucos dando espaço para a cultura de massa que não aparece de repente como uma ruptura que permita seu confronto com a cultura popular. Só um enorme estrabismo histórico e um potente etnocentrismo de classe que se nega a nomear o popular como cultura, pode ocultar essa relação a ponto de não enxergar na cultura de massa senão um processo de vulgarização e decadência da cultura culta.

Da cultura de massa para a narração do melodrama de televisão conserva-se uma forte ligação com a cultura dos contos e lendas, e da literatura de cordel brasileira: as crônicas

cantadas nas baladas. “Conserva o predomínio da narrativa, o de contar, com que implica na presença constante de um narrador, estabelecendo dia após dia a continuidade dramática, e conserva também a abertura no tempo” (MARTIN-BARBEIRO, 1997, p. 307).

As regras para um audiovisual ter uma narrativa não são estanques. Há sempre alguma coisa que pode acontecer para além do roteirizado, tornando-o assim dinâmico e criativo. Uma narrativa audiovisual compreende o plano, o movimento de câmera, o ângulo, as cores, a iluminação, os cortes da edição e áudios dos efeitos sonoros. As narrativas audiovisuais possuem audiovisualidades. Esse conceito refere-se ao devir em potencial de uma narrativa se atualizar em outra narrativa sem nunca deixar de manter o seu caráter de devir (SOUZA, 2010).

Esse conceito é bastante novo e complexo e possui muitas abordagens, podendo ser tema de uma tese inteira. Mas por hora vamos tomar a interpretação do conceito que vem da semiótica de Algirdas Greimas (2014). Audiovisualidades é tudo que conseguimos captar do mundo pelos olhos e ouvidos, mas que passa pela subjetividade. Então, cada pessoa terá uma leitura sobre a ação audiovisual, mudando de contexto para contexto, de cultura para cultura. Trata-se articulação entre o áudio e o visual, e que se chama na semiótica de linguagem sincrética, que formula uma terceira coisa ao unirem-se, não fazendo sentido quando os separamos, imbricando-se e produzindo efeitos de sentido, dependendo de como se relaciona com o mundo e da sua bagagem cultural (GREIMAS, 2014).

Para entender melhor o que seria audiovisualidade, podemos dizer que seria o que vai além do audiovisual e atuaria em três dimensões. A primeira delas é a dimensão técnica, por meio da qual se busca encontrar audiovisual em contextos não reconhecidamente audiovisuais, tendo como fundamento os conceitos de imagicidade de Sergei Eisenstein, e imagem-movimento que Gilles Deleuze encontra em Bergson. Segundo esses autores, as qualidades específicas do audiovisual podem ser encontradas anteriormente à sua criação, como na pintura e na fotografia, por exemplo. A segunda dimensão entende o audiovisual como um campo contemporâneo de convergência de formatos, suportes e tecnologias resguardadas as especificidades do cinema, da televisão, do vídeo e das mídias digitais, correspondendo assim a dimensão dos devires de cultura. Essa convergência provocaria hibridismos formais, narrativos e expressivos, numa verdadeira reação em cadeia. E por fim, a terceira dimensão estuda o audiovisual para tentar decifrar suas linguagens, sua configuração, seus usos e apropriações, dimensão sem a qual as demais não se realizam. Em outras palavras, essa é a dimensão discursiva do audiovisual (SOUZA, 2010, p. 30). Portanto o audiovisual é

passível de ser analisado pela lógica discursiva foucaultiana que busca identificar nos elementos discursivos as tramas que tecem a rede sócio-histórica, através da interdição conferida aos especialistas, dado por um agrupamento que estabelece a partir do poder quem deve ser considerado especialista (FOUCAULT, 2002). Assim, o ato de narrar atualiza-se em diversas linguagens e é ressignificado na audiovisualidade: num primeiro momento do cinema, depois da televisão e agora das mídias sociais digitais.

Para entendermos melhor o fenômeno da videoaula como um ato narrativo se faz necessário caracterizar ou definir, num primeiro momento, o que seria uma aula. Pela gênese da palavra, “aula” seria uma exposição sobre determinada área de conhecimento, feita por professor e dirigida a um ou mais alunos, geralmente em estabelecimento de ensino (DICIO, 2021). Uma videoaula tem o caráter de uma preleção, uma palestra didática e educativa para apresentar uma lição, uma espécie de conferência no estilo *pocket*. Esse seria o entendimento compartilhado pela maioria dos professores, sendo recorrente entre eles, a forma aula expositiva para apresentar um tema de seu interesse ou necessidade. Segundo Mogetti e colaboradores (2020) uma videoaula seria “um dos recursos didáticos mais valiosos para significar a forma de ensinar na Educação a Distância, podendo ser, ao mesmo tempo, informativa, lúdica e motivadora da aprendizagem” (MOGETTI *et al.*, 2020).

Gilles Deleuze afirma que uma aula é matéria em movimento, que não possui a pretensão de ser entendida em sua totalidade. Muito embora Deleuze nunca tenha escrito diretamente sobre educação, em vídeo gravado no final do século passado, ele afirma que uma aula chega a ser musical, isso porque cada aluno ou grupo de alunos apreende o que para si é importante naquele dado momento. O instrucionismo, por exemplo, acredita na compreensão total da aula, desde que a didática seja eficaz. Deleuze, em certo sentido, rompe com a ideia de eficácia da aula e coloca a subjetividade do outro num plano de resistência, propondo que uma aula é suscetível às brechas, às falhas e às lacunas. Portanto uma palestra, uma preleção, uma videoaula poderia ser, sim, uma aula, uma vez que, para o autor, não se trata de analisar sua eficácia, não havendo pretensão de compreensão completa. Neste sentido, Deleuze alivia a discussão, uma vez que apresenta os limites de uma aula, suas insuficiências. Pelo contexto da fala do autor, é possível supor que ele estava se referindo ao contexto universitário, acadêmico, baseado no modelo dos seminários franceses. No entanto, a ideia de seminário parece ser compatível com os modelos de curso mais transmissivos sustentados por coleções de videoaulas.

Por outro lado, um professor que baseia sua docência numa perspectiva dialógica freiriana irá considerar que a videoaula basta, que seja suficiente para os processos de aprendizagem? E um professor construtivista? Freire entende que uma aula pode ser leve e descontraída, e ainda assim, alcançar o seu objetivo, numa forma alegre de ensinar. Seu pensamento expressa a certeza de que se algo fosse muito sério, passaria a ideia de ser algo penoso e trabalhoso, deixando tristes aqueles que estavam ainda engajados na tarefa. O objetivo deve ser sempre retirar o fardo que é aprender, e substituir por algo leve e prazeroso, que demonstre alegria em viver. E reforça que para isso acontecer uma aula haveria de ter troca entre os participantes, estabelecer um diálogo, que colocasse tanto professor quanto aluno num modelo de suspensão de saber que os dois aprenderiam juntos, dialogicamente, o que talvez não seja possível através de uma videoaula.

Diferenças a parte, se o conceito de aula não pode ser limitado na gênese da palavra, podemos afirmar que para cada epistemologia há um entendimento sobre o que é uma aula. Variando assim de professor para professor, conforme a sua afiliação teórico-metodológica. Se para Deleuze assistir uma palestra pode ser considerado uma aula, para Freire uma aula precisa ter diálogo, ter troca, ter interação; ela, também, é um ato político.

Mas, então, diante deste debate, uma videoaula é ou não é uma aula? Num primeiro momento, podemos afirmar que seria as duas coisas. Numa perspectiva mais transmissiva elas são sim uma aula, como sugere Deleuze. Mas não seria uma aula pela perspectiva de Freire, quando não houver lugar para a dialogicidade entre os atores. Portanto, não podemos condenar, nem tampouco devemos idealizar uma videoaula. É preciso considerar, como dissemos anteriormente, que a videoaula, tanto quanto um livro, depende dos suportes de leitura ao qual está subordinada. Por exemplo, com o suporte do vídeo caseiro (câmeras VHS) havia uma tendência a transposição da aula oral expositiva. A partir da *Web 2.0* e as plataformas de transmissão tais como o *YouTube*, as possibilidades de interação e diálogo entre os atores – mesmo que ainda restritas – foram ampliadas. As videoaulas são uma alternativa contemporânea que tem a potência de não apenas capturar a atenção do estudante, mas também de dialogar com este leitor contemporâneo, que vem aprendendo a ler imagens de suportes diversos, mas, do ponto de vista pedagógico, nem sempre de forma bem sucedida.

Acrescentar narrativas audiovisuais no processo de ensino e aprendizagem pode colaborar com o sucesso na captura de atenção do sujeito, um desafio importante nos dias atuais em que professores disputam essa atenção de forma desigual com as diversas mídias, mas não só. É importante dizer que as videoaulas surgiram do contexto das mídias massivas,

nos telecursos que se assistia pela TV. Mas os recursos audiovisuais já estavam presentes em muitas escolas, quase sempre utilizados no sentido de ampliar ou diversificar as aulas. Porém, nesse contexto havia pouco espaço para a autoria docente, e muito mais consumo dos acervos didáticos das escolas (VHS, slides, mapas, músicas etc.). As lâminas de retroprojeção já consistiam em material autoral produzido pelos professores, mas é a partir da popularização dos recursos audiovisuais digitais que a produção de videoaulas se ampliou e se integrou ao repertório docente. Segundo Santaella (2014), o nosso leitor metamorfoseou-se em um leitor ubíquo – que tem a sua presencialidade relativizada. Este leitor reúne características do leitor contemplativo, que estava baseado no livro escrito, no movente, que tinha a leitura das imagens pela televisão como característica principal, e o leitor imersivo que navega a partir de hipertextos e navegação na *web*. Essa mobilidade nos possibilita criar canais, inclusive, de resistência ao modelo imposto pelas plataformas, que atendem exclusivamente aos interesses do mercado e não a intencionalidade do professor.

Em analogia à crítica proposta por Saraiva e Fischer (2020) a um tipo de uso do cinema na sala de aula, podemos pensar também que a utilização das videoaulas, da forma como estão caracterizadas hoje, seriam apenas uma instrumentalização dos recursos. Seria uma simples utilização pela utilização, uma prática instrumentalista. As autoras entendem que não serve para o processo educacional que usemos filmes apenas para explicar um conceito numa aula de sociologia, por exemplo. Para as autoras, o importante de introduzir uma obra fílmica no contexto escolar/acadêmico é trabalhar com o seu potencial ético e estético.

Citando Alain Badiou (SARAIVA; FISCHER, 2020), as autoras afirmam que o bom cinema oportuniza uma experiência filosófica, baseando essa afirmação em dois pequenos textos do livro organizado por Gerardo Yoel. Nesse livro Badiou escreve sobre a sua percepção quanto ao cinema ser uma experimentação filosófica, e nos brinda com um ensaio sobre o texto de Gilles Deleuze que problematiza o que é ter uma ideia no cinema.

Na questão da experimentação filosófica, Badiou, que é filósofo-dramaturgo-novelistas, afirma que o cinema é uma forma de experimentar diferentes situações, modos de viver o mundo e de olhares, nos permitindo a experiência de outra perspectiva sobre a mesma situação, momentos que a imaginação se abre para o “outro”. Se pensarmos de modo construtivista, esse “outro” também poderia ser uma ideia, não necessariamente uma pessoa, de modo que o cinema também pode ser pensado como possibilidade de abertura para a alteridade. Se estendermos essa compreensão deleuziana do cinema apresentada por Badiou (2004) para as videoaulas, é possível concebê-las como um campo de experimentação fértil,

capaz de produzir conhecimento significativo para os alunos e exercício autoral para os professores.

Para o filósofo rizomático a arte do cinema é formada por um todo aberto e por outro fora, tal como fosse um dentro/fora preso apenas por uma bainha. E entende que o cinema é campo de investigação assim como outros vários campos do conhecimento que agem de forma contínua com outros domínios de pensamento, tais como a filosofia, a literatura e as artes plásticas, e não apenas como objeto de estudo como comumente se vê. Ao estender essa compreensão não estamos propondo comparar as videoaulas com intenções educacionais produzidas por professores com o requinte estético do cinema deleuziano. O que queremos salientar é que as videoaulas têm potencial para ser um campo de estudos promissor, dependendo do investimento feito sobre elas. Investimento esse que passa pela necessidade de produzir novos sentidos – ético e estético – para as videoaulas que extrapolem a dimensão exclusivamente didática.

Assim, como já adiantamos, na discussão sobre a dupla face da videoaula ser ou não ser uma aula, assim como a frase célebre de Hamlet de Shakespeare, Saraiva e Fisher (2020), nos faz pensar em comparações conceituais entre as narrativas audiovisuais e o cinema e encontra uma passagem interessante. Já que o cinema seria uma complexa obra que nos colocaria num dilema importante, “do-é-e-do-não-é-ao-mesmo-tempo”, isto quer dizer, que ao mesmo tempo que o cinema é arte, também, não é, mas, também, ao mesmo tempo que é indústria, também, não é. Lembrando que o cinema pode ser visto como uma narrativa específica, que pode ser ou não uma obra filosófica graças ao seu grau de experimentação. E é justamente neste ponto que o cinema passa a ser potente para a educação, tendo em vista que graças à qualidade de criação poética em jogo, nos dá possibilidade de pensar de outras formas, deslocando o ponto de vista autocentrado e egóico para outras direções, na busca pela alteridade, ampliando assim a possibilidade de refletir e, portanto, a capacidade cognitiva (BADIOU, 2004).

Ainda sobre o cinema, conforme apontam as autoras, François Truffaut define, em entrevista com Alfred Hitchcock, que haveria dois tipos de artistas/diretores: os simplificadores e os complicadores. Os simplificadores usam os conhecimentos técnicos para conduzir os espectadores a determinadas emoções, no intuito de esclarecer constantemente, assim como uma aula tradicional, transmissiva. E os complicadores abusariam da criatividade para provocar experimentações a partir do que propõem, ancorando num tipo de pensamento tipo teia, numa tessitura não linear. Teriam as videoaulas potência de serem complicadoras, no sentido de produzir uma experiência estética mais desafiadora?

Portanto, as narrativas simplificadoras seriam um meio menos criativo, próximo ao formato das videoaulas atuais postadas no *YouTube* e das práticas mais lineares de pesquisa, cujo esta pesquisa não se filia, pois, aposta na brincolagem e na triangulação de métodos para buscar nexos entre teoria, metodologia e objeto. Essa ideia de diretores complicadores, abusa da criatividade, da inventividade, da autoria, inspira a proposta de termos professores-*youtubers* complicadores (autores), sustentados por um movimento crítico a proposta atual de videoaulas que nem foi a *Nouvelle Vague*: *cine* movimento criado por cineastas franceses nascidos no período 1919-1939, originários da crítica cinematográfica, que realizaram, com estilos pessoais de cunho autoral, produções relativamente modestas no final dos anos 1950 e início dos anos 1960.

Neste sentido, proponho pensarmos que uma videoaula nos coloca na radical complexidade do “é-e-não-é-ao-mesmo-tempo” uma aula, assim como se apresenta o cinema em relação a obra de arte, problematizando a dimensão ética e estética da videoaula para além da sua eficácia didático-pedagógica. Mesmo que saibamos que uma videoaula não é um filme podemos pensar que o professor-*youtuber* – que tenha uma intenção mais alinhada com os preceitos da experiência filosófica de “tornar-se” artefato de resistência, atendendo questões éticas, estéticas e políticas – possa agir tal qual um diretor complicador, que está implicado com a obra produzida. Partimos da premissa de que as videoaulas no *YouTube* são apresentadas a partir de uma intenção simplificadora, mesmo quando apoiada em elementos textuais das audiovisualidades. Dessa premissa, propomos que é possível sustentar outros modos de produção da videoaula no sentido da potência do “tornar-se” aula, um devir aula político e dialógico. Neste caso as videoaulas estariam abertas a possibilidade de tornarem-se mecanismo de resistência a compulsória ditadura dos algoritmos, agentes do Capitalismo informacional – da psicopolítica que nos coloca onde e como esses agentes querem, diminuindo a possibilidade de exercício da autoria e de fuga.

Então, recuperando a ideia desse duplo que primeiro entende que uma videoaula “é” uma aula, tendo por base a perspectiva deleuziana de que uma aula não necessariamente precisa ser apreendida em sua totalidade por seus participantes (não se trata da sua eficácia), nem precisa ter início-meio-fim, que poderia abusar de outros sentidos, de territorialidades e de temporalidades arrançados no sentido da compreensão dos ensinamentos, mas que podem ocorrer não necessariamente no mesmo tempo da aula. Sendo assim, tanto uma palestra quanto uma videoaula poderiam ser entendidas como uma aula.

Mas também é possível o entendimento de que uma videoaula “não é” uma aula, no sentido freiriano – pois uma aula não pode prescindir da interação, da construção de conhecimento entre os atores, não pode prescindir da dialogicidade. Portanto, uma videoaula “não seria” uma aula, quando não oferece abertura ao diálogo e à conversação. No caso específico da plataforma *Youtube*, mesmo tendo a possibilidade de diálogo direto com os autores limitada ao recurso dos comentários, entendemos que o modo como uma videoaula arranja sua narrativa audiovisual e dispõe seus signos comunicacionais pode ou não convidar seus expectadores ao diálogo e a conversa.

A partir dessas notas sobre o que seria uma aula, é possível compreender por que a videoaula é considerada uma estratégia docente. No sentido de apontar proposições sobre essa questão, podemos pensar um paralelo com o cinema, que tem esse fenômeno do “é e não é, ao mesmo tempo”, tornando-se, então, uma outra coisa. Mas, então, o que seria essa outra coisa? O que seria uma videoaula voltada para um leitor contemporâneo? Nossa proposição é que a videoaula na contemporaneidade “é” aula, e, também, “não é” uma aula: ela pode ser e não ser ao mesmo tempo, uma vez que envolve o plano subjetivo dos autores e da audiência. Nesse processo de “ser e não ser” ao mesmo tempo, a questão que se apresenta é “que outra coisa seria essa? ”, ou, “que virtualidade-potência teria uma videoaula? ”. Essas questões estariam como pano de fundo do diálogo que estabelecemos entre teoria – objeto – metodologia que rodeiam conceitualmente esta investigação.

5 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A presente pesquisa apresenta um delineamento metodológico qualitativo e de inspiração etnográfica, realizada em ambientes digitais, e se propôs a desenvolver um estudo de caso sobre professores-*youtubers* que possuem canais associados ao canal *Youtube Edu*.

Assim, a partir do delineamento metodológico foi possível lançar algumas questões que nortearam a investigação, tais como: Quais as características da comunicação audiovisual e como elas têm sido coengendradas com a produção de videoaulas no *Youtube*? Como os recursos audiovisuais são integrados às narrativas dos professores que utilizam o vídeo na sua produção de conteúdo? Como esses recursos estão associados aos aspectos epistemológicos relacionados às áreas de conhecimento desses professores? A partir destas interrogações estabelecemos objetivos que pudessem dar conta da complexidade do assunto.

Objetivo geral

Analisar a mediação/mediatização do ensino por professores-*youtubers* a partir das narrativas audiovisuais produzidas na inter-relação com a plataforma *YouTube*.

Objetivos específicos

1. Investigar os fluxos das narrativas audiovisuais presentes em vídeos produzidos por professores-*youtubers*;
2. Identificar as ações envolvidas na inter-relação professor e tecnologias audiovisuais para o *YouTube*;
3. Discutir como as narrativas audiovisuais utilizadas nos vídeos se associam aos aspectos epistemológicos do que se pretendem ensinar;
4. Investigar o que seria uma videoaula que leve consideração os leitores contemporâneos;
5. Investigar a rede discursiva que se cria a partir da trama das narrativas audiovisuais.

Esta pesquisa adota como campo de estudo a plataforma *YouTube Edu*, que é um canal específico para divulgação de vídeos criados por professores. O canal é administrado pelo *Google* e produzido a partir da curadoria da Fundação Lemann. Lançado no ano de 2013, em abril de 2021, possui cerca de 468 mil inscritos. Segundo a seção “Sobre” do canal, o *YouTube Edu* tem essas características:

Se você é professor, no *YouTube Edu* você poderá submeter suas videoaulas para publicação, ou ainda escolher outras aulas para utilizar com seus alunos! O projeto é uma parceria entre a Fundação Lemann e o *Google*, para a criação de uma página exclusiva do *YouTube*, na qual professores, gestores e alunos podem encontrar conteúdos educacionais gratuitos e de qualidade, em Português. A curadoria dos vídeos foi feita por professores especialistas e altamente capacitados, selecionados pelo Sistema de Ensino Poliedro e coordenados pela Fundação Lemann. Os conteúdos disponíveis são voltados para os níveis de Ensino Fundamental e Ensino Médio, englobando as disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências (Química, Física e Biologia), História, Geografia, Língua Espanhola e Língua Inglesa. (YOUTUBE EDU, 2021).

A partir desse canal, os dados foram produzidos com base na análise das estratégias narrativas audiovisuais utilizadas nos vídeos criados pelos professores-*youtubers*. Estabelecemos um teto para a amostragem baseado na orientação da etnografia que entende que seria adequado trabalhar com a amostra de 30 até 50 casos, sendo que para defini-la utilizamos a combinação da técnica da “bola de neve” para acessar as videoaulas, seguindo o fluxo do algoritmo e estabelecemos como critério de corte a saturação (MINAYO, 2017).

Para Minayo (2017) o modelo consensual cultural para estudos etnográficos permite um número finito da amostragem de uma pesquisa qualitativa, pois esse deve estar vinculado à dimensão do objeto (ou da pergunta) e dos sujeitos a serem pesquisados, respeitando como critério de corte na busca da amostra o fato de não aparecer mais novidades enquanto se produzem os registros de dados, que começam a se repetir. Portanto, “*Saturação* é um termo criado por Glaser e Strauss (1967) para se referirem a um momento no trabalho de campo em que a coleta de novos dados não traria mais esclarecimentos para o objeto estudado” (MINAYO, 2017 p. 6). Colaborando com a escolha do “N” da nossa amostra encontramos alguns autores (GUEST; BUNCE; JOHNSON, 2006; MORSE, 2000, 2008; HARVEY, 2000 apud MINAYO, 2017) que mencionaram que os trabalhos de etnografia e avaliação qualitativa devem contemplar entre 30 e 50 casos.

Compusemos a metodologia de escolha com características da técnica de bola de neve, muito usada em pesquisas do campo das ciências sociais. No contexto dessa pesquisa, um vídeo inicial levava ao próximo vídeo, que levava ao próximo e assim por diante, montando uma amostra aleatória baseada no sistema de recomendação do *YouTube*. Arbitramos um primeiro vídeo da área das ciências humanas em função da familiaridade com a nossa área de formação e contamos com a ajuda da recomendação do algoritmo para flunar pelo repositório, atendendo ao primeiro movimento da etnografia digital de inspiração cartográfica: as perambulações. Atendendo ao critério de saturação, parávamos de assistir novos vídeos

quando as estratégias narrativas e as disciplinas se repetiam muito, sem trazer elementos novos a pesquisa. Tínhamos como parâmetro respeitar a classificação por série, e buscamos ter uma amostragem de vídeos de todas as áreas (Ciências Humanas, Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Redação) e assim compusemos nosso corpus de análise inicial de 50 vídeos.

Após a amostra selecionada partimos para a análise qualitativa e quantitativa dos dados das produções audiovisuais. Criamos tabelas com a ajuda do Word e do Excel, editores de textos e planilhas, e definimos algumas categorias de análises conforme nossos objetivos. Na primeira planilha constavam as informações mais qualitativas que versavam sobre a autoria da produção, o título do vídeo, a que tipo de leitor o vídeo se destinava, quais eram as estratégias narrativas audiovisuais, qual era o objetivo do vídeo, como a pretensão/intencionalidade do professor-youtuber se revelava e qual era o fluxo da narrativa. A Figura 1 exemplifica como foi organizada a planilha sobre as análises qualitativas das produções audiovisuais.

Figura 1 – Planilha no Word sobre os dados qualitativos das videoaulas

Autoria/Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais (quais imagens, textuais, visuais, auditivas) e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor-youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
Débora Aladim	História - A revolução francesa em 5 minutos	Contemplativo	O vídeo é gravado em plano fechado ambientado no quarto da professora youtuber que é decorado com elementos da cultura pop, <u>super heróis</u> dividem espaço com os livros. A professora é bem. O vídeo tem descrição em português. O formato do vídeo é um desafio de falar sobre um tema importante da história em 5 minutos. Por isso a narrativa verbal é acelerada e utiliza a forma culta. 57 ^m - Animação representando a nobreza 1'45 ^m Animação representando a Bastilha 2' Animação representando a declaração dos direitos humanos	O objetivo do vídeo é explicar sobre a Revolução Francesa	A intenção se apresenta ao escolher o formato para transmitir informação resumindo grande quantidade de conteúdo em 5 minutos	Durante o fluxo da narrativa ela cita um outro vídeo, do mesmo canal, para sugerir que este vídeo faz parte de uma série no mesmo formato de resumo de um fato em 5 minutos
Dez de História - Victor R330385	História - Egito Antigo	Contemplativo	Professor expõe o conteúdo diante de um fundo com inserções visuais e textuais 4 ^m Mapa antigo 4'20 ^m esquema piramidal 5'05 ^m Linha do tempo 5'55 ^m Lista de principais eventos 10'15 ^m resolução de questão de vestibular	O objetivo do vídeo é falar sobre o Egito Antigo	O professor intenciona ilustrar as informações usando imagem e texto e a fala	Sem indicação hipertextual.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Na segunda planilha foram destacadas as informações mais quantitativas quanto as produções audiovisuais, tais como a autoria da produção, o tempo de duração do vídeo, o número de visualizações, número de comentários, número de *likes* e número de *dislikes*. Os dados foram sendo preenchidos conforme análise desta pesquisadora, baseado no aporte teórico de referência desta pesquisa. Para organizar esses dados contamos com editor de texto

(Word), editor de planilhas (Excel), software de análise de redes para coletar os comentários (Netylics) e software de análise qualitativa (Nvivo).

Figura 2 – Planilha no Excel sobre os dados quantitativos das videoaulas

A	B	C	D	E	F
VÍDEO	Autoria/Canal	VISUALIZAÇÕES	COMENTÁRIOS	LIKE S	DISLIK ES
1	Stoodi	58557	605	20000	476
2	Quer que desenhe - Descomplica	850505	938	56000	804
3	Terra Negra - Moises Lima (Integrante do Blog Science Blog Brasil)	3832	93	528	7
4	Parabólica	359261	289	17000	229
5	Débora Aladim	933076	1515	102000	650
6	Dez de História - Victor Rysovas	14598	53	784	11
7	Se liga nessa história - Daniel Gomes	179741	11	307	10
8	Maõzinha em física	46428	54	1700	27
9	Aula De. com	1415834	871	44000	541
10	Noslen	422857	471	35000	197
11	terra Negra	4216	7	267	6
12	Ferretto matemática	2766388	2339	141000	823
13	Equaciona com Paulo Pereira	188138	275	12000	122
14	A revisada	160537	59	4100	36
15	Química com o Prof paulo Valim	574946	387	15000	167
16	Camila Cavalieri	178164	413	19000	109
17	Biologia Samuel Cunha	226313	441	13000	164
18	Biologia na Veia Com prof Gian Brito	377	0	39	0
19	Universidade Corporativa do Transporte	144942	155	2600	103
20	Nerdologia	208993	559	23000	129
21	senhor Biologia	74542	65	47000	57
22	Biologia com samuel Cunha	174021	307	12000	103
23	Khan Academy Brasil	4620	10	144	6
24	Carecas de saer videoaulas	17844	21	817	24
25	Terra Negra	25685	77	1800	14
26	Terra Negra	2020	1	198	2
27	Terra Negra	2359	61	508	29
28	Professor em Casa - Felipe Cardoso	483894	1403	28000	386
29	Umberto Mannarino	287322	844	33000	211

Figura 3 – Planilha de Excel gerada no Netylics com a coleta dos comentários dos vídeos da amostra em profundidade

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P
id	author	description	guid	to	likecount	link	pubdate	replycount	title	authorChannelUrl					
1	QUANDO VC	Espero que n	UgzCDTQknYWz3zTaWq0			https://www.y	2021-11-13 00	0	Espero que n	http://www.youtube.com/channel/UC59SGfieb904X38xmMTsPw					
2	Jovita Oliveira	Explicação ci	UgwGLmNDkRNY9TY5wd0			https://www.y	2021-11-07 00	0	Explicação ci	http://www.youtube.com/channel/UCOUk9WuPp4fW6nE8TLwx-1g					
3	Peter líder su	Brasileiro foi	!UgwAY1Z_OlbJ61NDqPp40			https://www.y	2021-11-04 00	0	Brasileiro foi	http://www.youtube.com/channel/UCwz2_ezblne3Z51VckOUUxg					
4	Orival Schum	GRIFE ESPA	Ugx-AbRFGUkCgwIq-B4A0			https://www.y	2021-11-01 20	0	GRIFE ESPA	http://www.youtube.com/channel/UCS_e-uqD0T-XP2JF-9HhKA					
5	Maria da zapl	MANO KKKK	UgwAyEoJdYw1fM64Aa0			https://www.y	2021-10-31 00	0	MANO KKKK	http://www.youtube.com/channel/UCyjdCo08ASHM5fJoTsSeQ					
6	Gean Oliveira	1 guerra que	!UgxW3htF1jwzqOE-JFV4A0			https://www.y	2021-10-29 20	0	1 guerra que	http://www.youtube.com/channel/UCDBS0xUAJz3sPKkN88YIU_w					
7	Baiano da XR	Por isso as p	UgzfpVlKqetbbLyyQO4Aa0			https://www.y	2021-10-26 10	0	Por isso as p	http://www.youtube.com/channel/UCV6Q-Qi4LyHqTTKucGVGhw					
8	Henrique Alve	Bela camisa	!Ugz-3j2J5VrPQ26RDp14A20			https://www.y	2021-10-26 10	0	Bela camisa	http://www.youtube.com/channel/UCRLRkoHhRhbKPaKz4fa5BA					
9	x y	na guerra das	UgyyBBh_hxAva6Ar7nR4A0			https://www.y	2021-10-18 00	0	na guerra das	http://www.youtube.com/channel/UCJg0rk0Y7KTHfR7x-m-yFQ					
10	Glauco Castil	Tankei 5 mini	Ugz24FCNg4On5tOGGigF40			https://www.y	2021-10-14 10	0	Tankei 5 mini	http://www.youtube.com/channel/UCrC9W46XCm4eYHHeWnWik7Q					
11	• há 150 anos	CEMPRE O !	UgwicxyUlnNGWUjWCZ4A0			https://www.y	2021-10-05 00	0	CEMPRE O !	http://www.youtube.com/channel/UCkuV7C1QNdShb63P0jAOy					
12	• há 150 anos	Faz um video	Ugw2AFxdWJyat51zKV4A0			https://www.y	2021-10-05 00	0	Faz um video	http://www.youtube.com/channel/UCUwV7C1QNdShb63P0jAOy					
13	Rodrigues	Brasil piada ii	Ugw5pU9oNeSA_A9GJQJ40			https://www.y	2021-10-04 10	0	Brasil piada ii	http://www.youtube.com/channel/UCltwuKZ7MlUcn9WdzhuYA					
14	EMMANUEL	Lauro Severia	UgyfB5uL8oyl4RVP7q94A0			https://www.y	2021-10-04 00	0	Lauro Severia	http://www.youtube.com/channel/UCArml9whPjgDn_sFA8vaEQ					
15	Rodrigues	O exército br:	Ugz5duLMKuru_koCJV6A0			https://www.y	2021-10-01 10	0	O exército br:	http://www.youtube.com/channel/UCltwuKZ7MlUcn9WdzhuYA					
16	Miguel Moraes	você é uma vi	Ugz5duLMKuRodrigues_0			https://www.y	2021-10-25 10	0	você é uma vi	http://www.youtube.com/channel/UCy0rpkHk7DjUyKSHm2cBA					
17	Ricardo de P	O Sul SEMF	UgxJR8eOBH-0WVAskp4A0			https://www.y	2021-09-29 00	0	O Sul SEMF	http://www.youtube.com/channel/UCPBG_2rcYnBUJYS70jy5BA					
18	COLORADO	Kkkkkkkkk s	UgzaiNT_d8Gw8hh-w694A0			https://www.y	2021-09-28 10	0	Kkkkkkkkk s	http://www.youtube.com/channel/UCV_ybHYKf5xClBCYQ8MuQ					
19	COLORADO	Rodrigues as	UgzaiNT_d8Gw8hh-w694A0			https://www.y	2021-10-01 10	0	Rodrigues as	http://www.youtube.com/channel/UCV_ybHYKf5xClBCYQ8MuQ					
20	COLORADO	Rodrigues kk	UgzaiNT_d8Gw8hh-w694A0			https://www.y	2021-10-01 10	0	Rodrigues kk	http://www.youtube.com/channel/UCV_ybHYKf5xClBCYQ8MuQ					
21	Rodrigues	@COLORAD	UgzaiNT_d8Gw8hh-w694A0			https://www.y	2021-10-01 10	0	@COLORAD	http://www.youtube.com/channel/UCltwuKZ7MlUcn9WdzhuYA					
22	Rodrigues	@COLORAD	UgzaiNT_d8Gw8hh-w694A0			https://www.y	2021-10-01 10	0	@COLORAD	http://www.youtube.com/channel/UCltwuKZ7MlUcn9WdzhuYA					
23	COLORADO	Rodrigues tu	UgzaiNT_d8Gw8hh-w694A0			https://www.y	2021-10-01 10	0	Rodrigues tu	http://www.youtube.com/channel/UCV_ybHYKf5xClBCYQ8MuQ					
24	Rodrigues	O exército br:	UgzaiNT_d8Gw8hh-w694A0			https://www.y	2021-10-01 10	0	O exército br:	http://www.youtube.com/channel/UCltwuKZ7MlUcn9WdzhuYA					

Figura 4 – Visualização dos dados para análise dos comentários no Nvivo

ID	id (2)	Amanda Sophia	description	guid	to	likecount	link
1	1	achei	Bibliografia completa do episódio no site: https://bit.ly/2Y16O7K	UgwnHgCuYL_gV KwRFqN4AaABAg		28	https://www.youtube.com/watch?v=WUPECN3YPz0&list=PLf3WdQPlwNt5HsHbkAU0Hf58GOShuXWYi&index=8&lc=UgwnHgCuYL_gVKwRFqN4AaABAg
2	2	Adriel Rodrigues	Os fósseis vieram do dilúvio universal.	UgwnHgCuYL_gV KwRFqN4AaABAg .8yGNOf7d1cT9O i2Gt1LXw1	Nerdologia	0	https://www.youtube.com/watch?v=WUPECN3YPz0&list=PLf3WdQPlwNt5HsHbkAU0Hf58GOShuXWYi&index=8&lc=UgwnHgCuYL_gVKwRFqN4AaABAg.8yGNOf7d1cT9Oi2Gt1LXw1
3	3	Adriel Rodrigues	Obrigada!	UgwnHgCuYL_gV KwRFqN4AaABAg .8yGNOf7d1cT9D 5r4cxmYUH	Nerdologia	0	https://www.youtube.com/watch?v=WUPECN3YPz0&list=PLf3WdQPlwNt5HsHbkAU0Hf58GOShuXWYi&index=8&lc=UgwnHgCuYL_gVK

A partir do momento que a amostra foi definida (50 videoaulas), realizamos o contato com os professores autores convidando-os a participar da pesquisa concedendo uma entrevista *online*, acordada mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, Apêndice A). Os professores-*youtubers* foram abordados via mídias sociais alternativas, pois o formato de comunicação da empresa *YouTube* não permite contato direto via chat com os responsáveis pelo canal. Foram deixadas mensagens nos seus perfis, mas os contatos não foram muito exitosos, e a adesão foi baixíssima⁷. Dos cinquenta autores abordados, apenas quatro retornaram nossas insistentes mensagens, e destes quatro apenas dois aceitaram participar das entrevistas. Com esses professores utilizamos um roteiro que nos baseou para desenrolar a conversa de forma remota, motivada pela dispersão geográfica dos participantes e por conta dos cuidados sanitários com a Pandemia da Covid 19, conforme transcritos nos Apêndices B e C. Tivemos que lançar mão de dois recursos diferentes para realizar as entrevistas. Com um entrevistado utilizamos o *Zoom*, estabelecendo uma conversa síncrona, e outro tivemos que usar o recurso dos áudios do *Whatsapp*, para uma conversa assíncrona. As entrevistas e os modos de acesso foram combinados conforme disponibilidade do professor.

⁷ Vale registrar que iniciamos nossos contatos em outubro de 2021 e encerramos nossas tentativas em maio de 2022. Foram reiteradas tentativas, por vários canais, mas a abordagem coincidiu com período pandêmico, o que deixou as agendas de todos bastante confusas. Outro fator importante a se observar que não haviam 50 autores diferentes, muitos destes se repetiam. Portanto, devido aos prazos de conclusão da tese, optamos em suspender novas tentativas e trabalhar em cima dos dados obtidos.

Neste caso é importante registrar que esse fato foi um importante delineador e limitador do desenho final da pesquisa, que precisou fazer generalizações com um número de entrevistas reduzidos. Já tínhamos abandonado a ideia de fazer uma pesquisa intervenção (conforme a inspiração cartográfica indica) por conta do formato da plataforma *Youtube* não se organizar no formato de comunidade, com recursos de interação que possibilite habitar um território e acompanhar todo o processo de produção das videoaulas. Essa distância entre pesquisador e pesquisados refletiu na adesão dos integrantes do *YouTube Edu*, pois não se sentiram “chamados” a participar, muito por não conhecerem de antemão a pesquisadora e não haver no canal uma comunidade constituída. Tal fato tornou-se uma barreira à pretensão inicial dessa pesquisa de acompanhar os processos de produção dos professores-*youtubers*. Dessa forma, a pesquisa ficou limitada em produzir e analisar os dados referente as videoaulas já publicadas. Portanto, pelo território da pesquisa se constituir no digital e ter suas peculiaridades foi preciso considerar algumas adequações do método.

Em relação à produção dos dados foi utilizado o processo de triangulação metodológica, que resulta do manejo de diferentes ferramentas produtoras de dados, e de estratégias de coleta e análise (ULLRICH *et al.*, 2012), ancorado pela Análise de Discurso de inspiração foucaultiana (FERREIRA e TRAVERSINI, 2013). Portanto, instrumentos como a observação etnográfica e o diário de campo, que Foucault chamava de *Hipomennatas*, cadernos com impressões teóricas, fragmentos e insights foram utilizados como estratégias de produção dos dados da pesquisa, ancoradas na seleção das videoaulas e nas entrevistas de participantes.

A observação baseada na etnografia digital mostrou-se adequada a essa pesquisa. Ainda assim, enquanto modalidade de pesquisa, a etnografia digital, segundo Segata e Rifiotis (2016), não possui um formato preestabelecido e sim uma atitude etnográfica, na qual o pesquisador está em campo atento à observação, ao observado e ao observando. Não consiste apenas em um método, mas sim toda etnografia deve apresentar uma contribuição teórica ao campo que estuda, segundo os autores.

Dessa atitude, é possível distinguir três formas de abordar etnografias digitais: as **perambulações, os acompanhamentos e as imersões**, que também lembram os movimentos da atenção do cartógrafo: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento (KASTRUP, 2010). Para fins de defini-las é preciso tomar como base o “tipo de presença em campo e as estratégias que são também efeitos das agências e das lógicas estruturantes das plataformas,

em decorrência do que seu ambiente propicia, e dos modos de usos que elas engendram” (GOMES e LEITÃO, 2017 p. 45).

A primeira abordagem foi a perambulação entre vídeos de forma a passear sem destino pelos canais do *YouTube*. Saltando de vídeo em vídeo, o etnógrafo digital conhece o labirinto que são as plataformas digitais comandadas por uma sequência de algoritmos, flinando não livremente, mas conduzidos principalmente por entes não humanos recomendados pelos algoritmos da plataforma (GOMES e LEITÃO, 2017). São um turbilhão de imagens e mensagens que levam o transeunte as movimentações intensas e efêmeras. O primeiro passo foi utilizar o sistema de buscas para arbitrar o primeiro vídeo, depois disso a plataforma foi apresentando as sugestões, e a sequência sugerida era interrompida quando alcançava a “saturação”, fazendo que buscássemos uma nova pesquisa alterando a disciplina. Esse recurso permitiu selecionar e aglutinar informações previamente determinadas pelo algoritmo, e esse procedimento foi repetido até alcançar o teto da amostra.

A segunda abordagem foi o acompanhamento, que no contexto dessa pesquisa se deu num tempo à posteriori, uma vez que as videoaulas haviam sido publicadas já há algum tempo. Aproximou-se do território e do habitar, que nesta pesquisa formou contornos adaptados pelas especificidades do ambiente digital. Neste momento passou-se a fazer uma análise das narrativas audiovisuais com o intuito de identificar quais eram os signos comunicacionais que estavam presentes, suas variações e diversificações, e como esta mistura se dava.

As imersões consistiram-se no esforço de enxergar os espaços virtuais digitais das videoaulas como um campo de investimento do “observador-etnógrafo”: foi o processo de analisar os dados produzidos tanto nas análises das narrativas audiovisuais quanto na análise dos discursos contidos nas entrevistas. Os processos de preparação e organização dessas análises estão sintetizados no Quadro 6. Podemos comparar esse movimento de imersão nas videoaulas ao movimento da atenção do cartógrafo: a do reconhecimento atento que foca a atenção que outrora era flutuante e abre-se um campo de análise – um novo território se configura.

Quadro 6 – Processo de organização dos dados

Etapas	Tarefas
Organização dos dados	- Criado arquivos para os dados com auxílio de softwares
Leitura, lembrete	- Examinar o texto teórico, fazer anotações nas margens, formar códigos iniciais.
Descrição dos dados em códigos e temas.	- Transcrição das entrevistas

Etapas	Tarefas
Classificação dos dados em códigos e temas	- Depois de transcritas as entrevistas foram lidas exaustivamente o conteúdo dos textos e serão destacadas as regularidades e singularidades, propondo temas e categorias de análise de discurso foucautiana quanto a questão da interdição e da autoria.
Interpretação dos dados	- Descrição textual do que aconteceu e uma descrição estrutural de como aconteceu.
Representação/visualização dos dados	- Narração do fenômeno em forma de discussão.

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Tendo em vista ser uma etnografia no campo da docência na cibercultura, um dos principais instrumentos nessa etapa de observação virtual que utilizamos foi o diário de campo, pois possibilita o diálogo do pesquisador com seu campo de estudo. Esses diários, no contexto dessa pesquisa, tomaram um caráter mais de *hipomennatas*, que continham fragmentos teóricos, análise de dados e impressões acerca do campo. Nesta pesquisa os diários de campo serviram como grande suporte de memória sobre tudo que se via, ouvia e sentia em relação a pesquisa, um movimento da atenção da pesquisadora com uma multidão de avatares, perfis e canais. Foi neste instrumento que detalhamos o processo de produção dos dados, conforme Kastrup (2010).

Reside neste esforço analítico e implicativo o rigor científico necessário à produção do conhecimento acadêmico. Para esta pesquisa foram usados 8 volumes de cadernos sem espiral com registros de campo, trechos de teorias, de aulas, de observações e reflexões. Contrariando a indicação contemporânea de fazer diários *online*, a tessitura a mão dos fragmentos foi um importante instrumento para os movimentos que buscavam organizar a desordem e fazer relações entre os registros.

Além da observação de inspiração etnográfica, foram realizadas entrevistas *online* com professores por meio de “*web* conferência” via plataformas de comunicação como o *Zoom* e pelo *WhatsApp*, meios definidos a pedidos dos entrevistados. A entrevista contou com um roteiro semiestruturado dando a oportunidade para o entrevistador e o entrevistado de falar sobre assuntos pertinentes à pesquisa sem estar engessado em perguntas fechadas. Foi dado espaço para que falassem sobre suas experiências com as narrativas audiovisuais na produção de vídeos e sobre sua experiência com a plataforma *YouTube*.

Quadro 7 – Roteiro de entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA
EIXO I - SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE

<p>1 - Qual a sua área de formação docente? (Curso, bacharelado, licenciatura, pós-graduação) Quanto tempo de atuação na docência? (pública, privada, nível)</p> <p>2 - Como foi a sua formação profissional? Ela contemplava esses novos recursos audiovisuais?</p> <p>3 - Como você se capacitou ou se aperfeiçoou no uso dos recursos audiovisuais?</p>
EIXO II - A PRODUÇÃO DAS VIDEOAULAS
<p>4 - Como você se integrou ao projeto ou ideia do Canal <i>YouTube</i> Edu? (Convite, edital, etc.)</p> <p>5 - Você se considera um professor-<i>youtuber</i>? Como foi o processo de passar a produzir videoaulas para a plataforma <i>YouTube</i>? O que o motivou? Desde quando produz esses materiais? Você percebe uma evolução na qualidade dos mesmos?</p> <p>6 - Você trabalha em casa ou em uma empresa/instituição educacional? Como é o ambiente de trabalho?</p> <p>7 - Você tem auxílio de alguém na produção desenvolvimento desses materiais? (tantos os de comunicação, quanto de produção de conteúdo)</p> <p>8 - Descreva o seu processo de produção das videoaulas? Quais os recursos e tecnologias que utiliza? (seleção de materiais, como chega a um assunto/temática específica)</p> <p>9 - Em que se diferenciam as videoaulas dos materiais e aulas tradicionalmente realizadas no contexto presencial? Há vantagens e desvantagens num e noutro modo de ensinar? Quais seriam?</p>
EIXO III – NARRATIVAS AUDIOVISUAIS
<p>10 - Como percebem o potencial das estratégias narrativas utilizadas nas videoaulas (potencialidades e fragilidades; o que poderia ter sido feito melhor?)</p> <p>11 - O que a Pandemia afetou o seu trabalho?</p> <p>12 - Conheces a tecnologia do vídeo interativo? H5P?</p>

Fonte: elaborada pela autora (2022)

A etnografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo, que pode ser interpretada como um mapa de forças, pois o objetivo da etnografia é justamente desenhar a rede de forças as quais o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para dar conta dos objetivos da pesquisa, analisou-se as entrevistas com os professores em relação ao contexto que eles estavam inseridos através das diferentes práticas de discurso, tendo a inspiração na Análise de Discurso, que é um movimento que possibilita a emergência de análises contextuais sócio-históricas de como um discurso se constitui.

Segundo Ferreira e Traversini (2013) aprendemos com Foucault (2007) que as sínteses discursivas que estão circulando no social são entendidas como naturais e devem, na verdade, serem suspensas. Elas devem ser problematizadas, não sendo possível ignorá-las ou negá-las e sim colocá-las na roda da discussão e revelar o que suas tramas tentam esconder. Por isso foi importante conversar com os autores das narrativas audiovisuais para poder analisar e descrever as principais informações relacionadas às narrativas audiovisuais, transformando áudio e vídeo em texto para analisá-las socio-historicamente.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISES DOS DADOS

Nesta seção iremos tratar da apresentação e da análise dos dados de forma integrada como a etnografia e a cartografia nos inspiram. Iremos iniciar apresentando a análise do vídeo de orientação institucional elaborado pelo *YouTube Edu* para os professores-*youtubers*. Em seguida iremos relacionar as categorias descritivas as quais as 50 videoaulas selecionadas foram submetidas. Essas categorias são: os objetivos dos vídeos, que é o aspecto disciplinar que define o tópico ou assunto do vídeo; a intencionalidade pedagógica, que é a pretensão, ou como os objetivos são apresentados ou se efetivam. Iremos tratar da análise dos dados, primeiramente, obtidos pela observação e interpretação das 50 videoaulas a partir da elaboração de um quadro analítico. Esse quadro contém as análises quanto as estratégias narrativas audiovisuais, e se referem à meta análise das videoaulas referentes aos termos ligados à visualidade (visuais OR imagem OR vídeo OR cena OR filme OR lousa OR quadro OR cenário OR cinema OR apresentação OR esquemas). Analisamos os termos ligados aos recursos sonoros (sons, excluindo trilha sonora e voz do professor) e textuais (texto OR textuais OR questão). Por fim, analisamos o fluxo das narrativas audiovisuais que essas videoaulas apresentam.

A partir desta análise descritiva dos 50 vídeos, fizemos um recorte, baseado na representatividade da diversificação de estratégias de um contingente de 10% deste montante, ou seja, cinco vídeos que escolhemos transcrevê-los e interligar falas dos professores com as estratégias narrativas veiculadas a fim de demonstrar como as análises foram feitas, fazendo uma descrição em profundidade. Tais transcrições podem ser acessadas nos apêndices D, E, F, G, H e a descrição em profundidade das estratégias narrativas está no apêndice S.

6.1 O CANAL *YOUTUBE* *EDU*

YouTube Edu foi lançado no Brasil em 2013, fruto de uma parceria entre o *Google* e a Fundação Lemann, que perdurou até 2021. Em 2022 o projeto passou a ter a colaboração da Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e Cultura (UNESCO) como instituição curadora de conteúdo. No período que esteve à frente do projeto a Fundação Lemann teria como responsabilidade realizar a curadoria do conteúdo educacional que iria ser atrelado a plataforma. Na ocasião do lançamento do projeto, os executivos das duas instituições relataram em um vídeo institucional publicado na plataforma com o título

“*YouTube/Edu* – Conheça a história do projeto⁸”, que foram realizadas diversas reuniões com a equipe interna de alinhamento de projeto para definir as diretrizes de quais seriam os perfis dos vídeos que iriam entrar na plataforma.

No vídeo de 04’58” (Apêndice M) os executivos do projeto relatam que, para eles, a utilização da plataforma tem como objetivos principais disponibilizar conteúdo gratuito, de alta qualidade, curado e organizado. Segundo eles esse arranjo teria sido feito para preparar as novas gerações para o futuro da educação. Podemos inferir que em período pré-pandêmico as videoaulas eram uma das apostas quanto uso das tecnologias em sala de aula sendo bem usual, pois descendia do uso dos audiovisuais, como televisão, vídeo e cinema, já com uma longa tradição como estratégia pedagógica. Segundo Santaella (2013) “a necessidade de desenvolver estratégias integradoras para entrar no jogo das complementariedades com que as mídias atuais nos presenteiam constitui o grande desafio dos sistemas educacionais e curriculares no mundo contemporâneo” (SANTAELLA, 2013 p. 307).

Nas falas é possível perceber que a intenção da coordenação do projeto era de desenvolver materiais com o objetivo de conduzir as condutas dos professores-*youtubers* para atender a expectativa da *mididência*, para que se tornassem a principal fonte de informação com a intensão de fidelizar a atenção no canal. Como podemos conferir no trecho transcrito do vídeo sobre o evento institucional.

Eu acho que aprender pela internet tá sendo, hoje, um ponto de mudança de paradigma. Por muito tempo, a maioria dos estudantes achou, acreditou que a internet era só um pequeno complemento no final do estudo e hoje eles tão tendo a plena certeza de que nós podemos ser a principal fonte de informação e conteúdo (Professor entrevistado pelo canal, APÊNDICE I).

E, também, possibilitar um espaço para os produtores de conteúdo de qualidade depositar seu material educacional. Segundo eles, as vantagens eram inúmeras para ambos os lados tanto para o seguidor/aluno quanto para o produtor/professor. Para o seguidor/aluno teria a vantagem de poder acessar um conteúdo de qualidade sem precisar ir muito longe. Sendo assim, o *YouTube Edu* possibilitaria aprender de casa, bastando a vontade da *mididência* em querer procurar a informação. E, salientam, que para o produtor/professor, além de se tornar um repositório, o *YouTube Edu* possibilitaria levar linguagens diferentes para a sala de aula. Porém poucas vezes apresentam inovações, em geral mantem-se ao que é apresentado na

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=YdpWbofz8T0>

sala de aula numa aula expositiva, sustentada pela fala do professor e apoio de alguns recursos visuais e textuais, não saindo do modelo de transmissão de informação.

Durante a fala dos executivos da *Google* e da Fundação Lemann aparece que a missão do projeto seria produzir mais conteúdo para impactar mais alunos além dos já sensibilizados em sala de aula pelos professores tidos como referências nas suas áreas no Brasil. Os executivos do projeto fazem questão de reforçar a ideia de que as videoaulas selecionadas só passaram pela curadoria pois atenderam ao critério principal de seleção que era ter o conteúdo de qualidade, sem se preocupar com o formato. Mas essa fala se mostra contraditória inclusive por ter acontecido um encontro promovido para “capacitar” professores-*youtubers* em relação as boas práticas na produção de vídeos, relatado em forma de pequenos vídeos e publicados no canal, transcritos nos apêndices I, J e L. Esse encontro aconteceu na sede da *Google* São Paulo e reuniu alguns dos professores que tiveram seus vídeos selecionados para compor a plataforma *YouTube* Edu. Na ocasião alguns “especialistas” falaram sobre as melhores práticas para criação de conteúdo educacional no *YouTube*. Esses “especialistas” eram professores que também tinham conteúdos selecionados pela curadoria na plataforma e eram considerados excelentes na sua performance na produção de conteúdo. Além destes, profissionais de comunicação e marketing tiveram espaço de fala no evento. Foi um evento de formação entre pares com toques de aprimoramento profissional de marca. Demonstrando a preocupação quanto ao “apelo” dos vídeos, mas não foi referido nenhum tipo de comentário quanto a qualificação do conhecimento. Para as instituições organizadoras a aula é uma peça publicitária.

Durante a formação foram abordados assuntos tais como: roteiro, título do vídeo, descrição, *tags*, áudio, imagem, capas, entonação de voz, interação com o público, entre outros. Nos vídeos não aparece como cada item foi abordado, mas a título de exemplo, há uma fala retratada no vídeo que descreve como fazer o *call to action*, que é a forma de solicitar uma ação do seu público de uma maneira explícita, preferencialmente no começo do vídeo. O conhecido "Inscreva-se", “favorite”, “dê joinha” e “compartilhe nas redes sociais”.

O *call to action* é uma maneira de produzir em torno do canal educacional uma área de continuidade, ou seja, não seria apenas uma videoaula isolada e sim um curso, que se acompanhassem o canal poderiam cursar. Podemos afirmar que essa ação do *call to action* nasce no marketing e carrega a ideia de que os canais educacionais têm potencial para se transformar numa marca. Essas ações visam manter o canal do professor-*youtuber* com o maior engajamento possível.

Ainda nos vídeos os participantes do encontro afirmavam que os ensinamentos que foram passados estavam sendo encarados por eles como uma oportunidade única, pois entendiam que apenas uma pequena parcela de profissionais da educação estava participando daquele momento. Projetavam uma boa aceitação por parte do público do projeto e, segundo eles, planejavam ser, em breve, os multiplicadores daqueles conhecimentos para outros professores.

Outra importante orientação que emergiu dos vídeos foi que o conteúdo do canal tem que ter algum elemento que fale diretamente com a audiência. E nas falas os organizadores questionavam os autores sobre as suas interações com o público: “Você consegue interagir com o seu público? Você consegue criar um diálogo com ele? Fazer com que...como se fosse uma aula particular?” (Episódio 3 – Apêndice L).

A proposta neoliberal está bem clara nesse conjunto de afirmações que tem a intenção de transferir para o indivíduo o processo educacional, desenhando a aula como um produto, uma peça publicitária, e o professor uma marca, um empreendedor de si. Esse desenho ou concepção de aula como peça publicitária coloca o professor diante de um paradoxo, que é a tensão entre fidelizar ou engajar o aluno na plataforma e no canal, ou de estabelecer desequilíbrios ou brechas que colaborem para o processo educacional do aluno. Do ponto de vista tecnológico, esse paradoxo, de certa forma, evidencia uma relação conflituosa entre mediatização (o uso das mídias) e a mediatização, que se refere a mediação – um conceito que se desdobra e pode ser traduzido por signos comunicacionais de natureza múltipla. Os organizadores do canal ainda alertavam que a produção precisava ser consistente, ou seja, o canal tinha que ter alguns elementos que fossem recorrentes, para que quando o aluno acessasse soubesse a qual professor se referia, cultivando assim uma identidade de marca.

Ainda nas falas dos vídeos institucionais, os professores participantes do encontro afirmavam encarar as orientações passadas durante o evento como sendo uma oportunidade de conexão, tanto entre pares, quanto institucional. Que além de orientar sobre as produções futuras de modo a alcançar melhores resultados nas mídias – engajamento – serviu também como alinhamento. Percebemos que no compilado institucional sobre o evento, o grupo parecia se sentir pertencente a um objetivo maior, que foi resumido pela executiva do projeto da seguinte forma: “essa atividade era uma ação educacional que tinha como aposta a tecnologia, com fortes traços de inovação” (Apêndice L). E, conforme outro executivo do projeto, a ação tinha um objetivo maior que era, de certa forma, melhorar a educação no Brasil, através de estratégias que promovessem a democratização da educação de alta

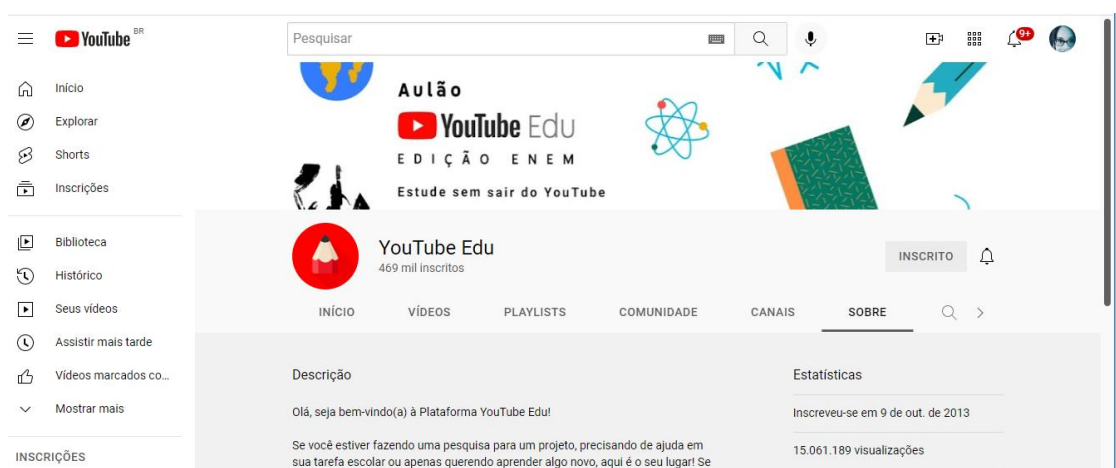
qualidade em território nacional. Neste sentido podemos concordar com a importância do papel do *YouTube* na questão da relativização da presencialidade do professor e do aluno. Mas devemos discordar sobre a ideia de inovação o simples uso da plataforma, pois apoiada na revisão de literatura, o uso do *YouTube* em si não garante inovação.

Essas linhas mestras influenciaram o trabalho posterior de boa parte dos professores produtores de conteúdo educacional que foi curado e depositado no *YouTube* Edu em forma de videoaulas. Esse constrangimento institucional emplacado pelos coordenadores do projeto é baseado nas métricas alcançadas por vídeos em relação aos desdobramentos impostos pelo algoritmo, que tende a atender o mercado dos negócios baseados na captura de atenção.

6.2 AS MÉTRICAS DA AMOSTRA DO YOUTUBE EDU

Isto posto, passamos a apresentar o conjunto de dados que compõem o corpus de análise desta tese – os 50 vídeos selecionados. Conforme descrito na metodologia realizamos a incursão na plataforma em maio de 2022 e assistimos os vídeos contidos no repositório. Primeiramente acessamos o ambiente *YouTube* Edu através do buscador do *Google*; já no ambiente identificamos a sessão “Início” do menu do *YouTube* Edu. Nesta sessão constam todos os vídeos que pertencem a plataforma com viés educacional. Todos organizados por série e identificados por disciplina. Abaixo tela inicial do canal *YouTube* Edu.

Figura 5 – Tela inicial do YouTube Edu



O *YouTube* Edu possui 92 canais afiliados formados por empresas, escolas ou professores-*youtubers* vinculados, com cerca de 95346 vídeos e 469 mil inscritos⁹. Os vídeos

⁹ Dados coletados em 23 de novembro de 2021

estão organizados conforme o ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio a que ele se destina. Tendo conteúdo curado para os três anos do Ensino Médio e para os quatro anos do Ensino Fundamental II. Devido ao número expressivo de vídeos, optamos pela metodologia definida por Minayo (2017) como saturação.

Dos 50 vídeos selecionados fizemos uma análise quantitativa em relação as métricas apresentadas pela amostragem, e o corpus da análise atingiu o somatório de 13,46 milhões de visualizações, tendo cerca de 881 mil *likes*, 10 mil *dislikes* e 18 mil comentários. Essas métricas demonstram a relevância quantitativa do alcance da amostra. Chegamos até esses números utilizando a técnica de “bola de neve” com apoio das especificidades do algoritmo da plataforma e limitamos a amostra a partir dos critérios da “saturação”. Desse total foram alcançadas pela amostra da área de Ciências Humanas 3.960.411 visualizações, 305.189 likes, 4.986 *dislikes* e 6.488 comentários. A amostra da área de Linguagens contabilizou 28,77% do total de visualizações, com 3.871.668 visualizações, 239.838 likes, 2.443 *dislikes* e 4.784 comentários. Seguido de 25,55% das visualizações para a amostra da área da Matemática, com 3.438.420 visualizações, 181 mil likes, 1331 *dislikes* e 4017 comentários. Na quarta posição estão as Ciências da Natureza com 15,77% de visualizações do total da amostra, perfazendo o montante de 2.121.943 visualizações, 147.583 likes, 1.375 dislikes e 2450 comentários. A área de Redação não pontuou no gráfico pizza, mas também foi representada com 66.679 visualizações, 7.400 likes, 48 *dislikes* e 155 comentários, assim como o EJA, que aparece com 459 visualizações, 20 likes, 2 *dislikes* e nenhum comentário, conforme podemos verificar na Figura 6 e Quadro 8.

Figura 6 – *Dashboard* com as análises de videoaulas por área de conhecimento



Fonte: elaborado pela autora (2021)

Quadro 8 – Totais de visualizações, comentários, likes e dislikes de acordo com o tipo de leitor ao qual se destina o vídeo

TOTAIS	Visualizações	Comentários	Likes	Dislikes	%
Contemplativo	4483440	5545	282385	2184	33%
Contemplativo/movente	1777826	1165	61000	771	13%
Movente	6321474	8413	452098	4856	46%
Movente e Imersivo	9729	22	313	7	0,07%
Imersivo	865091	2748	85036	2365	6%
Ubíquo	2020	1	198	2	0,001%
Total geral:	13459580	17894	881030	10185	98,07%

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Além da análise quantitativa que nos permitiu considerar que a amostra de vídeos que selecionamos era significativa em relação ao engajamento no canal, também realizamos uma primeira análise qualitativa em relação as estratégias narrativas das videoaulas. Os vídeos foram classificados conforme o tipo de leitor ao qual se destinavam. A partir de Santaella (2013), elaboramos um primeiro quadro de análise com quatro tipos de leitores, como podemos ver no Quadro 8 e relacionamos com os quantitativos em relação a sua visualização dos tipos de leitores a qual se destinam as estratégias narrativas somado na tabela acima.

A partir da análise das videoaulas, identificamos que as narrativas continham elementos que consideravam as características de leitores contemplativos, moventes e imersivos e timidamente o ubíquo, sendo que 59,7% das visualizações totais dos vídeos analisados tiveram estratégias compatíveis com as características para os leitores moventes, se considerarmos as suas manifestações puras e híbridas (Contemplativo/movente, movente e movente/imersivo) e 33% das visualizações totais dos vídeos analisados tiveram estratégias compatíveis com as características necessárias para atender o leitor contemplativo exclusivamente e 6% com estratégias compatíveis destinadas para leitor imersivo e apenas 0,001% foi classificado como ubíquo. Em números absolutos, foram 4,48 milhões de visualizações dos vídeos para leitor contemplativo, 1,7 milhões para vídeos com estratégias destinadas a contemplativo e movente e 6,3 milhões visualizações de vídeos para leitor movente. Também figuraram a categoria movente/imersivo com 9 mil e 865 mil visualizações para estratégias classificadas como somente imersivas e apenas 2 mil visualizações para o ubíquo.

Os vídeos cujas narrativas continham estratégias destinadas a leitores com tendências com características contemplativas e contemplativas/moventes angariaram cerca de 6.261.266

visualizações, totalizando 46% da amostra total, sendo que conquistaram cerca de likes 343.385 cerca de 38 % dos totais de likes da amostra e 2.955 dislikes, cerca de 29 % do total da amostra.

O agrupamento das estratégias que possuem tendências moventes, sendo que unimos as visualizações da categoria movente, movente/imersivo e contemplativo/movente (contabilizando-a novamente) e chegamos a 8.109.029 perfazendo o total de 60% da amostra tem tendências relacionadas a algum grau movente. Sendo que angariaram cerca de 513.411, totalizando 58% do total de likes. E contabilizando 5.634 dislikes, cerca de 55% do total da amostra. Quanto as estratégias com tendências imersivas, sendo elas apenas imersivas ou imersivas/moventes contabilizou-se cerca de 874.820 visualizações, fechando cerca de 0,6% da amostra geral, 0,9% dos likes e 0,23% dos dislikes. Para a categoria das estratégias ubíquas ficou registrado cerca de 2020 visualizações, registrando cerca de 0,001%, 198 likes contabilizando cerca de 0,002% e 2 dislikes, totalizando 0,001%

Em números absolutos há uma tendência significativa em relação ao engajamento a favor dos vídeos que possuam estratégias voltadas para leitores moventes (em relação a visualizações e likes), mesmo ainda tendo uma parcela significativa de estratégias voltadas para uma atenção mais plena de características contemplativas. É preciso registrar que as estratégias imersivas e ubíquas pouco registraram, pois pouco foram usadas.

Quadro 9 – Características dos suportes de leitura e seus leitores¹⁰

Tipo de Leitor	Características do suporte de leitura	Descrição
Contemplativo	Imagens estanques e livros	A leitura requer atenção plena, normalmente conseguida através do suporte escrito, pinturas, gravuras, mapas e partituras.
Movente	Livros, imagens estanques e em movimento (televisão/cinema)	Leitor interessado em novidades, de memória mais curta, preocupado com o transcorrer do tempo, apressado.
Imersivo	Livros, imagens estanques e em movimento e hipertextualidade	Multiletramento em suporte escrito, imagético, musical aproveitando-se da capacidade associativa da hipertextualidade. Sua atenção está sempre em prontidão.
Ubíquo	Livros, imagens estanques e em movimento, hipertextualidade e mobilidade – multipresencialidade	Mobilidade, multipresencialidade, apoiada na remixagem de elementos, na intertextualidade e na cultura da participação

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

¹⁰ Os Quadros se repetem em páginas diferentes. Repetimos a sua apresentação a fim de facilitar a leitura dos resultados apresentados.

A constatação mais importante que esses números nos indicam diz respeito a importância de ampliar a pesquisa nesse campo interdisciplinar que mescla a informática, a educação e a comunicação. A relevância que essa plataforma toma nas vidas cotidianas é inegável, e a Pandemia da Covid 19 mostrou o quanto a videoaula pode vir a se constituir como um importante recurso didático para a educação. Mesmo que não saibamos por quanto tempo o *YouTube* e as videoaulas vão seguir influenciando tantas pessoas, temos condições de extrair importantes insights, para nos fazer pensar em novas estratégias para a área de pesquisa em interfaces digitais na educação, arte e cognição, assim como para a Docência Online e para a cibercultura como um todo.

Ainda com relação às métricas do *Youtube*, analisamos os comentários públicos a partir do recorte da amostra geral dos 50 vídeos, selecionamos cinco vídeos para transcrevê-los, compatibilizarmos as falas com as estratégias e analisar os comentários em profundidade. Os resultados dessa análise demonstram que, mesmo que haja um volume significativo de comentários (o vídeo com maior incidência é o do Buenas Ideias, com Eduardo Bueno, que chega a contabilizar cerca de 2035 comentários) este espaço é pouco utilizado pelos professores-*youtubers* para prover interação, tirar dúvidas e trocas qualificadas entre professores e alunos/leitores. Apenas o vídeo do canal Terra Negra, dos 94 comentários, 42 foram de autoria do canal, em resposta aos 52 usuários que interagiram, mantendo a regularidade de responder aos comentários postados no vídeo em questão. Porém limitaram-se a agradecer a interação e convidar para se inscrever no canal, muitos em função dos comentários todos serem de agradecimentos e elogios pelo material. Os outros quatro canais (Parabólica, Buenas Ideias, Nerdologia e Aula De.com) não interagiram com a *mididência* por este meio possibilitado pelo *YouTube*, mesmo tendo comentários de usuários reincidentes.

Os comentários ficaram assim distribuídos: o do “Nerdologia” obteve 559 comentários sendo que estes foram provenientes de 256 usuários e destes 62 repetiram mensagem. O canal “Parabólica” obteve 294 comentários, sendo que foram provenientes de 249 usuários, e destes 21 usuários reincidiram na prática. O canal de “Aula De.com” foram 871 comentários, provenientes de 694 usuários, sendo 52 reincidiram e fizeram trocas entre si. O vídeo do “Buenas Ideias” obteve 2035 comentários, sendo que estes foram provenientes de 1524 usuários, sendo 209 reincidentes.

Portanto apenas 20% (Terra Negra) dos vídeos analisados tiveram interação com a *mididência* por parte do canal produtor. Nos outros há uma tendência de ocorrer interação entre

os próprios comentadores, mas seus conteúdos são tímidos em relação a compartilhamento de informações no que tange uma conversa argumentativa. Os comentários giram em torno de afirmações/negações sobre o mesmo tema, tornando a discussão limitada. Dos 344 usuários que reincidiram em comentários, apenas 26 tiveram trocas acima de 4 mensagens, demonstrando que o potencial deste recurso ainda é sub-utilizado, apontando para uma possibilidade viável de se investir.

De acordo com as entrevistas, com o Professor 1 e Professor 2, eles não alimentam outros meios de interação como grupos no *Facebook* ou *Whatsapp*, por exemplo. Tanto o Professor 1 quanto o Professor 2 comentaram na entrevista que a deficiência maior das videoaulas era a falta de interação, que promoveria a troca entre professor e aluno, possibilitando, assim, tirar dúvidas e fazer novos questionamentos. Essa relação mais dialógica e interativa possibilitaria ao professor avaliar o aluno no sentido de apontar pontos que podem ser melhorados na sua compreensão sobre o assunto e, principalmente, motivar o aluno a seguir em frente para obter uma aprendizagem mais significativa.

Esse comportamento ausente do professor nos comentários do *YouTube* se dá, segundo o Professor 1, pelo volume de comentários que chegam, afirmando serem de todo o Brasil, impossibilitando assim responder um a um. Conforme é possível ver no trecho a seguir:

“As videoaulas elas servem mais como revisão né, e é difícil, por exemplo, no início quando nós tínhamos um público muito pequeno, às vezes colocavam algum questionamento, a gente conseguia responder no *YouTube*. Até vou abrir um parênteses aqui, a gente já fez algumas aulas ao vivo, uns aulões, umas revisões antes do processo seletivo, mas que não é o caso agora que estamos falando, estamos falando das videoaulas que estão no *YouTube*, então assim, eu não consigo tirar dúvidas da galera, vem dúvidas de todo o Brasil, do interior de todas as cidades, até fora do Brasil também nos comentários aparece e tal, então assim, me parece que a vantagem de sala de aula é tu poder tirar dúvidas, e principalmente ter contato com o lado humano né, e isso não tem nas videoaulas, é uma tremenda desvantagem”
(Professor 1, Apêndice B)

Tal afirmação não se confirmou nos dados, há muitos comentários, mas a maioria gira em torno de agradecimentos, xingamentos, ironias, simulação de respostas as provocações feitas nos vídeos e incremento de informação em relação ao conteúdo do vídeo. O que podemos observar é que esta postura não interacionista do professor, também, se dá pelo comportamento do aluno de não levantar questões pertinentes ao tema, que observamos no recorte da amostra estudada em profundidade desta tese. Nem a quantidade de comentários, nem de likes e dislikes do vídeo alteram significativamente a média de perguntas deixadas para o canal, há apenas uma pequena tendência de aumentar os questionamentos nos vídeos

que abusam de estratégias que inovam no audiovisual, como os vídeos do canal Nerdologia e Buenas Ideias, mas que se dilui devido a quantidade elevada de comentários recebidos nestes vídeos em relação aos outros.

Esses dados nos fazem pensar que a falta de retorno para as perguntas feitas ao canal desmotiva a realização de novas perguntas, portanto a troca na comunicação efetiva não acontece, ela é falha. Segundo Freire para haver ensino há de ser ter aprendizagem, na relação entre ideias há uma troca entre discente e docente, onde revezam papéis o tempo todo, um aprendendo com o outro. Neste sentido encontramos mais indícios de traços de aprendizagem quando a audiência traz nos seus comentários com informações complementares, confirmando uma outra informação trazida pelo professor ou refutando essa informação, mesmo que apareça de forma menos frequente ainda que as perguntas, tornando-se assim insignificante para a amostra.

A falta de interação entre professor-aluno pode, também, ter motivação na própria característica da plataforma, que não priorizou, de forma estratégica, a falta de interação direta ajuda a dificultar essa troca (BURGUESS e GREEN, 2009). E, também, como relatado no trecho da entrevista com o Professor1 a videoaula é encarada pelo professor como apenas uma revisão de conteúdo. E não um espaço de interação, simulando a relação interativa que há no síncrono. A interação é muito importante no processo de ensino e aprendizagem, mas apresenta-se limitada na plataforma e como é encarada pelos professores e alunos, vide a tabela abaixo com a relação as métricas e o número de questionamentos de cada vídeo.

Tabela 2 – Número das perguntas e as respectivas métricas de cada canal

Autoria do Vídeo	Total de comentários	Total de perguntas	Likes	Dislikes
Terra Negra	93	0	528	7
Aula De	871	11	4400	541
Nerdologia	5559	23	23000	129
Parabólica	294	9	17000	230
Buenas Ideias	2035	24	61000	2200

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Nos comentários coletados observamos uma tendência deste recurso ser utilizado para agradecimentos, elogios e distratos. Uma espécie de avaliação escrita que revela o que os likes e dislikes confirmam. Como evidências desta tendência capturamos via Nvivo a frequência de palavras mais usadas nos vídeos, fazendo o corte de até 30 repetições,

excluindo palavras que não sejam conjunção e preposição. Sendo que o adjunto adverbial de intensidade “muito” foi a palavra mais repetida, foram 427 vezes, demonstrando o quanto os jovens necessitam expressar a intensidade dos sentimentos, na maioria das vezes, positivos em relação as videoaulas.

Podemos perceber que o vídeo 3 do “Terra Negra” o que sobressaiu foi a repetição das palavras proferidas pelo próprio canal, demonstrado pela repetição de 38 vezes as palavras “terra” e “negra”. No vídeo 9 “Aula De” sobressai palavras de elogios a aula do professor, tais como “melhor” foram 56 vezes, a palavra “bom” apareceu 52 vezes e a palavra “parabéns” foram 36 vezes. No vídeo 20 “Nerdologia” o conteúdo da aula foi discutido, tanto negando a veracidade da teoria da evolução, como confirmando. Neste caso as palavras que mais se repetiram foram “fósseis” 51 e “evolução” 47. Nos comentários do vídeo 40 do “Parabólica” o que mais apareceu foram os comentários referentes ao tema do “imperialismo”, foram 41 vezes, atenta-se a análise do conteúdo que esses comentários recorrentes foram perguntas, aparentemente, feitas pelo próprio canal, deixando pistas sobre o tema sem responde-las, apenas sugerindo reflexão, estratégia diferenciada dos demais.

No vídeo 46 do canal “Buenas Ideias” o que se sobressaiu foi a reação a irreverência do autor, a audiência ironiza ou se diverte com a sua fala em que pede que paguem ele para dar informações sobre o conteúdo, foram 220 repetições de “KKKK” (que significa risos na linguagem da internet). E também fazem comentários comentando o posicionamento do autor que, também, ironiza a participação do Brasil na Primeira Guerra, neste sentido foram 856 referências as palavras “Brasil” e “Guerra”, conforme podemos ver no quadro da relação das palavras mais repetidas nos comentários que consta no Apêndice X.

6.3 QUANTO AOS OBJETIVOS DAS VIDEOAULAS

A amostra geral dos cinquenta vídeos foi submetida por nós a uma análise imagética e foram destacadas as categorias selecionadas para compor a pesquisa. Na categoria em questão foram descritos os objetivos em relação ao conteúdo da disciplina. O conteúdo desta análise feita pelos pesquisadores utilizando as informações contidas nas videoaulas foi transferido para o software Nvivo que nos ajudou a fazer uma meta-análise¹¹ sobre as interpretações realizadas durante o processo investigativo. Neste processo identificou-se que das 211

¹¹ Trata-se de uma meta-análise pois foi uma análise das análises e categorizações efetuadas pelos pesquisadores sobre as videoaulas.

palavras resultantes das análises, 12% delas remetiam à explicação de qual era o objetivo da videoaula, ou seja, de frequência 27 palavras remetiam a esta a ideia central da categoria (objetivo OR informação OR passar OR explicar). Observamos que os objetivos dos vídeos eram diversos, cada um versando sobre um tema referente uma disciplina, apresentando dificuldade para o software contabilizar alguma recorrência. Por isso agrupamos os vídeos conforme sua disciplina, a quantidade que se apresentou e citamos os temas abordados para estabelecermos uma ranqueamento das áreas e temas abordados na amostra geral.

A disciplina que mais contribuiu com vídeos para esta amostra foi história com 16 videoaulas, sendo que as temáticas que mais se repetiram foram o imperialismo, a primeira e a segunda guerra mundial, o Egito e o colonialismo. Na revisão de literatura identificamos que a disciplina de história já vinha sendo mencionada nas pesquisas envolvendo o *YouTube* e educação. Foi tema de pesquisa dos autores Kamigouchi e Borges (2017), assim como Bispo e Barros (2016), Neto e Sá (2019), Souza *et al* (2019), Queiroga e Dulci (2019) e Oliveira (2016).

A segunda disciplina que mais contribuiu com vídeos para amostra foi a de biologia, com oito vídeos. Chamou a atenção a preocupação dos professores de biologia de contemplar a diversidade de estratégias narrativas, conforme quadro a ser apresentado no tópico 6.3, lançando mão de vídeos ambientados em externas, em ambiente interno customizado e com riqueza de elementos gráficos. Esse dado vai ao encontro do que a dissertação “Plataforma *YouTube* como ferramenta para o ensino de biologia” (BRITO SILVA, 2019) já apontava na revisão de literatura: a plataforma é um recurso promissor para desenvolver o trabalho da disciplina devido as suas possibilidades multimídias. Dentre os temas trabalhados estão os conteúdos de ecologia, Ecossistema, genética, genótipo e fenótipo, taxonomia, Lei de Mendel, fósseis e fotossíntese.

A terceira disciplina que mais contribuiu para a amostra foi a de literatura, com cinco vídeos na amostra, sendo que dentre os trabalhos realizados estão os temas do romantismo e da vanguarda. As narrativas apostaram no discurso do professor, com alguns elementos textuais de apoio ou apresentações em Power Point para conduzir a fala, a exceção foi a utilização de uma música em formato de paródia.

A quarta posição foi ocupada pela disciplina de geografia, com quatro vídeos que versam sobre temas da atualidade e acidentes geográficos. Lançaram mão de recursos de imagens captadas em ambientes externos para enriquecer o contingente de informação do

aluno, chegando a gravar episódios *in loco*. Os autores trabalharam temas como divisão do trabalho, globalização, transportes, movimentos e arenização.

Em quinto lugar vêm a Física, a Matemática, o Português e o Inglês com três vídeos cada uma. Cada disciplina se apresentou de uma maneira típica, enquanto a matemática, assim como a física, focou na resolução de questões. Português fez vídeos que apresentavam como estratégia utilizar texto a partir da fala do professor, poucas imagens, trabalhando temas como, por exemplo, a poesia. Já Inglês inovou na produção, fazendo videoaulas ambientadas em cenários verídicos, contextualizando conforme a temática que estavam trabalhando, na sua grande maioria trabalhavam vocabulário e gramática, tais como *contractions* e palavras utilizadas nos aeroportos.

Em sexto lugar aparece a Sociologia com dois vídeos apenas, trabalhando o Apartheid e a Modernidade. Esta matéria, assim como filosofia que figura em sétimo lugar com um vídeo trabalhando ética, abordaram temas próprios da área de humanidades, centrando no discurso do professor e no suporte textual. Junto ao sétimo lugar com um vídeo estão Química e Redação. Química utilizou o recurso da resolução de questões e Redação baseou-se na fala do autor para transmitir sua mensagem com dicas dadas para serem utilizadas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Abaixo constam a relação quantificada dos vídeos por disciplina e os temas que mais apareceram conforme a disciplina.

Quadro 10 – Relação de número de vídeos por disciplina e seus temas abordados

Disciplina	Número de vídeos	Temas abordados
História	16	Imperialismo, primeira e segunda guerra mundial, Egito e colonialismo
Biologia	8	Ecologia, Ecossistema, genética, genótipo e fenótipo, taxonomia, Lei de Mendel, fósseis e fotossíntese.
Literatura	5	Romantismo e da vanguarda
Geografia	4	Divisão do trabalho, globalização, transportes, movimentos e arenização
Física, matemática, português e inglês	3	Resoluções de questões de conteúdo pertinente aos anos. Poesia, vocabulário e gramática, tais como <i>contractions</i> e palavras utilizadas nos aeroportos
Sociologia	2	Apartheid e a Modernidade
Filosofia, redação	1	Ética e temas da atualidade
TOTAL	50	

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

6.4 QUANTO À INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA

Para falarmos sobre a intencionalidade pedagógica identificadas nas videoaulas, adotamos os modelos propostos por Becker (2015) ao discutir a epistemologia dos professores. O fato desse autor não constar quando tratamos do referencial teórico é porque o tema da intencionalidade pedagógica não é central para a discussão que estamos propondo, além do tema exigir um desenho de pesquisa que não pode prescindir das entrevistas em profundidade. Trata-se de um tópico muito particular da docência que envolve aspectos formativos e da própria experiência docente. Por se tratar de análises das videoaulas podemos apenas inferir alguns elementos diante dos dados acessados. Neste mesmo sentido a epistemologia dos professores não se revela de forma direta e objetiva, tornando-se necessário fazer relações entre as características das videoaulas e os arranjos pedagógicos propostos para atender os objetivos da aula. Isto posto, produzimos uma caracterização mais geral sobre essa intencionalidade pedagógica no sentido de buscar elementos que identificassem a epistemologia dos professores-*youtubers* e, num segundo momento, relacionamos com as informações obtidas nas entrevistas.

Portanto, diante dos dados extraídos dos vídeos e a impossibilidade de entrevistar a totalidade dos professores autores dos vídeos da amostra, podemos apenas supor a intencionalidade constatada nas videoaulas. De acordo com o formato mais ou menos expositivo da totalidade da amostra de videoaulas, buscamos identificá-las como mais ou menos próximas de uma pedagogia **diretiva**¹². Embora os professores tenham em suas narrativas incluído questionamentos e provocações aos alunos, poucos professor-*youtubers* estabeleceram um diálogo com a “*mediência*”. Essa constatação é percebida pela descrição das estratégias utilizadas na amostra de 50 vídeos. Há algumas tentativas de melhorar o engajamento, com falas direcionadas aos possíveis midientes, mas não há uma interação estabelecida entre os atores, podemos comprovar devido a análise nos comentários extraídos da amostra analisada em profundidade com cinco vídeos. Como veremos nas seções a seguir

¹² Na pedagogia diretiva há uma incidência maior do professor em relação ao aluno. O professor exige comportamentos esperados do aluno enquanto ele transmite as informações que ele julga serem necessárias, o professor fala e o aluno escuta, o professor “ensina” e o aluno “aprende”. Há uma aposta na transmissão de informação de informação pelo professor que é recebida pelo aluno de forma passiva e empirista, revelando a característica de reprodução.

os próprios professores-*youtubers* entrevistados (Professor 1 e Professor 2) reconhecem que nas videoaulas fica prejudicada a construção de conhecimento, possibilitado com outras estratégias pedagógicas, como as estabelecidas em ambiente presencial.

Na fala do Professor 2 podemos perceber que sua formação contempla autores que priorizam a interação, a dialogicidade, mas ele enfatiza que a utilização dessa potencialidade pedagógica fica para momentos de trocas em atividades presenciais ou que indique claramente qual objetivo deve ser perseguido, capaz de auxiliar na construção de habilidades e competências. As estratégias docentes utilizadas nas videoaulas são totalmente diferentes das estratégias utilizadas nas aulas presenciais, conforme revela o extrato abaixo:

“Agora quando eu gravei aquelas aulas para a Somos Educação, a Somos falou ‘não, você precisa trabalhar este assunto, pensando este assunto com esta habilidade’, então aí você tem uma intencionalidade porque existe uma demanda da editora que você faça determinada coisa. Até mesmo quando eu participei do projeto aqui com o governo do estado de São Paulo, gravando aulas por causa da pandemia, que a gente deu umas aulas ao vivo, umas aula gravadas e tal, eles tinham uma certa expectativa de que você cumprisse alguma habilidade, porque o currículo vem... já o novo currículo do fundamental II, ele já fala de nichos temáticos, habilidades e tal. Mas quando você joga isso [18:59] é muito mais difícil, porque habilidades e competências, na minha concepção, demanda um pouco mais de interação né, então de você apresentar um documento pro aluno, apontar questões ali, trazendo o olhar que o aluno tem para aquele documento, você apresenta um outro documento, aí você convida o aluno a comparar as duas coisas. Então, eu fazer isso no vídeo sem interação se mostra uma tarefa muito ingrata, porque no máximo o que eu posso fazer é dizer ‘olha, pra comparar a gente faz assim’ e depois eu fazer a comparação, porque de toda forma não é o aluno que está fazendo a comparação, não é o aluno que está produzindo conhecimento, eu que estou fazendo a comparação, eu que estou cumprindo aquela habilidade ou aquela competência. Então, ao fim se torna uma aula expositiva de conteúdo e não uma aula mais dialógica né, pra pegar o termo do Bakhtin.” (PROFESSOR 2, Apêndice C).

Em relação a esse mesmo aspecto, o Professor 1 também revela que a sua formação possui autores com bases interacionistas, e traz Paulo Freire para demarcar a diferença que existe entre uma aula presencial e uma aula ministrada através de vídeo. Esta formação auxilia na construção da sua narrativa permeada por falas que buscam envolver a “*mediência*” e desconstrair o vídeo, mas não chega a estabelecer relações de desafios e trocas entre/com os estudantes. Enfatiza que uma aula presencial é diferente de uma videoaula, para ele as diferenças se estabelecem da seguinte maneira:

“(...) bom, assim, videoaula e aula tradicional ou presencial tem uma enorme diferença, assim, a gente pode passar... tu usaste os termos vantagens e desvantagens, então eu vou seguir esse caminho, é que assim, na aula presencial tu tem o contato né, a relação humana ali né, aquela ideia do Paulo Freire que é a troca

né, tu ensina aprendendo e aprende ensinando, então ali eles podem, eles e elas tirarem as suas dúvidas, tem o olho no olho, tu percebe quando o aluno está aprendendo né, está desenvolvendo ali o raciocínio, aqueles olhares que estão com dificuldades, e até mesmo assim uma briguinha de sala de aula né, ‘larga esse celular aí, presta atenção aqui’, eu tenho uma relação com os meus alunos e alunas bem legal, bem aberta, bem tranquila nesse sentido. Um pouco dessa condição de professor muito sério né, e que segue criteriosamente as regras, não faz muito o meu jeito, eu sou um pouco descontraído, brincalhão em sala de aula também, assim como aparece um pouquinho nas videoaulas. Então, eu acho que isso auxilia bastante ali no contato com os alunos e as alunas. As videoaulas elas servem mais como revisão né, e é difícil, por exemplo, no início quando nós tínhamos um público muito pequeno, às vezes colocavam algum questionamento, a gente conseguia responder no *YouTube*. Até vou abrir um parêntese aqui, a gente já fez algumas aulas ao vivo, uns aulões, umas revisões antes do processo seletivo, mas que não é o caso agora que estamos falando, estamos falando das videoaulas que estão no *YouTube*, então assim, eu não consigo tirar dúvidas da galera, vem dúvidas de todo o Brasil, do interior de todas as cidades, até fora do Brasil também nos comentários aparece e tal, então assim, me parece que a vantagem de sala de aula é tu poder tirar dúvidas, e principalmente ter contato com o lado humano né, e isso não tem nas videoaulas, é uma tremenda desvantagem, o aluno e aluna ali vão aprender, vão ensinar, vão revisar o que tu falares ali e é isso né, se tiver alguma dúvida aí vai partir deles e delas de irem atrás, fazer uma pesquisa, a videoaula é uma base de estudo né, uma revisão, então seria mais ou menos isso. Eu gosto de gravar, atualmente por causa da pandemia a gente tem aulas *online* né, mas eu não acredito que esse método seja... ele é funcional, ele traz alguns bons resultados sim, com certeza, é uma forma de auxiliar, mas é um método que não... ele não tem como se comparar à aula presencial né. Tu usaste aqui no questionamento tradicional, eu coloquei como presencial. Então, seriam essas as vantagens e desvantagens, é claro que a gente pode, numa questão de uma organização maior assim, um curso bem organizado, daqui a pouco ter momentos de tirar dúvidas, encontros virtuais ao vivo e tal, mas é uma situação que o “Aula De” não teve nesses anos de gravação. Eventualmente uma ou outra ao vivo a gente conseguiu fazer, tá?” (PROFESSOR 1, apêndice B).

É importante pontuar que a intencionalidade pedagógica é uma ação consciente do docente, tendo sido planejada e executada para ocorrer dentro de set pedagógico, seja ele numa sala de aula presencial ou em uma atividade *online*, ou seja, qualquer cenário que possibilite o processo de ensino e de aprendizagem, que consiga estabelecer uma relação dita pedagógica. Portanto a intencionalidade pedagógica transcende a mera transmissão de conhecimentos, de conteúdo. Requer uma postura do docente capaz de orientar o processo de aprender. Necessita estabelecer estratégias que propiciem a interação entre quem desenvolve os papéis de aprendiz e de ensinante.

O que podemos afirmar é que a intencionalidade pedagógica se organiza a partir da epistemologia do professor e se evidencia a partir dos arranjos didáticos selecionados para trabalhar cada ponto do currículo, que podem ser de formas variadas como a audiovisualidade, um seminário, um jogral, um debate, ou até mesmo mesclando essas diversas formas.

6.5 QUANTO AS ESTRATÉGIAS NARRATIVAS

Realizamos uma análise dos signos comunicacionais que compuseram as principais estratégias narrativas, e encontramos uma diversidade deles nas 50 videoaulas analisadas. Das que se destacaram algumas estratégias diferentes que congregam imagens, texto e som que tem o intuito de informar a sua *mediência* quanto ao conteúdo da disciplina em questão, conforme podemos acompanhar no Quadro 11.

Quadro 11 – Relação de estratégia narrativa e sua reincidência

Estratégias narrativas frequentemente utilizadas	Reincidência
Mapas mentais	2
Obras de arte	2
Simulação de Interação do professor com o público	2
Exemplo de artistas renomados	2
Saídas a campo	2
Comparações entre movimentos históricos/literários/filosóficos	2
Convida a assistir outros vídeos do canal	2
Memes/charges	2
Relaciona com notícias atuais	3
Imagens de personagens pop	4
Apresentação de slides	4
Contextualização do tema	4
Linha do tempo	6
Provocações iniciais sobre o que vai ser tratado	7
Uso de esquema em quadro/lousa	10
Uso de questões	12

Estratégias narrativas frequentemente utilizadas	Reincidência
Mapa geográfico	12
Elementos sonoros	10
Desenhos explicando a matéria	15
Animação	15
Referência a livros	22
Suporte imagético	41
Cenas de séries/filmes	48
Suporte textual	198

Fonte: elaborado pela autora (2021)

A partir de uma descrição feita por nós com base na análise dos signos comunicacionais (visuais, textuais e sonoros) da amostra geral, em que destacamos o tipo de estratégia narrativa e a descrição de cada ação do professor. Para tratar esses dados contamos com ajuda do software NVivo que, de um total de 1759, contabilizou 596 palavras (34%) que se referiam ao conjunto de signos relacionados com recursos visuais (imagem OR visual OR imagens OR filmes OR filme OR visuais).

Portanto a afirmação de Santaella (2021) que há vários tipos de imagens mentais, perceptivas, oníricas, verbais e, certamente, imagens representadas, que são as que encontramos de costume nas mídias de massa e digitais é um reforço para compreendermos que as videoaulas possui a potência de dialogar tanto com o leitor contemporâneo (movente, imersivo e ubíquo) quanto com o contemplativo, uma vez que é o leitor que controla o ritmo apressado ou devagar da leitura da videoaula, utilizando os comandos de *play* e *pause*, por exemplo.

É importante que salientemos que as imagens tomam corpo a partir de um suporte, que pode ser desenhos, pinturas, gravuras e imagens estáticas, bidimensionais. No cinema e na televisão elas adquirem movimento, e nas mídias sociais ganham mobilidade. Nos vídeos analisados, 81% das ilustrações imagéticas eram de figuras estáticas, sem o movimento típico do engendramento audiovisual e da mobilidade do digital. Portanto, ao não colocarem em

movimento imagem, texto e som deixam de articular uma outra dimensão espaço-temporal, grande potencialidade do recurso audiovisual.

Segundo Santaella (2021) podemos pensar que os quatro tipos de leitores (contemplativo, movente, imersivo e ubíquo) assumem posições subjetivas que operam formas distintas de leitura das imagens com base nos diferentes suportes para a aprendizagem. Trata-se, portanto, de uma alfabetização semiótica, que envolve tudo o que está ao seu redor e que lhe constitui. Desde o leitor movente, com o advento da televisão e do cinema, passou-se a priorizar as imagens audiovisuais como estratégia de captura de atenção do expectador. Neste sentido concordamos com a autora que, como semioticista, vê relações importantes entre as possibilidades comunicacionais, dando potência ao conduzir das relações através de hipertextualidades.

Para Santaella o advento do domínio da imagem se deu graças aos avanços tecnológicos que se tem apoiado na visão para explorar novos horizontes – o século XX foi o do triunfo da “tecnovisão”. No século XXI viu-se triunfar um certo tipo de leitura tátil, feito pelas pontas dos dedos, descrito por Michel Serres como uma nova forma de se comunicar. Podemos inferir então que a leitura de imagens no sentido semiótico é algo que simula uma conversa tradicional e que o conjunto de informações recebidos e capturados pelo leitor vai depender também da capacidade do emissor de mixar e “bricolar” mais e mais informações para que a comunicação aconteça de forma ubíqua, no sentido de atender os novos sentidos de presencialidade.

Também podemos inferir que as imagens num vídeo podem se apresentar de duas formas: assemelhando-se a televisão e cinema, mantendo a sua estrutura constitutiva com roteiro, gravação e edição, ou pode ser um dispositivo, isso quer dizer que um vídeo pode ser um evento, uma instalação, uma cenografia de telas e objetos que instiga novas relações no expectador, e que podem ser ao mesmo tempo perceptivas, físicas e ativas (SANTAELLA, 2013). As imagens são recursos lançados pelos autores para suscitar estes tipos de percepção que auxilia no processo de capturar os sentidos do mundo. Mas é importante identificar que as possibilidades são infinitas, e que ao colocar um vídeo na rede o professor tem virtualmente a possibilidade de carrega-lo de informações relevantes que atendam a sua intencionalidade pedagógica e não somente a intencionalidade algorítmica do *YouTube*.

As imagens que constam nas videoaulas são de origens diversas, são imagens-movimento e imagens-estranques, muito mais alinhadas a uma percepção de um leitor contemporâneo. Analogamente ao que ocorreu no campo das artes podemos dizer que não

estamos num momento de oposição entre a fotografia/imagens estanques e o cinema/imagens-movimento. O que vemos é uma apropriação mesclada dessas possibilidades. Nas videoaulas analisadas, os professores-*youtubers* usam de recursos diversos, e mesmo quando utilizam imagens-estanques, são estes recursos que apoiam a fala do professor. Essa não oposição nos ajuda a compreender que essa mescla forma um conjunto de análise que é da ordem do móvel-imóvel ou do lento-acelerado. Segundo Philippe Dubois (2012) essa relação se dá, pois:

Adquirimos o hábito de opor, de maneira maniqueísta o mundo da imagem fixa ao mundo da imagem em movimento, como se fosse uma divisão estabelecida e estabilizada. Nos anos 1970-80, as coisas pareciam claras: de um lado, Barthes impunha o conceito de *punctum*, enquanto, de outro, a filosofia bergso-deleuziana do cinema impunha os conceitos de “imagem-movimento/imagem-tempo”. Como se uma visão e outra não pudessem existir a não ser dentro de uma relação de recíproca exclusão. Nos anos 1990-2000, os regimes temporais da imagem se fizeram consideravelmente elásticos, tornando cada vez mais obsoletas e indiscerníveis as velhas divisões. Essa é, sem dúvida, uma das características mais importantes dos modos contemporâneos da imagem. Já não estamos mais no jogo “da foto contra o cine”. Estamos mais além, sempre entre os dois. Estamos, por exemplo, no móvel-imóvel ou no lento-acelerado (SANTAELLA, 2013, p.150).

No conjunto das observações dos casos coletados para esta análise percebemos a utilização de vários tipos de imagens. Reforçando ainda mais a ideia de que o uso, por exemplo, de imagens estanques não necessariamente se dirige a um leitor contemplativo, mas sim a um leitor movente - móvel-imóvel e lento-acelerado. Indicando que há uma tendência importante de relativizar o nível de atenção deste leitor que é contemporâneo. A videoaula coloca a comunicação num espaço-tempo constrangido por natureza (não podem ter longa duração), mas é a posição subjetiva do leitor que controla o ritmo em que ela se passa na tela - *pause, play, stop, forward, rewing*. Podendo estar parado na frente do computador, mas, também, estar no ônibus em deslocamento. As condições da leitura podem ser mais ou menos favoráveis a uma posição contemplativa, mas me parece que a videoaula no *Youtube* já estabelece a priori que o leitor não está numa posição favorável à contemplação. Podemos perceber isso no Apêndice R, em vários vídeos, que num intervalo de 5 min diversas estratégias narrativas são utilizadas, forçando o leitor trocar de posição subjetiva várias vezes. A tendência, nos parece, é quase sempre no sentido de não deixar as coisas "monótonas", inclusive por utilizarem vários paradigmas da imagem.

Podemos dizer que as videoaulas se valeram de três paradigmas da imagem: o **pré-fotográfico** que inclui todos os tipos de imagens artesanais, desenho, pintura, gravura etc. Temos também o **fotográfico** que são imagens capturadas do mundo. E as imagens do **pós-**

fotográfico que são as imagens sintéticas ou infográficas, imagens numéricas que são inteiramente calculadas por algoritmos (SANTAELLA, 2013).

O conjunto de dados demonstrou há uma tendência de utilização de imagens, foram 30 no total, do contexto pré-fotográfico e fotográfico, sendo que destes tiveram 15 vídeos que usufruíram das imagens, gravuras, e formas mais fechadas típicas do contexto pré-fotográfico e outros 15 vídeos que utilizaram imagens capturadas do mundo visível. Apenas cinco vídeos utilizaram imagens de hologramas e computacionais, típicas do contexto pós-fotográfico. E outros 15 vídeos não utilizaram o recurso de imagens nas suas produções, optando em focar na figura do professor ou em texto apenas, nos apontando a opção feita pelo professor-*youtuber* por estratégias mais direcionadas a um leitor de uma atenção plena, contemplativo.

Podemos inferir que no conjunto de dados há uma hibridização de paradigmas, sendo que a arte convencional e a digital são levemente tangenciadas em alguns deles (FLUSSER, 2002; FERNANDES, 2006; SANTAELLA, 2013). Talvez, essa característica se dê muito em função da falta de capacitação técnica e tempo por parte dos professores para realizar tais arranjos, optando assim por formas mais corriqueiras de ilustração, o que seria um segundo constrangimento que os professores sofreriam, o de não saber fazer. O primeiro constrangimento sofrido pelo professor é a necessidade de ser o mais breve possível para “transmitir” o maior número de informações num espaço curto de tempo, pois vem se convencendo que uma videoaula deve ser breve. Tendência essa reforçada pelas modernas plataformas de micro-vídeos que hipnotizam a audiência com informação, muitas vezes irrelevante, em cerca de segundos.

Podemos dizer que as imagens também auxiliam no processo de aprendizagem, mas tem suas limitações diante do complexo arranjo imagético da contemporaneidade, que apresenta uma miríade de possibilidades. Essa hipótese poderia ser investigada para obter um maior aprofundamento de compreensão desta questão, sendo que para este estudo não foi possível contemplá-la devido ao tempo que a pesquisadora teve para concluir o trabalho, deixando, assim, para um momento posterior, para trabalhos futuros.

A popularização do uso de vídeos na educação não é tão recente, mas ela se intensificou com criação do *YouTube*, a partir de 2005, quando passou a ser possível o upload de vídeos, guardá-los e compartilhá-los de forma gratuita e sem limite de tamanho. Portanto, são menos de duas décadas realizando experiências nessa área. Porém a grande maioria das experiências repetem muito o que já acontece em sala de aula, nas aulas expositivas, com poucas intervenções hipertextuais, e ainda com a possibilidade de interação diminuída entre

pares e entre aluno/a professor/a. Neste sentido, durante a pandemia houve algumas experimentações em vídeo, mas eles eram de certa forma emergenciais, pouco elaborados. Mas, neste caso, as produções mantiveram-se no formato aula expositiva, com suporte imagético mais característico do paradigma pré-fotográfico e fotográfico, portanto não houve um salto significativo no formato, apenas na intensidade de uso da ferramenta, conforme relata o Professor 2 no trecho a seguir.

A produção de conteúdo, em função da pandemia, aumentou muito o número de produtores, muito, muito, muito assim, descontroladamente, o que é muito positivo né, a gente produzir conteúdo de educação, usar as plataformas todas digitais pra conteúdo de educação, o que é ótimo. Não tive um crescimento, muito por causa disso eu acho, significativo não teve um boom, mesmo tendo participado do projeto do governo do estado de São Paulo, mesmo tendo participado dessa atividade com essas professoras lá do Ceará, não senti um boom de falar ‘nossa, mas cresceu muito’, cresceu muito a quantidade de horas assistidas, mas cresceram muitos produtores né. (PROFESSOR 2 – Apêndice C)

O que podemos compreender que mesmo com o ecletismo dos formatos dos vídeos apresentados na plataforma, eles não romperam com um formato transmissivo. O que Youngblood (1970) já definia como importante no livro “Cinema expandido”, para ele essa arte teria três aspectos a serem contemplados: a necessidade de amalgamar todas as formas de arte, explorar mais as tecnologias eletrônicas e romper as barreiras entre o artista e a audiência. De certa forma o conjunto analisado tangenciou esses aspectos de forma bem sutil. Deixando ainda muito espaço para mais aprofundamento destas características em potência.

Neste sentido da potência é preciso delinear o que seriam videoaulas que atendessem o leitor contemporâneo, já que uma videoaula hoje como está posta e veiculada no *YouTube* tem contornos duplos, ou seja, ela “é e não é, ao mesmo tempo” uma aula, analogamente ao modo como Alan Badiou (2004) definiu o cinema em relação a arte. Mas então o que seria essa outra coisa que está em virtualidade na videoaula? Uma videoaula tem a virtualidade de se transformar em algo mais potente tomando como inspiração os moldes que Hélio Oiticica e Neville de Almeida (1973) denominou de “quase-cinema”, que eram espaços sensoriais, experimentações transcinematográficas que propõem a recusa ao objeto acabado e novas relações espaço-temporais, convidando à participação sensório-cognitiva. Trazendo esse conceito para a questão das videoaulas poderíamos dizer que essas aulas têm o potencial para se transformar em aulas com um formato artístico-educacional, que poderíamos denominar de “Quase-aulas”, que romperia o espaço-tempo de uma videoaula, borrando as fronteiras da

tela, tornando-a mais pervasiva nos seus limites e possibilitando outras presencialidades, outros tempos.

Para situar tal movimento artístico é importante identificá-lo quanto ao seu conceito. Para isso precisamos expor o que era a proposta de uma Arte Concreta, ela manifesta-se no predomínio da objetividade sobre a subjetividade do artista: formas geométricas e cores lisas e puras, sendo cor e fundo à serviço das formas planas, seriadas, contra qualquer ilusão de profundidade, rompendo assim, com o primeiro paradigma estético ocidental 'Arte como Representação da Natureza'.

Em contraponto abre-se uma fenda entre os movimentos de uma Arte Concreta e Neoconcreta, pois fundamentam-se em concepções teóricas dicotômicas: o Concretismo trabalhará dentro de uma perspectiva teórica relativa à percepção gestáltica, à Teoria da Forma. A Gestaltheorie, evitando o dualismo mente-corpo, produz sua correspondência pelo isomorfismo, ou seja, pela equivalência estrutural entre o fisiológico e o psíquico, promovendo uma inadequada redução de campo ao desconsiderar as instâncias inconscientes profundas. A arte Concreta rejeitando a representação e a expressão, manipula formas atribuindo-lhes um sentido puramente ótico, que se pretende pré-fixado, com um sentido que seria dado pronto ao olhar do público, em detrimento das suas próprias possibilidades e atribuições simbólicas. Ou seja, o mundo seria dado pronto para o ser, seria um dado prévio, cujas formas ordenadas e constantes convergem para uma unidade perceptiva harmônica que, ao fechar-se, não permite atualizações de significado da ordem da subjetividade do sujeito e, portanto, não há elaboração de novas significações.

O Neoconcreto, por sua vez, produzirá uma superação do apriorismo perceptivo da Gestaltheorie e do espaço de matriz cartesiana, integrando espaço-tempo-corpo. Nesta poética o 'outro' é um corpo pensante. É matéria que a um só tempo se faz afeto e reflexão, encontrando correspondência na Fenomenologia da Percepção, de Merleau-Ponty. Nos remetendo a importante relação de dialogicidade entre o professor aluno, num movimento mais de construção do conhecimento, nesta abertura ao "outro", em que o objeto-método-sujeito mantém interação. Essa ruptura de pensamento coloca alguns artistas na vanguarda do movimento, talvez os mais conhecidos sejam Lygia Clark e Hélio Oiticica. Suas trajetórias são bastante complexas, mas ambos apostam na ruptura com o 'quadro' e com 'a parede', ou seja, tiram o quadro da parede e colocam em contraponto o suporte e a tradicional posição frontal do público frente à obra, com os materiais tradicionais e com o próprio conceito de

‘arte’, até alcançarem, em ambos, a efetiva participação do público através das provocações dos 5 sentidos corporais.

Neste sentido lembramos aqui uma das importantes obras de Lygia Clark, as Proposições Vivenciais, que visava a vivência de ‘um momento-arte’, e não de ‘obras de arte’. Portanto, o que vimos propor é que as videoaulas não sejam “obras de arte”, mas sim “um momento-arte” que possa haver uma troca entre esse corpo que é metafórico, e aqui assume a condição corporificada do corpo docente em relação ao objeto/videoaula – tempo – sujeito/aluno.

Outra característica que a “Quase-aula” pode apresentar, além do borrar das fronteiras da tela - possibilitando o *fleuner* na rede - e da vocação a interação - através da troca de signos - é a capacidade de invenção potencializada pela possibilidade de criar algo totalmente novo ou de dar outro significado a algo já elaborado, propondo uma resistência inventiva. Esse ato inventivo seria possibilitado pela alternativa de apoiar-se no H5P para criar uma camada que rode em cima do vídeo original, alterando ou qualificando o significado inicial e fugindo da trama previamente elaborada pelas plataformas.

Essa ideia faz lembrar o conceito da peça têxtil intitulada “Azul”, exposta na oficina do Santander Cultural e na galeria de arte Studio Jardim, ambos de Porto Alegre, junto a exposição do Coletivo Tramando Arte, em 2016 e 2018, de autoria desta aspirante a artista têxtil e pesquisadora. A obra consiste na aplicação de um bordado desconstruído sobre uma saia de armação de prenda infantil, esse bordado teceu uma nova rede de significações elaboradas com contas, linhas e correntes de crochê dando um outro significado ao suporte e alterando-a da condição de utilidade de uma peça da endumentária gaúcha para uma peça que nos faz pensar sobre as questões do feminino, do afeto e da arte, mas numa posição de resistência ao conservadorismo do tradicionalismo gaúcho.

Permitindo que, ao refletir sobre essas questões, emerja um outro regime de atenção que ao desequilibrar-se diante da peça - inicialmente utilitária - precisar fazer um esforço cognitivo de reequilibrar-se novamente, mas agora ressurgindo com outra compreensão, ampliando, assim, a sua aspiral de conhecimento. Portanto ao acrescentar uma camada extra de intervenções autorais nas “Quase-aulas”, as videoaulas previamente elaboradas, transformam-se numa nova narrativa que possibilita outras interações com a obra, pois assim como “Azul” o aspecto utilitarista da obra é rompido e se dá outro sentido ela, muito mais experiencial e desafiador cognitivamente, que se apóia no regime de atenção do

reconhecimento atento. Assim como podemos ver do resultado na representação fotográfica abaixo:

Figura 7 - Peça de arte têxtil autoral, em exposição “Tramando Arte” na galeria Studio Jardim em Porto Alegre



Fonte: Peça têxtil “Azul” autoria da pesquisadora (2016)

Essas características da multipresencialidade, da interatividade e da resistência inventiva, não constam nos casos acompanhados dos professores-*youtubers*, que tem suas criações no *YouTube Edu*, os vídeos analisados pouco exploram a característica imersiva do hiperespaço – típica da cibercultura, muito menos o nível de interatividade e nem apresenta uma resistência ao sistema de forma inventiva. A possibilidade de "multipresencialidades" aparece principalmente nas mídias sociais e as pessoas se fazem virtualmente presentes através de seus perfis e avatares apenas, mas pouco relativizam o tempo e o espaço, mesmo com toda a sua potência de pervasividade que podem alcançar, deixando de aproveitar todas as possibilidades que a “matrix” oferece. A “Quase-aula”, essa hibridização do “ser ou ser

uma aula, ao mesmo tempo”, pode assumir esses compromissos. O que de certa forma dialogaria menos com os aspectos pedagógicos que envolvem a ideia da desaceleração e do reconhecimento atento, mas certamente é um traço que amplia as possibilidades de rastreamento da atenção do navegador. Mas que, também, dependendo dos usos dados pelo professor-autor, poderia fazer valer estratégias que exploram não só o ambiente virtual hiper-estimulável, mas que também tivesse convites a hibridizações de experiências que levassem em conta a corporalidade e a exploração da territorialidade. Abrir o universo das “Quase-aulas” possibilitaria ao professor e ao aluno, alternativas de interação infinitas ao estabelecer esse diálogo semiótico travado por os signos presentes nas imagens, texto e som, que possibilita a compreensão de um assunto 60 mil vezes mais rápido do que a leitura de um texto, segundo a neurociência.

No formato atual as videoaulas dispõem deste recurso baseado em signos textuais que são explorados pela visão que é mais um reforço nas estratégias narrativas, o texto escrito, que dá suporte a interpretação do professor. No caso desta pesquisa fizemos o recorte apenas dos signos textuais para serem analisados, não levamos em consideração nesta análise as legendas que porventura aparecessem nos vídeos, por entender que esse dado merece uma análise mais profunda e que aponta para trabalhos futuros, quanto a questão da acessibilidade nas narrativas audiovisuais.

Os signos textuais analisados muitas vezes aparecem como uma palavra grifada na tela, um título, um enunciado. São táticas para melhorar a possibilidade de compreensão do aluno quanto ao tema exposto. Sua importância é quase igual a das estratégias visuais, ela ocupa cerca de 25% das 1759 palavras analisadas pelo Nvivo, perfazendo o total de 442 palavras que compreendem o significado conceitual da palavra texto (textual OR textuais). O texto escrito é uma herança da fase do leitor contemplativo, é na escrita que se apoia esse expectador gutenberguiano que lê os vídeos de uma forma a agregar informações e auxiliar no seu aprendizado.

Os professores sabem do papel da escrita na educação formal e da sua relevância quanto ao papel reforçador do conhecimento. Tornando assim um recurso muito comum no processo de confecção de uma videoaula, sendo dos 50 vídeos analisados 72% destes utilizaram algum tipo de recurso textual de apoio. A escrita funciona como um suporte para o aluno desenvolver o seu pensamento estruturado de linguagem. E para o professor funciona como um reforçador da sua fala, um lembrete do que se deve prestar atenção, no que é mais importante. Na intenção de capturar a atenção do expectador para pontos-chaves do conteúdo.

Esta estratégia auxilia o aluno a fazer novas conexões e relacionar com o que está sendo narrado. Historicamente a oralidade foi a primeira forma de educar. Tanto que ainda hoje narramos histórias para crianças através da fala. O processo de desenvolvimento do conhecimento se expandiu com a criação da escrita. Novas possibilidades se apresentaram e, desde então, o homem tem aliado essas formas de comunicação para expressar suas ideias. Como o leitor contemplativo necessita ter sua atenção mais focada para compreender o que está escrito (SANTAELLA, 2013), os professores aproveitam essa necessidade e a usam como estratégia para realçar pontos onde a atenção do aluno deva ser mais focada aos conteúdos que estão sendo trabalhados nas videoaulas.

O uso de texto aparece de forma diversa nas videoaulas, tem quem utilize a escrita em uma lousa tradicional ou digital apresentando uma espécie de resumo/esquema, a quem utilize para trabalhar questões relacionadas a disciplina a serem resolvidas, a quem utilize como um elemento “destacador” do sentido principal do que está sendo trabalhado, a quem inicie a fala projetando os títulos sobre o que está sendo falado

A palavra escrita tem um outro lugar no processo de aprendizagem, ela já uma etapa superior a leitura das imagens. Sendo que se espera do público para qual se destina as videoaulas estarem todos alfabetizados e capazes de ler o que é representado por letras na tela do computador. A escrita é a base do suporte midiático do leitor contemplativo que Santaella (2013) descreve como sendo o leitor que necessita de concentração, foco e contemplação do que está redigido, características importantes para serem exploradas no processo ensino e aprendizagem.

Completando a tríade do audiovisual que foram exploradas em vídeos educacionais temos os sons, neste caso identificamos o som como uma estratégia diferente do som da voz. Computamos aqui a frequência que os professores-*youtubers* usaram o som de algum elemento de uma forma intencional para educar. Nos casos investigados percebemos que esse recurso é o mais sub-aproveitado, apenas 6% das 1759 palavras catalogadas se referenciam ao som. Portanto cerca de 113 vezes foi identificado a palavra “som” nos vídeos analisados, ocorrendo mais especificamente em três videoaulas foram usadas música ou um som específico com intencionalidade pedagógica. É importante ressaltar que não foram contabilizadas as vinhetas musicais que eventualmente abriam as assinaturas dos canais.

Essa habilidade, a de transformar sons em elementos pedagógicos, mostrou-se a menos explorada, acreditamos que seja pela não proximidade, por parte do professor, com suas potencialidades e sua ausência se dá, também, por não concorrer com o som da voz do

professor, principal elemento educador das videoaulas, já que o Professor 1 entende as videoaulas são como revisões, apenas. E o Professor 2 demonstrou estar se apropriando das tecnologias mais usadas no grupo à qual ele pertence nas redes de trocas de informação entre professores-*youtubers*. Uma das indicações desta pesquisa aponta para a maior exploração dos recursos multimídias, em especial o som, para poder diferenciar a produção audiovisual como uma “Quase-aula”.

Segundo as nossas referências bibliográficas podemos dizer que essas videoaulas são narrativas que usufruem de audiovisuais. Portanto podemos aferir que “narrativas são compreendidas como uma organização discursiva específica, resultando de uma atividade humana que tem por objetivo contar ações e servir para a exposição de acontecimentos sejam eles reais ou imaginários” (PROCOPIO, 2016 p. 301). Podem ser apresentados por códigos semiológicos variados – língua, imagem, gesto, símbolos, etc. – estejam isolados ou em conjunto. “Há uma condição para a existência da narrativa. É preciso ter uma representação de acontecimentos, quando alguém dá sentido, organiza e estabelece relações entre esses acontecimentos” (PROCOPIO, 2016 p 302).

Essas narrativas abusam das audiovisuais como forma de comunicar a sua mensagem a fim de reproduzir uma sensação de presencialidade sentida numa aula presencial ou experiencial. Se as audiovisuais é tudo que passa pelo filtro da subjetividade do sujeito anteriormente captada pelos seus sentidos, cada pessoa terá uma leitura sobre a ação audiovisual, mudando de contexto para contexto, de cultura para cultura. Neste sentido os vários formatos de videoaula contemplam essa necessidade de diversidade de estímulos representados aqui pelas estratégias visuais, textuais e sonoras que compõe um esquema multimídia.

A audiovisuais está baseada em dimensões, a primeira delas é a técnica, e no cinema clássico, está alicerçada na compreensão do que Bergson chamou de **imagem-movimento** ele entende que os movimentos indicam a um “todo” por uma janela de tempo que conversa com o universo material. Para ele a matéria significa imagem assim como a luz é movimento. Além disso, um filme apresenta sempre a predominância de um tipo de **imagem**. Como já relatamos, a exploração da imagem nos vídeos foi o principal recurso comunicacional observado, o que responde a um anseio da sociedade contemporânea, que está imersa em visualidades, a supervalorização da imagem. A paisagem contemporânea é um vasto lugar de passagem, já denunciava Baudelaire, com o seu *flâneur* pela cidade, então junto a isso se estabelece a lógica da mixagem, a mistura de elementos visuais, ou como definiu

Deleuze “deve-se estar no meio” estabelecendo a lógica do “e” ao invés do “ou”, que estabelece conexão entre imagens, entre falas/sons e entre textos, mediatizando.

Os textos encontrados nas videoaula analisadas são de ordem comunicacional e não de uma estrutura formal de referências. Dos 50 vídeos analisados há uma tendência de colocar em escala de menor importância a indicação de livros, pondo esse importante suporte de leitura num perigoso lugar secundário no fenômeno das videoaulas. É importante considerar que o sistema de avaliação e de produção de conhecimento ainda está, predominantemente, alicerçado no livro, na cultura da escrita. E nós, os professores, não podemos prescindir de boas fontes confiáveis de conhecimento.

O que nos coloca em alerta e revela a urgência, enquanto educadores, da importância de colocar em diálogo elementos digitais e analógicos na hipertextualidade presentes nas videoaulas, e, também, garantido a liberdade e o incentivo de explorar o território e a corporalidade. Tornando-as fontes de pesquisa, mas que não se encerram em si, devem abrir portas das várias percepções de mundos possíveis. Apontando assim para a segunda dimensão da audiovisualidade que entende como um campo contemporâneo de convergência de formatos, suportes e tecnologias resguardadas as especificidades do cinema, da televisão, do vídeo e das mídias digitais, correspondendo assim a dimensão dos devires de cultura. Essa convergência provocaria hibridismos formais, narrativos e expressivos, numa verdadeira reação em cadeia. E por fim, a terceira dimensão estuda o audiovisual para tentar decifrar suas linguagens, sua configuração seus usos e apropriações, dimensão sem a qual as demais não se realizam. Em outras palavras, essa é a dimensão discursiva do audiovisual (SOUZA, 2010 p. 30).

Essa terceira característica do audiovisual nos remete a ideia que uma videoaula “é” e não “é” uma aula. Isso se dá se compararmos o que Freire (1996) entende por ser uma boa aula, que em resumo seria uma troca entre os sujeitos envolvidos no processo, com o intuito de produzir conhecimento e não apenas passar informação. No entanto as videoaulas, como são concebidas hoje, têm uma intenção bem explícita, a de transmitir informação, portando não podendo ser caracterizada como uma aula, segundo a perspectiva interacionista freirianas.

Para contrapor essa ideia, de uma videoaula não ser uma aula, nos apoiamos no que Gilles Deleuze¹³ entende o que seria uma aula. O filósofo não chegou a escrever sobre educação, mas deixou algumas pistas registradas em vídeo sobre a compreensão sobre o tema. Para ele uma aula não tem que ser compreendida na sua totalidade por todos, ela pode ficar

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=-C2BIFFUu9M>

reverberando por muito tempo no sujeito e cada um teria uma relação estabelecida com a informação, dependendo o seu nível de compreensão de acordo com o momento do expectador, neste sentido uma palestra pode ser considerada uma aula, ou até mesmo uma videoaula.

Portanto podemos pensar que a configuração dos usos das videoaulas nos remetem a uma terceira apropriação, ou seja, uma videoaula é ao mesmo tempo uma aula e também não é. Ela seria em virtualidade uma possibilidade de provocar um diálogo através de recursos ou em momentos oportunos e incentivar a crítica no aluno em outros momentos, caso ele seja exposto a pensamentos contraditórios, para que pudesse comparar argumentos, base de um pensamento crítico e científico. Abrindo a possibilidade para configurações mais inventivas de videoaulas, como já aqui apontamos, num formato “Quase-aula”, como já expomos acima.

6.6 QUANTO AOS FLUXOS DAS ESTRATÉGIAS NARRATIVAS

Nos detemos a perceber quais eram os graus de hipertextualidade estabelecidos pelas variação e diversificação dos fluxos propostos pelos professores para alterar o sentido de presencialidade temporal ou espacial da *mididência*. Portanto para essa análise nos detemos destacar as escolhas dos usos dos signos comunicacionais que “jogavam” o suposto aluno para “fora do vídeo” ou mantinham a sua atenção enredada na narrativa principal. Esses fluxos das estratégias perfazem uma estrutura complexa que se interconectam, tornando a narrativa audiovisual mais rica e que pode vir a relacionar referências digitais e analógicas.

Para as análises em profundidade usamos o recorte da amostra de cinco vídeos, nestes casos foi possível perceber uma forte tendência a dialogicidade das videoaulas, sendo aproveitada pelos professores-*youtubers* de maneira a fidelizar a atenção do *midiente* na sua narrativa, num forte movimento que buscava mediatizar as relações através da sua midiatização. Para essa análise destacamos conforme critérios de representatividade das estratégias narrativas apresentadas na amostra geral cinco vídeos, que revelassem como se dá esse diálogo mediatizado com o “midiente”.

Esses casos nos ajudaram a compreender melhor como é possível estabelecer um diálogo semiótico com o aluno sem estar presencialmente de forma física. E nos revelou o paradoxo contemporâneo que o professor-*youtuber* está acometido, ora ele precisa fidelizar a atenção, caso queira monetizar o seu canal, ora ele está impelido por um pensamento

contemporâneo que a produção de conhecimento só se dá a partir de uma rede complexa de informação e autores.

Para nos ajudar a evidenciar esse paradoxo destacamos os seguintes vídeos: “Davi, Michelangelo e Pugliese” do Terra Negra, “Romantismo (introdução)”, do Aula De.com, “De onde vem os fósseis” do Nerdologia, “Entenda o imperialismo”, do Parabólica e o “Brasil na Primeira Guerra Mundial”, do Buenas Ideias. Em todos os casos foram feitas as transcrições dos signos comunicacionais que compõem as estratégias narrativas onde foram destacados os signos e as respectivas fala do professor sincronizada pelo tempo de aparição no vídeo, apresentadas na íntegra no Apêndice S. A seguir destacamos alguns excertos dos cinco casos para fins de ilustração.

O primeiro vídeo analisado foi “História, Michelangelo e Pugliesi” de autoria do Canal Terra Negra, com apresentação do professor Moisés Lima, com 18’23” de muita mixagem de imagens e áreas do conhecimento, contabilizando 67 signos comunicacionais, sendo que demonstraram bastante equilíbrio entre o grau de hipertextualidade, tendo 34 signos de hipertextualidade considerada máxima (referência que jogava para fora do vídeo) e 33 signos de hipertextualidade considerada mínima (com a intensão de capturar a atenção do midiente na narrativa principal).

Esse vídeo tratava das relações entre história, filosofia e arte que consistiam no caso que ronda a confecção da escultura em mármore de Davi de Michelangelo e a sua relação com a sociedade do espetáculo de Debord. Utilizando de uma narrativa intermitente o professor construiu um diálogo semiótico com o seu suposto *midiente* através de signos que diversas naturezas, que incluíam inserir imagens das obras de arte para ilustrar o discurso, como nos 12” do vídeo, quando ele diz: “Hoje a gente vai ter o privilégio de estudar um pouquinho sobre essa escultura bonitona que cê tá vendo aí na tela, simplesmente Davi de Michelangelo Buonarroti” e apresenta a imagem da escultura.

É possível perceber que a narrativa é um importante dispositivo de uma aula, a videoaula não é diferente, nela é possível dialogar com os seus leitores a medida que ela se transforma. Mesmo que a questão de “colocar a minha aula na tela” seja repleta de “constrangimentos” e limites que parecem abrir mão da dialogicidade há a possibilidade de criar um roteiro que se imagine um suposto leitor, que faça supostamente perguntas para que se possa produzir uma narrativa e seus fluxos capazes de fazer um jogo “dentro/fora” com o seu suposto *midiente*. Quando o professor insere no vídeo acompanhando a sua fala uma imagem que representa o assunto, o professor está lidando com um signo comunicacional que

confere a intencionalidade pedagógica de “abrir uma janela” que pode ter maior ou menor grau de hipertextualidade, dependendo da vontade de fidelizar mais ou ensinar mais que o professor confere ao vídeo.

Podemos dizer que esse jogo de signos comunicacionais é a forma que o professor “se coloca” na videoaula. Sendo através dessa inserção, dessa quebra de narrativa que pode se fazer valer tanto de uma linguagem contemporânea como a dos memes, assim como aconteceu aos 4’55” do vídeo do “Davi”, onde a imagem aparece e o professor diz: “arte incomoda, né gente? ” Ou até mesmo numa inserção de uma pergunta que encaminhe o final da aula para uma reflexão, assim como aconteceu neste vídeo aos 18’23”, onde o professor diz: “E eu faço uma pergunta para gente finalizar o nosso vídeo: será que não tá faltando algo para gente também, não? Será que não tá faltando algum músculo em algum lugar, não?” Encerrando a peça colocando uma indagação que diz respeito a complexa relação com a imagem que estabelecemos na sociedade contemporânea, questionando sobre a “imperfeição” proposital de Davi (o escultor deixou de esculpir um músculo das costas de propósito) para suscitar uma discussão, prendendo a atenção na narrativa principal.

Ao colocar esses signos comunicacionais nas narrativas o professor está supondo qual seria a reação do seu *midiente*. Que neste caso em específico lida muito com o jogo de signos comunicacionais de várias naturezas, sejam elas as imagens de obras de arte, livros, memes, menção a influenciadores digitais e, também, questionamentos lançados ao seu suposto público. No caso de “Davi...” estabelecemos que este vídeo possui características que atendem bem as necessidades do tipo de leitor movente, que lê e congrega as características do leitor contemplativo e acrescenta o acompanhamento das leituras de imagens em movimento, típico do movimento das cenas dinâmicas da televisão, apresentando quebras de sequências de imagens e remixagens de referências. Apresentando graus equilibrados de hipertextualidades, posicionando esse vídeo como um bom exemplo do que seria uma videoaula que atendesse os dois polos do paradoxo contemporâneo, ou seja, ao passo que ensina utilizando-se do movimento do pensamento contemporâneo de que para ensinar é preciso contar com uma rede de conhecimento complexa, também fideliza a atenção da sua *midiência* na busca de monetização.

O segundo caso analisado foi o do vídeo do professor de literatura, também entrevistado nesta pesquisa, com o título “Romantismo (introdução) do canal Aula De.com, com 19’15”, que contabilizando 22 signos comunicacionais, sendo que apresentou 13 signos comunicacionais de grau máximo de hipertextualidade e 9 signos comunicacionais com o

grau mínimo de hipertextualidade. Demonstrando que uma videoaula não precisa recorrer a pirotecnias para estabelecer um diálogo com seu suposto midiente. Neste vídeo o professor opta por uma linguagem bem menos bricolada e aposta na conhecida estratégia audiovisual, muito utilizada em sala de aula, a dos slides de apresentação. Acompanhado de um crânio humano o professor introduz o tema da aula recuperando o que havia sido tratado no vídeo anterior e simula um diálogo com o público e com um outro professor de história, da área de humanas, que possui afeição ao conteúdo trabalhado no vídeo.

Novamente o uso de imagens de obras de arte ilustram as falas do professor, imagens estancadas que representam um movimento específico de um período literário, como nos 5'36" que aparece na tela de uma televisão o slide com a imagem da pintura "Liberdade guiando o povo" de Delacroix. Neste momento o professor diz: "Então tá, só pra vocês terem ideia eu peguei essa pintura de Delacroix, um grande pintor romântico né, francês...se chama "Liberdade guiando o povo". Olha como já muda a pintura, a estética, pessoal. Uma mulher segurando a bandeira da França..." a ilustração imagética tinha o intuito de exemplificar como era a diferença da estética no Romantismo, jogando o *midiente* para uma outra presencialidade temporal.

Neste momento o professor está fazendo uma intervenção na narrativa intencionando deslocar o aluno do pensamento linear baseado na oralidade e remete o *midiente* para a imagem que possui um apelo visual muito potente. Como o professor elege as imagens estancadas para ilustrar sua fala podemos dizer que a sua videoaula está direcionada para atender um perfil de leitor contemplativo, que se fixa em imagens e figuras, apresentando uma necessidade de foco maior por parte da *midiência* e despendo mais tempo para cada uma de suas intervenções por conta do professor.

A maneira que diferencia esse professor que o faz figurar nesta seleção de caso é a forma como ele simula um diálogo com o leitor. Ele faz como se tivesse "brincando" com o aluno em sala de aula. Usa dos subterfúgios – questionáveis – da piada sobre os portugueses, para pedir desculpas por ter errado uma informação, aos 36", ele diz: "Eu falei luso-portugueses...pô cara, dei uma de português. Não, tô brincando, né. Comunidade aí de Porto, Coimbra, Ilha dos Açores, né, que tá visualizando o Aulade.com".

Na fala ele tenta simular uma interação com o público que supostamente o está assistindo. Ele coloca um "caco" na narrativa com a intenção de angariar a simpatia da *midiência* utilizando-se de conhecidas estratégias comuns em qualquer diálogo, o de buscar aliviar a tensão através do humor e de provocações. É dessa forma que o professor "se põe"

na tela, intervindo em situações que possam virtualmente causar algum tipo de constrangimento. Buscando assim prender na sua própria narrativa a suposta *midiença* com o intuito de fidelizar a sua atenção no canal, apresentando um grau de hipertextualidade mínima também, mesmo que com menor incidência.

Numa linha mais direcionada para atender o público movente destacamos o terceiro vídeo a ser analisado em profundidade “De onde vem os fósseis” do canal Nerdologia, de 10’43”, contabilizando uma diversificação de 32 signos comunicacionais, sendo que destes cerca de 27 signos comunicacionais possuem um grau mínimo de hipertextualidade e apenas 5 signos comunicacionais com o grau máximo de hipertextualidade. Esse canal possui uma boa visibilidade, pois tem o conhecido biólogo Átila Iamarino como seu apresentador. Ele é considerado polêmico, inclusive seus vídeos ficaram muito conhecidos no período da Pandemia por tratar de maneira transparente as questões epidemiológicas ligadas a Covid 19.

Abusando da animação e de elementos visuais o vídeo trata sobre um assunto considerado controverso para quem renega a ciência, o vídeo fala sobre a evolução das espécies, uma teoria conhecida como oposta a ideia criacionista que Deus foi o criador da vida. Ao abrir o vídeo, aos 21”, ele apresenta uma linha do tempo evolutiva com imagens de células, fotossíntese, fósseis...onde ele diz: “Seguindo a nossa linha do tempo evolutiva, por volta de 3,5 bilhões de anos atrás certamente já tínhamos as primeiras formas de vida. Com 2,5 bilhões de anos começa a fotossíntese e lá pelos 635 milhões de anos vários organismos complexos”. Ao abrir o vídeo com essas informações, com o apoio visual bastante didático da linha do tempo, o professor coloca o vídeo diametralmente em oposição a teoria criacionista defendida por religiosos, ao localizar no passado muito distante os elementos que compõem a criação da vida na Terra.

Utilizando de um jogo ágil de imagens, mapas, gráficos, representação de fósseis, imagens gráficas do DNA com uma fluência em suas falas, o professor investe em dinamicidade na sua videoaula investindo na sua narrativa amplamente enriquecida visualmente para prender a atenção e ter um grau mínimo de hipertextualidade detectado. Este vídeo apresentou uma produção e edição de vídeo mais elaborada do que os outros, fazendo-nos supor que o canal possui uma equipe responsável por suas edições e isso explicaria o seu sucesso traduzido nas métricas contabilizadas. Esse vídeo que, aparentemente não é feito por professor que está acostumado com sala de aula, tem uma linguagem que atende mais as características de um leitor de lê imagens em movimento, ou seja, um leitor movente.

O vídeo quatro foi selecionado para representar o grupo de professores que escolhem fazer suas videoaulas baseando-se na sua fala apoiada por um suporte textual e imagens estanques. O vídeo “Entenda o imperialismo” do canal Parabólica, possui 12’12”, com 14 signos comunicacionais destacados, sendo que destes 8 possuem um grau mínimo de hipertextualidade e 6 com um grau máximo de intertextualidade, demonstrando uma tendência que uma narrativa pode alinhar elementos audiovisuais e analógicos na sua composição. No vídeo o professor utiliza elementos textuais como recursos para prender a atenção do *midiente* na sua narrativa, operando de forma a ter um grau mínimo de hipertextualidade, tanto que aos 8’10” versa sobre as Guerras Imperialistas: Guerra do Ópio, Guerra dos Boeres, Guerra dos Cípios, sincronizando com a seguinte fala: “E agora eu vou dar para vocês só alguns exemplos de algumas guerras, né, de dominação imperialista no mundo”, aparecendo na tela palavras chaves textuais.

Aos 10’38” do vídeo o professor dá uma dica de literatura que aborda o imperialismo, dizendo “A literatura que eu quero indicar é esse livro aqui: “A volta ao mundo em 80 dias” do Julio Verne, que foi escrito em 1873 aí pelo Julio Verne, que é justamente a história de uma pessoa, um rico, um burguês inglês chamado Phileas Fogg né, e ele resolve dar uma volta ao mundo em 80 dias...” demonstrando que uma fonte analógica pode levar o suposto *midiente* para fora do contexto da narrativa principal.

Mesmo que o professor não abra a narrativa para a simulação de perguntas ou provocações, ele joga a atenção do leitor para um recurso analógico muito típico da era guttemberguiana, o livro. Essa intervenção mostra a intenção de mesclar materiais do professor, uma intervenção na narrativa que “joga” o seu leitor para outro tipo de presencialidade, agora baseada na materialidade de uma obra literária.

Para finalizar esses casos apresentamos o quinto vídeo selecionado “O Brasil na Primeira Guerra Mundial” do Canal Buenas Ideias, do conhecido Eduardo Bueno, o Peninha. Com apenas 8’27”, contabilizou 47 signos comunicacionais, sendo que destes 39 foram considerados de grau mínimo de hipertextualidade e apenas 8 com o grau de hipertextualidade máxima compondo a sua narrativa. Assim como o vídeo do Iamarino, tal peça foi muito comentada e alcançou uma boa performance métrica, justificando o porquê da sua performance ser mais voltada para fidelizar a atenção do *midiente*.

Por ser reconhecidamente considerado um “performancer” ele possui fãs e também *haters* e ele usa isso para compor a narrativa principal da videoaula, ele provoca a *midiência* dizendo que ele não vai atender aos pedidos encaminhados pelos *midientes*, se ele não for

devidamente remunerado para isso. Abusando de um jogo de imagens e sons o professor apresenta o conteúdo de maneira irreverente. Como podemos ver aos 6'54" quando ele brinca com palavras parônimas (produz um jogo sonoro), dizendo: “e assim foram atingidos...atingiram o mar. Atingidos tingiram...gostei do jogo verbal. Atingidos tingiram o mar...”

A narrativa histórica é quebrada com a introdução de elementos visuais da cultura considerada jovem, como capas de discos de Rock Roll, como por exemplo aos 4'51" aparece referência ao álbum “Evil Empire” de Rage Against The Machine que ilustra uma narrativa dinâmica e recheada de elementos visuais, textuais e sonoros tipicamente destinado para um leitor ágil de imagens do tipo movente. Tudo isso num tom satírico como aos 8'09" que o som das toninhas é utilizado em forma de sátira, enquanto ele narra que “O Brasil colaborou matando um monte de submarino alemão (som de toninhas ao fundo) ”.

A proposta desta videoaula, mesmo que performática, é de fidelizar a atenção ao máximo do *midiente*, tornando a narrativa com um grau de hipertextualidade mínima, pois não incentiva a navegação autônoma por outras fontes de saber. Ela aposta na sua forma de contar a irreverente de contar a história como um conceito epistemológico que faz as misturas dos signos mas tem a intensão de prender a atenção no canal e não colocar o *midiente* em desequilíbrio ou num estado inventivo. Demonstrando mais uma vez que a espécie de signo comunicacional não define por si só a sua posição em relação ao paradoxo fidelizar x ensinar. A seguir podemos ver um quadro síntese do grau de hipertextualidade apresentado em cada videoaula analisada.

Tabela 3 – Quantitativo dos signos comunicacionais identificados

Videoaula	Número de signos comunicacionais	Signos comunicacionais de Hipertextualidade máxima	Signos comunicacionais de Hipertextualidade mínima
“Davi, Michelangelo e Pugliese” - Terra Negra	67	34	33
“Romantismo (introdução)” - Aula De.com	22	13	9
“De onde vem os fósseis”- Nerdologia	32	5	27
“Entenda o imperialismo” – Parabólica	14	6	8

“O Brasil na Primeira Guerra Mundial” - Buenas Ideias	47	8	39
---	----	---	----

Fonte: elaborado pela autora (2021)

A partir dessas dinâmicas escolhidas é possível perceber, dessa forma, que esse repertório diversificado de narrativas audiovisuais opera através de signos comunicacionais no sentido de “falar” ou “intervir” pelo professor. Esses signos, de certa forma, buscam a dialogicidade perdida da aula na videoaula. Esses destaques apresentados acima buscam evidenciar quando o professor-*youtuber* faz a sua intervenção, rompendo o fluxo da narrativa dele próprio, colocando o suposto leitor/aluno em diálogo semiótico com a aula. Mas que ele se vê num paradoxo contemporâneo importante, o professor-*youtuber* precisa posicionar a sua produção com o objetivo de fidelizar ou de ensinar.

Há quem consiga balancear bem os dois polos, como o vídeo do “Terra Negra” e há quem opte por investir numa narrativa pirotécnica para fidelizar mais a atenção da *audiência* e assim manter as métricas a favor do canal, como os vídeos da “Nerdologia” e “Buenas Ideias”. Mas há também quem apresente uma tendência em optar por um discurso menos pirotécnico e mais pautado em criar baseado na postura do professor, como no vídeo do Aula De.com. Como também há quem use essa mesma forma de transmitir o conteúdo de forma pouco interativa, baseado mais no conteúdo e não no formato da videoaula, como o vídeo do Parabólica.

Podemos identificar nestes cinco casos signos comunicacionais que operam na/da videoaula no sentido de promover uma abertura no fluxo da narrativa, num sentido de descentralização, uns apresentando um maior grau de hipertextualidade outros um menor grau. O grau de hipertextualidade é percebido na sua potência máxima quando o professor-*youtuber* usa um signo comunicacional para jogar o *midiente* para fora da sua narrativa principal. E o grau de hipertextualidade mínima é quando um signo comunicacional serve para prender a atenção do *midiente* no canal.

Como podemos perceber quando o professor interrompe o encadeamento de signos, como por exemplo no vídeo do Terra Negra, o professor interrompe o seu próprio fluxo de coerência narrando fatos sobre a escultura e de repente insere a imagem, aos 16’52”, de um quadro “Liberdade guiando o povo” de Eugène Delacroix, mencionando que ela também é a capa do CD do Coldplay para exemplificar a importância que as imagens tomaram na sociedade contemporânea do espetáculo.

Esse movimento dentro/fora também pode ser percebido quando o professor indica um outro vídeo sobre o assunto durante a sua narrativa, essa seria uma forma de estabelecer uma distância para com o *midiente* delicada, pois ao fomentar esse tipo de ação o professor-*youtuber* estaria desfocando a atenção do aluno para outra peça, podendo correr o risco de perdê-lo para outra ação que esteja disputando a sua atenção. Esse movimento de máxima hipertextualização concorda com o entendimento contemporâneo que estabelece que a produção de conhecimento é uma rede complexa, que envolve vários autores e variadas fontes de saber. Colocando o professor num paradoxo, pois ele precisa prender a atenção e não deixar migrar para outras presencialidades.

Esse paradoxo completa-se quando a hipertextualidade pode ter uma nuance mais suave, com menos possibilidade de perder o *midiente* para outras fontes concorrentes de atenção, dessa forma o professor apontaria operadores de signos comunicacionais incluídos na sua própria narrativa, não sendo necessária a fuga do *midiente* da videoaula principal. Mas bem pelo contrário da hipertextualidade máxima, o movimento é fazer com que o *midiente* permaneça conectado, fidelizado ao canal. Como faz o professor do vídeo do Terra Negra que lança uma pergunta/provocação sobre o nosso comportamento diante da sociedade do espetáculo, descrita por Guy Debord, prendendo numa narrativa.

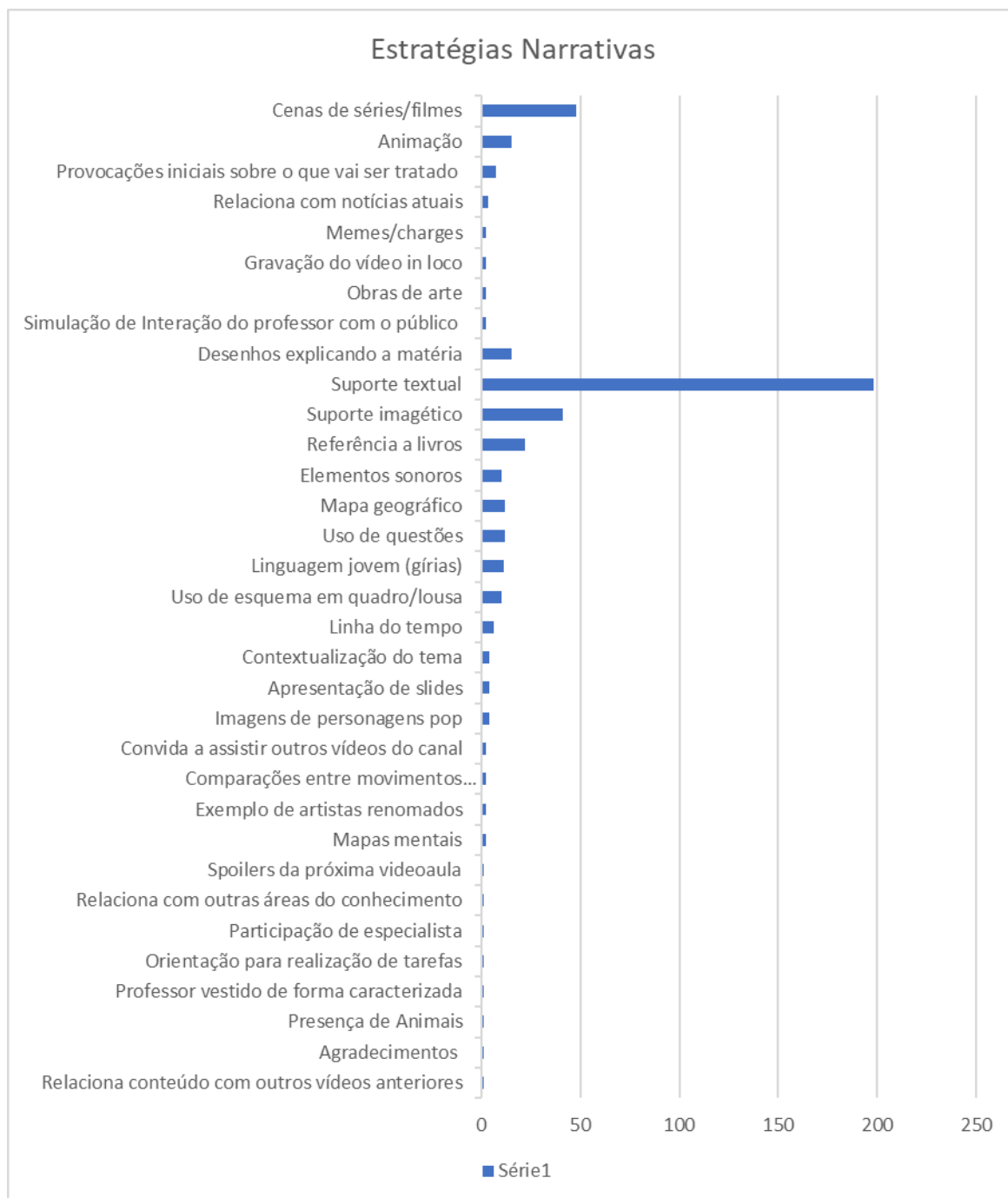
A linearidade é interrompida por uma gama de estratégias que possuem uma diversificação e também variação importante. Esses fluxos que a narrativa é acometida tem claramente duas intensões distintas e paradoxais: ora funcionam para chamar e capturar a atenção do *midiente* para não “fugir” do canal e assim fidelizar a sua *midiença*, ora funcionam para provocar desequilíbrios/questionamentos/ breakdowns/estados de invenção.

Evidenciando o paradoxo que o professor-*youtuber* está submetido: o de fidelizar ou de ensinar que nos remete ao questionamento inicial inspirado por Santaella (2013), que indica que ao misturar os signos comunicacionais estabelecendo uma variação e diversificação significativa, os professores-*youtubers* tanto mediatizam, ao inserir as mídias nos seus planejamento, quanto mediatizam as videoaulas no sentido de fazer uma mediação, traduzida aqui por vários signos de todas as naturezas – verbais, visuais, sonoros e suas misturas, estabelecendo um diálogo semiótico com o *midiente*.

Podemos observar o *framework* em forma de gráfico abaixo e na descrição completas das estratégias narrativas em relação ao direcionamento aos respectivos leitores no Apêndice R, que as estratégias narrativas escolhidas, na sua maioria, são repetições do que normalmente se faz em sala de aula, quando estamos amparados por algum tipo de audiovisual.

Podemos inferir que a maior incidência das narrativas tem estratégias que visam atender um perfil mais movente de leitor sendo que a utilização do algum tipo de texto para dar suporte a fala (198), seguido da utilização de cenas de séries/filmes (48), a incidência no terceiro lugar foi a qual contou com o suporte de alguma imagem estanque, em seguida veio a referência a livros (22) e a utilização de animação (15) são estratégias tradicionais, praticamente o mesmo recurso que se usa numa sala de aula tradicional para um leitor alfabetizado com livros e imagens estanques.

Figura 8 –Principais estratégias narrativas identificadas na amostra geral



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

6.9 SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR-YOUTUBER

Nesta seção serão descritas as entrevistas realizadas com dois dos cinquenta professores-*youtubers* pesquisados. A discussão que emergiu das entrevistas, dialoga com as questões da tese no sentido que é preciso destacar que se trata de discutir esse “ser” ou “tornar-se professor-*youtuber*”, relacionado com a discussão sobre o problema da comunicação audiovisual e a videoaula no *YouTube*. Podemos perceber diante das análises que o “problema” não se resume a questões de apropriação tecnológica, mas que se trata de uma nova subjetividade docente (empreendedora e engajada a sua midiência) que emerge dessa relação com a plataforma e as mídias.

Nesta etapa da investigação contamos com a colaboração do Professor 2, que além de autor de canal da área das humanas – grande área com mais vídeos na amostra – era também responsável pela curadoria de conteúdo que fazia parte da plataforma educacional selecionada pelas intuições organizadoras do *YouTube Edu*, tornando a entrevista com ele mais significativa devido a sua representatividade institucional, mesmo não tendo seus vídeos integrados na amostra dos cinco vídeos analisados em profundidade, a conversa foi representativa.

O Professor 1, aceitou o convite para participar da pesquisa, devido ter sido orientado pela empresa para qual presta serviços para fazê-lo, em nome do negócio. Sua participação tornou-se muito significativa pois ele acabou tornando-se o entrevistado que representou o grupo de cinco vídeos em que foram feitas as análises em profundidade. A quantidade de entrevistados se formou depois de uma série de contatos realizados pelas redes sociais e e-mail aos cinquenta professores-*youtubers* que tiveram seus vídeos analisados. Os professores foram contatados de forma virtual pelo *Instagram*, *Facebook*, *Whatsapp* ou *e-mail*, e na ocasião apenas cinco professores responderam ao chamado desta pesquisadora, sendo que um professor bem famoso no meio agradeceu o “carinho” e recusou elegantemente participar do estudo. Ainda nesta primeira abordagem outros dois professores se comprometeram a colaborar, mas quando foi proposto agendar o encontro virtual para a realização das entrevistas eles não retornaram à solicitação. Desta forma, apenas dois destes cinco efetivaram sua participação na proposta. A seguir as análises que foram trabalhados depois de serem transcritas e lidas exaustivamente seu conteúdo, neste momento foram destacadas as regularidades e singularidades para fim de buscar uma categorização.

Após serem realizadas as entrevistas seu conteúdo em áudio foi transcrito (Apêndices B e C) e depois de sintetizar as respostas de cada um dos integrantes foram organizadas conforme o Apêndice U que contém a síntese das respostas dos entrevistados, destacando as suas regularidades-singularidade, os procedimentos de limitação interna (segundo a análise de discurso foucaultiana) e os temas referentes a cada questão abordada. A seguir vamos expor os destaques encontrados quanto as singularidades e regularidades percebidas nas entrevistas e relacionar com os conceitos que emergiram nas entrevistas.

Para analisar as entrevistas utilizamos as orientações contidas em Ferreira e Traversini (2013) que expõe como realizar uma análise de discurso com orientação foucaultiana no *corpus* de análise numa pesquisa do campo da educação e das mídias. No artigo os autores ressaltam que as entrevistas são registros de uma história, de um fato, que estão ali registrados e precisamos, constantemente, atravessá-los para chegar ao real. Para Foucault “ao analisar o discurso damos conta de suas especificidades” (FOUCAULT, 2007). Que muitas vezes as teorias não dão conta de todas as idiosincrasias que analisam, por isso olhamos as entrevistas utilizando critérios descritos por Ferreira e Traversini (2013), mas também deixamos vir emergir o que as falas revelavam, sem muito apego a essa ou aquela teoria em específico, aguçamos nossa escuta e deixamos os discursos revelarem as práticas.

Até mesmo que a análise de discurso requer um olhar tautológico que perceba que tudo está interligado com tudo e que uma fala pode revelar uma condição que parece ser de um sujeito, mas é um sintoma social. Então podemos dizer que neste sentido não existe um sujeito professor livre, o professor contemporâneo está preso ao modelo neoliberal de que as videoaulas o tornam operador de uma ação de inúmeras maquinarias que efetiva, torna concreto e palpável o discurso.

Quanto mais conectado por tecnologias digitais, quanto mais aprendizagem conquistar quanto mais liberdade tiver, maior a possibilidade de subjetivação do docente e do discente. O perfil desejado do professor-*youtuber* está prescrito de forma sutil, através de um “inocente” evento de formação, transcrito nos Apêndices I, J, L e M. As linhas mestras estão ali supostamente construídas por um grupo seletivo de professores selecionados – pelos agentes de poder – tidos como os melhores de suas áreas e depois divulgado de forma a conquistar escala através dos vídeos que condensam a formação e passam as informações de “como todos em conjunto definimos as nossas melhores práticas”, mas é importante ressaltar que quando se escolhe alguém, tido como melhor em algo, estamos muitas vezes fazendo uma escolha política dentre as opções que temos, numa espécie de “quem irá falar melhor, aquilo que eu

quero que digam”. E isso é um exercício de poder forte engendrado pela gigante da tecnologia e pelo instituto responsável de curadoria, primeiramente uma instituição reconhecida como sendo um agente do mercado atuando na educação.

Nestes vídeos aparecem ratificados pela plataforma como a história do projeto uma verdade instalada que seleciona os discursos passíveis ou não de circulação a partir de mundo docente. Portanto há uma necessidade de armar uma estratégia que faça acontecer o discurso como ferramenta analítica, para que se possa destrinchar as verdades e compreendê-las como questões criadas por uma rede discursiva formada por professores e profissionais da comunicação que foram definidos como especialistas, na linha da interdição, capazes de dizer o que as instituições de poder desejam.

Portanto para analisar os discursos também usamos essa caixa de ferramentas que nos permitiu operar e desmontar o que estava sendo dito e não dito ali nas falas dos participantes. Primeiro definimos as perguntas que nos iriam conduzir por este processo de análise: Qual rede discursiva se forma em torno das narrativas audiovisuais? Será que os professores-*youtubers* tem se apropriado dessa tecnologia no sentido de explorar a potência criativa e autoral que essa plataforma suscita? Será que tem explorado de forma apropriada a contribuição do campo de estudos da comunicação e da cultura audiovisual na produção de suas videoaulas?

Para deixar emergir as questões pertinentes a pesquisa lemos exaustivamente as falas dos entrevistados e selecionamos algumas regularidades e singularidades que nos ajudaram a revelar o que estava contido ali. E fizemos uma primeira rodada de análises das falas destacando-as pelas perguntas. Resultando na descrição das perguntas a seguir. Curiosamente esse movimento foi feito antes de analisar os dados quantitativos, e durante a orientação nos demos conta que esse procedimento metodológico era equivocado e precisávamos fazer as análises dos números dos canais primeiros. Como o dado sempre nos mostra como devemos tratá-lo também identificamos que era necessário se ancorar na análise de discurso de base foucaultiana para nos auxiliar neste processo de desmontar as entrevistas. Organizamos as sínteses das respostas num quadro por pergunta, entrevistado, singularidade e regularidade, procedimento interno e temas. Mapeamos a partir da classificação temática e assim deu-se o mapeamento discursivo relacionado as perguntas feitas aos entrevistados. Ressaltando que a medida que fossem se diferenciando ou se aproximando entre si, as falas iam ganhando cores verde para singularidade e amarelo para regularidade.

Num segundo momento, amparados por este exercício e pelos estudos sobre análise de discurso percebemos que as entrevistas também deveriam ser analisadas na sua representatividade para que as redes discursivas amparadas pela classificação dos procedimentos internos do discurso passassem a revelar as suas tramas, e deixando de lado o critério de regularidade e singularidade para passar a analisar também as falas pela sua representatividade. Assim construímos o corpo de análise que consta no Apêndice U, e nos debruçamos neste material como ponto de apoio de uma rede das redes discursivas, que está apresentada a seguir.

Ao tomarmos as mídias sociais como um dos locais em que os poderes e os discursos operam deixando rastros, identificamos as práticas acionadas na produção de verdades sobre o mercado neoliberal, tanto que algumas atuam sobre as estratégias docentes adotadas pelos professores, umas tem relação com o fazer do professor, outras tem ação no próprio eu do sujeito, e suas relações sociais. Forma-se assim uma rede discursiva na qual o tipo de narrativa audiovisual se constitui e também a atuação do professor.

A partir desta compreensão, é possível voltar aos procedimentos internos de limitação e enxergá-los como ferramenta de discurso que trazem à tona os acontecimentos a fim de conservar uma certa estabilidade nas suas estratégias. A intenção da interdição é limitar quem pode falar algo e estabelecer um protocolo para que o sujeito esteja fazendo parte do grupo. Os vídeos de apresentação do *Youtube Edu* embora não se apresentem abertamente assim revelam claramente essa intensão de exigir uma atualização acerca das demandas atuais do mercado.

A responsabilização do sujeito pela constante melhoria reflete uma competitividade que marca a todos na contemporaneidade. Quando definimos um professor/canal como autor estabelecemos que há coerência nos vídeos ou seja responsabilizamos uma individualidade/coletividade caracterizada pelo canal pela produção narrativa, inventiva e esquecemos que aquela autoria também é compartilhada com a plataforma que passa – formal ou informalmente – as boas práticas ao algoritmo que com seus códigos definidos por estratégia mercadológicas posicionam o vídeo que é acessado pela *midiência*, marcando assim as inter-relações estabelecidas entre professor/tecnologia-plataforma definindo assim estratégias de produção de conteúdo pedagógico, tudo com a intenção de aumentar o engajamento. Porém nesta trama o aluno/*midiência* não aparece como co-autor, ele torna-se ator do processo, mas tem suas possibilidades de aprendizagem limitadas pelas características da plataforma.

A trama urdida pelos temas e pelos procedimentos internos do discurso – acompanhados nas sínteses das entrevistas transcritas no Apêndice U dão conta de uma gama de relações que não percebem os efeitos das verdades que os discursos e os poderes produzem. O que estamos falando é de uma outra forma de poder que estabelece um tipo de funcionamento que define, vigia, controla e classifica – através destas curadorias, algoritmo, questões técnicas, vídeos institucionais – qual o canal que terá voz, a quem será permitido o poder de fala.

Portanto podemos perceber que nos discursos dos professores emergiram quatro procedimentos do discurso interno – autoria, disciplina, comentário e rituais – O primeiro deles a ser analisado é a questão da autoria. Os discursos nos revelam que as falas proferidas durante a entrevistas tem um conceito de autor como sendo o detentor da propriedade intelectual, e não no sentido daquele que apenas dá coerência ao texto (FOUCAULT, 2007), eles até admitem a co-participação de outros agentes, tais como a empresa que contrata o professor, as leis que orientam a educação, a plataforma, o engajamento da *midiação*, mas não os nomeiam como co-autores.

Neste sentido percebemos uma grande oportunidade de construção de conhecimento coletivo a partir das narrativas audiovisuais. Essa ideia podia ser mais explorada caso os vídeos não fossem apenas conteudistas, com abertura limitada para a co-criação. Esse entendimento de que o autor é apenas aquele que dá coerência ao texto e que então há a necessidade de reconhecer e possibilitar maior protagonismo a todos os atores envolvidos nesta trama. Pensamos na ação que executa o aluno, neste caso apenas como agente de engajamento, regularmente esquecido na sessão dos comentários sem possibilidade de interação e de ser colocado na condição de ser desequilibrado nas suas certezas. E nos revela que aqui há a possibilidade da utilização de vídeos interativos que possam atender além da autoria do professor, a participação inventiva do aluno também, priorizando/simulando uma interação com o aluno e o professor através de hiperlinks que possibilitem comparar narrativas sobre um mesmo tema, cuidadosamente “curadoriado” pelo professor, e por questionamentos que, assim como no método socrático – a *maieutica* – possibilita através de perguntas sobre um tema, abrir um espaço para que o aluno possa criar suas reflexões, sem ter que o professor fazer elas por eles, e sim que eles estabeleçam relações entre um conteúdo assistido e um outro material ancorado na rede, devidamente apoiado pelo professor.

Existem muitas tecnologias que nos possibilitam realizar essa tarefa de co-criação do material audiovisual, e uma delas é um *plugin* chamado HTML5 Package (H5P) que visa

facilitar a criação, compartilhamento e reutilização de conteúdo HTML5 interativo. Essa ferramenta possibilita a criação de vídeos interativos, apresentações interativas, questionários, cronogramas interativos. E esta tese pretende apontar para alternativas disto em seção posterior.

Essa questão da autoria, pela perspectiva foucaultiana, entende que o saber não fica circunscrito a um detentor de sua propriedade, portando a disciplina, como campo de saber, também se entende como um campo que detém poder sobre algo mas sabe que não é o único e exclusivo possuidor do poder de saber. Neste caso nos apresenta novamente a possibilidade de incluir o aluno, que hoje faz parte apenas da *mediência*, na construção desta disciplina, deste campo do saber, abrindo assim espaço para a co-criação. O Professor 2 revela em sua fala que as aulas por videoaulas são essencialmente conteudistas, mas critica muito essa funcionalidade do *YouTube*, dizendo que há muitas possibilidades de usar o recurso. Ele ainda comenta que se ele faz uma aula mais interativa, no conceito de tentar envolver numa fala sem retorno do outro autor, o engajamento cai, como podemos ver no enxerto abaixo.

“(...) ambiente muito mais cheio de possibilidades do que meramente o aluno que vai vendo aquilo ali... podem até assistir duas aulas diferentes, de dois professores diferentes do mesmo tema, ‘gente, vamos comparar isso aqui’ (PROFESSOR 2, Apêndice C)

Portanto é importante perceber que o aluno pode falar/construir também, mas que a área dos comentários não é reconhecidamente apropriada para isso, tendo em vista a análise de sentimentos dos comentários, na sua maioria eram indiferentes/neutros ao conteúdo.

Essa possibilidade de envolver o aluno na construção do seu conhecimento nos mostra o quanto é possível fazer a criação de novos enunciados, que seriam o que Foucault (2007) chamou de comentários. A possibilidade de criar é algo muito importante para a educação, assim como sustenta a teoria construtivista que entende que a interação é crucial no processo de aprendizagem (BECKER, 1992). Para Becker o construtivismo, apoiado nas ideias de Jean Piaget, entende que nada está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado.

O conhecimento seria resultado de uma ação coletiva que se daria na interação entre uma rede de atores que podem ser o meio físico, outra pessoa, uma ideia, uma tecnologia, com o simbolismo humano, e se constitui exatamente por este motor de força que é a troca de símbolos e não por dotação prévia, bagagem hereditária ou meio. Podemos então pensar que ao colocar interação nas videoaulas através de tecnologias que possibilitem o professor

curadoriar outros conteúdos, de forma livre do algoritmo, e introduzir perguntas que façam o aluno produzir reflexões durante o percurso da videoaula permite afirmar que a ação de interagir realiza uma operação que potencializa a capacidade cognitiva do aluno.

E que mesmo que os professores estejam atendendo a ordem discursiva, através dos rituais estabelecidos de uma educação pouco dialógica, nos termos freirianos e backthinianos, há como romper com essa lógica algorítmica e conteudista e colocar o professor como autor de uma espécie de algoritmo próprio. Neste sentido podemos notar a seguir nas descrições das perguntas e suas respostas em relação ao tema desta seção que é a inter-relação entre professor e tecnologia que os rituais fazem parte das práticas, na figura do atendimento das ordens discursivas que são apresentadas pelo mercado. O rompimento desta ação requer que o professor se aproprie dos elementos teóricos-metodológicos-tecnológicos que estamos a apresentar nesta tese, e para isso será necessário capacitar o professor e fornecer meios para que ele opere com as tecnologias de maneira apoiada, mas autônoma, possibilitada por formação disponibilizada pelo setor público a fim de criar políticas públicas efetivas de apoio a formação e atualização constante do professor nas questões que envolvem tecnologia. A seguir iremos descrever cada pergunta realizada nas entrevistas e analisá-las à luz da teoria.

Conforme se pode notar pelo Apêndice U na questão 1 busca-se saber sobre as qualificações do professor e detinha o seguinte conteúdo: “Qual a sua área de formação docente? (Curso, bacharelado, licenciatura, pós-graduação) quanto tempo de atuação na docência? (Pública, privada, nível). A partir das respostas da indagação foi possível observar que de comum, além de publicarem videoaulas, eles possuem igualmente o mesmo tempo lecionando, há 15 anos, podemos dizer que é um período médio de profissão. Outra característica que apresentou regularidade foi que ambos atuam em escolas que atende a classe média alta e alta das suas cidades, que fazem parte rede privada de educação básica.

Revelando uma tendência, do período pré-pandêmico, de que os professores que frequentavam as telas das mídias sociais, na sua maioria, atuavam profissionalmente no setor privado de ensino, por terem mais recursos à disposição. O fato de estarem capitalizando através das mídias seu conhecimento demonstra um traço do Capitalismo informacional, conforme detalha Manuel Castels (1999), em que todo tipo de informação vira valor de mercado. Neste caso a educação é quantificável pelas métricas e remunerável pela plataforma e pelas oportunidades que se apresentarem em decorrência dessas ações. O professor torna-se um empreendedor que precisa de uma rede de contatos para que a sua empresa apresente uma alta performance, investindo cada vez mais em equipamentos, networking e torna-se cada vez

mais performático para angariar mais métricas positivas. Esse tipo de capitalismo também é chamado por Han (2018) de psicopolítica, pois ele articula as peças do jogo para que o neoliberalismo articule novas técnicas de poder.

O poder se constitui em todo e qualquer tipo de relação, inclusive quanto ao próprio algoritmo que selecionou, graças as preferências desta pesquisadora vídeos na sua maioria das áreas de humanas e das linguagens, em função do rastreo e registro (*cookies* do *Youtube*) das preferências desta pesquisadora, a partir da utilização prévia da plataforma. Conseguimos entrevistar dois representantes das áreas de ciências humanas e linguagens, sendo que metade das 13 milhões de visualizações da amostra geral foram obtidas por essas duas áreas.

O Professor 1 leciona Literatura e Língua Portuguesa cursadas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e é acadêmico de História da Arte na mesma Universidade. Já o Professor 2 possui formação em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Campinas e Licenciatura em Sociologia na Universidade de Taubaté, muito articulado, revela que também cursou Mestrado em Educação na Universidade Estadual de Campinas.

Outro fator que os diferencia é o tempo que estão atuando no *Youtube*, o Professor 1 atua há 6-7 anos na plataforma e o professor 2 a apenas 4 anos, levando em consideração o tempo de magistério dos dois podemos inferir que o Professor 1 está há cerca de metade do seu tempo de profissional atuando na plataforma e que o Professor 2 ainda está iniciando a desbravar esse terreno. É importante ressaltar que os entrevistados atuam em regiões diferentes do país, o Professor 1 atua no Sul do país, pode se dizer que uma porção do país mais conservadora que ainda vê o professor como sendo um profissional com características mais tradicionais. No caso do Professor 2 que atua no Sudeste notasse uma maior familiaridade com os recursos tecnológicos.

Uma das singularidades mais marcantes é o entendimento que cada um tem sobre a atividade na plataforma relacionada ao sentimento de classe social. O Professor 1 orgulha-se de ser oriundo de escola pública e entende que a sua atuação na plataforma tem o intuito de dar oportunidade de acesso aos jovens de classes populares a um conhecimento que é restrito aos bancos das escolas privadas, onde atua, e resalta que desenvolve desde a graduação projetos sociais que socializam o saber com o intuito de possibilitar condições de concorrência nos vestibulares e no Enem.

No entanto o professor 2 reforça sua condição diferenciada social, resalta que é bem remunerado, pois atua na sua cidade “em uma escola de padrão social AA”, conforme ele

descreve a classe média alta e alta da cidade, além de frisar que é casado com alguém muito bem remunerado. Essa condição diferenciada o possibilitou investir em equipamentos e ele entende sua atuação no *YouTube* como uma porta de entrada para outras possibilidades de trabalho e cita algumas ações que participou graças ao trabalho desenvolvido na plataforma, afirmando que há reconhecimento quando há trabalho bem realizado. Essas oportunidades citadas pelo Professor 2 remete a uma ideia recorrente no Capitalismo informacional (CASTELLS, 2008; HAN 2018, SANTAELLA, 2013) onde tudo se torna moeda de troca, inclusive a informação e o investimento em si são uma premissa para continuar competitivo no mercado que possui regras baseadas no marketing e no mundo dos negócios.

Por pertencerem à rede privada de ensino, ambos desfrutam de condições diferenciadas de remuneração em relação aos seus pares das redes municipais e estaduais que amargam defasagem salarial há anos, que os colocam na chamada classe média. Há uma definição baseada no Manifesto Comunista (2010) que identifica aqueles que estão entre burgueses e proletariado como classe intermediárias/camadas médias e os professores embora tenham o saber da profissão obedecem ao regime de remuneração dos trabalhadores da educação. Essa condição mediana de classe causa uma sensação de pertencimento de classe que pode oscilar entre pertencer a um ou outro extremo conforme a sua identificação de valores. Muito bem representado nas falas dos entrevistados que apresentam ideias diferentes sobre o mesmo objeto. O Professor 1 vê a ação de postar vídeos no *YouTube* uma ação social que beneficiará camadas mais populares, de onde veio e se identifica, e Professor 2, entende que postar vídeos no *YouTube* é uma janela para novas oportunidades, obedecendo bem a lógica capitalista, empregada por classes melhor colocadas na pirâmide social. Que coloca o professor numa condição paradoxal que ao mesmo tempo que gostaria de promover aprendizagens alinhadas aos modelos mais contemporâneos de educação, estão suscetíveis as incitações da monetização das grandes plataformas.

Para a questão 2 “Como foi a sua formação profissional? Ela contemplava esses novos recursos audiovisuais? ” Ajustamos nosso interesse para saber sobre como se deu a composição do sujeito docente enquanto profissional. Neste item os professores assemelham-se ao afirmar que em suas formações não foram abordados temas referente a cibercultura, mas ambos apresentavam interesse de alguma forma sobre o assunto. Esse interesse fez com que o Professor 1 buscasse fora de seu curso, nas disciplinas de educação, informações sobre o tema. Interesse também demonstrado pelo Professor 2 que afirma que escolheu como tema do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) investigar canais no *Youtube* de sociologia.

Portanto, podemos inferir que tanto o Professor 1 quanto o Professor 2 já eram sensibilizados pelo tema na graduação, mas não obtiveram experiência em relação a uma capacitação planejada para atender suas necessidades. Podemos perceber que sob o ponto de vista pedagógico esses professores tiveram que buscar informações no seu cotidiano para qualificar o seu fazer, numa perspectiva baumaniana que nada se encerra na modernidade líquida, nem a educação, tudo é eterno pontilhado no tempo que faz com que estejamos o tempo todo em formação, afinal existe uma pedagogia das instituições perene que te força a entender assim, não há mais forma, constância, desfecho, tudo é apenas um continuum.

Neste sentido Orofino (2005) propunha há mais de quinze anos, época em que os entrevistados iniciavam sua carreira docente, a problematização da situação contextual dos currículos dos cursos de Pedagogia, bem como das licenciaturas. Chamando a atenção para a necessidade de políticas públicas nacionais para oferecer um suporte mais consistente para a utilização das mídias nas escolas, num modo transdisciplinar, integrador e transversal. Neste sentido ela defendia:

Em primeiro lugar, sugere-se a problematização da situação contextual do currículo de Graduação em Pedagogia, bem como nas licenciaturas. Um debate renovado em cada contexto bem como uma atenção maior em nível de políticas públicas nacionais pode oferecer um suporte mais consistente sobre o uso das mídias no cotidiano escolar, que seja de modo transdisciplinar, integrador e transversal. E não apenas como um recurso isolado de tecnologia educacional e informática com fins voltados apenas ao mercado de trabalho. É preciso superar também os enfoques fragmentários, de orientações funcionalistas e tecnicistas. Uma pedagogia dos meios solicita que as mídias estejam voltadas aos modos de integração, relação e problematização de conteúdos e realidades. Sem um maior espaço para a formação dos educadores sobre as linguagens e uso das tecnologias de comunicação e informação, bem como a função ideológica subjacente aos discursos midiáticos, dificilmente conseguiremos transcender o impasse que atualmente se verifica na relação entre mídias e escola (OROFINO, 2005 p. 34)

Houve um avanço nestes últimos 15 anos em que os professores entrevistados estiveram atuando quanto aos debates sobre a inclusão das tecnologias nos currículos escolares e este fato pode ser percebido a partir das grades curriculares das graduações em pedagogia e licenciaturas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), diretrizes gerais que baseiam as ações nas escolas do Brasil, que esteve presente nas maiores discussões sobre educação nos últimos anos, inseriu a necessidade de se trabalhar com tecnologias de forma integrada em todas as disciplinas da Educação Básica. O documento já homologado pelo

Ministério da Educação (MEC), tem dentre as orientações o uso de tecnologia pelas escolas e maior protagonismo do aluno no aprendizado¹⁴.

A questão 3 “Como você se capacitou ou se aperfeiçoou no uso dos recursos audiovisuais?” É uma consequência da questão 2. Essa versa sobre o sentido prático observado pela necessidade de dar conta de uma demanda emergente que buscava inserir nos contextos escolares tecnologias digitais. Neste sentido a localização geográfica ajudou na formação de rede de apoio de auxílio mútuo.

O Professor 2, que se declarou de origem mais privilegiada, formação mais robusta e morador do sudeste do país, atua como revisor de conteúdo no *Youtube Edu*. Teve oportunidade de receber capacitação da empresa em eventos presenciais organizados pela gigante da tecnologia sobre como deveria ser um canal educacional de sucesso e (compilados numa série de três vídeos transcritos nos apêndices I, J, L e M), além disso, integra rede de apoio virtual com outros professores-*youtubers* que trocam dicas entre quase 200 membros que se auxiliam nas questões técnicas com dicas de equipamentos, software e edição.

Por ser um dos responsáveis pela análise de conteúdo do *YouTube Edu* os outros professores o incentivaram a criar o seu próprio canal. Neste sentido percebemos aqui ações que nos remetem ao conceito de rede sociotécnica de Callon e Latour. Podemos aqui lembrar que o entendimento do que é uma rede sociotécnica (CALLON, 1989; CALLON, LATOUR, 1991; LATOUR, 2000; CALLON, 2006a), como sendo uma constelação de atores disjuntos, ou seja humanos e não-humanos que se associam na elaboração de um ato, originando novas definições tecnológicas ou não. O interesse comum é que possibilita que estes atores heterogêneos na sua origem interajam e formulem uma ação/produto/acontecimento. Portanto novamente aqui torna-se importante criar possibilidade para que o aluno faça parte desta rede sociotécnica que possibilita construir o seu conhecimento.

Portanto esses grupos virtuais de apoio formado por professores-*youtubers* que com ajuda de softwares, equipamentos eletroeletrônicos e a internet formulam uma rede sociotécnica capaz de produzir conteúdo cada vez mais especializado para os canais em questão. Essas associações são potentes no sentido de produzirem transformações mútuas, os humanos afetam os não humanos e os não humanos afetam os humanos, há uma afetação mútua que resulta em transformações. A afetação da tecnologia, aqui nomeada - numa

¹⁴ <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

forma de simplificar – *YouTube*, com o humano, o professor, forma a categoria estudada professor-*youtuber*, duas palavras de categorias diferentes ligadas por hífen para demonstrar que as palavras podem se tornar um composto mesmo sendo de unidade significativa diferentes.

A rede sociotécnica é um dos conceitos que compõe a Teoria Ator Rede (TAR) que busca explicar fenômenos da ciência nas relações entre tecnologia e sociedade, mas tal teoria empresta suas relações para explicar fenômenos da comunicação. Que por essência é uma afetação mútua entre interlocutores que a partir de uma troca de signos e regras semióticas produzem uma mensagem. A afetação entre os professores e os equipamentos, internet, algoritmos e pelos alunos perfazem uma rede sociotécnica capaz de realizar uma tarefa de interesse comum, a partir de trocas entre seus membros.

Para Lemos (2013) há uma relação indissociável entre a comunicação, para ele os “humanos comunicam e as coisas também. E aos nos comunicarmos com as coisas e elas nos fazem fazer coisas, queiramos ou não.” (LEMOS, 2013, p. 19). Essa lógica explica muito a relação que se estabelece numa rede de apoio mútuo que ao se conectar provocam mudanças no comportamento de todos os membros e da própria plataforma tendo em vista que a lógica algorítmica depende da interação humana para tornar-se lucrativo. Portanto a interação é recursiva, um muda o outro numa constante transformação. Para Latour:

Onde estão os Mounier das máquinas, os Lévinas dos animais, os Ricoueurs dos fatos? O humano, como podemos compreender agora, só pode ser captado e preservado se desenvolvermos a ele está outra metade de si mesmo, a parte das coisas. Enquanto o humanismo for feito por contraste com o objeto abandonado à epistemologia, não compreenderemos nem o humano, nem o não-humano. (LATOURE, 1994, p. 134)

A relação com os algoritmos das plataformas é uma prova que jamais fomos modernos, pois não mais acreditamos na purificação dos objetos. Estamos na mediação com não-humanos (celulares, internet, algoritmo, laptop) o tempo todo quando estamos em associação. Portanto o ator é a rede e a rede é um ator, ambos são mediadores. A TAR busca trazer simetria para a relação sujeito e objeto e como seria possível não dar o devido peso aos objetos numa relação tão híbrida quanto é a comunicação através das plataformas em rede. Dar o devido peso a essa relação é reconhecer o quanto somos imbricados com o mundo e as coisas. “Compreender a cultura digital é entender as relações entre esses diversos atores e

suas formas de relação através de boas descrições e análise dos rastros” (LEMOS, 2013 p.24).

Colaborando com este olhar mais holístico para as relações entre sujeitos e objetos encontramos Santaella (2013) que ao examinar o fenômeno da internet das coisas sugere uma visão amplificada, agora o que devemos enxergar é integração/interação entre sujeito e objeto – objeto e objeto – sujeito e sujeito – sujeito e animais numa configuração que ela chama de pós-humano. Portanto a relação estabelecida entre a rede de apoio dos professores-*youtubers* colabora nesta elaboração de um sujeito que transcende ao humano, seria então o pós-humano. Essa configuração apresenta uma ideia de descentralização do humano por meio da crítica às determinações essencialistas do humano.

O que podemos pensar, também, que essa nova configuração em rede de ajuda mútua configurada por grupos virtuais e encontros de trocas de experiência formula o que Levy (1999) chamou de inteligência coletiva. Uma camada de complexidade que a internet trouxe para as nossas vidas. A inteligência coletiva congrega os saberes de muitos e os coloca a favor de uma causa, que nem sempre é uma atividade superior, mas que colabora para a produção de algo. A inteligência coletiva seria aquela distribuição de saber entre todos os sujeitos, não limitando a apenas alguns. Por esse entendimento o conhecimento está disponível para qualquer um, colocando todos em condições de criar. Porém essa premissa se resume a alguns escolhidos, tido como os de excelência em conteúdo. A inteligência coletiva então, conforme Levy (1999) levanta não seria uma realidade potencializadora para todos e sim uma possibilidade para alguns que conseguem acessar certas redes, já que nem todo professor-*youtuber* conta com a circulação de informações privilegiadas destes grupos, que tem seus membros selecionados a dedo.

Continuando na mesma questão, o Professor 1, oriundo da educação pública, com formação ainda em consolidação e residente no Sul do país capacitou-se atuando na prática, com o trabalho, aprendendo a lidar com os recursos de forma autodidata. É importante ressaltar que esse professor atua prestando serviços, sob contrato, a uma empresa que produz videoaulas de todas as disciplinas, portanto as questões técnicas não ficam sob sua responsabilidade, deixando para ele apenas aprender a lidar com a câmera e o conteúdo. Essa ação é típica na formação do professor que possui uma necessidade de aprender com o trabalho.

As respostas obtidas nestas questões nos remetem a ideia que Tardiff (2002) nos traz que um “professor não nasce professor, ele torna-se professor”, portanto não se nasce

professor-*youtuber*, torna-se um. Há nesta citação um imperativo contemporâneo de que é necessário estar em constante aprendizagem. E a autonomia é almejada no sentido que se entende que um professor só aprende com o trabalho, neste sentido é bom lembrar que na contemporaneidade qualquer profissão está fadada a uma eterna reconversão do sistema educativo. O que se espera de um profissional que está no mercado é o movimento de estar aberto a novos aprendizados, onde o mais importante é aprender a aprender, num processo de requalificação incessante.

Na questão 4 “Como você se integrou ao projeto ou ideia do Canal *Youtube Edu?* (Convite, edital, etc.) ” ficou evidente que ambos por serem professores de escolas particulares gozaram da sua reputação para integrar o projeto. O Professor 1 por ser conhecido como bom professor foi convidado por uma empresa que articulava videoaulas com professores de diversas disciplinas e, portanto, é remunerado para este fim. Todo o gerenciamento do canal é realizado por esta empresa. Neste sentido vemos como o Capitalismo informacional, transforma qualquer informação em unidade de valor, criando outras formas de trabalho. Tal professor ministra aulas, mas não tem alunos presenciais, apenas virtuais que não conhece.

Já o Professor 2 assumiu a postura mais empreendedora e incentivado pelos outros professores, integrantes da plataforma, a também participar do empreendimento com seu canal próprio, já que ele era um dos responsáveis pela curadoria da plataforma. Podemos dizer que perante esse sistema, o do capital informacional, o trabalho estabelece novas conotações de sentido, baseados em estratégias de controle, que estão muito além das apropriações tecnológicas, mas que expressa novas relações de exploração do trabalho (FRANCO e FERRAZ, 2019).

Na questão 5 “Você se considera um professor-*youtuber*? Como foi o processo de passar a produzir videoaulas para a plataforma *YouTube*? O que o motivou? Desde quando produz esses materiais? Você percebe uma evolução na qualidade dos mesmos? ” Ambos se reconhecem como sendo um professor-*youtuber*. O Professor 1 não se vê um “autêntico” professor-*youtuber* e entende de forma meio estranha essa a denominação (professor-*youtuber*). Ele afirma que “o processo não foi fácil”, segundo ele teve que aprender a falar para a câmera de forma espontânea durante a gravação das videoaulas, utilizando apenas um material como espinha dorsal de apoio. A motivação era poder contribuir com alunos de baixa renda com as informações já que é oriundo da educação pública também. Reitera que sua performance melhorou nos últimos 6-7 anos “...tu diminui o tempo, faz mais vídeos e

melhora claro nas imagens, melhora no formato, no tamanho das letras e obviamente na qualidade do material também né, porque tu acaba pesquisando mais, preparando melhor as aulas”.

Podemos inferir nesta questão que o professor entrevistado passou a agir sob o paradigma da pedagogia das mídias, descritas por Orofino (2005) como sendo crítico e sob o olhar da complexidade. Para a autora um professor que se alie as mídias como forma de educar precisa superar a visão maniqueísta sobre as mídias, nem as endeusando, nem as demonizando, e sim a um apelo a complexidade que identifique que as condições das audiências não é um fator determinado somente pelo mercado. Por ele acreditar que seu conteúdo está chegando até as camadas mais populares, democratizando a informação, podemos inferir que tal ação está calcada nas pedagogias das mídias descritas pela autora que desafia a crise das ideologias dominantes a partir da nossa intervenção em processos que acelerem e intensifiquem uma reflexividade social, pois o professor apresenta argumentos que incitam ao pensamento crítico, que faz com que o aluno em situação de vulnerabilidade social reflita sobre sua própria condição e possa se questionar sobre ela e dessa forma ressignificar o mundo, produzindo outras narrativas para além dos que os estudantes consomem todos os dias (OROFINO, 2005 p. 151 – 152).

Neste sentido podemos dizer que a autora projetava algo que de fato acabou se distorcendo, principalmente depois que acompanhamos nestes últimos anos as transformações das mídias em palco de guerra entre *fakenews* e tensionamentos constantes entre correntes políticas, nem sempre de maneira a dar um resultado mais produtivo, vide as eleições de 2018, travada quase que somente nas mídias sociais e com um desfecho desastroso. Assim como postagens negacionistas da ciência e que apelam para um revisionismo histórico, apontando para obscurantismo.

Sobre a mesma questão, o professor 2 afirma que essa condição abre outras possibilidades para ele, como projetos com secretarias de Estado, empresas e escolas/universidades, o trabalho com o *YouTube* funciona como uma divulgação dele mesmo enquanto professor. O entrevistado ainda afirma que passou por uma capacitação da *Google*, por várias ocasiões, para afinar detalhes da produção. E a motivação que o fez engajar nesta ideia foi a insistência do Grupo de Professores “padrinhos”, referências quanto a canais educacionais selecionados pela própria *Google*. Quanto a sua evolução ele afirma que veio com a sua capacitação, o que antes ele precisava de uma pessoa para editar seus vídeos, hoje ele é autônomo, com a ajuda da comunidade de professores *Youtubers*.

Essa questão reforça o que já foi identificado em questões anteriores que no paradigma do Capitalismo informacional (CASTELLS, 2008), ou como chama Han (2018), a psicopolítica, o que vale é a auto-capacitação, para tornar-se cada vez mais competitivo, no intuito de ampliar a sua liberdade. E essa aposta na emoção do sujeito que se sente livre para celebrar como uma expressão da subjetividade, é uma técnica neoliberal de poder que explora essa subjetividade livre, conforme Han (2018). As tramas do capitalismo informacional enredam o produtor de conteúdo com a premissa que investir na sua capacitação garantirá melhores condições de competição. Essa situação causa uma angústia no sujeito, a de que nunca está suficiente, sempre tem que melhorar e vencer uma corrida que ele trava com os outros e com ele mesmo. A preocupação de angariar novas oportunidades demonstra essa necessidade de se sentir e se manter desejável pelo mercado, uma angústia demonstrada pelo professor durante sua fala.

Esse formato de capitalismo opera muito com as emoções dos sujeitos, aposta na fragilidade de suas subjetividades para garantir que o poder esteja operando sempre a favor do sistema. O professor demonstrou durante a entrevista um real interesse em saber quem seriam os entrevistados, numa alusão a necessidade em estar entre os melhores, demonstrando a sua porção competitiva. A entrevistadora afirmou que estava contatando cerca de 50 produtores de conteúdo e que conversaria com aqueles que retornassem o seu chamado e que isso não era necessariamente uma seleção pelo resultado das métricas, mas que era uma seleção a partir dos vídeos assistidos durante o período de seleção da amostra.

Na questão “6 - Você trabalha em casa ou em uma empresa/instituição educacional? Como é o ambiente de trabalho? ” Os professores diferem quanto aos espaços que ocupam para exercer essa atividade. O Professor 1 não trabalha em casa, ele vai até um local, uma sala com iluminação, com TV, com uma câmera melhor que é disponibilizado pela empresa que gerencia o canal. Ele ainda ressalta que o ambiente de trabalho é bem amigável. As diversas formas que o Capitalismo informacional opera para que o conhecimento gere valor é percebido neste novo arranjo que o Professor 1 integra.

A economia de mercado espera que o profissional entregue o melhor conteúdo possível para que ele seja monetizado e conta com a organização estruturada de uma empresa para garantir as melhores condições. Um outro formato de ensinar surge, baseado na cultura massiva que tinha a televisão e o rádio como referências, mas que na cultura pós-massiva, faz uso da irradiação da informação através das mídias sociais, e que vem alterando a forma que operamos nossos modos de ser e estar no mundo. Portanto o professor-*youtuber* que a partir

de uma articulação profissional busca alcançar outros sujeitos, além daqueles que afeta na sala de aula, torna-se um professor que pretende ser onipresente. O que se une com a atual lógica político-econômica que trança as relações de poder contemporâneo, que impacta na produção da subjetividade deste professor e altera a forma como ele se constitui.

Esses novos formatos de negócios educacionais proporcionados pelos dispositivos móveis, mídias sociais e os algoritmos e humanos dedicados a democratização do conhecimento imprime uma outra forma de ser e estar no mundo, tal forma humano e não-humano aproxima-se da perspectiva de Bruno Latour, que considera as tecnologias nem da ordem do objetivo ou subjetivo, mas sim um híbrido entre essa nova forma corpórea acoplada. Bruno Latour faz uma antropologia que quer dar espaço também para a tecnologia. E que entendemos que essa inter-relação é profícua e indissociável enquanto estivermos utilizando seus aparatos, mas que precisa ser entendida como atuação de ganhos recíprocos onde todos os atores possam incidir no processo de autoria, transformando-se num híbrido.

Latour alerta que não se trata de dar subjetividade as coisas ou objetificar o humano, mas sim dissolver a separação homem x objeto e sim transformar num terceiro objeto. Portanto essas videoaulas transmitidas pelas redes sociais podem ser e não ser consideradas aulas, pois segundo Freire (1999), Becker (1992) para ser uma aula é necessário ter interação, troca entre professor-aluno, aluno-aluno. As videoaulas como acontecem agora estão mais próximas de uma preleção, portanto neste sentido podem ser consideradas aulas, no sentido deleuziano que entende que uma aula não precisa ser compreendida em sua totalidade por todos, ela poderia se tornar fragmentos de uma ação. Neste sentido até a constituição do sujeito professor-youtuber é fragmentada, ela vai sendo constituída no processo de envolvimento com a tecnologia, apropriação da mesma pelas seus co-autores.

O Professor 2 grava em casa e, segundo ele, no início era uma estrutura simples, atualmente possui uma estrutura mais profissional que “foi sendo construída aos poucos”, ressalta. Essa condição privilegiada é por conta dele, pois entende que atuar no *YouTube* é um investimento e ter uma estrutura adequada possibilita materiais de qualidade e por consequência o coloca como sujeito competitivo no universo da economia das plataformas.

Essas características são desejadas pelo Capitalismo informacional, que tanto precariza trabalhadores de outras categorias, como os entregadores, por exemplo, por eles não terem gerência sobre os produtos que trabalham, sua necessidade de horas trabalhadas e custos. Essa precarização se dá porque esses trabalhadores gerenciam apenas suas condições sociais de sobrevivência e não a totalidade do negócio (ALVES, 2020). Essa questão aflige os

professores-*youtubers* também, já que eles adotam o modelo empresa, que se impõem enquanto organizador da sociedade, transcendendo ao mercado. O sujeito fica a sua própria sorte, pois sua atuação requer que ele invista no seu capital humano e aguarde que seja monetizado por isso.

O que esse modelo não garante, tanto para entregadores - que não possuem gerências sobre as suas condições de trabalho - e professores - que administram seus recursos e seu capital social e humano - são os direitos sociais, inclusive trabalhistas. Esse retrocesso se mostra muito frutífero para a lógica neoliberal. Esse modelo conduz as condutas dos professores que são capazes de investir neste novo formato onde sai a instituição fábrica como exemplo e aparece a empresa como instituição-modelo. Esse formato permeia todas as esferas da sociedade desde o mercado até a escola, por consequência seus alunos, professores e gestores. No modelo desta sociedade governada por algoritmos sai o aluno e entra o midiente, sai a audiência e entra a *audiência* e como toda relação da cultura de participação propagada pela *Web 2.0* deve ser incluída como autor neste processo. Entendendo midiente como aquele a quem tenho que capturar a atenção para monetizar o canal, e não necessariamente aprender com o professor.

Nesse novo modelo a docilização dos corpos feitas pelas instituições de controle na Sociedade Disciplinar, como escola, fábrica, prisão, hospício numa operação do biopoder (FOUCAULT, 2008) já não são mais necessárias, neste novo formato o que impera é a modulação das mentes, é o *neopoder* descrito por Maurice Lazzarato (2006). Essa nova formulação contamina os demais âmbitos, pois não é mais primordial disciplinar os corpos, eles já estão docilizados, agora neste modelo-empresa o que conta é conduzir condutas através das mentes, agora o que é necessário é ter rendimento, como diria Byung Chul Han em sua obra *Sociedade do Cansaço*. Essa característica é típica do mercado, do universo dos negócios, elementos como concorrência são inseridos nos espaços escolares e no caso dos professores-*youtubers* são transferidos para as redes.

O que torna o sujeito em uma empresa que precisa empregar recursos para ampliar seus rendimentos, para possibilitar o maior lucro possível, seja angariando likes, compartilhamentos e inscrições, seja sendo contratado para realizar projetos especiais para empresas ou Estado. Sendo propiciada pela junção de três elementos difusores as mídias, a tecnociência e o mercado. Esse formato atravessa as fronteiras das empresas e contamina os sujeitos ensinantes e aprendizes. Os resultados dessas transformações estão sendo cartografados ainda, não temos certezas sobre seus efeitos a mais longo prazo. Porém o que

vimos no período da pandemia que o imperativo de estarmos produzindo com a mesma velocidade do mercado produto intelectual suscitou numa overdose, num cansaço, uma saturação de telas, que ainda não temos a real dimensão dos malefícios e benefícios que nos acarretaram, apenas temos a sensação de saturação bem marcada.

Podemos observar uma tendência neste sentido, dos professores-*youtubers* tornarem-se empreendedores de si, conforme Foucault (2008) em o Nascimento da Biopolítica observou. Num contexto neoliberal há diversas estratégias que impõem uma racionalidade própria, onde os sujeitos investem em si mesmos com o objetivo de se tornarem competentes, competitivos e preparados e aptos a conseguirem os melhores resultados diariamente. Desse modo, “a empresa é promovida a modelo de subjetivação: cada indivíduo é uma empresa que deve se gerir e um capital que deve se fazer frutificar” (DARDOT, 2017).

Para Foucault (2008) há a criação de uma “governamentalidade empresarial” que avança além das fronteiras do Estado e chega à composição do indivíduo, levando-o a conduzir se como empreendedor. Neste modelo a competição é inerente, tornando-se evidente que a concorrência, entre tantos empreendedores, um fator determinante nesta lógica. Transformando o Homo Economicus, um sujeito no qual torna-se totalmente racional e baseia suas escolhas numa racionalidade definida. Nessa perspectiva o indivíduo busca atingir metas específicas com foco na sua melhor performance, ao menor custo possível como um parceiro do Estado, capaz de se auto-gerir, garantindo que a estrutura se mantenha a favor do sistema. Segundo Alves (2020) a “promoção da concorrência a princípio também é fator que contribuiu para o Estado se afastar da responsabilidade com os sujeitos e levá-los à crença de que o melhor a fazer é investir em si mesmo”.

A estratégia de investir em si é uma busca por diferenciar-se e quem sabe tornar-se celebridade e sucesso significativo, isso gera satisfação pessoal e resultados. Podemos identificar essa procura por melhor destaque entre o contingente de docentes que atuam nas mídias sociais como uma maneira de recuperar o lugar de figura admirada do professor. Essa estratégia confere a ele um ar juvenil tendo em vista que as novas tecnologias são muito usadas pela juventude e o seu reconhecimento confere ao produtor de conteúdo um gozo importante.

O professor-*youtuber* almeja tornar-se não mais uma autoridade tal como era o chefe ou o pai, agora ele busca tornar-se uma marca capaz de capturar a atenção de um contingente maior de pessoas, numa sociedade fortemente midiaticizada, que busca visibilidade incessante.

Portanto a estratégia de se valer das mídias sociais para ensinar apresenta o intuito de se manter no jogo das coações socioculturais, gerando outras subjetividades (SIBILA, 2012).

Os professores-*youtubers* abraçam as mídias sociais na tentativa de acessar as crianças e jovens imersos numa cultura midiática com a intenção de cooptar a sua atenção para questões que habitam o ambiente secular da escola, que possui uma gama de atributos que perpassam ao simples conteúdo, igualmente transmitido pela *web*, como os encontros, as vestimentas, os corpos, as regras entre outras questões. Vimos na Pandemia que a escola guarda a beleza do encontro, das relações *face to face*, das trocas, na arquitetura e na divergência de pontos de vista. Todas funções que foram sentidas muita falta no período de distanciamento, ratificando a importância desta instituição como ambiente de sociabilidade.

Na questão “7 - Você tem auxílio de alguém na produção desenvolvimento desses materiais? (Tantos os de comunicação, quanto de produção de conteúdo). O Professor 1 presta serviço para uma empresa que possui estrutura de comunicação e técnica para atender ele e os demais professores das outras disciplinas. No caso do conteúdo é ele mesmo que produz e utiliza o Power Point para estruturar uma apresentação guia. Já o Professor 2 tinha no início uma pessoa que o auxiliava na edição dos vídeos, hoje o próprio professor se tornou autônomo e realiza ele mesmo essa atividade. Ele ainda tem uma pessoa que o ajuda com o Instagram, pois, segundo ele, há a necessidade de fazer acontecer o engajamento nas redes sociais, não podendo esperar que seja espontâneo. Mas ressalta que tem professores que possuem equipe de até 15 pessoas auxiliando, devido ao sucesso alcançado. Quanto ao conteúdo ele afirma que é ele mesmo que o produz.

Na questão “8 – Descreva o seu processo de produção das videoaulas? Quais os recursos e tecnologias que utiliza? (Seleção de materiais, como chega a um assunto/temática específica) O Professor 1 se orienta pelas exigências do Enem e Vestibulares para Literatura, pesquisa conteúdo referente ao período literário colocando num contexto histórico, já que o professor também é acadêmico de História da Arte. O Professor 2 elabora tudo sozinho, do roteiro, gravação e edição. Apoiar-se em dicas dos membros do grupo de *Whatsapp* de professores-*youtubers* para melhorar o trabalho. A sua estrutura é mais profissional tem isolamento acústico, *teleprompter* e câmera de alta definição. Depois de produzido o material ele faz o que chama ““você precisa fazer a água virar em volta de você” (sic), que consiste em movimentar e aumentar o engajamento nas redes sociais utilizando o material postado. Quanto ao conteúdo ele trabalha sob demanda dos contratantes de cada projeto e pelas temáticas pertinentes ao currículo de História.

Essa dinâmica aparentemente autônoma esconde um alto teor de controle. O modelo empresa se impõem enquanto organizador da sociedade extrapolando o formato para todas as relações. Toda ação humana toma uma proporção de autoregulação atendendo a necessidade de investimento em si exigida por este modelo. Todas as ações passam a ser reguladas pelo mercado, não se tem mais chefe, um diretor, um coordenador o que existe é uma demanda vinda do mercado a qual está se dirigindo o produto e de seus consumidores/clientes que fazem a regulação. Deleuze (2008) afirma que a Sociedade da Vigilância de Foucault teria se tornado na Sociedade do Controle que não precisa mais conduzir corpos através de seu confinamento, mas sim de um controle contínuo e de comunicação instantânea. Na Sociedade do Controle nunca se termina algo, ou foge-se do controle, estamos num perpétuo devir. A escola estende-se para além dos muros do prédio físico e invade as redes com sua onipresença. Os controles exercidos pelos seguidores/alunos nos professores-*youtubers* modulam o comportamento deles sem sequer estarem fisicamente próximos.

Neste sentido os professores-*youtubers* vão adequando o seu trabalho com as exigências de normas estabelecidas pelo Estado e pelo mercado. Tornando-se *prosumidores*, ou seja, ao mesmo tempo que são produtores de conteúdo eles são consumidores de conteúdo e de tecnologia, que retroalimenta a cadeia desta nova relação estabelecida com o novo perfil de leitor que transita pelas redes. O professor-*youtuber* tem também esse perfil, antes de ser produtor de narrativas audiovisuais e ele também é consumidor de conteúdo e de tecnologia.

Conforme Santaella (2013) há uma expansão do conceito de leitura, esse novo leitor tem uma característica especial, pois ele não só consome ele produz também. E então é importante possibilitar condições para que os demais atores do processo ensino e aprendizagem também possam tornar-se *prosumidores* de conteúdos que façam suas condições cognitivas aprimorarem-se. A inter-relação professor-tecnologia-aluno precisa ser estabelecida numa condição propositiva no intuito de completar o ciclo de aprendizagem e fugir de condições mais conteudistas, tornando-se assim, verdadeiramente, interativas.

Na questão 9 - Em que se diferenciam as videoaulas dos materiais e aulas tradicionalmente realizadas no contexto presencial? Há vantagens e desvantagens num e noutro modo de ensinar? Quais seriam? Seriam? O Professor 1 afirma que os dois modos de ensinar são bem diferentes, sendo que a vantagem é:

“...na aula presencial tu tem o contato né, a relação humana ali né, aquela ideia do Paulo Freire que é a troca né, tu ensina aprendendo e aprende ensinando, então ali eles podem, eles e elas tirarem as suas dúvidas, tem o olho no olho, tu percebe

quando o aluno está aprendendo né, está desenvolvendo ali o raciocínio, aqueles olhares que estão com dificuldades...” (PROFESSOR 1, Apêndice B)

No seu entendimento a aula presencial é muito importante para responder as dúvidas dos alunos. Quanto as videoaulas ele as entende como sendo potente para realizar revisões. E acrescenta que para as atividades de videoaulas seria interessante agregar momentos síncronos para poder sanar as dificuldades. Ele aproveita para dizer que usa como estratégia para descontrair nas videoaulas algumas piadinhas para descontrair o momento. Podemos pensar que, assim como o entrevistado cita, o presencial favorece as “trocas”, que aqui podemos entender por dialogicidade, tanto que cita Freire. Ele afirma que este formato favorece o professor – em relação a sua docência ou aprender a ensinar – e aos estudantes que podem “tirar dúvidas” ou perguntar/interagir. Vejam que essa vantagem diz respeito ao encontro síncrono, não necessariamente presencial. O que ele se refere é o “contato” e ao “estar ali”, portanto podemos inferir que esse professor não se vê presente na videoaula? Que ele não está ali? Percebam que essa discussão é importante sobre a questão de ser/não ser aula as videoaulas. E insere outro elemento importante na nossa pesquisa que é a questão de presencialidade.

No caso do Professor 2 ele pensa ao contrário sobre as piadinhas, e afirma que os vídeos precisam ser conteudistas para atender as necessidades dos alunos e não engraçados. Mas concorda que são dois momentos diferentes. Ele afirma que gosta muito da troca de energia da sala de aula, por ser uma pessoa pouco “racional”. Permite-se brincar em sala, coisa que não faz nos vídeos. Porque ele entende que o *YouTube* tem que ser objetivo do tipo “aperta ali, aperta aqui” (sic). Segundo ele “o engajamento cai se a aula não é conteudista”. E complementa:

“é aquela educação bancária, que o Paulo Freire fala, você joga um monte de informação e depois o cara vai te dar um extrato do que ele guardou. E na verdade o extrato não é nem pra mim (risos), o extrato é para um outro professor. Então, a experiência de dar aulas no *YouTube* é assim: É diferente”. (PROFESSOR 2, apêndice C)

Ele afirma que gosta muito da troca de energia da sala de aula, por ser uma pessoa pouco “racional”. E pondera:

“Então, a minha aula é uma aula mais seca, é uma aula que fica mais curta porque você não interage, então como a possibilidade de interação é zero, até fica de mal gosto, não sei, mas isso é encanação minha” (PROFESSOR 2, apêndice C).

Outra diferença que ele aponta nas videoaulas é que não se sabe para que tipo de público está se falando, para poder adequar o conteúdo. E complementa:

“já o novo currículo do fundamental II, ele já fala de nichos temáticos, habilidades e tal. Mas quando você joga isso é muito mais difícil, porque habilidades e competências, na minha concepção, demanda um pouco mais de interação né, então de você apresentar um documento pro aluno, apontar questões ali, trazendo o olhar que o aluno tem para aquele documento, você apresenta um outro documento, aí você convida o aluno a comparar as duas coisas. Então, eu fazer isso no vídeo sem interação se mostra uma tarefa muito ingrata, porque no máximo o que eu posso fazer é dizer ‘olha, pra comparar a gente faz assim’ e depois eu fazer a comparação, porque de toda forma não é o aluno que está fazendo a comparação, não é o aluno que está produzindo conhecimento, eu que estou fazendo a comparação, eu que estou cumprindo aquela habilidade ou aquela competência. Então, ao fim se torna uma aula expositiva de conteúdo e não uma aula mais dialógica né, pra pegar o termo do Bakhtin.”

De novo, a dialogicidade demarcando o que seria uma "aula". Uma estratégia comunicacional do "aqui e agora", do imediato. A oralidade, a linguagem e o corpo como tecnologias sobre a qual professores e estudantes estão acoplados. Podemos inferir que, para esse professor, se não há comunicação, não há aula: há entrega, transmissão, exposição e demonstração. Aqui se vê, de forma nítida, que esse professor entende que o ensinar exige ação e participação, portanto, uma epistemologia que se fundamenta no construtivismo ou em pedagogias ativas, tendo a dialogicidade como referência mais importante do ato de ensinar.

Neste sentido podemos afirmar que as narrativas audiovisuais não são algo que aprendemos formalmente, mas apresentam-se como uma possibilidade educativa pois ela está em todos os espaços e o aluno é submetido desde que nasceu, mas é justamente no seu diferencial interativo que está determinado por essa inter-relação entre humanos e não humanos (professor-tecnologia-aluno) que nos apresenta uma excelente oportunidade de criar ambiência de aprendizagem. Essa ambiência é revelada pelo potencial espaço de interação, pois existem duas dimensões: uma subjetiva que se encontra na relação afetiva das pessoas com os objetos; e outra objetiva de caráter fisiológico que reside nas condições de conforto que as pessoas experimentam no ambiente construído, ao lidar com os objetos (BARROS, 2014). Portanto, esse desconforto que o processo sente em tentar criar conexão com quem os assiste, pode ser um ponto a ser trabalhado na relação, pois tudo o que nos incomoda é algo a ser trabalhado.

E essa podemos dizer assim defesa do professor referendada pela fala que não aposta na interação pois baixa o engajamento seja justamente por não estar fazendo de uma maneira

construtivista que possibilita a interação efetiva na co-criação do aluno. E também porque assim pode-se manter de certa forma, ainda, detentor de saber, afinal espera ser sujeito epistêmico de sujeito/objeto. Porém um atendimento a esse leitor contemporâneo que precisa aprender a ter atenção, selecionar o relevante, organizar a informação, discriminar categorias, armazenar na memória a curto e longo prazo, construir relações semânticas, raciocinar sobre concreto e sobre abstrato, discutir, argumentar e debater, compreender o que se lê, expressar-se corretamente por escrito, saber falar em público, saber perguntar e perguntar-se, identificar problemas, aplicar soluções, planejar, ser criativo, colaborar, saber interpretar linguagens, saber utilizar ferramentas, definir procedimentos, adaptar-se ao meio (SANZ, 2003 apud BARROS, 2014). Portanto apostar em estratégias educacionais que desenvolvam essas habilidades possibilita uma aprendizagem que faça sentido para quem está buscando aprender.

Quase finalizando a entrevista, na questão 10 - como percebem o potencial das estratégias narrativas utilizadas nas videoaulas (potencialidades e fragilidades; o que poderia ter sido feito melhor?) ” Tanto o Professor 1 quanto o Professor 2 informaram que utilizam as estratégias das aulas expositivas, tradicionais, para atender a necessidade por informação do internauta. Sendo que o Professor 1 diz que pode-se perceber que a potencialidade das videoaulas é alcançar a quem não tem dinheiro para pagar um ensino de qualidade. A fragilidade é que não tem a troca com aluno, não pode responder as dúvidas. Sugere que a empresa faça um momento síncrono, uma “live” para poder tirar dúvidas dos alunos.

Fica implícita, aqui, a afirmação de que as videoaulas são tão eficientes quanto uma aula, pois não se perde a "qualidade". Ao contrário, uma videoaula, para ele, entrega a qualidade para quem não pode pagar. Ele acredita que uma videoaula no *YouTube* supera em qualidade a aula de um professor de uma escola pública. A fragilidade que ele aponta deixa isso mais evidente. Para melhorar, basta aumentar a interação, e sugere uma LIVE do tipo "tira dúvidas". Reforçando esse pensamento, o Professor 2 firma que as aulas por videoaulas são essencialmente conteudistas, mas critica muito essa funcionalidade do *YouTube*, dizendo que há muitas possibilidades de usar o recurso.

Lembra que o professor pode utilizar os vídeos como um suporte para a sala de aula invertida, nos moldes das metodologias ativas, onde o aluno assista e pode fazer perguntas sobre o tema estudado e traga para discutir em sala de aula. O entrevistado arrisca a dizer que o *YouTube* é “... ambiente muito mais preñado de possibilidades do que meramente o aluno que vai vendo aquilo ali... podem até assistir duas aulas diferentes, de dois professores diferentes do mesmo tema, ‘gente, vamos comparar isso aqui’.”(sic) Ressalta que houve uma mudança

significativa do jeito de utilizar a tecnologia na educação com a pandemia, mesmo com dificuldades tecnológicas e financeiras os professores acharam alternativas, mas ressalta que não se deve glamorizar a pobreza do professor, confundindo o seu profissionalismo, com vocação. Pondera ainda que para ele, que possui remuneração privilegiada por trabalhar numa escola de classe média alta, os acontecimentos foram encarados de forma benéfica, pois abriram outras possibilidades de docência remota. E ressalta que o Estado deve dar capacitação e equipamento para os professores que não possuem condições de adquirir.

Os docentes indicam nas suas falas a necessidade de ampliar o ambiente interacional entre sujeito-objeto-sujeito, nesta inter-relação dialógica que é a educação através de possibilidades digitais. O que nos indica que a possibilidade de trabalharmos vídeos interativos como apoio de uma aula calcada numa metodologia não conteudista e sim mais ativa que coloca o aluno também no processo de construção. Queremos ressaltar que essa proposta não quer aumentar o protagonismo de nenhum dos pólos da interação e sim dar voz para a educação seja feita por todos, não por uns ou por outros.

Aproveitando o que surgiu na questão anterior foi feito aos professores a seguinte pergunta: “11 – Como a pandemia afetou seu trabalho? ” Neste ponto os professores constataram o mesmo, que o presencial foi todo transferido para o *online*, utilizando as plataformas de videoconferências. Os dois salientam que foi um desafio para os professores, que tiveram que achar soluções educacionais através da tecnologia e que a pandemia não alterou significativamente as métricas dos canais. E comentam, ainda, que não sofreram com os reveses da pandemia pois, ambos, tinham equipamentos a disposição.

É importante pontuar que de maneira informal esta pesquisadora entrou em contato com a instituição responsável até 2020 pela curadoria dos vídeos no canal *Youtube Edu*, e graças a uma resposta extra-oficial o interlocutor representante desta instituição informou que a pandemia abalou muito a performance da relação entre as instituições gestoras do projeto e dentre vários motivos, um deles foi a ascensão das lives – devido a seu caráter síncrono e que possibilitava interação em tempo real – terem alcançado tanto êxito, mesmo que esgotando as pessoas. Neste sentido podemos inferir que a *mididência* migrou para este formato, diminuindo as videoaulas como possibilidade educativa, demonstrada pela fala do Professor 2 que informa que seu canal não teve crescimento significativo durante a pandemia.

Quanto a pandemia o Professor 1 salienta que não sofreu com os percalços de muitos, pois teve bom suporte de infraestrutura devido a rede que atua ser privada. Já o Professor 2 tinha equipamento particular a disposição. O Professor 2 ressalta que sua experiência em sala

de aula na pandemia trouxe a certeza de que as notas não estão refletindo o real aprendizado dos alunos, que ficou a quem do desejado. Salientando que “muitos buscam respostas prontas na internet, usam softwares gratuitos que escrevem textos, portanto utilizam mal o recurso” (sic).

E acrescenta, ainda, que aumentou na pandemia foi a quantidade de produtores de conteúdo, e não aumentou as visualizações, o que aconteceu foi a dispersão da atenção. Por conta disso acredita que não houve aumento de exposição do seu trabalho. Mas ressalta que foi um período que muitas soluções em educação surgiram e que os professores adquiriram novas habilidades tecnológicas durante a pandemia.

Para finalizar a entrevista questionamos (questão 12) sobre os vídeos interativos, utilizando a seguinte questão: “Você conhece os vídeos interativos feitos com a tecnologia H5P? ” O Professor 1 afirma que conhece e utiliza nas aulas da escola onde trabalha, mas nas videoaulas não. E finaliza dizendo “É algo mais recente, apareceu este ano na instituição após o retorno presencial” (sic). O Professor 2, por sua vez, diz que não conhece o H5P, mas conhece outra tecnologia que elabora apresentações interativas. Após a entrevistadora comentar sobre os vídeos interativos, sugere que investigue as possibilidades do Nearpod, que é uma ferramenta *online* para inserir diversos formatos de textos, transformando o vídeo em um remix interativo. “...então, pra ensino à distância é uma ferramenta poderosíssima, ou para aquelas escolas que o aluno assiste com um iPad ou com um notebook, também dá para fazer. Ou pra fazer assincronamente, o aluno em casa fazendo uma atividade que o professor já tenha preparado. Então, pode ser tanto síncrono como assíncrono”. Essas falas comprovam que a interação de narrativas é uma realidade conhecida principalmente por professores da rede privada e que esta alternativa pode vir a ser fomentada para professores da rede pública de ensino, através de políticas públicas de formação e apoio a infraestrutura pois o acesso é mais restrito a equipamentos e softwares, apresentando possibilidades de capacitação, espaço de discussão, sugestões de atividades e muito mais.

7 VÍDEO QUASE AULA: UMA PROPOSIÇÃO PARA O LEITOR CONTEMPORÂNEO

Nesta seção se faz necessário retomar a proposição da tese, as principais questões que nos nortearam e os nossos objetivos para que possamos evidenciar o diálogo que propomos para o polo propositivo da tese. É importante evidenciar que articulamos nesta seção elementos que escapam de conceitos mais rígidos de áreas puras, abusamos da interdisciplinaridade e da multirreferencialidade, e lançamos mão de referenciais teóricos de outras áreas, inicialmente não pensadas para se abordar, e borramos fronteiras, utilizando conceitos vindo da área da arte para nos dar suporte, por exemplo. A nossa proposição principal foi compreender os processos envolvidos quantos aos aspectos comunicacionais de uma docência que assume cada vez mais o seu aspecto *online*, quando utiliza os contextos das mídias sociais digitais, no âmbito da plataforma *YouTube*, em especial o canal *Youtube Edu*, para ensinar. Durante nossa investigação nos deparamos com diversas estratégias educacionais existentes nas narrativas audiovisuais propostas através da operação de seus signos comunicacionais. Durante o processo de pesquisa analisamos a rede discursiva em que esse professor está submetido que o faz-fazer, mapeamos e analisamos as estratégias educacionais utilizadas durante as videoaulas e teorizamos sobre o que seria uma videoaula e qual a sua potência em ser.

Retomando que nosso objetivo geral era analisar a mediatização e a mediatização do ensino por professores-*youtubers* a partir das narrativas audiovisuais produzidas na inter-relação com a plataforma *YouTube*. Sendo que nossos objetivos específicos eram investigar os fluxos das narrativas audiovisuais presentes em vídeos produzidos por professores-*youtubers*; identificar as ações envolvidas na inter-relação professor e tecnologias audiovisuais para o *YouTube*; discutir como as narrativas audiovisuais utilizadas nos vídeos se associam aos aspectos epistemológicos do que se pretendem ensinar; investigar o que seria uma videoaula que leve consideração os leitores contemporâneos; investigar a rede discursiva que se cria a partir da trama das narrativas audiovisuais.

Da relação entre a proposição e dos objetivos nasceram as questões da tese, sendo elas: Quais as características da comunicação audiovisual e como elas têm sido coengendradas com a produção de videoaulas no *YouTube*? Como os recursos audiovisuais são integrados às narrativas dos professores que utilizam o vídeo na sua produção de conteúdo? Como esses recursos estão associados aos aspectos epistemológicos relacionados

às áreas de conhecimento desses professores? A seguir apresentamos o diálogo que tecemos em relação a esses itens durante o processo de realização da pesquisa apresentando o polo propositivo da tese, o esboço teórico baseado na potência das videoaulas, aqui denominadas de “Quase-aulas”.

7.1 VIDEOAULAS INTERATIVAS: UMA EXPERIMENTAÇÃO NO CONTEXTO DO ESTÁGIO DOCENTE

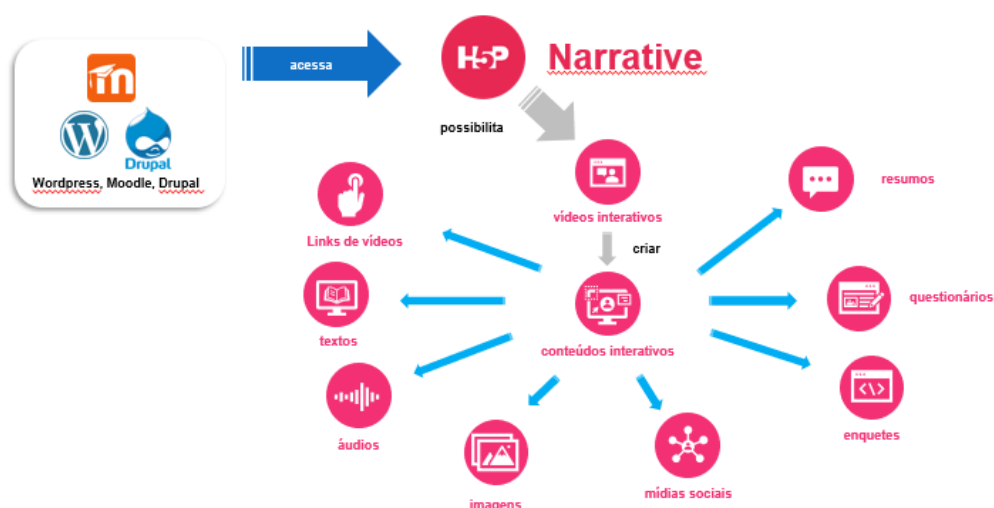
A utilização de arranjos tecnológicos possibilita desenvolver outras formas de aprender e torna-se possível novos comportamentos e aprendizagens, alterando a inter-relação entre humanos e tecnologia, permitindo novos mundos. Neste sentido percebemos que as videoaulas analisadas possuem estratégias dedicadas a leitores contemplativos e moventes, e muito pouco imersivo, deixando de lado toda a ubiquidade que as mídias permitem. Sabemos que os computadores e dispositivos móveis permitem criar outra presencialidade e a arte de produzir conteúdo de relevância educacional e, conseqüentemente, social faz com que possamos ousar nos nossos fazeres do dia a dia em sala de aula, seja ela presencial ou virtual.

Neste sentido encontramos como alternativa a ser apresentada aos professores que pensam em ser autores e co-autores de conteúdo junto com seus alunos, e que possibilite criar maior interação entre os atores. É importante ressaltar que, segundo Soares e colaboradores (2014), havia uma necessidade de capacitar o professor para o uso das mídias sociais. Mas após o advento da pandemia os professores se auto-capacitaram, então questões muito básicas relacionadas aos usos das mídias sociais parecem não ser mais necessárias, pois todos nós tivemos que enfrentar uma situação de emergência nos jogando num mundo ainda não totalmente explorado.

É neste contexto que surgiu a proposta de alinhar uma atividade narrativa com interatividade para proporcionar ao aluno uma possibilidade de autoria de criação. Sendo estimulado pelo professor a flunar no contexto da narrativa não linear e poder navegar por mares que possuam abordagens lógicas, epistemológicas e didáticas, através da formulação de problemas e questionamentos, promovendo o diálogo e o trabalho colaborativo. Portanto as narrativas audiovisuais interativas seriam uma possibilidade de abertura para a interrogação do aluno, podendo ser baseado na construção de conteúdos hipermídia não lineares. Neste sentido durante nossas investigações encontramos como alternativa de código aberto o *plugin* do HTML H5P que aliado ao *Moodle* ou a *Wordpress*, *Drupal* entre outros sistemas de

construção de websites possibilita que façamos narrativas audiovisuais interativas. O processo tem como origem a inserção de vídeo originalmente definido pelo professor, que pode ser autoral, de preferência, ou de terceiros – respeitando sempre a questão dos direitos autorais. Nele é acoplado uma ou mais marcações com as respectivas mídias visuais, o seu conjunto formará uma aula interativa. Como podemos observar no mapa conceitual abaixo.

Figura 9 – Possibilidades de criação de conteúdo no H5P para vídeos interativos



8

Fonte: Autora (2022)

7.1.1 O VÍDEO INTERATIVO A PARTIR DO OLHAR DE OUTRAS PESQUISAS

Vídeos interativos já são conhecidos há alguns anos, mas o material sobre ele é um pouco escasso. Realizamos uma breve revisão bibliográfica sobre o assunto e encontramos textos que abordam de maneiras diversas a produção de vídeos interativos, a mais comum é apresentando uma ferramenta para a realização desta tarefa. Em Soares e colaboradores (2016) ela traz achados quanto a utilização de vídeos interativos por docentes do ensino superior para acionar as capacidades humanas, tomando como base um modelo conceitual ancorado na Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (2000). Num contexto em que a experimentação fez surgir uma ferramenta computacional para a construção de conteúdos educativos interativos (MARKER). Andrade (2017) pondera o quanto o uso de vídeos enquanto instrumento de socialização de conhecimento, podemos ponderar que a ferramenta

em 2017 era considerada inovadora, pois tinha o objetivo de fortalecer e possibilitar uma melhor forma de aprendizagem e muito apoio ao processo educativo.

Quanto a melhoria da aprendizagem, Bos e colaboradores (2019) entendem que o vídeo interativo é uma excelente oportunidade para passar instruções, numa perspectiva mais instrucionista e não construtivista. Neste sentido, ela levanta a hipótese que os vídeos interativos são ferramentas para enredar os alunos numa aprendizagem ativa. Para a autora os professores podem fazer seus próprios vídeos ou localizar vídeos públicos no *YouTube* e outros sites de compartilhamento. Elementos interativos, como avaliações, *checklist* e muito mais podem ser adicionados. E apresenta como possibilidade o uso da plataforma H5P (BOS *et al.*, 2019d).

E se apoia na teoria “cognitiva da aprendizagem multimídia, levando em consideração que a memória de trabalho tem dois canais para aquisição e processamento de informações: um canal visual e um canal de processamento auditivo/verbal” (MAYER, 2008). Ferramentas como o H5P, possibilitam que os docentes incorporem perguntas no próprio vídeo e dê um retorno a partir da resposta do aluno (BOS *et al.* 2019b), e aponta um dado importante que afirma que quando comparados os testes de atenção realizados a partir dos efeitos de atenção com a leitura do texto os alunos apresentam maior qualidade de atenção durante o percurso do vídeo interativo. Vale-se dizer que a autora percebe a ferramenta mais como uma ação de estímulo-resposta, algo condicionante, a partir do entendimento neurológico. A perspectiva desta pesquisa entende que há uma possibilidade de interação mesmo que assíncrona entre os atores, levando à troca de signos que por si só já levaria a aprendizagem. A conversa-interação com o aluno se dá a partir desta intencionalidade pedagógica arquitetada pelo professor que, de certa forma, com os links e perguntas, vai interagindo não de maneira usual com um diálogo propriamente dito, mas numa relação semiótica mesmo.

7.1.2 O PROJETO PILOTO – TESTANDO O VIDEO INTERATIVO

Levantada a possibilidade de “interativar” os vídeos através do H5P como sendo o polo propositivo da tese partimos para realização de um teste piloto deste material. Os grupos escolhidos para participar eram da disciplina de **Mídias, Tecnologias Digitais em Espaços Escolares, EDU 3027**, turmas A (16) e B (17)). Durante o estágio docente, na nona aula, foi disponibilizada uma videoaula de 6’10” sobre mapas conceituais, de autoria desta pesquisadora. Durante o vídeo foram inseridos quatro links: o primeiro aos 10” (como

podemos ver na figura abaixo), o segundo aos 57”, o terceiro aos 13’12”, e o quarto aos 33 e três perguntas, a primeira aos 3’58”, a segunda aos 5’04”, essas eram fechadas, a terceira aberta aos 5’41” e um resumo aos 6’05”. As perguntas eram fechadas de múltipla escolha e uma aberta sobre o vídeo e o tema da aula. Segue uma sequência de telas com alguns frames das atividades propostas:

Figura 10 - Frame da tela com o link acoplado

O QUE SÃO OS MAPAS CONCEITUAIS?

- Os mapas conceituais (MC) são ferramentas gráficas para organizar e para representar o conhecimento.
- Eles incluem conceitos, geralmente, colocados em círculos ou em caixas de algum tipo.
- Os relacionamentos entre os “nós” são indicados por uma linha de conexão que ligam dois conceitos.

Figura 3.1 - Tipo mais simples de mapa conceitual

Abelhas visitam Flores

Nó do Mapa

Relacionamento entre dois conceitos

Link que conecta dois nós no mapa

“ Mapas Conceituais são redes de conceitos e relações para representar uma espécie de conhecimento”
Crediné Menezes

Saiba Mais ↗

Figura 11 – Frame da tela com exemplo de pergunta de múltipla escolha

COMO UTILIZÁ-LOS

Alunos podem usar

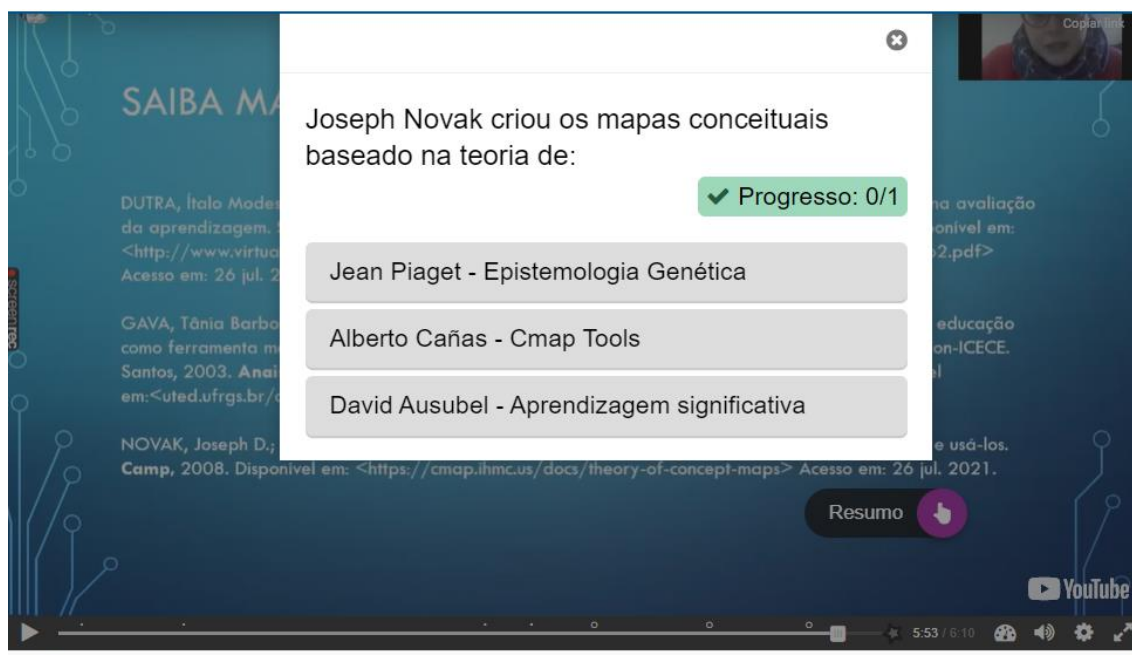
- Fazer anotações durante a aula
- enquanto
- Estudar um conteúdo
- Apresentar um trabalho
- Fazer uma síntese de um texto
- Ferramentas metacognitivas
- Identificar integridades entre conceitos
- Trocar ideias

A elaboração de mapas conceituais é considerada uma técnica potencial à promoção da aprendizagem significativa. Das características listadas abaixo, assinale a que **NÃO CORRESPONDE** ao processo de mapeamento mental de acordo com a teoria da aprendizagem significativa:

✓ Progresso: 0/1

Mapas conceituais não possuem uma forma única e fixa, podem retratar relações conceituais de enredos de romances ou de teorias da Física.

Figura 12 – Frame da tela do resumo



Para acompanhar a evolução dos estudantes disponibilizamos um pré-teste e um pós-teste para mensurar a capacidade de acertos após os vídeos com uma pergunta aberta para verificar o nível de entendimento da turma com a interação inserida em relação a turma sem que o vídeo esteja “interativado”. Os resultados praticamente iguais tanto para turma A (não-interativa) quanto para turma B (interativa), sendo que a turma A alcançou no pré-teste 7,86 e a turma B, praticamente empatou, tirando 7,69. No pós-teste a turma A do “não-interativado” alcançou 9,44 e a turma B alcançou 9,44, também, nos mostrando que o conteúdo foi explicado de forma uniforme. Porém não houve alteração entre as turmas com vídeo “não-interativado” e com o vídeo “interativado” de pontuação. Há uma leve diferença no pré teste em favor da turma com vídeo “não-interativado”, mas não chega a fazer diferença. Isso nos mostra que a atividade cumpriu com o seu objetivo que era nivelar o conhecimento de ambas as turmas ao assistirem um vídeo sobre o tema proposto. O que percebemos de diferente entre as duas turmas foi o seu nível de atenção e interesse pelo conteúdo, aqueles tiveram acesso ao vídeo “interativado”, foram mais interessados em participar da tarefa do que os que não tinham interatividade. A turma A do vídeo “não-interativado” teve três alunos que não completaram a tarefa, sendo que na turma B teve apenas um aluno que não completou a tarefa. Como podemos ver na tabela 4.

Tabela 4- Resultado quantitativo do aproveitamento das turmas do projeto piloto

Turma	Pré-teste	Pós-teste	Desistentes
A (não-interativa)	7,86	9,44	3*
B (interativa)	7,69	9,44	1*

(*) Valores para os pós e o pré teste

Fonte: Autora (2022)

Isso nos dá um indício de que a interação prende mais a atenção do aluno na tarefa, nos mostrando o quanto seria importante realizar uma pesquisa mais ampla neste sentido, para saber se realmente foram as perguntas que fizeram quase todos irem até o fim da tarefa, ou teria outros indícios que poderiam nos ajudar a entender. Aqui aparece uma possibilidade de pesquisa para trabalhos futuros, pois tendo em vista o tempo limitado que tivemos para realizar todo o trabalho (mudança de orientação) e o advento da pandemia, inclusive para verificar o impacto que teve esse acontecimento nas atividades. Segue abaixo o frame das perguntas que fazem parte dos testes pré e pós:

Figura 13 – Frame da tela do Moodle com as perguntas pré-teste e pós teste

The image shows a Moodle quiz interface with four questions. Each question is displayed in a separate box with a sidebar on the left containing the question number, status (e.g., 'Ainda não respondida'), and value (1.00 pontos). The questions are as follows:

- Questão 1:** "Você conhece mapas conceituais?" (Do you know concept maps?). Options: a. Não, b. Sim.
- Questão 2:** "Em que teoria estão baseados os mapas conceituais?" (On which theory are concept maps based?). Options: a. Mapas Conceituais - Joseph Novak, b. Aprendizagem significativa - David Ausubel, c. Epistemologia genética - Jean Piaget.
- Questão 3:** "Quem foi o idealizador dos mapas conceituais?" (Who was the creator of concept maps?). Options: a. Jean Piaget, b. Joseph Novak, c. David Ausubel.
- Questão 4:** "Para que servem os mapas conceituais?" (What are concept maps used for?). This question has a text input field with a rich text editor toolbar above it.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

7.2 VÍDEO (QUASE) AULAS: NARRATIVAS AUDIOVISUAIS CONSTRUTIVISTAS E TRANSGRESSORAS?

Analisando o todo o processo de escrita da presente tese, é possível perceber um percurso de pesquisa cujos objetivos partiram de questionamentos pertinentes ao fazer dos professores-*youtubers*, passando pelas descobertas relacionadas ao acoplamento dos professores com a tecnologia e o resultado disso na constituição do “tornar-se” professor-*youtuber* numa conjuntura de um Capitalismo informacional, e culminando com na discussão se uma videoaula “seria ou não seria” uma aula. Ao analisarmos a potência das estratégias docentes e as narrativas audiovisuais em suas videoaulas, identificamos uma virtuosa porção transgressora-artística-educacional como um ponto de fuga capaz de atualizar o próprio sentido desse recurso didático, para uma outra coisa que encontramos durante o caminho do pesquisar, que denominamos de “Quase-aulas”, apoiados no conceito de “Quase-cinema” do artista neoconcreto Hélio Oiticica. Essas videoaulas da segunda geração contemplariam questões que pertinentes aos campos dos estudos foucaultianos de análise, das propostas construtivistas de suporte piagetiano e da filosofia que sustenta a arte neoconcreta ao

responder o dilema que nos encontramos quando nos deparamos com a constatação que uma videoaula “é-não é, ao mesmo tempo” uma aula, proposta para o cinema por Alain Badiou. Para entender melhor esse paradoxo, nos apoiamos nas definições de aula de Gilles Deleuze que acredita que uma palestra pode ser uma aula, e nos aspectos críticos freirianos que definem que uma aula só é uma aula se tiver troca/interação/diálogo. Diante desta complexidade navegamos em busca de uma alternativa que atendesse ao leitor contemporâneo, esse que além de outras habilidades herdadas do contemplativo, movente, imersivo e ubíquo que relativiza a presencialidade, muito bem descritos em suas definições por Lucia Santaella. Ficamos motivados em apresentar uma proposição que atendesse uma relação estabelecida entre este ecossistema composto pelo acoplamento de elementos do humano, do ambiente digital, da arte e da cognição não deslocado do contexto social.

Amparados pelas testagens feitas a partir do projeto piloto e motivados pela recente notícia que a partir de maio de 2022 o Moodle institucional da UFRGS passa a oferecer a funcionalidade do H5P no ambiente, desenhamos uma proposta epistemológica-metodológica que busca atender aos preceitos éticos e políticos de uma proposta mais contemporânea para a videoaula numa perspectiva construtivista que não se curva para o poder das plataformas – que mantenha a intencionalidade pedagógica sob o domínio do professor – alinhado a estética inovadora dos Neoconcretos que, nas décadas de 60/70, a partir de conceitos da filosofia/psicanálise/arte, ousaram romper com a ideia de contemplação, posicionamento alinhado a proposta construtivista que pede que haja interação entre sujeito-tempo-objeto.

Para situarmos melhor a proposta Neoconcreta faz-se importante caracterizá-la, antes de seguirmos. Sob a influência internacional dos princípios da Abstração Geométrica, (Neoplasticismo e Construtivismo Russo - anos 1910), forma-se no Brasil, em 1952, o grupo paulista Ruptura, liderado por Waldemar Cordeiro. Eles contestavam primeiramente a proposta de uma Arte Concreta que se manifestava no predomínio da objetividade sobre a subjetividade do artista: formas geométricas e cores lisas e puras, sendo cor e fundo à serviço das formas planas, seriadas, contra qualquer ilusão de profundidade, rompendo assim, com o primeiro paradigma estético ocidental 'Arte como Representação da Natureza'. Essa ruptura paradigmática que já havia ocorrido na Europa no início do século XX com os diversos movimentos da Arte Moderna, criando o novo paradigma estético ocidental Arte pela Arte. Lembrando que na 'Semana de 22' as influências modernistas europeias na arte brasileira vieram do Cubismo e do Expressionismo, movimentos figurativos. As abstrações só entram

no Brasil nos anos de 1950 com a exposição de esculturas abstratas de Max Bill, São Paulo, em 1950, e com a 1º Bienal Internacional de São Paulo, em 1951.

A racionalidade e impessoalidade da Arte Concreta brasileira busca articular-se ao pragmatismo desenvolvimentista da época, no impulso do pós-guerra através, principalmente, da expansão industrial. São marcas deste período o início da indústria automobilística, a construção planejada de Brasília e as ideias democráticas de Juscelino Kubitschek (1956-61), que tinha por lema 'cinquenta anos em cinco'. Desta forma, o Concretismo também era justificado pelas estruturas de poder, nas possibilidades recorrentes do design industrial (e embora a indústria tenha se expandido, o design ainda se manteve insípido neste período). No Rio de Janeiro a adesão ao movimento Concreto acontece em 1953, com o grupo Frente, liderado por Ivan Serpa e do qual fizeram parte Hélio Oiticica, Lygia Clark, Lygia Pape, Aluísio Carvão, entre outros.

Embora os grupos Ruptura (SP) e Frente (RJ) concordassem na oposição à figuração e ao Abstracionismo Informal, passaram a divergir quanto aos princípios internos da Abstração Geométrica. O grupo Ruptura (SP) segue a matriz europeia em sua exacerbação racionalista, representando-a. O grupo Frente (RJ), por sua vez, propõe-se a reconduzir a ação do artista ao âmbito da subjetividade, sem subtraí-la das questões conceituais.

A fenda que se abre entre os movimentos fundamenta-se em concepções teóricas dicotômicas: o Concretismo trabalhará dentro de uma perspectiva teórica relativa à percepção gestáltica, à Teoria da Forma. A Gestaltheorie, evitando o dualismo mente-corpo, produz sua correspondência pelo isomorfismo, ou seja, pela equivalência estrutural entre o fisiológico e o psíquico, promovendo uma inadequada redução de campo ao desconsiderar as instâncias inconscientes profundas. A Arte Concreta rejeitando a representação e a expressão, manipula formas atribuindo-lhes um sentido puramente ótico, que se pretende pré-fixado, com um sentido que seria dado pronto ao olhar do público, em detrimento das suas próprias possibilidades e atribuições simbólicas. Ou seja, o mundo seria dado pronto para o ser, seria um dado prévio, cujas formas ordenadas e constantes convergem para uma unidade perceptiva harmônica que, ao fechar-se, não permite atualizações de significado da ordem da subjetividade do sujeito e, portanto, não há elaboração de novas significações. Neste sentido a Gestaltheorie é considerada uma teoria da percepção correta, mas incompleta, por desconsiderar o inconsciente profundo. O Neoconcreto, por sua vez, produzirá uma superação do apriorismo perceptivo da Gestaltheorie e do espaço de matriz cartesiana, integrando espaço- tempo- corpo. Nesta poética o 'outro' é um corpo pensante. É matéria que a um só

tempo se faz afeto e reflexão, encontrando correspondência na Fenomenologia da Percepção, de Merleau-Ponty.

Diante de todos esses movimentos na arte, na educação, no social, na tecnologia propusemos trazer uma proposta de uma videoaula atualizada e crítica que se apoia na funcionalidade do H5P, mas alertamos que não existe somente essa possibilidade de tecnologia de interativação, há outras soluções disponíveis, essa foi escolhida por ser de código aberto. Portanto o que pode ser tomado como pólo propositivo da tese e seu principal produto é um desenho epistemológico e metodológico que propõe uma ação de momento-arte, baseada no conceito de devolver ao professor a sua autoria docente, no momento que ele pode criar o seu próprio algoritmo com a funcionalidade tecnológica escapando dos movimentos de captura das grandes plataformas.

As “Quase-aulas” possuem quatro características básicas, que são: possibilitam **borrar as fronteiras do *frame* de vídeo** – permitindo o *fleneur* na rede – proporcionando experiências artísticas-educacionais no sentido da **multipresencialidade** tão utilizada pelos leitores contemporâneos, principalmente os ubíquos, que transitam entre telas e territorialidade diversas graças aos dispositivos móveis. Há também uma característica fundamental nesta proposta que atende a uma necessidade construtivista: a dialogicidade. Sabemos que onde há troca de signos, há aprendizado, portanto nesta proposta a dialogicidade se dá de maneira assíncrona, inicialmente, a partir de um **diálogo semiótico** que possui mensagens latentes.

A possibilidade de “interativar” através de perguntas estratégicas, complementar informação com links que levam o leitor para fora da narrativa linear e a possibilidade de recapitular o que foi trabalhado numa dinâmica hipertextual, mudando o fluxo da narrativa, faz com que a “Quase-aula” estabeleça relação entre espaço-tempo-objeto/sujeito e tira da simples contemplação de uma videoaula comum e proporciona um momento-arte, assim como propõem Lygia Clark em suas obras (durante o processo de feitura da tese, questões ligadas a arte e a estética foram emergindo e se impondo, mesmo não tendo estado inicialmente nos nossos referenciais iniciais). Outro elemento importante, decorrente da dialogicidade da proposta, é a possibilidade de promover ruptura (*breakdowns*) nos estados de atenção do aluno – ou desequilíbrios, se pensarmos no sentido piagetiano das aprendizagens. As “Quase-aulas” poderiam contribuir para o movimento cognitivo do aluno, pois tais rupturas indicariam um movimento de abertura para o aprendizado, propondo que a atenção

deixe de ser capturada pela ordem da monetização, para experienciar a intencionalidade pedagógica proposta pelo professor-*youtuber*-autor.

Quadro 12 - Características das “Quase-aulas”

Características da “Quase-aula”	Descrição
Algoritmo próprio - autoria e resistência	Propondo uma resistência inventiva , que seria essa camada interativa que roda em cima do vídeo que possibilita criar um “algoritmo” próprio, para fugir da captura das plataformas
Multipresencialidade	Ela borra as fronteiras do frame de vídeo possibilitando o <i>fleneur</i> na rede – ocasionando experiências artísticas-educacionais que possibilita a multipresencialidade
Dialogicidade	Onde há troca de signos, há aprendizado, portanto a dialogicidade se dá de maneira assíncrona, inicialmente, a partir de um diálogo semiótico que possui uma mensagem latente. A capacidade de interatividade, realizada a través de perguntas-links-resumos dá outro significado a algo já elaborado previamente. Numa proposta que estabelece relação entre espaço-tempo-objeto/sujeito e tira da simples contemplação, proporcionando um momento-arte.
Alterações nos regimes de atenção	As “Quase-aulas” contribuem para o movimento cognitivo do aluno, pois possibilitariam alterações nos regimes de atenção, propondo que a atenção deixe de ser capturada pela ordem da monetização, para experienciar a intencionalidade pedagógica proposta pelo professor-autor.

Fonte: autora (2022)

7.3 MOVIMENTOS DA MINHA ATENÇÃO: PROPOSIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA PRODUÇÃO DE VIDEOAULAS PARA O LEITOR CONTEMPORÂNEO

“O futuro é o vídeo, não adianta”
(FACEBOOK, 2022)

Quando iniciamos essa viagem pelo mundo da pesquisa interdisciplinar tínhamos apenas uma certeza de que ela seria sobre mídias sociais. Na ocasião nos referíamos a elas como redes sociais, devido ao referencial teórico que tínhamos mais próximo da sociologia, por afinidade da então orientação. Por durante dois anos trabalhamos o referencial da sociologia e tínhamos a perspectiva de fazermos uma pesquisa mais quantitativa, baseada na metodologia da análise de redes, até que no final do segundo ano aconteceu a mudança de orientação por conta da aposentadoria da então orientadora. A nova orientação trouxe mais referenciais da antropologia, da comunicação, da psicologia e da educação e a primeira mudança foi conceitual, não iríamos chamar mais de redes sociais, mas sim de mídias sociais, pois a ideia era contornar o objeto a fim de ter uma orientação mais condizente com as perspectivas teóricas e de uma pesquisa qualitativa da nova orientação, inspirados na cartografia.

Acolhida a mudança como algo positivo, como realmente o foi, e a única questão que permaneceu de original foi a ideia de trabalhar com o *YouTube*, pois era um achado que havia sido encontrado na dissertação realizada em 2015, intitulada em “Os movimentos do movimento infância livre de consumismo: problematizando o consumismo e a infância”, como a mídia social mais afeita a educação. Hoje percebemos que nada acontece por acaso, na verdade existe uma questão que – está na ordem dos acontecimentos – e realmente o que houve foi o melhor que poderia ter acontecido para esta pesquisa, pois foi possibilitado ter apoio e orientação mais alinhado os referenciais teóricos trabalhados na dissertação, permitindo poder executar este trabalho nas condições que ele se desenrolou num cenário pandêmico e de ensino totalmente remoto e emergencial.

Por volta da qualificação ajustamos o foco no que queríamos investigar e surgiu o objetivo geral desta pesquisa: analisar a midiaticização do ensino por professores-*youtubers* a partir das narrativas audiovisuais produzidas na inter-relação com a plataforma *YouTube*. A qualificação se deu logo no primeiro mês que foi decretado o distanciamento social por conta da Pandemia. Portanto muito do desenho de pesquisa submetido à banca precisou ser ajustado

para adequar por conta do momento que estávamos vivendo na hora de aplicá-la. O referencial teórico sofreu alguns ajustes, assim como a metodologia, os sujeitos e objetos de pesquisa. Então o que era para ser uma pesquisa baseada em entrevistas abertas presenciais, se transformou em momentos virtuais e em análise da produção audiovisual dos professores, além dos textos de pesquisas já realizadas.

O significado de trabalhar este tema no campo da informática na educação girava em torno de investigar os processos que envolviam as mídias sociais e o ensino e aprendizagem a partir do suporte audiovisual. Fomos rastreando em torno desta intenção no sentido de buscar a melhor maneira de abordá-la. Inicialmente tínhamos como companheiros de jornada autores como Bruno Latour, André Lemos, Pierre Levy, Edméa Santos, Manuel Castells, Byung-chul Han, Michel Foucault, Paulo Freire, Fernando Becker, entre outros e no transcorrer da pesquisa encontramos a semioticista, professora e pesquisadora, Lucia Santaella que com suas obras embasam boa parte das nossas reflexões.

Dentre nossas reflexões está a certeza de que estamos vivendo um momento sem igual; o avanço das relações entre tecnologias digitais e a humanidade é um caminho sem volta. Não iremos prescindir dela e sim cada vez mais nos acoplar com ela, e ela conosco. O sistema todo age para acontecer tal amalgamento e seguir os processos que acontecem quanto aos aspectos comunicacionais de uma Docência *Online* em relação as narrativas audiovisuais é o que orientou esta tese. Já no período do projeto tínhamos mapeado que os docentes agiam de forma a inserir algumas experiências de mediatizar a sua relação com os alunos e incluíam em sala de aula alguma estratégia que contemplava as mídias sociais, a fim de capturar a tão almejada atenção discente. Por conta da experiência em sala de aula desta pesquisadora como professora de uma escola particular de ensino médio no interior do Rio Grande do Sul, mas sem muito acesso à tecnologia, identificamos que as narrativas audiovisuais eram importantes exposições ou acontecimentos que narravam um fato audiovisual que possibilitava uma maior compreensão e aceitação do trabalho proposto entre os alunos desta escola bastante tradicional pertencente a uma rede de ensino nacional.

Enquanto professora não tinha o equipamento necessário para produzir vídeos interessantes, mas podia recorrer ao material já produzido por colegas que julgava serem boas fontes para complementar o que estava trabalhando em aula, com apoio de material impresso e aulas expositivas-dialogadas. É com esse cenário tímido tecnologicamente que iniciamos o processo de pesquisa. Meses antes da qualificação acontecer há o afastamento de sala de aula. E logo veio a Pandemia, que mexeu muito com todos os nossos fazeres. O que era uma

raridade virou cotidiano, e o que era excepcional virou banal. O *YouTube* tomou importante dimensão na vida escolar e acadêmica de muitos de nós. E o que era antes apenas uma exceção virou regra. Por conta da pandemia, midiaticamos o ensino! Neste contexto apareceram as atividades síncronas ministradas via plataforma – as *lives* – mas as atividades assíncronas – as videoaulas – permaneciam como importante suporte pedagógico. Tanto que o tempo de acesso a plataforma cresceu em 91%, o que deixou o *YouTube* mais potente ainda.

No cenário da Pandemia, as falas que se contradiziam e questionavam a eficácia desta alternativa (questão que ainda não está encerrada e deverá ser muito discutida para entender o como impactam nas aprendizagens de crianças, jovens e adultos) passaram a agir de forma integrada ao tecnológico, mesmo mantendo um posicionamento crítico. Em relação aos professores, suas estratégias precisaram sofrer ajustes, não se tinha mais o presencial, o que se tinha eram as mídias, os ambientes virtuais de aprendizagem e as plataformas de grandes corporações. Com a Pandemia da COVID-19 foi preciso enfrentar uma série de dificuldades, mas o que se sobressaiu como um entendimento que não pode ser negado foi a importância da relação entre humanos e não humanos para possibilitar que o processo educacional tivesse, mesmo com adaptações e perdas, continuidade e fluxo.

O que se pode perceber é que houve uma migração para o digital, sem necessariamente com a mesma qualidade de conteúdo, mas com quantidade. Muitos professores ocuparam as mídias sociais no intuito de continuar a sua prática pedagógica, portanto surgiram muitos canais educacionais neste período, garantindo assim a quantidade de oferta de conteúdo, mas sem necessariamente se reverter em audiência. Conforme a experiência do Professor 2, houve uma dispersão de atenção e não um ganho de audiência efetivo para aqueles que já habitavam a plataforma *Youtube*.

E como pesquisar sempre tem uma relação entre olhar o passado para apontar um possível futuro, no presente, escolhemos investigar aqueles que já habitavam a rede no período pré-pandêmico, de forma assíncrona, para então nos perguntarmos: Como professores-*youtubers* tem se apropriado dessa tecnologia no sentido de explorar a potência criativa e autoral que essa plataforma suscita? Será que eles têm explorado de forma apropriada a contribuição do campo de estudos da comunicação e da cultura audiovisual na produção de suas videoaulas? Esses acoplamentos entre humanos e não humanos interfere na constituição deste “ser professor”, e, “para que tipo de leitor essas videoaulas são direcionadas?”. Além dessas questões, que rede discursiva se forma em torno das narrativas audiovisuais?

Esses aspectos nos eram muito importantes para verificar o que se estava produzindo naquele ecossistema digital e, então, apostamos em investigar as estratégias narrativas audiovisuais realizadas por professores-*youtubers* que eram integrantes do recorte educacional do *YouTube*, o *YouTube Edu*. Nossa escolha se deu, pois, a plataforma geral possui muitas horas de vídeos e o seu algoritmo nos jogaria para assuntos aleatórios que não nos ajudaria a focar. Então para isso escolhemos este ambiente gerido institucionalmente pela *Google* e Fundação Lemann até 2021. Em 2022 a Fundação Lemann foi substituída pela UNESCO Brasil para continuar o trabalho de curadoria, apostando em novos recursos tecnológicos e alinhamento aos temas relacionados a inclusão e as orientações da BNCC, separando o material por temas e não só por disciplina e série.

Delineamos a pesquisa neste cenário, apostando que tudo iria em breve normalizar e as videoaulas iriam continuar fazendo parte do cotidiano escolar. Para isso estabelecemos alguns objetivos específicos que nos norteariam para formular nossas questões de pesquisa. Então para esta tese buscaríamos investigar: os fluxos das narrativas audiovisuais presentes em vídeos produzidos por professores-*youtubers*; identificar as ações que constituem o “ser professor” na inter-relação professor e tecnologias audiovisuais para o *YouTube*; discutir como as narrativas audiovisuais utilizadas nos vídeos se associam aos aspectos epistemológicos do que pretendem ensinar; investigar o que seria uma videoaula que leve consideração os leitores contemporâneos e investigar a rede discursiva que se cria a partir da trama das videoaulas.

A partir destas premissas fomos primeiramente atrás da revisão de literatura e pudemos conferir que em 2015, uma década depois do seu lançamento, o *YouTube* já demonstrava a sua potência na formação dos mais jovens e dos adultos. Em 2022 testemunhamos o seu papel quase que fundamental para seguir o processo formativo durante a Pandemia. Com um acréscimo de 91% de aumento no tempo de acesso, garantiu a sua marca na história e mudou a compreensão de muitos sobre o que significa presencialidade, tão discutida no âmbito da Docência *Online*, mas ainda um conceito nebuloso para o grande público. A presencialidade tornou-se relativa, assim como a leitura que se tornou um misto entre caracteres, imagens e sons, portanto a audiovisualidade nos faz perceber o mundo de outra maneira, mudando nosso tipo de atenção e de leitura.

O leitor contemporâneo é esse que não necessariamente lê somente livros para se instruir apenas, ele é um leitor principalmente de imagens. Como sabemos para bem ler uma imagem é necessário fazer uma análise e há muitos métodos de análise de imagens, sem ter

um definitivo – um vai agregando características dos outros, sendo que os principais são: o biográfico – que leva em consideração a biografia do artista; o historicista – que leva em conta a temporalidade/historicidade da obra; o sociológico – que leva em consideração o contexto; o formalista – que leva em consideração a descrição das formas; a iconológica – que leva em consideração os signos indo atrás da mensagem da imagem; o método crítico – que leva em conta o julgamento do analisador; a semiótica – que leva em consideração a mensagem latente dos signos; e o mais contemporâneo, que é método de analisar imagens que nos rodeiam – que leva em consideração a desconstrução da imagem. Por entender que não há um método definitivo nas análises de vídeos, optamos em analisá-los a partir de diversos elementos constituintes dos vários métodos de análise de imagens, que, também, cabe para elementos audiovisuais, adequando-os as nossas necessidades investigativas.

Os futuristas sentenciam que “o futuro é o vídeo”, como anuncia uma postagem oficial do *Facebook*. Os mais cautelosos dizem que “não se lê mais” e isso vai afetar o senso crítico dos leitores. Entendemos que as duas proposições podem ter razão. A forma de leitura e de como se adquire conhecimento mudou e vai mudar ainda mais, o que vai exigir muita pesquisa e discussão para que se possa dar conta das potencialidades e limites desse recurso comunicacional.

Guiados por estas questões e objetivos fomos analisar o nosso objeto de pesquisa em primeiro lugar. Afinal, o que é o *YouTube Edu*? Ele é uma sessão da plataforma de vídeos da gigante *Google* que possui cerca de 92 canais, 95346 vídeos e 469 mil inscritos¹⁵. Ele é Fundação Lemann até 2021, em 2022 a parceria se firma entre *Google* e UNESCO Brasil, como curadora de conteúdo educacional. Essa troca não foi explorada por essa pesquisa, muito em função de que os executivos das instituições não responderam as reiteradas tentativas de contato. Podemos então concluir de pronto pelas poucas informações obtidas através de funcionários da Fundação Lemann que a Pandemia colocou em cheque o formato do projeto, além de que a instituição parece estar focando sua atuação mais no *Business Education*, ou seja, negociando com instituições particulares e governos sua consultoria em uma educação voltada a atender os interesses do mercado. Um alinhamento que difere um pouco de um projeto que busca – teoricamente – democratizar informação. O papel da Fundação Lemann no projeto era de realizar a curadoria de conteúdo de quem iria ou não estar atrelado ao espaço educativo, de acordo com eles, a partir da qualidade do conteúdo apresentado e não do seu formato. Pela imprensa acompanhamos que a nova diretriz da nova

¹⁵ Dados de novembro de 2021

curadoria propõe alinhar seus conteúdos à BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e ao Novo Ensino Médio, considerando ainda a acessibilidade e temas como diversidade e igualdade de gênero. Reunindo, também, dicas de apoio pedagógico de como utilizar a tecnologia em sala de aula¹⁶.

Neste universo e contexto selecionamos 50 vídeoaulas para analisar e buscar entrevistar seus autores, e com este recorte alcançamos uma certa representatividade em função dos cerca de 13 milhões de visualizações, 881 mil likes, 10 mil dislikes e 18 mil comentários. Sendo que foram distribuídos da seguinte forma: 29,42% de vídeos das ciências humanas, 28,77% da área das linguagens, 25,55% da matemática e 15,77% das ciências da natureza. Destas vídeoaulas analisamos as com a intenção de descobrir a qual tipo de leitor eles estavam se destinando, quais eram as estratégias narrativas, os objetivos do vídeo, fluxos das narrativas e a intencionalidade pedagógica do professor.

Quanto aos objetivos das vídeoaulas encontramos nessa amostra uma gama significativa de assuntos de várias áreas do saber, mas a disciplina de história foi a que mais contribuiu para a amostra, tendência já apontada na revisão de literatura. História contribuiu com 16 vídeoaulas, perfazendo o total de 32% da amostra. Em geral os principais assuntos abordados são conceituais, eventos históricos, interpretações históricas de eventos, biografias de personagens históricos e novidades historiográficas (RODRIGUES in PINSKY & PINSKY 2021, p 177). Neste sentido podemos inferir que o uso extensivo de vídeoaulas para a disciplina de história demonstra um interesse do professor de “treinar o olhar do aluno para que ele possa ser capaz de identificar o bom fazer histórico em um mar de distorções” (idem, 181). Colaborando com a trama que teceu esta pesquisa, acaba não sendo por acaso que um dos entrevistados é professor de história, trazendo toda a sua experiência para o contexto investigativo.

Ao analisarmos as entrevistas também pudemos cruzar os dados com as análises dos vídeos e buscamos inferir qual seria a intencionalidade pedagógica que se sobressai na amostra. Conforme os dados podemos inferir que a epistemologia que sustenta as vídeoaulas é de orientação diretiva – uma constatação um tanto óbvia e até esperada, apesar de as mídias sociais serem hoje um território fundamentalmente baseado na cultura da participação – que embasa uma ação que é mais transmissiva sem uma relação ativa entre os pólos da comunicação. Mas essa atitude não é – necessariamente – a mesma tomada em sala de aula

¹⁶ <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:16xJpYD3NjoJ:https://porvir.org/youtube-edu-passa-a-ter-conteudos-alinhados-a-bncc-e-ao-novo-ensino-medio/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

presencial. Portanto os professores, ao que tudo indica, tem ciência de que as videoaulas são um fazer que difere do da sala de aula. No mesmo sentido, mas talvez sem esse mesmo grau de ciência, o formato dos vídeos atualmente produzidos é condicionado pela plataforma, fruto dos constrangimentos que modulam condutas e narrativas, e que acabam constituindo sujeitos. Os professores-*youtubers*, esse ser professor que é acoplado à tecnologia e assim acaba prototipando um jeito de ser professor no contexto do capitalismo informacional, mais recentemente debatido pelo conceito de capitalismo de plataforma. O que devemos ressaltar é que a intencionalidade pedagógica é uma decisão docente muito importante que visa acontecer dentro do espaço-temporal acordado entre aluno e docente, portanto, o formato que se estabelece não é uma ação apenas tomada entre plataforma-professor, tem também a ação da midiência definindo o que deve ter engajamento ou não.

Essa relação entre professor e aluno pode ser sentida pelo fluxo que toma a narrativa, sendo que do total da amostra, cerca de 34% dos vídeos, apresentaram algum tipo de movimento indicativo que levava o aluno a sair da narrativa principal, apostando num “diálogo” mais enriquecido. Porém a hipertextualidade e a navegação externa a partir das narrativas foi considerada modesta diante da miríade de possibilidades que um vídeo postado na rede, num contexto cibercultural, pode alcançar. O que pudemos observar ao mapear cerca de 38 estratégias narrativas diferentes é que o professor-*youtuber* tem uma preocupação quanto ao estilo diverso de aprendizagem dos seus possíveis leitores/alunos por conta dos desenhos didáticos apresentados.

Quanto ao comentariado público, segundo a amostra de cinco vídeos, analisada em profundidade, chegamos ao indicativo que cerca de 20% dos canais interagem com seus seguidores. O retorno via comentário é muito pequeno, segundo o Professor 1, pois, segundo ele, ficaria difícil fazer este tipo de devolução devido ao volume de comentários. Essa escassa troca é um traço deste tipo de aula mais diretiva, sem a efetiva participação do aluno, que não possui o costume de perguntar/sugerir nos comentários. Os comentários em geral se limitavam a expressar algum tipo de sentimento em relação a aula em canais que possuem traços que despertem o interesse, demonstrando a intensidade do público quanto a questões mais polêmicas.

Neste mesmo conjunto de dados realizamos uma análise de sentimento, que nos revelou que mesmo apresentando variação na intensidade e na origem dos sentimentos contabilizamos uma predominância de referências de codificação do tipo neutra, equivalente a 67% do total das referências codificadas. Seguidos dos elogios, cerca de 15%, comentários

negativos atingiram apenas 10%, e cerca de 5% das referências codificadas são de orientação mista.

Os resultados alcançados com a realização das entrevistas, mesmo numericamente pouco representativas, nos mostrou que a partir da análise de discurso podemos identificar que não há um sujeito professor livre. O professor contemporâneo está enredado nas tramas do modelo neoliberal que, no caso das videoaulas no *Youtube*, o fazem operador de uma ação de inúmeros maquinários que efetiva, torna concreto e palpável o discurso que faz com que e percebamos estes sujeitos-professores como operadores de sua própria interdição. Operadores de uma narrativa que determina quem é especialista, isto é, detentor de saber confirmado, por um agrupamento, que pode ser representado por instituições, empresas, grupos associações, geralmente representantes do desejo e ao poder, representada pelo *Google/Youtube/Lemann/Unesco* e pelos grupos/empresas aos quais pertencem.

Esses professores/empresas realizam a “apropriação social dos discursos” que possuem a intenção de “ensinar” o que o poder tem interesse de ensinar, agindo para que a partir do controle do corpo e da mente limitem e modulem seus comportamentos. Essa interdição é conferida, principalmente, a partir da curadoria feita e pela formação disponibilizada pelas instituições aos professores-*youtubers*.

Como Foucault nos alerta, o autor é aquele que faz um “princípio de agrupamento” mantendo a constância do texto, e não aquele que detém a propriedade intelectual. Portanto os autores das videoaulas são também as diretrizes institucionais baseada na estrutura do algoritmo. Porém quem assiste essas videoaulas não são considerados como autores e sim como meros atores de engajamento, sendo que sua possibilidade de coautoria seria muito importante caso fosse permitido pela estrutura da plataforma. Essa relação não foi aprofundada nesta tese por uma questão de recorte, mas mostra-se frutífera para futuras investigações.

De forma propositiva entendemos que há necessidade e espaço para intensificar as inter-relações estabelecidas na produção de material no intuito de fazer um convite ao aluno para explorar mais o universo do aprender. E essa ação dependeria de uma reação do professor no intuito de criar possibilidades para que o aluno se interrogasse mais e navegasse de forma mais livre do controle do algoritmo, mas ainda apoiada no universo das narrativas audiovisuais. Neste sentido surge a possibilidade de trabalhar com vídeos interativos como alternativa utilizando a tecnologia disponibilizada de código aberto da funcionalidade H5P.

Essa ação possibilitaria ao aluno exercitar sua capacidade de compor com o professor apoiando-se na elaboração de saber contido na disciplina. Dessa forma professor e aluno passam a criar novos enunciados que Foucault (2007) chamou de comentários. E assim ter a oportunidade de criar algo novo para a educação, sendo assim uma ação mais alinhada a diretriz de uma educação mais construtivista, mais relacional. Como define Becker (1992) “nada está acabado, dado, tudo está por se construir”. E que a ação de interagir realiza uma operação que potencializa a capacidade cognitiva do aluno e ao mesmo tempo que prioriza a capacidade autoral do professor.

Mesmo que os professores estejam atendendo a ordem discursiva, através dos rituais estabelecidos por uma educação conteudista, há como estabelecer um diálogo construtivista e semiótico com o aluno através das estratégias de hiperlinks, possibilitando a dialogicidade entre professor e aluno, mesmo que de forma assíncrona. Trata-se, dito de outra forma, de inventar ou produzir narratividades audiovisuais em que se possa perceber a presença docente numa perspectiva conversacional – um “estar ali na videoaula”, como uma presença digital virtual e virtuosa. Mas para que isso ocorra, é necessário que os professores se apropriem dos elementos teóricos-metodológicos-tecnológicos, a partir de políticas públicas formativas que sejam capazes de reverter a tendência revelada nas entrevistas de que quem utilizava as tecnologias e as mídias são os professores da rede privada, pois eram mais bem remunerados, podendo assim investir em equipamentos e formação.

No caso dos professores entrevistados, há ainda um fato interessante, que foi a rede de apoio e colaboração constituída pelos próprios professores. A defasagem em relação as apropriações tecnológicas era minimizada com formações disponibilizadas por grupos privados e no apoio obtido em grupos informais de colegas, perfazendo assim uma rede sociotécnica complexa capaz de sustentar aqueles que a ela pertencem. Ou com autoformação, onde o próprio sujeito é responsável por se educar, mas agora com apoio institucional.

Outro resultado importante é a sensação descrita pelo Professor 1 de estar colaborando para a democratização da educação, a disponibilizar de forma gratuita informação para os internautas. Neste sentido ele tem respaldo no que se convencionou chamar de “pedagogia das mídias” descrita por Orofino (2005), que entende que essa democratização não é só nefasta, ela também tem seus traços positivos no sentido de agir como oportunidade de acessar outros conhecimentos recentes travados pelas mídias, é um desfilar de *fakenews* e disputas políticas ideológicas – nem sempre pautadas na verdade – o negacionismo da ciência, a desvalorização

do pensamento crítico e o revisionismo histórico que é preciso “guerrear” em ambiente semelhante, a fim de manter território.

Os professores-*youtubers* apostam nas mídias sociais a fim de acessar as crianças e jovens que estão imersos na cultura midiática. Essa busca de plateia/consumidores/alunos é marcada por estratégias comuns ao mercado empresarial. O modelo empresa extrapola todas as relações, podendo assim ser moduladas pelo mercado, demonstrando um controle sobre o sujeito a partir de seus devires, alimentando uma cadeia que transforma os atores desta relação em *prossumidores*, ou seja, consumidores e ao mesmo tempo produtores de conteúdo. As formas de utilizar a estratégia das videoaulas são inúmeras e os professores reconhecem a possibilidade de agir de maneiras mais profícuas, pois enxergam potencialidade neste fazer, que pode ser muito bem utilizado em atividades cuja proposta seja mais voltada para as metodologias construtivistas.

A pandemia revelou que há muitas formas de agregar tecnologia ao fazer do dia a dia, sem substituir as relações presenciais tão importantes, que emergencialmente foram interrompidas. Neste sentido, o valor das políticas públicas que garantam formação e infraestrutura são imprescindíveis para além do que já está sendo feito. No sentido de ampliar possibilidades de socialização do protagonismo, não na intenção de apostar mais num ou noutro sujeito, mas sim garantir palco para ambos, ampliando os processos dialógicos.

Essa dialogicidade não é possível no formato que se apresentam as videoaulas atuais, tanto que, segundo nossas análises, a amostra geral indicou que 81,05% das videoaulas são destinadas ao leitor contemplativo, aquele que lê figuras estanques, 18,94% destinado ao leitor movente, aquele leitor apressado que lê imagens em movimento e cerca de 0,01% destinado ao leitor imersivo, que agrega a dinâmica da leitura hipertextual. Neste sentido podemos perceber que a diretriz epistemológica do professor agregado a esta plataforma é a uma pedagogia mais diretiva, pautada a transmissão de informação, onde a figura do professor fica em evidência, no intuito de passar conteúdo, assim como se faz numa sala de aula presencial tradicional.

A quase imensa maioria dos vídeos analisados não ousavam nas suas estratégias narrativas, quase não estabeleciam diálogo com a *mediência*. A postura do professor mantinha-se em relatar o conteúdo para câmara sem grandes movimentos adjacentes, nem jogadas de câmara para dar dinamicidade a narrativa, tornando a estrutura do vídeo pouco ousada. Porém essa postura tem indicativo de tendência remissiva, ou seja, os vídeos com maior número de visualizações e comentários são aqueles que apontam para uma postura mais

interativa e não só diretiva, tendência observada nos vídeos selecionados para análise da amostra em profundidade. Os vídeos tinham sutis elementos que os diferenciavam da grande maioria, mesmo sem ainda diferenciar muito da maioria, certamente guiada pela ditadura do engajamento determinado pela *mediência* que alimenta o algoritmo. Segundo as falas do Professor 2 ousar sair do formato preestabelecido institucionalmente pode fazer amargar com o não engajamento. Sendo que não foi o que pudemos observar nos vídeos do “Terra Negra”, “Buenas Ideias” e “Nerdologia”.

Durante o processo de pesquisa identificamos que a comunicação mais dialógica é uma necessidade que deve ser explorada a fim de atender esse leitor contemporâneo que, além de ler figuras estancadas e imagens em movimento, ainda possui o sentido de presencialidade relativizado. Isso seria uma importante contribuição para o ecossistema das videoaulas. O convite que fica para a elaboração de uma videoaula construtivista é o mesmo que Lygia Clark faz nas suas Proposições Sensoriais, que não pretende apenas admirar a arte e sim ter um momento-arte. Pensando pela proposta artística dos neoconcretos, as narrativas que pretendem considerar o leitor contemporâneo podem ter um caráter que atenda um formato artístico-educacional, assim como as obras de Hélio Oiticica, que entendia que o cinema precisava se transformar em algo que altere os sentidos de presencialidade na interação sujeito-objeto e o denominou de “Quase-cinema”. Aqui nesta pesquisa utilizamos o conceito e entendemos que as videoaulas podem se tornar uma outra coisa, que aqui denominamos de “quase-aulas”. Neste sentido, propomos transformar as videoaulas em artefatos que atendam a necessidade de imersividade e multipresencialidade exigida na contemporaneidade, sem deixar de lado esse tom da inventividade que concede autoria ao professor.

Neste sentido teríamos uma videoaula que dialogaria mais com os aspectos pedagógicos que envolvem a ideia de desaceleração e do reconhecimento atento, além de ampliar as possibilidades de rastreamento da atenção do navegador e escapar da lógica do engajamento dos algoritmos. Atenção essa que, de acordo com a amostra analisada, tem cerca de 33% de imagens, 25% de recursos textuais e 6% de sons, conforme a tríade das audiovisualidades, com prototipadas exclusivamente para a sua apreensão.

As escolhas feitas para ilustrar os vídeos nos mostraram uma predominância de ilustração imagética de figuras estáticas que engendradas ora por texto, ora por sons acabavam criando um espaço-temporal possível. O engendramento das audiovisualidades tendia por tentar dar conta de apressar a transmissão das informações para um leitor-alvo movente e apressado. Os resultados apontaram para um certo conservadorismo, mesmo

havendo um ecletismo nas estratégias narrativas dos formatos das aulas. Foi possível perceber uma espécie de constrangimento que pode ser da ordem do não saber fazer de outro jeito, ou por ter que atender as diretrizes da plataforma, ditadas pelo algoritmo e divulgadas em evento de alinhamento institucional.

O que podemos inferir, também, ainda mais depois do advento do confinamento social, é que há muito espaço para mixagens de linguagens. Caso os professores-*youtubers* assumissem uma postura menos transmissiva e mais propositiva seria interessante incentivar a mistura de elementos que estabeleçam conexões entre elementos virtuais e analógicos e que apostem no incentivo da exploração do território e da corporalidade, investindo nos devires da cultura.

Diante desses devires e as suas incessantes transformações tecnológicas seria importante investir em epistemologias e metodologias que dessem conta de romper com esse efemerismo tecnológico e apostar no hibridismo da ação. Ações no sentido de articular saberes e práticas próprias da docência, acopladas aos suportes teórico-metodológico-epistemológico sem se afetar pelo ritmo frenético das mudanças mercadológicas e das habilidades e competências específicas que se desatualizam rapidamente em função da obsolescência tecnológica programada. Neste sentido é importante analisarmos propostas que tenham na sua constituição elementos comunicacionais que possam atender não apenas a imprescindível mobilidade, o hibridismo tecnológico e a relativização do polo emissor da comunicação característicos desse tempo, mas também a desaleceração e a imersividade em favor da atenção e das aprendizagens. Nesse mesmo caminho, as videoaulas ainda precisam evoluir para alcançar patamares mais efetivos de ensino e de aprendizagem, e um dos caminhos seria considerar os elementos que caracterizamos nesse trabalho que postulam esse papel de “quase-aula”, de algo com o status híbrido de ser e não ser algo, que havíamos comentado durante a pesquisa e transformar-se em outra coisa, mais potente, adaptável, interativa, sem deixar, também, de ter seu conteúdo informacional.

Durante o processo da pesquisa pudemos identificar que hoje as videoaulas são transposições de aulas presenciais, porém sem a alteração necessária, demonstrando-se ser uma geração de professores-*youtubers* que viveu e permanece no tempo da tela tubo, na perspectiva da tela que transmite apenas, sem a conversação característica das telas de computadores ou de *smarthphones*. O professor-*youtuber* de certa forma entende esse vídeo publicado nas redes com a mesma materialidade da tela tubo ou tela cinema ou VHS, desconsiderando a fluidez e plasticidade que envolve o espaço cibernético e dos dispositivos

(pessoas e objetos) a ele acoplados. Ao desconsiderar os leitores desse tempo, não explora a pervasividade das multitelas, não estabelece diálogos em profundidade e reflexividade a não ser consigo mesmo, e as videoaulas ficam praticamente “confinadas” ao limite do *frame* de vídeo.

Na proposta que aponta esta tese é possível usar em sala de aula ou em ambiente virtual várias mídias. Semelhante a um movimento dentro/fora / fora-dentro da página principal, mesmo tendo a opção colocada como alternativa de navegação que “joga” o leitor contemporâneo para fora da narrativa principal, estabelecendo um diálogo semiótico com o que o professor tinha proposto para aquela peça digital. Neste sentido tecnologias como o H5P nos possibilita exercitar essa nossa liberdade de usar o ciberespaço a nosso favor e convidar o aluno a navegar de forma orientada, mas fora do controle dos algoritmos das grandes plataformas, pelas possibilidades que a rede apresenta, num movimento contrário que pretende fazer o metaverso, que ao fim e ao cabo, tem a intenção de “aprisionar” o sujeito naquele ambiente circunscrito às regras da plataforma. O que queremos é que professor e aluno sejam autores de suas criações e composições audiovisuais, sejam elas possibilitando uma ordem algorítmica própria, curadoriada pelo professor e navegada livremente por outros caminhos pelo aluno. Nesse caso, tecnologias com o H5P oferecem a possibilidade de inserir uma sequência interativa que cria uma camada sobre a videoaula independente da recomendação de conteúdo algorítmica, pode inclusive indicar uma saída sem retorno à videoaula, à rede e à própria tela para, por exemplo, instigar o aluno a ir explorar o espaço físico da sua cidade e a sua corporalidade, numa perspectiva propositiva e mais alinhada a proposta sensorial dos neoconcretos, que exploram os cinco sentidos.

Sairíamos assim de uma perspectiva contemplativa para uma perspectiva mais ubíqua aproveitando toda a mobilidade e presencialidade relativizada que o ubíquo nos possibilita. Neste caso teríamos uma narrativa audiovisual mais subversiva a lógica do mercado imposta pela plataforma que atende ao mecanismo neoliberal que tanto nos assola. Tornar assim uma espécie de algoritmo voluntário, customizado pelas escolhas intencionalmente pedagógicas do docente, numa perspectiva de uma pedagogia mais relacional. Com essa lógica, o professor pode burlar o sistema imposto, ele direciona o fluxo do vídeo para além do recomendado pelo sistema/plataforma. É um controle que o algoritmo não dá conta, pois a narrativa roda em uma cama que foge de seu controle. Assim como Gilles Deleuze nos orientou para a Sociedade de Controle, há de se ter rotas de fuga.

A funcionalidade do H5P possibilita aplicarmos uma espécie de camada superficial sobre a narrativa audiovisual já constituída, fazendo que a dialogicidade aconteça de uma maneira sutil, apropriando-se de elementos semióticos que deixam mensagens latentes. A proposta das “Quase-aulas” é de criar um algoritmo artisticamente customizado conforme a orientação do docente. Essa ação atenderia a uma necessidade ética e estética de marcar um posicionamento político de resistência ao sistema. A programação customizada sobre a narrativa audiovisual torna-se inventiva, na perspectiva da autoria de professor-autor, de atender os preceitos da Docência *Online* que presa pela autonomia do professor diante do controle das plataformas, neste sentido a autonomia é levada a uma condição de criação/invenção. Portanto, tanto a funcionalidade H5P, quanto a metodologia que baseia a proposta epistemológica-metodológica das “Quase-aulas” é um aprendizado necessário.

Esse aprendizado se faz importante pois responde e reage a dois importantes limitadores: o constrangimento pessoal – que leva o professor não perceber que poderia estar conectado a uma infinidade de elementos hipertextuais e mais imersivos do ciberespaço, e a não borrar as fronteiras do que seria sua compreensão do que é uma aula colocada na internet. Outro constrangimento é o institucional – a plataforma estabelece, mesmo que de maneira implícita através dos Workshops e comportamento do algoritmo, o formato das videoaulas, com o argumento que se seguirem as diretrizes a possibilidade de engajamento é maior e, por conseguinte, os seus ganhos também. Essas diretrizes, expostas parcialmente nos vídeos de orientação do *YouTube Edu* transcritos e analisados constam uma certa quantidade de constrangimentos que modulam a conduta conforme a necessidade do mercado que a plataforma está acometida e não necessariamente de acordo com a intencionalidade pedagógica desejada pelo professor, tentando se aproximar mais do jeito que ele é em sala de aula, onde a interação é tão importante para a construção de conhecimento.

É importante ressaltar que não só a interação deve ser fomentada, mas elementos como a leitura contemplativa ativa, não passiva, deve ser atendida também. que se percebe é que há uma proliferação de materiais audiovisuais que visam o leitor movente, cada vez mais orientados pela pressa, pela síntese e a comunicação imediata, tais como os os microvídeos populares da rede TikTok (rede social coreana), no *Reels* do Instagram (rede social da Meta) ou no *Stories* (pequenos vídeos, fotos, músicas que duram o tempo efêmero de 24 horas no *Facebook e Instagram*).

Por isso a ideia de transformar as videoaulas em vídeos interativos é uma proposição ousada pois rompe com essa economia da atenção fragmentada, fidelizada e acrítica. Devido a

esse formato interativo que investe na conversação a partir de intervenções assíncronas do professor, abre espaço para o aluno se expressar e registrar, ou apenas refletir sobre o tema proposto, trazendo elementos maiêuticos e até psicanalíticos, quando trabalham com questionamentos sobre o assunto no sentido de provocar rupturas (breakdowns) ou desequilíbrios em que os assiste. Para a nossa proposta de videoaulas interativadas, as “Quase-aulas” seriam uma forma de investir em elementos éticos e estéticos no sentido de, do ponto de vista semiótico, provocar diálogos. Agrega às estratégias narrativas das videoaulas elementos artísticos-educacionais, além da possibilidade de romper com limite do *frame* de vídeo, tornando-as porosas, permeáveis ao que está no ciberespaço e no mundo físico.

Esse tipo de estratégia narrativa da “Quase-aula” opera justamente no sentido contrário da plataforma, já que burla o sistema de recomendação algorítmica do *YouTube*, e oferece alternativas de recomendação que podem atender a uma intencionalidade pedagógica, diversa da lista de vídeos sugeridos e que geralmente operam no sentido de prender a atenção do leitor na plataforma, para não sair daquele ecossistema.

Com a “Quase-aula” o professor quebra o fluxo da narrativa tendo como importante diretriz a intencionalidade pedagógica, sendo pervasivo a narrativa exposta no *frame* de vídeo, sugerindo que percorra outros fios e rastros. A comunicação é direta com o midiente e não com algoritmo-depois midiente. Na nossa proposta a possibilidade de interativação com o H5P permite que haja uma simulação hipermídia, que permite simular uma conversa, mesmo de forma assíncrona. Essa ação mais pervasiva é diferente do que se faz um *influencer youtuber*, pois ele precisa se associar ao algoritmo e jamais resistir a ele.

É importante ressaltar que a “Quase-aula” tem a intenção de provocar outra experiência, um momento-arte, ela não pretende substituir a presença física que caracteriza uma aula. Apresentando possibilidades de levar o aluno para o laboratório, para a convivência, para um museu, uma exposição, para uma visita de campo explorando os diversos territórios, inclusive a corporalidade no momento que entendemos que o corpo também é um território existencial. Tão imprescindível para o desenvolvimento do sujeito e que nos foi negado durante a Pandemia e nos mostrou o quanto isso é importante.

Também é importante registrar os limites que esta pesquisa encontrou que não pudemos contornar. Eles “escaparam” da tese por conta da ordem dos acontecimentos e das escolhas que precisamos fazer. O mais importante foi o impacto que teve o distanciamento social ocasionado pela Pandemia da Covid 19, esse com certeza nos colocou em situação de alerta máximo, a todos, inclusive. De certa forma conseguimos contornar, enquanto

aguardávamos em *Home Office* a vacina, usando máscaras, álcool em gel e sem aglomerar, abusamos da criatividade para mantermos juntos e um pouco de boa vontade, o que nos possibilitou viver, de certa forma, a multipresencialidade que propomos para as “Quase-aulas”, tornando um profícuo laboratório estendido. Outro ponto importante que nos desequilibrou foi o pouco tempo para assimilar aspectos teóricos complexos em dois anos pandêmicos, com dificuldade de contato com os participantes, e o tempo da pesquisa precisou ser rearranjado, mas contornamos todos os obstáculos juntos, pois o “pesquisar não se faz sozinho” (sic).

Além destas contingenciais percebemos que acabou escapando da tese investigar que tipos de imagens mais poderiam auxiliar no processo de aprendizagem, já que este recurso foi o mais recorrente nas narrativas audiovisuais. Neste sentido também teria sido importante analisar com mais cuidado a questão da atenção, observada como importante fator de sucesso no projeto piloto usado nas disciplinas de estágio desta pesquisadora. Investigar a fundo quais foram os motivos que o vídeo interativo fez prender mais alunos até a conclusão da tarefa. Nos fazendo questionar: será que a Pandemia ocasionou uma saturação das mídias? Também consideramos que os comentários poderiam ter sido mais bem explorados, incluindo, por exemplo, a totalidade da amostra, nos aproximando mais das impressões que as videoaulas causaram em sua midiência. Além disso, ainda poderíamos ter desenvolvido uma espécie de linhas mestras para inovação com base nas narrativas audiovisuais levando em consideração seus aspectos semióticos – um tema que, do ponto de vista conceitual, foi pouco explorado.

Podemos projetar que para trabalhos futuros seria interessante continuar pesquisando o impacto das estratégias narrativas no processo de ensino e aprendizagem, nos fazendo pensar que poderíamos desenvolver propostas de vídeos que hoje o professor não domina, na linha mais propositiva, autoral e autônoma. Assim como desenvolver uma solução tecnológica que integre o apoio pedagógico, fórum de discussão e as vantagens editoriais do H5P. Neste sentido proporíamos a detentora do código uma sugestão na programação a fim de possibilitar o retorno do professor ao aluno, transformando numa espécie de rede social.

Entendemos ainda ser necessário aprofundar mais o desenho epistemológico-metodológico das “Quase-aulas” para que todo o seu potencial e contingências possam ser melhor mapeados a ponto de propor uma metodologia mais amplamente experimentada com professores de todos os níveis, da educação básica a superior. Para iniciar esse processo seria necessário projetar workshops que pudessem explorar mais as estratégias diversificadas mapeadas nesta tese. E, ao fim, propor políticas públicas que possibilitasse acesso a essa

formação e a infraestrutura necessária para professores da educação básica e ensino superior a fim de facilitar o processo do uso da tecnologia e da metodologia.

Ao encerrar essas páginas gostaria de deixar uma proposição de uma mãe e pesquisadora que viu a necessidade de buscar alternativas que contemplassem as suas condições pessoais e que possibilitasse a filha e seus alunos aprender de uma maneira mais intuitiva, e que reforçou e tornou-se uma ação muito importante na relação com a filha adolescente: “Vamos sair do *YouTube* e vamos ler um livro JUNTAS, compartilhando a leitura”.

Obrigada!

E como diz meu orientador: Seguimos!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHADEMY, K. **1º Taxonomia**: o sistema de arquivamento da visa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oD11SwvsxMY&list=PLf3WdQPlwNt5HsHbkAU0Hf58GOShuXWYj>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

ALADIN, D. **A Revolução Francesa em 5 minutos!** Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eg47cCMcQr0>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

ALIANÇA, P. **Educa Aliança** – Ensino Fundamental II - História. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QFUIVoQlu1o&list=PL0tNxWqmqpKN5Q4nCr54UOXGgzLV4HB39>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

ALVES, A.; BAGNO, L. I. M.; GONÇALVES, N. Entregas mediadas por aplicativos e o mito do empreendedor de si mesmo na pandemia do coronavírus. **Revista de Direito da UNB**, 4(02), 2020.

AMENDOLA, D.; CARNEIRO, C. Análise crítica de conceitos de geologia apresentados na plataforma YouTube com foco em videoaulas. **Terrae Didática**, v. 15, 2019.

AMPLAÇÃO, C. **História** – Aula 1 – 3º Ano do Ensino Médio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MelWqHYHyrg&list=PLMjK1hIpL7BeCarclTkXssJBfvut2nVgs&index=8>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

ANDRADE, M. E.; FERNANDES, M. Vídeos interativos como ferramenta de socialização de saberes: vivências no uso de tecnologias educacionais no processo formativo. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 2, p. 765-769, 2017.

AULA. *In*: **Dicionário Online da Língua Portuguesa Dicio**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/midiatico/>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

AZEVEDO, B. M. S.; CARVALHO, S. R. **O diário de campo como ferramenta e dispositivo para o ensino, a gestão e a pesquisa.** In: Carvalho, S. R.; Ferigato, S.; Barros, M. E. (Orgs.), *Conexões saúde coletiva e políticas de subjetividade* (pp. 204-219). São Paulo: Hucitec, 2009.

AZUL, O incrível pontinho. **Mudanças dos estados físicos da matéria:** um nome para cada transformação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GYv8En7pqaY&list=PLf3WdQPlwNt6aJfFS9IIIUDcjs3TkU0YB&index=4>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

BADIOU, A. **El cine como experimentación filosófica.** In: YOEL, G. (Org). *Pensar el cine 1. Imagen, ética y filosofía.* Buenos Aires: Manantial, p. 23-81, 2004.

BARABÁSI, A. L. **Linked:** A nova ciência dos networks. Como tudo está conectado a tudo e o que isso significa para os negócios, relações sociais e ciências. São Paulo: Editora Leopardo, 2009.

BARRÉRE, E. Videoaulas: aspectos técnicos, pedagógicos, aplicações e bricolagem. **Jornada de Atualização em Informática na Educação**, v. 3, n. 1, 2014.

BARROS, L.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa – intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo:** A transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BECKER, FERNANDO. O que é construtivismo? **Revista de Educação AEC**, Brasília, v. 21, n. 83, p. 7-15, abr./jun. 1992.

_____. **Educação e construção do conhecimento.** Porto Alegre: Penso, 2015.

BIOLOGIA, S. **1º Lei de Mendel de um jeito fácil e acessível**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bxTsEeQ2amE&list=PLf3WdQPlwNt5HsHbkAU0Hf58GOShuXWYj&index=40>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

BISPO, L.; BARROS K. Vídeos do YouTube como recurso didático para o ensino de história. **Atos de Pesquisa em Educação**. Blumenau, 2016.

BOS, A; PIZZATO, M.; ZARO, M. Experimento de medição do nível de Atenção do Estudante: o uso da Mídia Interativa como Estímulo Resposta. **RENOTE**, v. 17, n. 3, p. 607-616, 2019.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2016: **Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2016. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>. Acesso em: 22 jan. 2018.

BRITO, BETO. **Entendendo as vanguardas europeias em 5 tópicos**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hR_toI0e8ic&list=PLf3WdQPlwNt7qxaBrVzDY0obL3B-_KaAQ&index=3. Acesso em: 20 de nov. 2021.12:10

_____. **Fotossíntese e o Ciclo do Carbono**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SGQKZzkOhVI&list=PLf3WdQPlwNt5M3UjznnZFWnGIgJgdIVuy&index=4>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

BRITO SILVA, J. **Plataforma YouTube como ferramenta para o ensino de biologia**. Dissertação de mestrado Universidade Federal de Mato Grosso Instituto de Biociências, Cuiabá, 2019.

BUENO, E. **O Brasil na Primeira Guerra**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9OD_MHW2beA&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPyE-t&index=29. Acesso em: 20 de nov. 2021.

BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a revolução digital**: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CALIXTO, C. R. **Querer, obedecer e empreender**: O governo de si e dos outros nos discursos pedagógicos (fim do século XVIII e início do século XIX). 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CAMINHOS, L. **Como fazer uma Leitura de Imagem**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CLX7aKYHCiY&list=PLf3WdQPlwNt5WkcVZdltT64d4DGx3eEsO&index=6>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

CARDOSO, F. **Sequências Lógicas**: 8 questão de concurso. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_59ETIxrzXE. Acesso em: 20 de nov. 2021.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CAVALIERE, C. **Resumão de Ecologia**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DRtI_j5cPvQ&list=PLf3WdQPlwNt5M3UjznnZFWnGIgJgdIVuy. Acesso em: 20 de nov. 2021.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução: Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CINESTORIA. **O último Imperador**: explicando colonialismo e imperialismo – Cinema e História. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QNhYixGMq8U&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPyE-t&index=30. Acesso em: 20 de nov. 2021.

COELHO, F; JUNIOR, JB O YouTube como instrumento de estímulo ao processo de aprendizagem nas universidades. **Revista Intersaberes**, 2019.

COHN, G. As diferenças finas: De Simmel a Luhmann. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 38, 1988.

COMSCORE. **O panorama das redes sociais na América Latina**. Disponível em: <https://www.comscore.com/por/Insights/Apresentacoes-edocumentos/2017/O-Panorama-das-Redes-Socias-na-America-Latina>. Acesso em: 22 dez. 2019.

CUNHA, M; GARCIA, A. **Imagens em migrações poéticas** – São Paulo: FFLCH/USP, 2021.

CUNHA, S. **Ecosistema: Componentes Bióticos e Abióticos e Funcionamento Geral**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VO0z1u7YPxA&list=PLf3WdQPlwNt5M3UjznnZFwnGIgJgdlVuy&index=2>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

_____. **1º Genótipo e Fenótipo**. Conceitos de Genética. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FhgKfSSMO&list=PLf3WdQPlwNt5HsHbkAU0Hf58GOShuXWYj&index=38>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

DARDOT, PIERRE; LAVAL, CHRISTIAN. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DELEUZE, G. **Le bergsonisme**. Paris: PUF, 1966.

_____. **O que é uma aula**. YouTube, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-C2BIFFUu9M>. Acesso em: 28 de março de 2021.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DESCOMPLICA, RENASCIMENTO. **Quer que desenhe**. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6NbSXIdObDk&list=PLf3WdQPlwNt6eLCPCVjQFE_la-u-QtLxDq&index=2. Acesso em: 20 de nov. 2021.

DULCI, T. M. SPYER; JUNIOR, TMQ. “Professores-Youtubers”: Análise de três canais do YouTube voltados para o ensino de história. **Escritas do Tempo**, vol 1, n 1, p.04-29, 2019.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault** – Uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

ESTUDO VIDEO VIEWERS. **Press Event – Brandcast**. 2017. Disponível em: <http://www.michaeloliveira.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Video-Viewers-2017-Brandcast-Press-Event.pdf>. Acessado em: 06 de ago. de 2021.

FELCHER, C.; BIERHALZ, C.; FOLMER, V. A utilização dos vídeos educacionais do YouTube na licenciatura em matemática: Presencial e a distância. **Renote – Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 17, n. 1, 2019.

FELICE, M. Redes sociais digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social. **Revista USP**, n. 92, p. 9-19, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/34877>. Acesso em: 22 fev. 2020.

FELPI, L. **3 filmes e séries para usar na redação do Enem**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hb6lnzwVYbY&list=PLf3WdQPlwNt5WkcVZdlT64d4DGx3eEsO&index=25>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

FERREIRA, M.; TRAVERSINI, C. A Análise Foucaultiana do Discurso como Ferramenta Metodológica de Pesquisa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 207-226, jan./mar. 2013.

FISHER, R. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação** 12.35 (2007): 290-299. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a09v1235.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

FOUCAULT, MICHEL. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANCO, D. S.; FERRAZ, D. L. D. S. **Uberização do trabalho e acumulação capitalista**. Cadernos EBAPE. BR, 17, 844-856. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREITAS JUNIOR, G. O uso do Facebook e do YouTube para promover a aprendizagem colaborativa: Experiências práticas. **Revista Eletrônica de Diálogo e Divulgação em Geografia**, v. 1, n. 5, 2017.

FRAGOSO, K. **Gringos reagem a 15 marcas que pronunciamos errados em inglês**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OLgTt7EOkEQ>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

_____. **Inglês no aeroporto: avião e imigração: aprenda a se virar**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h0Yz4StSGJc>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

FURTADO, K.; SOUZA, A. Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém: Reflexões sobre a autoria docente. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 10, 2019.

GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não-formal**. Sion: Instituto Internacional des Droits de L'Enfant (IDE), 2005.

GOOGLE. **Google Consumer Survey 2018: Think with google**. [s.l.: s.n.], 2018. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/>. Acesso em: 22 set. 2019.

GOMES, P.G. Mídiação: um conceito, múltiplas vozes. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, 23 (2) 2016.

GOMES, D. **Aula de Filosofia** - Daniel | Aulão do ENEM 2018 no YouTube Edu. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cPA1Doro86E>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

_____. **Racismo Científico**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XW_JFbPgaI4&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPyE-t&index=8. Acesso em: 20 de nov. 2021.

GREIMAS, A. **O belo gesto**. In: NASCIMENTO, E. M. S. F.; ABRIATA, V. L. R. (Orgs.). *Formas de vida: rotina e acontecimento*. Ribeirão Preto: Coruja, 2014. p. 13-33.

GRUZD, A.; PAULIN, D.; HAYTHORNTHWAITE, C. Analisando mídias sociais e aprendizagem através da análise de conteúdo e redes sociais: Uma abordagem metodológica facetada. **Journal of Learning Analytics**, v. 3, n. 3, p. 46-71, 2016.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **Psicopolítica** - O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

HERTZOG, L. Entre a espetacularização da vida cotidiana e o pragmatismo da classe trabalhadora. **Revista Inter-Legere**, v. 2, n. 26, 2019.

HISTORIZANDO. **Apartheid**. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=uRtXZmWPwv4&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPyE-t&index=9 Acesso em: 20 de nov. 2021.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. **A indústria cultural**: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JENKINS, H. O que aconteceu antes do YouTube?. In: BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a revolução digital**: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNGES, D.; GATTI, A. Estado da arte sobre o YouTube na educação. **Revista Informação na Cultura**, V.1(2), p. 113-131, 2019.

KAMIGOUCI, M; BORGES, M. Professores e YouTube: possibilidades e desafios para o ensino de história na era da cultura digital. **Colóquio Luso-Brasileiro de Educação – COLBEDUCA**, 2017 v. 2, 2017.

KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. In: PASSOS, E.;

KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa – intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

KOEHLER, C.; CARVALHO, M. O público e o privado nas redes sociais: Algumas reflexões segundo Zygmunt Bauman. **Espaço Pedagógico**, v. 20, n. 2, p. 275-285, 2013.

KOPP, C. A. F. **Neoliberalismo, capital pós-humano e educação**: Reflexos de Black Mirror. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2019.

KOZINETS, R. V. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LATOURETTE, B. **Faturas/Fraturas**: da noção de rede à noção de vínculo. Tradução de Theophilos Rifiotis, Dalila Floriani Petry e Jean Segata. *Ilha*, v. 17, n. 2, p. 123-146, 2000-2015b. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n2p123/31059>>. Acesso em: 01 mar. 2021.

LAZZARATTO, M. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEITÃO, D.; GOMES, L. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Antropolítica Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 42, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41884> Acesso em: 18 abr 2021.

LÉVY, P.. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

LEMOS, A. **O futuro da Internet**. Paulus: São Paulo, 2010.

_____. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

LIVRO, Vá lá ler um. **O que é poesia concreta**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YsO9eiKEzI&list=PLf3WdQP1wNt5WkcVZdlfT64d4DGx3eEsO&index=8>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

LOIOLA, D. **Recomendado para você: O impacto do algoritmo do YouTube na formação de bolhas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

LOPES, D.; SOMMER, L. H.; SCHMIDT, S. Professor-propositor: A curadoria como estratégia para a docência on-line. **Educação & linguagem**: Revista do Centro de Ciências da Educação da Universidade Metodista de São Paulo, v. 17, n. 2, p. 54-72, 2014.

MANSANO, S. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da Unesp**, v. 8, n. 2, 2009.

MANNARINO, U. **Como Acertar mais Questões de LINGUAGENS no ENEM**. Disponível

em:<https://www.youtube.com/watch?v=Qhpu6eVJFjE&list=PLf3WdQPlwNt5WkcVZdlfT64d4DGx3eEsO&index=3>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINS, V.; SANTOS, E. OS ESTILOS DE APRENDIZAGEM E A PRODUÇÃO DE SABERES AUDIOVISUAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR ONLINE. **EDUCAÇÃO**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 124–139, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9793>. Acesso em: 16 dez. 2021.

MARX, K. **O capital**: Crítica da economia política. 7. ed. São Paulo: Boitempo, 1982.

MATEMÁTICA, F. **Funções Noções Básicas** – Aulas de 1 – 15. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SPZqQ5qn3P0>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

MCLUHAN, M.; POWERS, B. R. **The global village**: Transformations in world life and media in the 21st century. [s.l.]: Oxford University Press, 1989.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1996.

MEDRADO, B.; SPINK, M. J.; MÉLLO, R. P. **Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas**. In: Spink, M. J.; Brigadão, J.; Nascimento, V; Cordeiro, M. A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas (pp. 273-294). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 2014.

MIDIATÍCO. In: **Dicionário Online da Língua Portuguesa Dicio**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/midiatico/>. Acesso em: 20 de março de 2020.

MION, MRB; DE QUEIROZ LOPES, D. Youtube e Educação: uma revisão da pesquisa brasileira no período de 2014 a 2021. **RENOTE**, v. 19, n. 2, p. 526-536, 2021.

MOGETTI, R.; BROD, F.; LOPES, J. Videoaula interativa como material potencialmente significativo na educação a distância. **RENOTE**, v. 18, n. 1, 2020

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de novas tecnologias. In: MORAN, José Manuel; BEHRENS, Marilda Aparecida; MASETTO, Marcos T. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2013.

_____. **Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias**. Revista Informática na Educação: Teoria & Prática. Porto Alegre, vol. 3, n. 1. UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, p. 137-144, 2000.

MOREIRA, A. *et al.* Teorias da subjetividade: Convergências e contradições. **Revista Contraponto**, v. 1, n. 1, p. 58-69, 2011.

MOREIRA, JOSÉ ANTÓNIO MARQUES *et al.* Ensinar e aprender nas redes sociais digitais: o caso da Mathgurl no YouTube. **Revista de Comunicación de la SEECI**, p. 107-127, 2019.

MORIN, E. **Epistemologia da complexidade**. In: SCHNITMAN, D.F. (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

MOURA OLIVEIRA, P. **O YouTube como ferramenta pedagógica**. SIED Simpósio Internacional de educação à distância/EnPED Encontro de pesquisadores de educação à distância, 2016.

NACAK, A.; BAĞLAMA, B.; DEMIR, B. Teacher Candidate Views on the Use of YouTube for Educational Purposes. **Online Journal of Communication and Media Technologies**, v. 10, n. 2, p. e202003, 2020.

NARRATIVA. In: **Dicionário Online da Língua Portuguesa Dicio**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/narrativa/>. Acesso em: 20 de março de 2020.

NEGRA, T. **DAVI, MICHELANGELO E PUGLIESE**. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0dz8rqapTt0&list=PLf3WdQP1wNt6eLCPCVjQFE_1au-QtLxDq&index=3. Acesso em: 20 de nov. 2021.

NEGRA, T. **Transportes, globalização e o comércio!** Expansão marítima! Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tleak-Q1LdQ&list=PLf3WdQPlwNt7CtJx5lKmVLN-iGl3MUFxm>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

_____. **Geógrafos explicam a arenização lá no Jalapão.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P0TAFHmqZ9M&list=RDCMUCbQ4CksZFFUju5XtFid-XWQ&index=7>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

_____. **Live: Demografia e Migrações.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ahH91LRqxI0&list=RDCMUCbQ4CksZFFUju5XtFid-XWQ&index=11> Acesso em: 20 de nov. 2021.

_____. **Entenda a greve dos entregadores e motoboys de aplicativos!** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kr33HYAyRak&list=RDCMUCbQ4CksZFFUju5XtFid-XWQ&index=14>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

NERDOLOGIA. **De onde vem os fosséis.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WUPECN3YPz0&list=PLf3WdQPlwNt5HsHbkAU0Hf58GOShuXWYj&index=8>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

NETO, J.; SÁ, J. **Ensino de história e educação não formal:** O fenômeno das videoaulas do YouTube. Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do IFG, v. 4, n. 2, 2019.

NOSLEN, P. **Conhecimento e autocrítica.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZukwTsss86Y&list=PLf3WdQPlwNt5WkcVZdlT64d4DGx3eEsO&index=20>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

_____. **Romantismo.** Contexto Histórico Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PyUy_9mKGck&list=PLf3WdQPlwNt79DL4yVrzhm0erqAPIg7Q&index=2. Acesso em: 20 de nov. 2021.

_____. **Resumão das vanguardas europeias.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8RApaDphdTc&list=PLf3WdQPlwNt7qxaBrVzDY0obL3B-_KaAQ&index=5. Acesso em: 20 de nov. 2021.

MOGETTI, ROSIMERE SILVA; BROD, FERNANDO AUGUSTO TREPTOW; LOPES, JOÃO LADISLAU BARBARÁ. Videoaula interativa como material potencialmente significativo na educação a distância. **RENOTE**, v. 18, n. 1, 2020.

NÓVOA, A. **O regresso dos professores.** Pinhais: Melo, 2011.

OLIVEIRA, F. Ficção científica: Uma narrativa da subjetividade homem-máquina. **Contracampo – Brazilian Journal of Communication**, n. 9, p. 177-198, 2003.

OLIVEIRA, J. **Educação histórica e Aprendizagem da “História Difícil” em vídeos no YouTube.** Dissertação de mestrado da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016

ONLINE, H. **Diário do Enem:** Episódio 19: imperialismo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=woVrmgkjHdA&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPyE-t&index=2. Acesso em: 20 de nov. 2021.

OROFINO, M.I. **Mídias e mediação escolar:** pedagogia dos meios, participação e NÓVOA, A. Professor imagem do futuro presente. Educa: Lisboa, 2009. Visibilidade. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

ORWELL, G. **1984.** 4. ed. Madri: Mestas, 2008.

PAGBRASIL. Brasil: **Os números do relatório Digital in 2019.** PagBrasil, 28 fev. 2019. Disponível em: <https://www.pagbrasil.com/pt-br/insights/relatorio-digital-in-2019-brasil/>. Acesso em: 1 set. 2019.

PARABÓLICA, **Entenda o imperialismo.** Youtube. Disponível em Acesso em: https://www.youtube.com/watch?v=608WuWDe_dY&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPyE-t Acesso em: 20 de nov. 2021.

PARISER, E. **O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PASSOS, E.; BARROS, R. **Por uma política da narratividade.** In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa – intervenção e produção de subjetividade.* Porto Alegre: Sulina, 2010.

PAULO, P. **Produção de videoaulas como materiais didáticos inclusivos para professores de Química do Ensino Médio.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

PEACH RESEARCH CENTER. **Uso de mídias sociais em 2018.** 2018. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/internet/2018/03/01/social-media-use-in-2018/>. Acesso em: 01 set. 2019.

PECHANSKY, R. O YouTube como plataforma educacional: reflexão acerca do canal Me Salva. **Intercom**, 2016.

PEIRANO, M. **Etnografia não é método.** *Horizontes Antropológicos*, 20(42), 377-391, 2014.

PEREIRA, P. **Função 04: Pares Ordenados e Plano Cartesiano.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7t8oagbsa7A&list=PLf3WdQPlwNt4eoRrTOvdE9mzE5NKPDc3G>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

PEZZATO, L.; L'ABBATE, S. O uso de diários como ferramenta de intervenção da Análise Institucional: Potencializando reflexões no cotidiano da Saúde Bucal Coletiva. **Physis**, v. 21, n. 4, 2011.

PRADO FILHO, K.; MARTINS, S. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). **Psicologia e Sociedade**, v. 19, n. 3, 2007.

PROCÓPIO, M. **Caracterização do universo das narrativas biográficas sob uma perspectiva discursiva**. In: MACHADO, I; MELO, M. Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do discurso. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016.

QUINTANILHA, L. Inovação pedagógica universitária mediada pelo Facebook e YouTube: Uma experiência de ensino-aprendizagem direcionado a geração Z. **Educar em Revista**, n. 65, 2017.

RAMÍREZ-OCHOA, María Isabel. Posibilidades del uso educativo de YouTube. **Ra Ximhai**, v. 12, n. 6, p. 537-546, 2016.

RAMOS NETO, J.; SÁ, J. Ensino de história e educação não formal: O fenômeno das videoaulas do YouTube. **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do IFG**, v. 4, n. 2, 2019.

REBELO, B.; CARVALHO, T. YouTube como ferramenta de apoio no ensino não-formal do inglês. **Internet Latent Corpus Journal**, v. 7, n. 2, 2017.

REUTERS INSTITUTE. **Digital News Report 2017**. [s.l.: s.n.], 2017. Disponível em: <http://www.digitalnewsreport.org/>. Acesso em: 22 dez. 2019.

RIBEIRO, E. **Análise de redes sociais e relações intergrupais: A convivência entre cotistas e não cotistas e suas influências na formação acadêmica**. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

RODRIGO-CANO, Daniel; GÓMEZ, I. Aguaded; MORO, FJ García. Metodologías colaborativas en la Web 2.0. El reto educativo de la Universidad. **REDU. Revista de Docencia Universitaria**, v. 17, n. 1, p. 229-244, 2019.

_____. Metodologías colaborativas en la Web 2.0. El reto educativo de la Universidad. **REDU. Revista de Docência Universitaria**, v. 17, n. 1, p. 229-244, 2019.

ROSKOWINSKI, R. **Reflexão sobre os anúncios publicitários veiculados no YouTube e sua importância nas aulas de Língua Portuguesa**. Dissertação de Mestrado da Universidade de Taubaté, Taubaté, 2016.

RYSOVAS, V. **Egito Antigo**. Dez de história. Youtube. Disponível em Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=0NwxUO3wJ2U&list=PLf3WdQPlwNt6YTmHagaResDaIY8t1UHC&index=7>: Acesso em: 20 de nov. 2021.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: Repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTANA, C. **Produção de Vídeos estudantil como estratégia de aprendizagens matemática**. Dissertação de mestrado da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista - BA, 2018.

SANTOS, E. #livesdemaio... Educações em tempos de pandemia. **Revista Docência e Cibercultura**. Maio de 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1109>. Acesso em: 13 de jul. 2020.

_____. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. **Educação Online: cenário, formação e questões didático-metodológicas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

SALGADO, TIAGO B. P. **Fundamentos pragmáticos da teoria ator-rede para análise de ações comunicacionais em redes sociais online**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SARAIVA, C. F.; FISCHER, Rosa M. B. Cinema e pesquisa em educação: sobre a arte de colecionar e narrar. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, v. 25, p. 7-18, 2020.

SARAIVA, K.; VEIGA-NETO, A. Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea. **Educação & Realidade**, v. 34, n. 2, p. 187-201, 2009.

SEGATA, J.; RIFIOTIS, T. Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura. Brasília: ABA, 2016. Disponível em:

http://www.portal.abant.org.br/publicacoes2/livros/Pol%C3%ADticas_Etnogr%C3%A1ficas_no_Campo_da_Cibercultura.pdf. Acesso em: 18 abr. de 2021.

SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico**: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SCIENCE VLOG BRASIL, In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Science_Vlogs_Brasil Acesso em 20 de março de 2020

SHAVIRO, S. **Discognition**. London: Repeater, 2016.

SILVA, M.; PEREIRA, M.; ARRIO, A. O papel do YouTube no ensino de ciências para estudantes de Ensino Médio. **Revista de Educação Ciências e Matemática**, v.7 n.2 mai/ago 2017.

SILVA, M; SALES, S. O fenômeno cultural no YouTube no percurso educacional da juventude cibourgue. **6º SBECE e 3º SIECE Educação, Transgressões Narcisismo**, 2015.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**: Indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SHIRKY, C. **Lá vem todo o mundo** – o poder de se organizar sem organizações. Zahar, 2012.

SOARES, I. **A Teoria das Inteligências Múltiplas como Suporte para a Autoria de Vídeos Interativos**. 2014. 157 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SOUZA, K. **No ar**: Jornal Nacional - Das audiovisualidade às atualizações no audiovisual brasileiro. Dissertação de mestrado, UNISINOS - São Leopoldo, 2010.

STOODI, História. **Renascimento Cultural** - Introdução. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aU8X4uojx08&list=PLf3WdQPlwNt6eLCPCVjQFE_lau-QtLxDq. Acesso em: 20 de nov. 2021.

TRANSPORTE, U.C. **Educação Ambiental** - Ecossistema e desequilíbrio ecológico. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BHfvd3OPTeI&list=PLf3WdQPlwNt5M3UjznnZFwnGIgJgdlVuy&index=5>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

VALIM, P. **Cinética Química:** Introdução. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bFyB6x9szM&list=PLf3WdQPlwNt6uhGZD3kNrlZStLtYXS0VG&index=6> Acesso em: 20 de nov. 2021.

VAZ, R.; BENTO, M. C. Utilização do YouTube por aluno do ensino médio: Quando a aprendizagem formal desafia aos organizadores da aprendizagem formal. **Revista Eccom**, v. 9, n. 18, p. 301-310, 2018.

VEIGA, L.; GONDIM, S. A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político. **Opinião Pública**, v. VII, n. 1, p. 1-15, 2001.

VESTIBULARES, Se liga: Enem. **Primeira Guerra Mundial** (Quem contra quem?). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=x5m6RAajIdM&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPyE-t&index=11. Acesso em: 20 de nov. 2021.

VIDEOAULAS, C. S. **Aula 1** – Divisão Internacional do Trabalho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tVwxmvvNGnA&list=PLf3WdQPlwNt7CtJx51KmVLN-iGl3MUFxm&index=2>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

VIEIRA, L. **Black Mirror e a Modernidade Líquida**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NCyIM5tMaq4&list=PLf3WdQPlwNt5WkcVZdltT64d4DGx3eEsO&index=16>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

ULLRICH, D. R.; OLIVEIRA, J. S.; BASSO, K.; VISENTINI, M. S. Reflexões teóricas sobre confiabilidade e validade em pesquisas qualitativas: **em direção à reflexividade analítica**. *Análise*, 23(1), 19-30, 2012.

YOUTUBE, **Youtube Edu Episódio 1**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xLjge65-Qkg>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

YOUTUBE, **Youtube Edu Episódio 2**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3I4eL7cBCuc> Acesso em: 20 de nov. 2021. 5:19

YOUTUBE, **Youtube Edu Episódio 3**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XPJApj15n4Y>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

YOUTUBE, **YouTUBE/EDU - Conheça a história do projeto**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YdpWbofz8T0>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

YOUTUBE EDU. **Sobre**. Youtube, 18 abr. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCs_n045yHUiC-CR2s8Ajlwg.. Acesso em: 18 de abr. de 2021.

ZANDONADI, K. **Vamos falar em contractions em inglês**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=92galeNhZI&list=PLf3WdQPlwNt66eWeMtAexzhCuz6mIwvHy&index=15>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do estudo: **Estratégias narrativas audiovisuais para o ensino: o caso de professores-youtubers**

Pesquisador responsável: Mirian Raquel Buiz Mion

Orientador: Daniel Queiroz Lopes

Período de realização do estudo: 03/2021 a 06/2022.

Convite para participação no estudo

Tu estás sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa acadêmica sob responsabilidade de Mirian Raquel Buiz Mion, aluna do Curso de Doutorado em Informática na Educação do Centro de Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CINTED/UFRGS). Para decidir se desejas ou não participar desta pesquisa, tu precisas saber dos objetivos deste estudo. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) fornece informações detalhadas sobre a pesquisa, que já foram ou serão apresentadas para ti.

Após receberes informações sobre este estudo, caso aceite participar, será solicitado que tu assines este TCLE. Peça ao Pesquisador responsável pela pesquisa ou alguém de sua equipe para explicar qualquer dúvida que tu possas ter antes de assinar esse termo de consentimento livre e esclarecido.

Qual é o objetivo deste estudo?

O objetivo desta pesquisa é acompanhar as narrativas audiovisuais de professores-youtubers que utilizam o YouTube como meio para ensinar.

Quais são as minhas responsabilidades se eu participar deste estudo?

O teu envolvimento na pesquisa se dará na condição de participante. Ao aceitar, tu serás convidado(a) a participar da seguinte forma:

- Autorizarás o pesquisador responsável e sua equipe a coletar e analisar registros e materiais produzidos por ti durante as atividades docentes – por exemplo, conversas nos chats, envio de trabalhos, postagens nas redes, textos, fotos, vídeos, imagens etc. – disponibilizadas em ambientes digitais (*online*).
- Compartilhará os endereços das mídias digitais que interage com os alunos para que as mesmas tenham suas postagens públicas observadas pela equipe de pesquisa.
- Entrevistas individuais, a serem realizadas a distância através de softwares de comunicação tais como *Zoom* ou *Google Meet*. As entrevistas versarão sobre as estratégias comunicacionais de ensino dos professores. O presente projeto de tese pretende pesquisar os aspectos relacionados à docência *online* no contexto brasileiro;. A entrevista será semiestruturada, ou seja, serão algumas perguntas formuladas previamente pelo pesquisador, mas no momento do diálogo, outras perguntas poderão ser elaboradas pelo entrevistador, sempre com o foco no tema da pesquisa;

Para todos os momentos da pesquisa, os encontros serão previamente agendados, conforme a tua disponibilidade.

Eu poderei ter acesso aos dados produzidos com a minha participação no estudo?

Para garantir melhor qualidade dos registros, os encontros serão gravados (em áudio e/ou vídeo) e, logo após, transcritos; toda gravação fica a tua disposição bem como a transcrição.

Podes ter acesso a esse material mediante solicitação prévia ao pesquisador responsável ou qualquer outro integrante da equipe de pesquisadores.

Existe algum risco ou desconforto a minha pessoa em participar desta pesquisa?

O risco são mínimos, mas pode haver algum desconforto. É possível que durante as entrevistas haja cansaço, interferência nos afazeres cotidianos, mas tu podes te negar a responder a determinada pergunta, ou, ainda, interromper a entrevista a qualquer momento, sem prejuízo algum para ti.

E como fica o sigilo em relação às informações registradas pelos pesquisadores?

Os pesquisadores envolvidos na pesquisa comprometem-se em guardar sigilo em relação à identidade dos participantes, assim como de outros que porventura sejam citados no decorrer do processo, inclusive instituições de toda e qualquer natureza. Não serão divulgados nomes ou quaisquer outros dados que permitam a tua identificação. Todas as informações registradas serão organizadas em bancos de dados digitais com acesso restrito aos pesquisadores, sendo armazenadas por até 5 anos (a contar da data de término dessa pesquisa) e posteriormente apagadas (deletadas). Tu poderás ter acesso aos teus dados a qualquer momento mediante solicitação ao Pesquisador responsável ou a equipe de pesquisa.

Quem mais participará deste estudo?

Participarão deste estudo professores que estejam vinculados, ou não, a quaisquer níveis de ensino que produzam conteúdo para o Youtube acerca de suas disciplinas e os veicule na plataforma.

Posso desistir de participar deste estudo?

Tu podes desistir de participar dessa pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para ti. Para tanto, basta comunicar o Pesquisador responsável por telefone ou e-mail.

Receberei pagamento para participar deste estudo?

Não. Os participantes não receberão nenhum pagamento pela participação nessa pesquisa.

Haverá algum custo envolvido?

Não. Tu não terás nenhum custo adicional em participar dessa pesquisa.

Se eu tiver dúvidas ou problemas, a quem devo contatar?

Se tu precisares de alguma informação adicional, tiver dúvidas, sugestões, reclamações, ou quiser comunicar que não deseja mais participar da pesquisa, podes entrar em contato diretamente com a responsável por esta pesquisa, Mirian Raquel Buiz Mion pelos telefones (51) 3308-3986/3308-3966; ou pelo e-mail: doutoradopesquisa04@gmail.com

Eu, portanto, certifico o seguinte:

- Li as informações acima e entendo que o estudo envolve uma pesquisa. Estou ciente do objetivo do estudo.
- Tive a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas. Todas as minhas dúvidas referentes a este estudo foram esclarecidas satisfatoriamente.
- Entendo que tenho a liberdade para me retirar deste estudo a qualquer momento.

Concordo em participar deste estudo e entendo que receberei uma cópia eletrônica deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

(O TCLE foi assinado eletronicamente, com o fornecimento de email na plataforma Google Forms)

Nome do Participante

Assinatura do Participante

Data

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

Mirian Raquel Buiz Mion

Aluna do Curso de Doutorado em Informática na Educação do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CINTED/UFRGS)

Assinatura do Aluno-Pesquisador

Data

Daniel Queiroz Lopes

Professor do Doutorado em Informática na Educação do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CINTED/UFRGS)

Assinatura do Orientador

Data

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA - TRANSCRIÇÃO PROFESSOR 1

[Áudio 1- 01 minuto e 03 segundos]

Entrevistado1: Vamos lá então Mirian, eixo 1 sobre a formação docente. Meu nome é Ibirá Souza Costa, eu sou formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sou professor de Literatura, o meu curso de formação é Letras Licenciatura em Literatura e Língua Portuguesa. O tempo de duração da docência são 4 anos. E... perdão, quanto tempo de atuação na docência? 15 anos na rede privada, eu trabalho também com cursinho pré vestibular e pré Enem, grupos de estudos assim de leituras obrigatórias atualmente não tenho feito, mas ensino médio de escola privada, primeira, segunda e terceira séries de ensino médio, certo?

[Áudio 2- 01 minuto e 31 segundos]

Entrevistado1: A questão número 2 eixo 1, sobre a minha formação profissional. Eu comecei a trabalhar, dar aula ainda na faculdade né, eu comecei ganhando experiência em curso pré vestibular, o CUE, tu deve conhecer já que tu é da casa também, e ali entre o segundo e terceiro semestre eu já ministrava literatura para auxiliar os alunos e alunas de baixa renda. E foi interessante porque eu acabei ganhando uma experiência que me auxiliou muito após o término do curso e isso ajudou bastante depois quando eu entrei nas escolas e nos cursinhos depois de formado. Nessa questão 2 aí pergunta sobre se o meu curso contemplava esses novos recursos audiovisuais que foram usados pra fazer o vídeo, não. Algumas cadeiras da área da educação falava-se alguma coisa à respeito, mas nada com muita profundidade né. Quando eu me formei essa questão de youtubers né, de lançar vídeos, vídeo-aulas, ainda estava muito no início, não era a febre que é hoje. Então assim, na minha formação universitária pouco se falou sobre isso, eu sai sem nenhuma experiência e acabei ganhando essa experiência no decorrer do meu trabalho né, da minha profissão.

[Áudio 3- 01 minuto e 12 segundos]

Entrevistado1: Bom, aí vem a **questão número 3** né, que de alguma forma está ligada a número 2 ainda do eixo 1, a capacitação veio com o trabalho né, daqui a pouco a gente vai

falar um pouquinho ali no eixo 2 sobre isso, mas fui aprendendo meio que na marra né, eu fui chamado pra participar desse grupo né que visava democratizar os estudos, para que chegasse para todos o conhecimento, a cultura, para o pessoal poder estudar, aqueles e aquelas que não tinham condições né, via youtube. Então assim, eu fui aperfeiçoando com o trabalho, o diário, aprendendo no dia a dia, e claro alguns recursos audiovisuais a gente vai aprendendo com alguns cursos de internet, tutoriais e tal. Eu não mexia muito com edição, essa que é a verdade assim, na verdade eu era gravado né, tinha um pessoal por trás, daqui a pouco eu vou falar um pouco mais sobre isso, então, na verdade, eu tinha que preparar o material e ia gravar né, então... mas a capacitação ela veio com o tempo. Realmente usando da internet para a internet, certo?

[Áudio 4- 01 minuto e 39 segundos]

Entrevistado1: Eixo 2 aqui, agora sobre a produção das vídeo-aulas, questão número 4. Bom, assim, a história é o seguinte, eu trabalhava num pré-vestibular popular, com um grupo de professores e professoras e gestores que já eram amigos, já tínhamos trabalhado juntos em escolas né, e aí como era um projeto do governo em um determinado momento, 2 anos, 2 anos e meio depois infelizmente e como sempre o governo deixa de investir e o curso fechou. Era um curso bem bacana assim, se chamava “Universidade Já” e era só para alunos e alunas de baixa renda, e nós dávamos aulas para essa galerinha fazer o vestibular, o foco ainda nem era o Enem no início, era mais o vestibular realmente da UFRGS que era prioridade, e eventualmente alguma outra federal aqui do Rio Grande do Sul. Bom, com o curso fechado, uma das gestoras chamou né, convidou alguns professores com essa ideia de montar este projeto de vídeo-aulas, um professor de cada disciplina, de cada componente curricular, e então eu fui convidado na área da Literatura né, pra fazer parte deste projeto, não houve edital, era mais entre amigos e amigas, e nós começamos do zero realmente, achamos um lugarzinho, investimos numa câmera, preparamos os materiais e começamos a gravar e postar no youtube.

[Áudio 5- 03 minutos e 37 segundos]

Entrevistado1: Sobre a questão número 5 do eixo 2, é estranho pra mim essa questão sabe, você se considera um professor youtuber? Eu imagino que sim né, mas quando nós começamos há 6 anos atrás mais ou menos, acho que 6 ou 7 anos atrás, não havia essa expressão, esse conceito né, e se havia eu não estava por dentro, sinceramente assim, eu fui

chamado pra fazer parte de um projeto social, então assim, eu acho que eu sou um professor youtuber né, mas no início eu não pensava nisso, então eu não sei explicar muito bem essa situação, eu acho que pelo que nós produzimos nós acabamos entrando dentro deste nicho né, mas assim, na verdade, é mais uma questão de conceito. O processo pra produzir essas vídeo-aulas assim, ele não é muito fácil no início né, a gente está tão acostumado com sala de aula e tendo retorno dos alunos e alunas, e ter que olhar para uma câmera não é muito fácil, mas ao mesmo tempo, aí falando por mim, eu acredito que não tive muitas dificuldades assim, sou um pouco extrovertido, acho que tu já deve ter visto algumas vídeo-aulas, então assim, o pessoal de trás das câmeras dava o play e eu começava a falar né, claro tinha o materialzinho todo pronto, daqui a pouco a gente vai falar à respeito disso, e ali tinha um material que eu costumo dizer assim que é meio uma espinha dorsal né, um material de apoio, tu tenta não encher muito os slides e tal, e mais falar né, pra desenvolver o assunto de cada slide. O que me motivou foi poder retribuir um pouco né, um pouco do que eu aprendi, eu sou de escola pública desde o ensino fundamental, médio até a universidade federal, assim como tu, então poder contribuir com uma população, com a sociedade que tenha o mesmo apoio, as mesmas condições de prestar esses processos seletivos. A gente sabe que é tudo muito desigual né, então, a motivação foi poder contribuir realmente, poder auxiliar um pouquinho essas pessoas que não tem a condição de fazer um pré vestibular pago né, particular e tal. As vídeo-aulas como eu disse nós começamos... bah boa pergunta, eu poderia ter pesquisado isso, eu posso te passar depois essa informação, mas é 6 ou 7 anos atrás. Atualmente até eu não tenho gravado, a questão da pandemia também nos isolou um pouquinho à respeito disso, mas claramente houve uma evolução na qualidade né, daí eu não preciso falar somente pelas minhas aulas, mas todos os professores e professoras que comigo trabalham, no início a gente fazia vídeos longos de 30, 40 minutos, percebemos que isso era extremamente cansativo para a galerinha né, então tu diminui o tempo, faz mais vídeos e melhora claro nas imagens, melhora no formato, no tamanho das letras e obviamente na qualidade do material também né, porque tu acaba pesquisando mais, preparando melhor as aulas, a nossa profissão tem a experiência como o grande recurso, a bagagem de vida na nossa profissão ajuda bastante a nós melhorarmos, sempre nos atualizarmos. Então houve uma evolução bem significativa, certo?

[Áudio 6- 01 minuto e 51 segundos]

Entrevistado1: A questão número 6 do eixo 2, não, eu não trabalho em casa, quer dizer assim, nas vídeo-aulas né, as vídeo-aulas nós tínhamos um local né que nós íamos... nós

começamos na casa da nossa supervisora né, essa que é a verdade. Assim, o pai dela marceneiro fez lá uma iluminação pra nós, nós arrumamos uma TV e um microfone, assim, foi tudo no improviso né, era bem rústico né. Depois que a gente conseguiu um espacinho melhor né, aí nós já tínhamos um local, uma sala com iluminação, com TV, com uma câmera melhor e tal. A empresa é a “Aula De” que tu entraste em contato, inclusive com o Vinicius que foi quem nos colocou em contato na verdade né. E é para essa empresa que a gente presta essas vídeo-aulas né, esse serviço. O ambiente de trabalho é bom, tanto no sentido físico assim né, arrumadinho, organizadinho, ele é bem humilde, ele é bem simples, nós não temos nenhum tipo de patrocínio, então assim, tudo sai realmente do nosso bolso né. E em referência ao corpo docente não poderia ser melhor né, praticamente todos e todas se conhecem, a gente se reúne, boa parte já se conhecia antes do projeto, como eu já tinha citado numa questão anterior. Trabalho com alguns e algumas até hoje em outras instituições, então é super de boa, super tranquilo, ambiente de trabalho bem agradável, bem profissional, mas ao mesmo tempo bem de boa assim né, um ambiente entre amigos né, não são somente profissionais das áreas dos componentes, mas amigos e amigas.

[Áudio 7- 27 segundos]

Entrevistado1: Sobre a questão 7, não, nenhum tipo de auxílio assim, os materiais são todos... tanto na comunicação, na produção, todos feitos por mim e levados até o local, ou levava né enquanto estava gravando, mas realmente vinha de recursos próprios digamos assim, de todo o grupo ali do projeto “Aula De”.

[Áudio 8- 03 minutos e 41 segundos]

Entrevistado1: Questão 8 eixo 2, bom, o processo de produção assim, os recursos são bem simples né, normalmente eu parto da premissa assim, agora já não estou falando mais somente de vestibular, mas também do Enem né, nós sabemos que são dois processos seletivos bem diferentes, eles são processos seletivos, mas têm o estilo de questão cobra dos alunos e das alunas formas diferentes né. Então assim, geralmente para preparar o material eu parto da premissa do plano ali do processo seletivo, o que que eles cobram na área de Literatura, o que que costuma cair, um exemplo claro assim é por exemplo a UFRGS né, ela tem as leituras obrigatórias né, ela tem a periodização literária, as famosas escolas literárias lá, desde o Quinhentismo, Barroco, Arcadismo, Romantismo. Então, a primeira seleção é o que cai no processo seletivo e como ele cai, então eu começo a fazer a seleção do material aí. Eu tenho a

minha bibliografia, eu tenho as minhas referências bibliográficas né, alguns autores como Bosi, Antônio Cândido, Moisés de Massaud, enfim, são onde eu pesquiso né pra preparar minhas aulas, não somente para as vídeo-aulas, mas para as minhas aulas também né nas escolas, nos cursinhos e tal. Esse assunto, essa temática está diretamente ligada ao processo seletivo, então, se cai o Romantismo, eu vou trabalhar o Romantismo, como é que cai Romantismo? Bom, então à partir de agora eu começo a preparar, então eu vou atrás, o que que é o Romantismo, o contexto histórico em que ele está inserido, normalmente as escolas literárias se iniciam na Europa e aí vão influenciar o Brasil, e aí quais são as características no Brasil, quais são os principais autores e autoras, suas obras, se tiver alguma leitura obrigatória dentro desse eixo será trabalhado também. Então, basicamente o processo é esse. À partir do momento que eu tenho esse material o que que eu faço, bom, daí eu vou para o famoso ppt né, o power point ali, onde eu vou usar um tipo de texto, formato bem visível, imagens bem claras né, pra poder analisar. Aqui eu estou trabalhando a ideia como professor de Literatura né, como eu já te disse, eu estou fazendo uma outra graduação também na UFRGS, a História da Arte, e antes mesmo de entrar nessa graduação eu já trabalhava para o Enem o estudo de patrimônio cultural brasileiro, então assim, as artes brasileiras dos mais diversos gêneros né, pintura, escultura, música, grafite, enfim, dança, teatro, então eu já preparava alguma coisa à respeito disso também. Mas aqui como eu estou falando especificamente da Literatura que foram as vídeo-aulas que tu encontrastes e assististes né, então basicamente é isso, vou para o power point, penso num número de slides suficientes para colocar alguma informação para poder desenvolvê-la né ali na hora do playzinho, e dentro de um tempo né estimado que não fique tão cansativo assim. Como eu citei anteriormente começamos com vídeos bem longos e agora nós estamos com vídeos mais curtinhos, acho que isso facilita bastante a compreensão dos alunos e das alunas.

[Áudio 9- 03 minutos e 47 segundos]

Entrevistado: Sobre a questão 9 do eixo 2, bom, assim, vídeo-aula e aula tradicional ou presencial tem uma enorme diferença, assim, a gente pode passar... tu usaste os termos vantagens e desvantagens, então eu vou seguir esse caminho, é que assim, na aula presencial tu tem o contato né, a relação humana ali né, aquela ideia do Paulo Freire que é a troca né, tu ensina aprendendo e aprende ensinando, então ali eles podem, eles e elas tirarem as suas dúvidas, tem o olho no olho, tu percebe quando o aluno está aprendendo né, está desenvolvendo ali o raciocínio, aqueles olhares que estão com dificuldades, e até mesmo

assim uma briguinha de sala de aula né, ‘larga esse celular aí, presta atenção aqui’, eu tenho uma relação com os meus alunos e alunas bem legal, bem aberta, bem tranquila nesse sentido. Um pouco dessa condição de professor muito sério né, e que segue criteriosamente as regras, não faz muito o meu jeito, eu sou um pouco descontraído, brincalhão em sala de aula também, assim como aparece um pouquinho nas vídeo-aulas. Então, eu acho que isso auxilia bastante ali no contato com os alunos e as alunas. As vídeo-aulas elas servem mais como revisão né, e é difícil, por exemplo, no início quando nós tínhamos um público muito pequeno, às vezes colocavam algum questionamento, a gente conseguia responder no youtube. Até vou abrir um parênteses aqui, a gente já fez algumas aulas ao vivo, uns aulões, umas revisões antes do processo seletivo, mas que não é o caso agora que estamos falando, estamos falando das vídeo-aulas que estão no youtube, então assim, eu não consigo tirar dúvidas da galera, vem dúvidas de todo o Brasil, do interior de todas as cidades, até fora do Brasil também nos comentários aparece e tal, então assim, me parece que a vantagem de sala de aula é tu poder tirar dúvidas, e principalmente ter contato com o lado humano né, e isso não tem nas vídeo-aulas, é uma tremenda desvantagem, o aluno e aluna ali vão aprender, vão ensinar, vão revisar o que tu falares ali e é isso né, se tiver alguma dúvida aí vai partir deles e delas de irem atrás, fazer uma pesquisa, a vídeo-aula é uma base de estudo né, uma revisão, então seria mais ou menos isso. Eu gosto de gravar, atualmente por causa da pandemia a gente tem aulas online né, mas eu não acredito que esse método seja... ele é funcional, ele traz alguns bons resultados sim, com certeza, é uma forma de auxiliar, mas é um método que não... ele não tem como se comparar à aula presencial né. Tu usaste aqui no questionamento tradicional, eu coloquei como presencial. Então, seriam essas as vantagens e desvantagens, é claro que a gente pode, numa questão de uma organização maior assim, um curso bem organizado, daqui a pouco ter momentos de tirar dúvidas, encontros virtuais ao vivo e tal, mas é uma situação que o “Aula De” não teve nesses anos de gravação. Eventualmente uma ou outra ao vivo a gente conseguiu fazer, tá?

[Áudio 10- 02 minutos e 57 segundos]

Entrevistado1: Oi Mirian, tudo bem? Claro, sem problema algum. Bom, assim, a pandemia nos afetou de várias formas né, e claro que aqui a gente está falando especificamente do trabalho, mas obviamente também a gente não pode esquecer que afetando o psicológico, isolando né, ficando em casa e se cuidando, enfim, todos os receios que vêm agregados à uma condição pandêmica, elas vão influenciar no trabalho né. E tem mais, assim, no ano passado

que foi o início da pandemia, eu trabalhei em casa, somente em casa né, a minha esposa e eu não saímos de casa, só saía para fazer alguma compra né, no supermercado, farmácia, levar umas comprinhas para a minha mãe, uma senhora de idade também né, torcendo para a pandemia acabar, que vacina chegasse, enfim. E também não vou entrar muito... eu acho que não é a questão agora do trabalho, mas com todo o desgoverno, todas as ações equivocadas, as escolhas absurdas que ocorreram nesse 1 ano e meio, um pouco mais de 1 ano e meio de pandemia. Mas se tratando do trabalho especificamente, o ano passado eu trabalhei em casa como eu disse, então as minhas aulas tanto na escola quanto nos cursinhos, como meus grupos, foram todas feitas online né, através de ferramentas como o zoom, como o *meet* e tal. Afeta né? Afeta porque a relação humana, como eu acho que numa das respostas eu tinha comentado, ela é fundamental pra formação né dessas crianças e adolescentes, enfim, cursinhos até eu trabalho com adultos e adultas também, mas não é a mesma coisa né, a gente conseguiu trabalhar, fazer aquilo que podia com as ferramentas que a gente tinha em mãos né. Então assim, as janelinhas fechadas, tu falando o tempo todo, sentado na frente de um computador, não é humano né, não tem essa relação, não tem o olho no olho, não tem o contato. Então assim, conseguimos trabalhar, mas não tem aquela agradabilidade, aquela troca, aquela análise, aquele debate, aquele sorriso, aquele olho no olho literalmente assim, da proximidade ali com os teus alunos e alunas. Então o 2020 foi isso assim, afetou bastante sim né, o trabalho ele não foi pleno, ele nunca é pleno na verdade né, mas eu acredito que quando é presencial ele tem uma resposta melhor né, uma entrega melhor, um retorno melhor dos nossos discentes. Bom, isso foi 2020, tá? Então, eu vou te mandar um outro áudio agora falando deste ano.

[Áudio 11- 03 minutos e 52 segundos]

Entrevistado1: Bom, em 2021 as coisas se modificaram um pouco né, eu acredito que pra melhor, mesmo que ainda não sejam as ideias, eu estou te respondendo agora, eu estou saindo da escola né. Então, o ano de 2021 ainda começa, ele inicia o ano letivo da mesma forma do 2020, ainda online, ainda usando ferramentas virtuais para as aulas, porque começam os planos de organização das escolas e dos cursinhos enfim, dos locais né, da localidade física pra receber as pessoas, tanto as discentes, tanto os docentes. Só que o início é conturbado né, porque a discussão da vacina, quem é que volta, os grupos, muitos e muitas com receio de voltar pra escola, aí aparece uma novidade que é vamos voltar em algum momento? Vai, vai voltar. Era o momento pra voltar? Essa era a discussão, sim, não, enfim, não é agora também

o que a gente vai relatar no teu trabalho de pesquisa, me parece que o teu questionamento tem a ver como foi esse trabalho deste ano. Então, com o retorno a gente tinha poucas pessoas em aula né, de máscara né, que isso dificulta bastante né, fica abafado o som, tu tem que gritar mais, exige mais da voz e tal. E uma outra questão que é a transmissão, eu tenho o privilégio de poder trabalhar numa escola particular, em cursinhos que tem câmeras, tem microfone e tal né, a gente sabe que a realidade do ensino público é outra, a minha esposa trabalha em escolas municipais, eu tenho amigos e amigas que trabalham tanto no município quanto estado, é completamente diferente, tem questões de desigualdade gritantes, partindo da premissa que muitos alunos e alunas nem o que comer às vezes têm né, quem dirá ir para uma aula ou assistir, ou ter um celular, ter internet, então isso criou uma desigualdade ainda maior daquilo que a gente já sabia que existia. Mas aí falando do meu trabalho especificamente, ele de certa forma foi funcional, mas exigiu mais, exigiu um tempo de aprendizado com ferramentas digitais né, então assim, trabalhar com o zoom eu já trabalhava, só que agora tem uma câmera, a câmera tem que ser apontada pra mim, tem que usar um microfone, eu falo com os alunos e as alunas em aula, mas eu tenho que me preocupar se o pessoal de casa está me ouvindo nessa transmissão, se tem alguma dúvida, e às vezes é natural tu sair falando, dando aula, entrar num debate e meio que esquecer o pessoal de casa, isso é uma droga assim né, tu não faz por querer, mas acontece, e é claro que com o tempo tu já vai pegando a manha né, digamos assim, de como fazê-lo. Atualmente está funcionando, praticamente todos os alunos e alunas já estão na escola, tem alguns e algumas com alguma comorbidade, ou porque a família ainda não sente firmeza e está certo né, com medo, com receio não tem que mandar os seus filhos e filhas pra escola. Mas é isso assim, afetou, claro que afetou o nosso psicológico, afetou o nosso cotidiano, as nossas perspectivas de futuro, mas está funcionando, ainda não daquele modelo “normal” entre aspas né, vai ter esse novo normal, que me parece que deve retornar pro ano que vem se o nosso governo deixar né, se as pessoas que defendem esse governo também, enfim. Mas é isso Mirian, tu me dá um retorno se tu quiser algum questionamento, alguma resposta mais específica do que essas, tá bom? Beijão pra ti, bom trabalho.

Mensagem de texto [03/11/2021]

Entrevistador: [20:13, 03/11/2021]: Beleza. Mais uma perguntinha aumentoi/mantevesse/diminuiu os acessos?

Entrevistado1: [20:29, 03/11/2021]: Não tenho como te responder agora sobre isso, pois não acompanho estes dados. Teria que perguntar para o pessoal da organização.

[20:30, 03/11/2021]: Imagino que tenha ficado na média...

Mensagem de texto [04/11/2021]

[08:23, 04/11/2021] Entrevistador: Professor, Bom Dia! Achei mais um ponto que ficou faltando.

Conheces ou usas em suas aulas a tecnologia de vídeos interativos, construídos com H5P ou Nearpod?

[12:22, 04/11/2021] Entrevistado 1: Bom Dia, Mirian

Conheço e utilizo em aulas da escola. Nas videoaulas do AulaDe não.

[12:23, 04/11/2021] Entrevistado 1: É algo mais recente, apareceu este ano na instituição após o retorno presencial.

[12:24, 04/11/2021] Entrevistador: Em que instituição vc trabalha?

[12:24, 04/11/2021] Entrevistado 1: No João XXIII.

[12:24, 04/11/2021] Entrevistado 1: Mas lá não trabalho com videoaulas

[12:25, 04/11/2021] Entrevistador Vc usa acoplado ao moodle?

[12:26, 04/11/2021] Entrevistado 1: Sim, eventualmente.

Em um cursinho tem tecnologia semelhante no GoogleClass

[12:26, 04/11/2021] Entrevistado 1: tecnologia*

[12:26, 04/11/2021] Mirian Mion: Perfeito! Thanks!

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA - TRANSCRIÇÃO PROFESSOR 2

Entrevistador: Eu não estava gravando.

Entrevistado2: Ah tá.

Entrevistador: Se o senhor se importa de retornar um pouquinho o assunto, porque infelizmente eu acabei esquecendo.

Entrevistado2: Não, vou voltar então. Eu sou Victor Teixeira [00:14 Rysovas], tenho 40 anos, estou em Campinas, São Paulo. Comecei com o meu projeto no youtube, com o meu canal no youtube “Dez de História” em 2015, comecei a me envolver com o youtube educação em 2014 quando fui convidado a ser revisor de conteúdo daquele projeto que o google teve para fomentar os canais de educação no youtube. E... bom, resumidamente acho que era isso o que eu tinha falado, né? Sou formado em História na Universidade Estadual de Campinas, onde eu fiz mestrado em educação também. Depois eu fiz licenciatura em Sociologia na Universidade de Taubaté, que é uma universidade particular aqui de Campinas, aqui de Taubaté na região do estado de São Paulo, perto de Campinas. E na licenciatura em Sociologia né, na segunda licenciatura na disciplina de Sociologia, eu fiz um pequeno trabalho de conclusão de curso, nada muito sofisticado, analisando canais de Sociologia, de ensino de Sociologia, pra também observar um pouco como é que esses canais trabalham, como é que funciona, numa versão muito reduzida eu acho do seu trabalho né, que é um trabalho de doutorado né, não um trabalho de...

Entrevistador: Sim. Eu estou analisando 50 canais.

Entrevistado2: Ótimo. Bom, aí não sei, aí depois eu queria te fazer umas perguntas também (risos).

Entrevistador: Claro.

Entrevistado2: Mas aí acho que só assim, de apresentação é isso. Daí eu queria ouvir o que que você quer saber?

Entrevistador: Bom, isso aqui a gente já viu, licenciatura em Sociologia e em História né. Eu gostaria de saber assim como é que tu chegou a trabalhar, iniciar o trabalho com os vídeos? Da onde veio essa ideia, da onde surgiu essa ideia? Foi na faculdade que você viu alguma coisa relacionada ou foi por iniciativa própria?

Entrevistado2: Quando eu fui convidado a ser revisor do youtube educação eu fui conhecer os caras que hoje são os padrinhos, os... tem um nome pra isso, os padrinhos, não é padrinhos... são os... enfim, são as figuras de referência que o google tem né, que é o professor Paulo Valinho, o professor Ivys Urquiza, professora Carina Fragoso e o professor Rafael Procópio né, o Ivys do “Física Total”, o Paulinho Valinho do “Química em ação”, o Rafael Procópio do “Matemática Rio” e a Carina do “English in Brazil”. Então, esses 4 foram fazer um workshop na sede do google ali na Faria Lima, e como eu era revisor de conteúdo eu fui, era um grupo pequeno né no começo, éramos 40, e tem documentado isso na página do youtube. Na página do youtube educação tem aquele evento ali, é aquele evento ali. E aí começaram a brincar comigo né, do tipo ‘você fica vendo aula de todo mundo e você não faz a sua, então monte você a sua aula’, e veio daí. Então no começo de 2015 eu falei ‘pô, quer saber, tá bom, vou fazer o meu canal’. Aí fiz o canal né. Não tive na faculdade ideia disso, não pensei nisso, porque eu terminei a graduação de licenciatura em História em 2006, depois fui fazer o mestrado entre 2012 e 2015, o meu mestrado em educação é em ensino de história e cidadania, quer dizer, não tem nada a ver com EAD ou com vídeo-aula ou coisa do tipo, e aí montei. Só que montar um canal é um negócio assim... é uma coisa muito interessante, porque tem alguns caminhos né. E no começo eu não tinha a menor ideia de edição de vídeo, eu não tinha a menor ideia de nada né. Então, você vai lá grava a aula né, eu gravava aula numa sala, no que era o meu quarto na casa da minha mãe, eu já não morava mais com ela, já era casado, mas gravava aula lá, aí transferia esses vídeos para uma pessoa que editava o vídeo, então eu fazia um roteirinho ‘essa parte aqui corta porque eu errei, aqui eu tossi, aqui não sei o que, aqui entra essa imagem e tal’, então mandava esse roteirinho para essa pessoa, daí essa pessoa editava, me devolvia, eu dava o ok, subia isso pro youtube e ficava lá. Era de uma maneira muito, muito amadora, porque depois eu fui percebendo assim, e aí hoje é uma questão, que começou a surgir um mercado imenso em torno disso né. Então assim, ‘pô, não é só subir o seu vídeo no youtube’, então você tem que subir no youtube, você tem que colocar isso no twitter, você precisa depois jogar isso no facebook, movimentar nas redes sociais, fazer né o seu vídeo aparecer, comentar e tal, então... a expressão que a gente usa nesse [06:39] é assim, ‘você precisa fazer a água virar em volta de você’ né. Então, quanto mais você se mexe, mais

a água se mexe, mais a coisa gira. Então, é... e hoje eu tenho uma compreensão um pouco maior disso, porque você está conversando comigo, um pessoal da GV já conversou comigo fazendo um documentário sobre... é um pessoal de cinema que gravou um documentário sobre aula no... educação no youtube, um pessoal do Ceará me convidou para dar uma aula para eles num projeto do Ceará.

[áudio ficou mudo]

Entrevistado2: Você ouviu até aonde?

Entrevistador: Do Ceará.

Entrevistado2: Então, o pessoal do Ceará entrou em contato comigo, falou ‘ah a gente assiste as suas aulas aqui’, duas professoras, ‘você não quer dar uma aula pra gente, porque está todo mundo em EAD e tal’, então você sabe vai fazendo conexões, vai conversando, vai conhecendo gente. Então, isso é uma coisa muito interessante assim né, o tanto que essa atividade te movimenta e te leva pra imagina né... você que está aí, é em Porto Alegre?

Entrevistador: Sim, Porto Alegre. É na UFRGS.

Entrevistado2: Então, você está em Porto Alegre e do nada me manda uma mensagem ‘ó, escuta, estou fazendo uma pesquisa, achei o seu canal aqui, você conversa comigo?’. Sabe? É uma coisa muito...

Entrevistador: De Norte a Sul.

Entrevistado2: É, sabe? É muito curioso isso né. Daí você começa a dar aula gratuita para grupos que vão se formando em torno do canal, em torno do instagram né, das redes. E aí eu tinha alunos que estavam em Rondônia, tinha alunos que estavam em Teresina, tinha alunos que estavam em Manaus, e assim... uma outra pessoa aqui de Sorocaba que [09:08] aí de Porto Alegre, muita gente vai aparecendo. Então, é uma atividade que começou gravando uns vídeos, sem que eu tivesse muita noção disso, do que que significaria né, da amplitude, e hoje é uma coisa que movimenta muito, que me movimenta muito, que me abre muitas possibilidades.

Entrevistador: Muito legal. Professor, você já disse que tem auxílio de algumas pessoas né pra poder editar os vídeos, já falou sobre os processos. Você hoje dá aula em algum lugar além do youtube?

Entrevistado2: Dou. Eu não tenho mais né, a pessoa que editava pra mim não edita mais, hoje eu edito os meus próprios vídeos, porque a gente vai aprendendo né. Eu acho que isso é uma coisa que todos os professores de youtube que eu conheço tem, que a gente criou, por exemplo, uma comunidade num grupo, no *Whatsapp*, que tem quase 200 membros, e a gente troca dica, então é uma comunidade muito do bem, muito colaborativa assim. ‘Ah gente olha, eu preciso de um microfone’, ‘Ah eu preciso de uma lâmpada’, ‘Eu preciso puts... que programa que você usa pra fazer... que comando que é não sei o que’, então, troca-se muita informação. E aquele grupo que antes eram 40, naquele primeiro evento na sede do google, a gente repetiu 3 vezes no youtube space, no Rio de Janeiro, ali no Porto Maravilha e depois nesse ano passado né que foi um ano de pandemia, não que ainda não estejamos em pandemia, mas o ano passado a gente fez isso virtualmente, o que vem favorecendo esses vínculos, favorecendo esses laços. Então, não tenho mais a ajuda de alguém que edita pra mim, hoje eu edito o meu material, eu gravo, edito. É interessante que hoje até algumas editoras me procuram pra produzir vídeos pra elas, então por causa do vídeo no youtube as editoras falam assim ‘olha, eu preciso gravar vídeo-aula né para material didático, você faz?’, ‘não, faço’, então você vai grava as aulas ou pra PNLD, ou pra resolução de exercício pra plataforma tal, então isso se desdobra em diversas atividades. Então, o processo é um processo muito mais... na minha escala, eu tenho uma pessoa que me ajuda com o instagram, então as imagens e tal, o tratamento ele que faz. Mas em outras escala pessoas que cresceram muito, que investiram ininterruptamente e cresceram muito são verdadeiras empresas né, então o professor [12:42 Noslen], o professor Rafael Procópio, ou mesmo o professor Ivys Urquiza, são pessoas que tem 15 pessoas trabalhando pra eles né. Ou o Paulo Jubilut também, são pessoas que tem uma enorme rede né e conseguiram. Eu ainda estou em sala de aula, tenho reduzido cada vez mais, respondendo agora a sua última pergunta, tenho reduzido cada vez mais, mas ainda estou em sala de aula, e pretendo paulatinamente deixar a sala de aula para ficar com projetos digitais exclusivamente. Mas financeiramente é difícil fazer essa ruptura.

Entrevistador: Entendo. Hoje você está em sala de aula na graduação ou...

Entrevistado2: Em educação básica, colegial.

Entrevistador: Educação básica. Professor, me diga uma coisa, já que tu tem as duas experiências tanto de sala de aula presencial quanto o digital, quais são as diferenças que você sente mais prementes assim entre um espaço e outro?

Entrevistado2: Eu sou uma pessoa muito sinestésica assim né, não sou da pessoa mais racional, mais fria né, eu gosto de trocar, eu gosto de ter, eu gosto de sentir, então estar em sala de aula é uma coisa muito de dar energia e receber energia de volta né, então a sala de aula tem uma vibração muito particular. Então, conversar com alunos, entrar com alunos, sentir a reação da turma... por exemplo, uma coisa que é muito diferente na minha experiência em sala de aula e na minha experiência no vídeo é que em vídeo eu não me permito brincar, eu sou uma pessoa muito séria no vídeo, porque eu não me sinto à vontade no vídeo pra fazer uma brincadeira, primeiro porque eu acho que o cara que está assistindo o vídeo quer uma aula objetiva, não uma aula chata, não uma aula seca, mas uma aula objetiva. Eu vou assistir um vídeo de 5 minutos, de 10 minutos eu preciso resolver o meu problema ali. Já em sala de aula você tem uma experiência de querer contagiar os alunos com uma outra forma, então de uma maneira mais lúdica, de uma maneira mais solta, mais leve. Então, e eu não me permito, porque eu quando vou pesquisar alguma coisa no youtube como cozinhar não sei o que, ou como resolver não sei o que, eu não quero que o cara fique fazendo piadinha comigo né, eu quero que dê ali o... o youtube é uma imensa ferramenta de pesquisa que nos permite aprender virtualmente qualquer coisa né. Então, eu vou aprender a editar vídeos, que eu aprendi no youtube, eu não quero um cara engraçado, eu quero um cara que fale ‘ó, você aperta aqui, faz assim, parara, parara’. Então, a minha aula é uma aula mais seca, é uma aula que fica mais curta porque você não interage, então como a possibilidade de interação é zero, até fica de mal gosto, não sei, mas isso é encanação minha. Então, é uma diferença muito grande. A outra diferença é que você não sabe para que público você está falando, então é uma aula muito difícil de calcular no nível de profundidade por exemplo. Se você entra num nível de profundidade muito grande você não atinge o aluno, agora se você faz um nível muito básico você também passa vergonha. Então, para que aluno você está falando? Uma outra questão muito difícil é que as aulas em que você pensa em desenvolver habilidades e competências ou uma versão de um currículo um pouco mais sofisticado são as aulas menos assistidas, então a educação em vídeo é uma abordagem muito mais conteudista do que uma abordagem de pensar habilidades e competências. Então, você vai lá... é aquela educação bancária né, que o Paulo Freire fala né, você joga um monte de informação e depois o cara vai te dar um extrato do que ele guardou. E na verdade o extrato não é nem pra mim (risos), o extrato é para um outro professor. Então, a experiência de dar aulas no youtube é assim. Agora quando eu gravei aquelas aulas para a Somos Educação, a Somos falou ‘não, você precisa trabalhar este assunto, pensando este assunto com esta habilidade’, então aí você tem uma intencionalidade

porque existe uma demanda da editora que você faça determinada coisa. Até mesmo quando eu participei do projeto aqui com o governo do estado de São Paulo, gravando aulas por causa da pandemia, que a gente deu umas aulas ao vivo, umas aula gravadas e tal, eles tinham uma certa expectativa de que você cumprisse alguma habilidade, porque o currículo vem... já o novo currículo do fundamental II, ele já fala de nichos temáticos, habilidades e tal. Mas quando você joga isso [18:59] é muito mais difícil, porque habilidades e competências, na minha concepção, demanda um pouco mais de interação né, então de você apresentar um documento pro aluno, apontar questões ali, trazendo o olhar que o aluno tem para aquele documento, você apresenta um outro documento, aí você convida o aluno a comparar as duas coisas. Então, eu fazer isso no vídeo sem interação se mostra uma tarefa muito ingrata, porque no máximo o que eu posso fazer é dizer ‘olha, pra comparar a gente faz assim’ e depois eu fazer a comparação, porque de toda forma não é o aluno que está fazendo a comparação, não é o aluno que está produzindo conhecimento, eu que estou fazendo a comparação, eu que estou cumprindo aquela habilidade ou aquela competência. Então, ao fim se torna uma aula expositiva de conteúdo e não uma aula mais dialógica né, pra pegar o termo do Bakhtin.

Entrevistador: Do Freire.

Entrevistado2: É, do Freire e do Bakhtin. Acho que o Freire fala do dialogismo por causa do Bakhtin. Mas então fica essa situação, que é um certo... que traz, pensando numa certa perspectiva, uma aula mais pobre né, porque não é uma aula dialógica, é uma aula expositiva, bancária, é uma aula... né? Isso para um aluno que está assistindo para se preparar pra prova. Agora pensando num professor que pode usar isso como lição de casa pra que o aluno assista um vídeo de 20 minutos em casa, tome nota das principais coisas e parta daí para a aula, no que poderia começar a se chamar de uma sala de aula invertida, numa determinada prática pedagógica aí, aí eu acho que é muito mais interessante, aí eu acho que é um ambiente muito mais cheio de possibilidades do que meramente o aluno que vai vendo aquilo ali, às vezes no carro né, às vezes você está indo pra escola e você vê aluno olhando no celular e muitas vezes é aula que ele está assistindo, ou no recreio está assistindo uma aula pra fazer a prova depois do intervalo, é muito mais simples né, mais árida a experiência, do que um professor que assistiu a aula, falou ‘não, legal, gostei dessa aula, então passei essa aula de lição de casa para os meus alunos assistirem’, podem até assistir duas aulas diferentes, de dois professores diferentes do mesmo tema, ‘gente, vamos comparar isso aqui’, então o ambiente youtube eu acho que ele te proporciona muitas possibilidades né, que muitas vezes não são aproveitadas

né, a gente muitas vezes olha o youtube só aluno estudando pra prova e se for bem usado pelo professor pode ser muito mais do que isso.

Entrevistador: Legal. Professor, o senhor acabou falando um pouquinho sobre a pandemia. Eu queria que o senhor abrisse um pouquinho como é que foi a sua experiência durante a pandemia, quais foram as situações que vocês passaram e se os seus vídeos aumentaram visualização, qual foi o impacto da pandemia no seu trabalho?

Entrevistado2: No meu trabalho como produtor de conteúdo?

Entrevistador: Sim.

Entrevistado2: Não no meu trabalho em sala de aula?

Entrevistador: Sim. Se quiser falar de sala de aula tudo bem, mas principalmente...

Entrevistado2: Eu vou só pincelar a questão da sala de aula pra apontar uma questão no produtor de conteúdo. Em sala de aula o que a gente observou é que os alunos usaram a internet muito pra aprender. Alguns usaram muito bem e uma boa parte, eu diria que a maior parte, com grande segurança a maior parte, usou muito mal né. A gente tem plataformas de respostas, a gente tem plataformas de reedição de texto, então você pega um texto, joga ali e o texto é reescrito com outras palavras. Então, pra muitos alunos... você fala assim ‘ah, mas o sujeito assistiu, usou a internet pra aprender e tal’, não, muitos não usaram a internet pra aprender, usaram a internet pra pegar uma questão pronta, uma resposta pronta e colocar na prova, ou usou a internet até mesmo pra pegar redação pronta, jogar nessa plataforma, as duas gratuitas, e reescrever e entregar o negócio. Então, eu vejo que uma boa parte dos alunos, na verdade, teve uma experiência muito negativa, muito ruim, e que as notas não representam o aprendizado né, representam os mais diversos sistemas de [24:40]. Isso posto, a gente precisa agora olhar pro lado... acho que a gente pode olhar pro lado da produção de conteúdo. A produção de conteúdo, em função da pandemia, aumentou muito o número de produtores, muito, muito, muito assim, descontroladamente, o que é muito positivo né, a gente produzir conteúdo de educação, usar as plataformas todas digitais pra conteúdo de educação, o que é ótimo. Não tive um crescimento, muito por causa disso eu acho, significativo não teve um boom, mesmo tendo participado do projeto do governo do estado de São Paulo, mesmo tendo participado dessa atividade com essas professoras lá do Ceará, não senti um boom de falar ‘nossa, mas cresceu muito’, cresceu muito a quantidade de horas assistidas, mas cresceram muitos produtores né. Então, dá uma dispersada. As escolas também tiveram que produzir né,

então hoje você pega qualquer professor, qualquer professor está familiarizado com o *zoom*, está familiarizado com o *teens*, está familiarizado com o *meet* né, então os professores passaram a ser produtores. E assim, ‘ah mas eu não gosto da câmera’, meu sinto muito né, você vai ter que dar aula, vai ter que fazer chegar. No começo do ano passado, eu não sei se você foi afetada por isso, mas no meu trabalho a gente percebeu, uma câmera minimamente aí de... passou a custar de 300, ela passou a custar 700. Uma câmera boa de 700 passou a custar 1000 e você não achava né. Então, o preço do material começou a ficar muito caro também. Sempre foi um pouco caro. O meu estúdio a gente foi construindo aos poucos, mas eu tenho um estúdio com espuma acústica, com teleprompter, com 3 [27:03] de alta definição, quer dizer, mas isso eu construí com o tempo né, não de uma hora pra outra. E aí a produção de conteúdo ela ficou mais rápida, ela ficou mais fácil, porque todo mundo começou a ter um material melhor, muitos professores não tem o programa de edição profissional, mas tem o Inshot, então grava no Inshot, coloca o telefone em cima de um vidro, levanta a altura do vidro e resolve o problema de matemática gravando o caderno. Quer dizer, muitas soluções apareceram aí no mundo da educação nesse período. O que eu observei é que muitas pessoas começaram a fazer comentários assim ‘e aí galera do...’ e aí falava o nome do colégio, e aí 20 moleques curtiam aquele comentário né, quer dizer, passa a ser muito claro que algum professor assistiu o seu vídeo e falou ‘gente, então a lição vocês vão assistir o vídeo’, e aí eles entre eles vão brincando, vão conversando nos comentários do seu vídeo, então essa é uma coisa que aconteceu. Os vídeos, no meu caso eu sou professor de história né, então os meus vídeos que uma parcela da população considera mais polêmicos ou mais... opinião minha né, quando eu falo de ditadura civil militar explicitamente ou de revolução russa, você percebe que começou a ter uma presença maior também de doutores de youtube né, então o cara passa lá e fala ‘é, mais um professorzinho esquerdista dando opinião errada’, ‘ah mais um não sei o que’, então aumenta a exposição, mas aumenta também o tumulto né de...

Entrevistador: Haters.

Entrevistado2: É... não é hater porque não é sistemático né, mas passa lá alguém e dá uma enchidinha de saco assim, daí você bloqueia, daí às vezes você não está com paciência de bloquear se ele responde, então depende do momento que te pega no dia, aí você tem uma oscilaçãozinha de humor, você fala ‘não, quer saber... esse aqui merece’, daí você dá uma resposta às vezes mais elegante, às vezes mais deselegante, às vezes simplesmente bloqueia, enfim. Então, essa situação começou a aparecer também, mas... e muita, muita, muita gente

desesperada por aula de graça ao vivo, qualquer contribuição. Então, você pega os alunos especialmente de escolas públicas, absolutamente desesperados por qualquer material. Então ‘professor, você tem material?’, ‘você tem lista?’, ‘você tem resumo?’, ‘você tem alguma coisa?’. Então, um aluno sério de escola pública concludente, normalmente, vem uma vontade maior assim, com uma busca maior por alguma coisa. Então, você observa que ao passo que vem aqueles fraudadores, também vem aqueles que realmente estão pedindo uma mão para sair do atoleiro né. E esses a gente estende a mão o quanto dá, mas você percebe ali que não está sendo eficiente. Outra coisa que começou a aparecer é muita gente pedindo pra você fazer a lição de casa, então o cara fala assim ‘professor, você pode citar 3 pontos, 3 características do mercantilismo?’, sabe? (risos). Você fala ‘meu isso daí é sua lição de casa, não vou te responder isso’. Uma menina colocou num vídeo ‘pessoal, alguém faz um resumo pra mim desse vídeo de até 12 linhas?’ (risos), quer dizer... então, 12 linhas né, então... Então, essa situação que você vê que assim tem muita gente correndo atrás e buscando, mas também tem muita gente buscando algum lugar pra se encostar, porque se depender dele ele não vai se mexer. Acho que como em tudo, acho que não tem assim... no começo, eu tinha expectativa de que houvesse de fato um crescimento enorme e tal. Mas não houve, não houve, porque junto com isso houve o professor que começou a perceber que era capaz, eu acho que isso é muito interessante, porque os professores perceberam, cara você pega o teu celular, hoje não é incomum você pegar um celular numa qualidade razoável, você prende o teu telefone num suporte, entendeu? E pronto, você está dando aula, entendeu? Isso aqui que a gente está fazendo eu poderia estar fazendo com você ou com 30 pessoas mais, acho que 40 pessoas mais que é o tempo do *zoom* gratuito, quer dizer, sabe? Então, nesse sentido. E começaram a circular alguns memes assim de professores que eram extremamente frágeis do ponto de vista tecnológico e que hoje tiveram que desenvolver uma habilidade tremenda do tipo ‘eu preciso lidar com pelo menos 3 programas de conferência, eu preciso lidar com uma plataforma digital, eu preciso ser capaz de me comunicar com aluno, se cair a internet eu vou ter que dar algum jeito vou usar o 3G, vou usar alguma outra coisa’, quer dizer, as habilidades que os professores desenvolveram ao longo da pandemia não são poucas.

Entrevistador: Foi uma revolução né.

Entrevistado2: E os memes vem nesse sentido né, aquele meme do cachorrinho pequenininho e o cachorrinho valentão, você já deve ter visto.

Entrevistador: Sim.

Entrevistado2: O professor ‘aí gente alguém arruma o retroprojetor pra mim’, o professor ‘ó, preparei essa aula não sei o que’, quer dizer, esse olhar do aluno também é legal, sabe? O aluno às vezes olha para as coisas que a gente faz do ponto de vista tecnológico e fala ‘uau’ né, você que se virou? Então, você põe aí numa linha do tempo a evolução dos professores é impressionante, a maior parte dos professores deu nó em pingo d’água. Porque o nível salarial da maior parte do professorado do Brasil é um nível pequeno, não são todos que conseguem ter um computador decente, renderizar um vídeo, demanda uma memória imensa, uma capacidade imensa do computador, editar um vídeo, tirar o fundo de um vídeo requer uma necessidade de o computador trabalhar super forte. Então, você fazer isso no celular, subir lista, tentar atender aluno né, isso assim... Eu trabalho aqui em Campinas com alunos de classe econômica AA, então a minha remuneração é um pouco diferente, então pra mim dá para fazer investimento de dinheiro, sou uma pessoa casada que também é muito bem remunerada e tal, então a questão financeira pesa um pouco menos na comparação com outros profissionais da educação. Mas eu vejo o que as pessoas fizeram aí que é uma loucura de ir até a casa do aluno, você imprimir na sua casa o exercício e levar o exercício impresso na casa do aluno que não tem internet né, histórias assim impressionantes, que é muito diferente do meu dia a dia, mas que eu fico absolutamente admirado. E aí gera uma coisa complicada também que é a glamorização da sofrência do professor né, então o professor como vocação, o professor como a paixão pelo... e não o professor como alguém que tem que ser remunerado, está passando uma pindaíba desgraçada para dar aula, para fazer o aluno aprender. Eu lembro aquele caso da professora que usava o azulejo da cozinha pra dar aula, porque não tinha condição de comprar lousa, lembra daquilo ali?

Entrevistador: Aham.

Entrevistado2: Então, vem uma glamorização dessa pobreza, quer dizer, em lugar da capacitação do profissional, em lugar do fornecimento de equipamento pro profissional, eu não vi nenhum estado no Brasil comprando webcam pra professor, não vi nenhum estado no Brasil...

Entrevistador: Compraram notebooks aqui no Rio Grande do Sul.

Entrevistado2: Compraram?

Entrevistador: É, notebooks.

Entrevistado2: Ah então, aqui no estado de São Paulo eu não vi, mas ‘ah vai receber um tablet, não sei o que’, tá bom, mas e uma webcam para o aluno me ver, um microfone para o aluno me ouvir direito né, então é muito difícil a condição, muito difícil a condição. Tirando esses professores que já estavam lá, como eu que já estava no youtube há 4 anos, então quando a escola falou ‘Victor você vai dar aula de casa’ né, pra mim foi maravilhoso, então no intervalo... e era o que acontecia literalmente, no primeiro intervalo eu subia colocava a mesa, no segundo intervalo eu colocava a carne para marinar, preparava a salada, não sei o que, a hora que eu subia meio dia o almoço estava pronto.

Entrevistador: Sim.

Entrevistado2: Entendeu? Então pra mim... também outras coisas que apareceram foram oportunidades né, então assim, tem muita escola, surgiram muitas empresas assim né que dão agora aula particular, então você tem diversas empresas captando professores de diferentes partes do Brasil, pra você dar aula particular para alunos em qualquer lugar do Brasil, ou pra você fazer... eu vi ontem um anúncio de um cursinho que está contratando professores pra dar aula de casa. Então, é um cursinho que vai ser online, te complica a vida, só que é um cursinho online, ‘ó, você vai dar aula de casa’, não tem problema, aula ao vivo, então você precisa ter a condição de dar a aula ao vivo. Então, se instituiu isso, isso é muito bom. Uma outra coisa que mudou pra produtor de conteúdo é que ficou mais fácil entender o seu conteúdo, então o “Passei Direto”, por exemplo, montou um programa, estruturou um programa, não sei se isso chegou até você, mas estruturou um programa pra produtores de conteúdo e começou a comprar conteúdo desses professores. Então, professores youtubers como eu foram convidados a produzir conteúdo e eles compraram o conteúdo, vídeo, simulado, tabela, o que você quisesse produzir, você produzia para o “Passei Direto”. Não sei se você zapiando aí esses 50, não sei quem são esses 50, mas tem uma chance imensa de esses daí se forem dum nível de canal como o meu, ou não sei, depois quero até perguntar por que que você resolveu falar comigo, é... mas tem uma chance imensa de também ter sido, acho que o “Passei Direto” tinha 150 produtores de conteúdo, professores youtubers produtores de conteúdo pra eles e depois no segundo estágio ficamos 70 né, então é mais um espaço aí de ensino virtual que foi muito explorado.

Entrevistador: Bacana professor. Bom, eu vou responder rapidamente né como é que eu cheguei, eu fiz uma seleção da seguinte forma, eu também sou socióloga, fiz mestrado em psicologia, mas sempre trabalhando com tecnologia, tá? E agora eu faço doutorado em

informática na educação. E a minha ideia é trabalhar com professores youtubers, bem nesse ponto que o senhor acabou tocando, a questão da interação. Bom, a aula é mais conteudista, ela é mais expositiva, mas e como é que funciona pra professor em sala de aula pra ele poder interagir com aluno utilizando esses vídeos que são, na sua grande maioria, quando passados por uma curadoria, de boa qualidade e bem objetivos. Então, eu estou trabalhando com uma proposta de fazer uma conversa com aluno através dos vídeos já gravados. E um dos seus vídeos foi selecionado porque tem uma qualidade na produção, eu assisti todos os vídeos ou praticamente quase todos. Eu fiquei horas assistindo os vídeos que tem na plataforma do youtube edu, e selecionei aqueles professores que são da área de Ciências Humanas principalmente porque é a minha área, pra poder verificar quais são as estratégias que eles utilizam, que vocês utilizam. Eu estou falando porque eu tenho medo que caia o nosso horário aqui de reunião, o zoom corta às vezes. E a proposta é trabalhar com os professores do ensino fundamental e médio com esse material, assim como o youtube edu também trabalha, fazendo uma proposta bem mais dialógica mesmo, através de um plugin que eu instalo e a gente trabalha algumas perguntas e respostas, algumas intervenções no vídeo com os professores.

Entrevistado2: Você viu o Nearpod?

Entrevistador: Não.

Entrevistado2: Nearpod, acho que você vai ficar encantada, porque você pode pegar... é uma ferramenta online que você pega um vídeo e nesse vídeo você insere virtualmente o que você quiser, você pode inserir um arquivo de pdf, então o cara assistiu até ali, daí ele tem que ler um textinho, daí ele continua, daí vem uma perguntinha, e aí ele continua. Então, você pode fazer isso com o vídeo ou você pode fazer isso com uma apresentação de power point. Então, o professor que monta uma apresentação de slides, por exemplo, ele pode tornar o slide dele interativo com vídeos e o aluno faz isso em tempo real. Então, pra ensino à distância é uma ferramenta poderosíssima, ou para aquelas escolas que o aluno assiste com um iPad ou com um notebook, também dá para fazer. Ou pra fazer assincronamente, o aluno em casa fazendo uma atividade que o professor já tenha preparado. Então, pode ser tanto síncrono como assíncrono, é super interessante.

Entrevistador: É, essa proposta... eu estou trabalhando com H5P, não sei se tu conhece?

Entrevistado2: H5P?

Entrevistador: H5P.

Entrevistado2: Do moodle?

Entrevistador: Sim. Mas eu estou trabalhando no moodle e no deixa eu me lembrar agora o nome... agora fugiu. Mas é aquela plataforma que faz blogs.

Entrevistado2: Wordpress.

Entrevistador: Wordpress.

Entrevistado2: Estou vendo aqui, abri o H5P, depois vou dar uma olhada.

Entrevistador: Isso, aproveita e dá uma olhadinha. Eu estou trabalhando com eles, eu estou fazendo já algumas propostas, já fazendo alguns testes junto com a graduação pelo menos aqui da URGS né, e vai ser mais ou menos por aí que eu vou levar o meu trabalho. Vou fazer um apanhado geral do que que está sendo produzido no Brasil, circunscrito ao Brasil, especificamente com plataformas na área das Ciências Humanas, porque pela minha revisão de literatura é uma das áreas mais utilizadas com produção de conteúdo, principalmente História, Sociologia e Filosofia não tanto, mas História realmente desponta, e daí a gente vai trabalhar com esses 50 canais mais ou menos, pelo menos é o que vai acabar ficando, fazendo uma análise do material e depois fazendo uma proposta né para como os professores podem usar esses materiais na perspectiva de um curador de conteúdo, não só um produtor de conteúdo, mas um curador de conteúdo, como ele pode usar para que fique mais interativo, mais pergunta e resposta, mesmo que seja ainda uma coisa ainda meio pergunta e resposta mesmo de estímulo né, mas já é um início de trabalho.

Entrevistado2: Entendi, entendi. Super interessante. Bom... não quero tomar o seu tempo invertendo a entrevista (risos).

Entrevistador: Não, pode falar. Eu já acabei a minha, agora você pode me entrevistar (risos).

Entrevistado2: E quem são as pessoas que você pegou?

Entrevistador: Ah professor, eu não vou lembrar agora exatamente quem, mas tem a “Nerdologia”, tem... eu posso abrir aqui, deixa eu ver.

Entrevistado2: O Valter, a Débora?

Entrevistador: A Débora, a Débora Valim, a Ladim.

Entrevistado2: Débora Ladim, o Valter Sola...

Entrevistador: Sim.

Entrevistado2: O Felipe Castanhari?

Entrevistador: Felipe Castanhari.

Entrevistado2: O Jener Cristiano do “Historiação” será?

Entrevistador: “Historiação” não. O Peninha...

Entrevistado2: Tá. O “Historiação” é interessante, porque ele é um cara de Minas Gerais que trabalha com um canal grande, grande né, não é um Valter Sola, Peninha né, estou vendo que os nomes que você pegou aí são enormes, mas ele faz um tipo de vídeo em prezi, então ele faz apresentações de prezi narradas, e ele tem uma experiência enquanto professor de escola pública da rede de Minas Gerais, então pode trazer um olhar diferente.

Entrevistador: Eu lembrei agora que tem o “Terra Negra” também que trabalha muito...

Entrevistado2: “Terra Negra”, é um cara que chama Vitor também.

Entrevistador: Vitor aham, Vitor Lima. Eu vou entrevistar ele. E o professor de Geografia também eu vou entrevistar, ficou o Vitor Lima de História e o professor... também é Vitor, de Geografia.

Entrevistado2: E esses caras a gente teve uma confusão enorme com a TV Cultura porque quando a gente estava fazendo aulas ao vivo para entrar no Futura, Canal Futura aqui de São Paulo, eu sou Victor de História, ele é Vitor de História, e aí encomendaram com ele o horário, e aí começaram a me cobrar ‘Victor, você não vai mandar o link? Cadê o seu link, a sua transmissão?’, eu falei ‘Mas não sou eu’, ‘Mas você não é o Victor de História?’, ‘Sou eu...’, aí foi chegar que era o Vitor do “Terra Negra” (risos), foi um tumulto... olha, foi dureza, esse dia foi dureza, o pessoal querendo me matar aqui e eu não conseguia explicar que não era eu (risos).

Entrevistador: Muito bom.

Entrevistado2: Duro. Não, mas eu acho que o Jener é uma figura que pode ser interessante. O Valter... a Débora é uma simpatia, um amor de pessoa, não sei se você já conversou.

Entrevistador: Eu não consegui contato com a Débora, eu analisei o vídeo dela, o conteúdo, mas o contato pessoal eu ainda não consegui, ela não me respondeu ainda.

Entrevistado2: Alguém da equipe dela talvez responda, mas se passar um tempo aí... o dela especificamente eu não tenho o número, mas na minha rede alguém com certeza tem, então se você não conseguir pelas suas vias me manda o seu projeto e aí eu faço chegar o projeto até ela, que eu tenho certeza que ela vai ter uma horinha aí pra conversar com você. Ela é uma pessoa muito querida, muito simpática, muito...

Entrevistador: Ah perfeito.

Entrevistado2: Mais alguma coisa Dona Mirian?

Entrevistador: Gostaria de falar alguma coisa assim em especial? Assim, finalizar algum assunto que ache que ficou pendente? Algum comentário?

Entrevistado2: Ah... é difícil saber o que que vai ser útil né, mas vamos encerrar aqui, aí você dá uma olhada no que que foi feito e se você quiser mais alguma coisa você me procura, a gente marca em um outro momento, eu acho que é melhor do que eu sair contando causos, alguma coisa que no fim você não vai usar e vai ficar com... a essa altura aí a gente já deve estar com umas 10, 15 páginas transcritas, e no final da conta isso faz diferença. Então, qualquer coisa você me manda uma pergunta mais pontual, eu te mando um áudio, ou se quiser... enfim, marca um outro horário e conversa, fico à disposição.

Entrevistador: Perfeito. Professor eu só gostaria de pedir, eu mandei por e-mail, não sei se o senhor recebeu, o termo de consentimento livre e esclarecido?

Entrevistado2: Eu respondi com um “aceito”.

Entrevistador: Ah respondeu? Tá, perfeito.

Entrevistado2: Respondi, eu respondi com... depois eu fiquei pensando, eu devo colocar aceite ou digitar meu nome né, bom... vai dar na mesma né no fim das contas, mas...

Entrevistador: Você chegou a colocar o e-mail?

Entrevistado2: Sim, o e-mail está lá.

Entrevistador: Esse é o seu registro. Mas então tá. Eu prometo então que assim que eu terminar a produção eu tenho que entregar em junho de 2022, está quase aí né, estou já no final, eu posso lhe dar um retorno do trabalho né, eu posso mandar pelo menos uma síntese do que eu produzi pra ver se colabora também de alguma forma o conhecimento que eu produzi com o trabalho de vocês, afinal de contas é uma homenagem ao trabalho de vocês né.

Entrevistado2: Não, eu acho que colabora sempre e depois você me manda o link da publicação virtual.

Entrevistador: Tá.

Entrevistado2: E daí eu dou uma olhada, leio, eu não estou num ritmo de vida que me permite partir para um doutorado, mas isso não significa que também estou estacionado né, acho que a gente sempre precisa ver, ainda mais nesse trabalho, que por um lado é uma coisa muito sofrida, porque é muito sozinho né, por que no fim você está dentro de um estúdio gravando uma aula, você não sabe qual que é a reação que o outro vai ter, você não sabe se está [53:24 emplatando], se não está emplatando, se está assistindo em duas vezes a velocidade, se já entendeu, se não entendeu né? Então, eu acho que sempre que a gente consegue ter um diálogo acaba sendo extremamente benéfico. Então, se você puder mandar o link eu vou abrir, vou ver com muito carinho e interesse.

Entrevistador: Tá, que bom, fico contente. Então, fica o compromisso. Professor, eu queria agradecer muito a sua disponibilidade, a fala que o senhor me trouxe, muitas coisas foram esclarecidas. Eu fico agradecida pela disponibilidade inclusive de retornar a conversa, acredito que eu vá mandar alguma pergunta solta assim, que tu possa mandar algum vídeo, alguma coisa, um vídeo rápido ou um áudio pra gente continuar conversando. Um abraço! E siga o seu trabalho que está muito bom.

Entrevistado2: Obrigado, um abraço Mirian, saúde pra vocês aí, vacina!

Entrevistador: Pra todo mundo!

Entrevistado2: E fora Bolsonaro, deixar registrado, gravado aí.

Entrevistador: Isso é importante ser dito (risos), isso mesmo. Tchau professor.

Entrevistado2: Tchau, tchau. Um abraço!

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DE VÍDEO - DAVI, MICHELANGELO E PUGLIESI



https://www.youtube.com/watch?v=0dz8rqapTt0&list=PLf3WdQPlwNt6eLCPCVjQFE_lau-OtLxDq&index=3

Salve, salve terra negra! Professor Moisés Lima na área pra mais uma aula marotíssima sobre história, filosofia, arte e alguma coisinha mais. Olha só, hoje a gente vai ter o privilégio de estudar um pouquinho sobre essa escultura bonitona que ce tá vendo aí na tela, simplesmente Davi de Michelangelo Buonarroti. Essa obra aí é um verdadeiro tratado de anatomia, se você que gosta estudar Medicina..tá passando o rabo aí com o Sobotta, esse livrinho aí que ce conhece bem, você vai perceber que essa obra ela cumpre muitos critérios de anatomia...o pé, a mão, o corpo totalmente proporcional, e isso tudo tem um porquê, mas a gente vai ver isso daqui a pouco. Sobre essa obra maravilhosa de Michelangelo, que ele fez simplesmente com 26 anos de idade, e foi a segunda obra dele. Pasmem! Ele já tinha feito a Pietá com 23, daí é muita responsabilidade pra nós e a nossa idade...deixa isso baixo.

É...Michelangelo vai fazer isso de um bloco inteiriço...um bloco de mármore, simplesmente esse bloco vai vir da famosa região da Toscana, região que produz o famoso

mármore de Carrara. Essa região de Carrara é famosa porque os mármorees que saíram de lá estão nas grandes esculturas do Renascimento, e daí até que surgiu aquela expressão “Isso foi esculpido de Carrara”, ou seja, esculpido do mármore de Carrara. Aí tem aquela lenda, né, só pra pensar sobre a história do Brasil...que aqui quando se dizia que uma coisa era belíssima dizia assim "Isso aí é esculpido em Carrara", mas com o passar do tempo e o encurtamento histórico a expressão se tornou o quê? “Cuspido e escarrado”. Isso é uma lenda que pra mim faz total sentido, mas voltando pra história do bloco...esse bloco de mais ou menos 6 metros de altura, ele estava lá em Carrara e pasmem: Michelangelo não foi o primeiro a esculpir Davi. Para tudo! Como assim? Michelangelo vai ser o terceiro desse bloco...esse bloco já tinha tido a sua primeira vez com outros dois escultores que estavam pra construir uma grande obra, que seria o Davi mesmo, mas com uma intenção mais religiosa. Como assim? Lá em Florença, por volta de 1461, tinha-se uma ideia de ainda engrandecer mais a Igreja...essa aí que ce tá vendo na tela, que é a Santa Maria Del Fiore, e aí eles queriam colocar no alto dessa Igreja aí estátuas que representassem histórias bíblicas. Aí colocariam lá uma série de profetas, e um desses profetas, ou um desses representantes da bíblia, seria Davi, só que esses dois autores não conseguiram esculpir esse mármore inteiriço, tanto que quando Michelangelo vai esculpir ele, com 26 anos, ele já tava todo mexido, todo zuado. Alguns artistas viam o mármore e desistiam, justamente porque o desafio ia ser maior. Então desse momento que o mármore foi tirado de Carrara até chegar nas mãos de Michelangelo passaram-se 35 anos. É praticamente como se essa peça, que você tá vendo aí todo bonitona, de mármore Carrara...ela fosse, ela tivesse esperando alguém pra tirar de dentro dela toda a perfeição que Michelangelo conseguiu esculpindo Davi.

Mas uma coisa é muito importante pra gente analisar: quando a obra foi encomendada, Florença tava num contexto...um contexto de uma certa estabilidade, mas se tinha um certo apreço ainda com a religiosidade. Quando o Michelangelo foi contratado pra continuar essa obra, 35 anos depois, Florença tinha passado por muita coisa e isso é muito importante pra gente compreender o que que significava o Davi na época de Michelangelo. Isso é extremamente relevante pra gente entender quais valores...o que que tá em jogo na construção dessa grande obra. Uma coisa que ce precisa entender...culturalmente Florença tava vivendo um grande momento, um momento de fervor cultural. Por quê? Uma família de banqueiros, os Médici, ou os Médici, tinham ascendido ao poder e eles tavam patrocinando uma série de artista. Olha, Botticelli, Leonardo Da Vinci, Rafael De Sanzio, o Brunelleschi que fez o Duomo de Florença...uma pá...Donatello...as Tartarugas ninja e um tanto de gente estavam

sendo financiadas e Florença tava sendo uma espécie de Atenas moderna. Florença tava vivendo todo um...uma borbulhação cultural, só que obviamente eu tô falando de um período de transição...eu tô falando da transição da Idade Média pra Idade Moderna. Esse humanismo...toda essa valorização do homem incomodou algumas pessoas, por exemplo, um monge...um padre, na verdade, chamado Savaranola, ele ficou extremamente incomodado com esse humanismo. Arte incomoda, né gente? E aí o que que acontece? Ele dizia que todo esse humanismo e os Médici estavam levando a cidade pro pecado. Resumo da ópera: Savaranola consegue fazer uma revolta, os Médici são expulsos, os artistas eles são perseguidos...só pra ces terem uma ideia, o Botticelli que pintou ‘O nascimento de Vênus’, que tá aí, que foi um quadro inovador...um dos primeiros desse período do Renascimento, ele vai mudar até sua crença. Ele vai sentir “Será que eu tava de fato no pecado?” Mas o fato é que quando Florença passa por essa rebelião...é...essa rebelião sai do controle, o Savaranola faz a famosa fogueira das vaidades, coloca livro, obra de arte pra ser queimada. Parecido com o cara do bigodinho...ce já ouviu falar de uma cara chamado Adolf Hitler? Então...você pensa em apogeu desse fundamentalismo lá em Florença e aí, meus caros, que que aconteceu? O próprio Vaticano...a própria Roma achou que isso tava demais, e aí que que rolou? Eles prenderam o Savaranola e o Savaranola foi queimado nessa fogueira.

Quando o Savaranola sai do poder e os Médici foram expulsos, Florença vai viver um momento de República, de liberdade e esse...e esse espaço temporal aí de liberdade que Florença tá vivendo...Florença meio que vai concretizar esse momento de liberdade, autonomia, transformação numa imagem, e aí aquela obra que foi encomendada antes, que é o Davi num contexto religioso ou mais pacato, agora Davi foi encomendado simplesmente para Michelangelo, que era uma espécie de fenômeno na época...esculpir essa escultura. E aí sabe que que é o legal? Michelangelo vai gastar três anos pra fazer essa escultura e quando ele gasta esses três anos...cheio daquele mistério, escondido e tal, Davi nasce. E aí quando Leonardo Da Vinci, Botticelli...o pessoal de Florença e o próprio Maquiavel, que nessa época tinha se tornado uma espécie de conselheiro das relações internacionais, e o próprio Maquiavel, Donatello, todo mundo pirou na perfeição, e aí começou a se ter um debate. Lembra que eu falei que a ideia da estátua era ficar no alto da Igreja? De tão perfeita, e de representar tanto o momento de Florença começou a se ter um debate, e aí Botticelli, Leonardo Da Vinci começaram a falar o seguinte: “Essa obra tem que ficar onde? No centro da cidade” e aí Davi começou a se tornar não só mais uma referência religiosa. Davi começou a se tornar uma referência do quê? Uma referência do lugar de Florença. Pra quem não

lembra, Davi foi um judeu que lutou contra...na verdade um hebreu que lutou contra os Filisteus. Davi era aquele cara que era pequenininho, baixinho e ia enfrentar um gigante, o Golias, com a sua funda. E aí quem não lembra...olha aí na imagem, tá vendo esse negócio no ombro aí da estátua? Isso aí é a funda onde que Davi pegou uma pedrinha, rodou essa pedrinha e em tese acertou a cabeça do gigante. Olha que metáfora linda, Florença a cidade pequena que ia enfrentar os seus gigantes. Quem? O fundamentalismo, que ia enfrentar a França, que vivia doida pra invadir Florença, que ia enfrentar a Espanha, que era um grande Império nessa época. Ou seja, tem uma conotação política na imagem, e isso que eu tô falando é sensacional. Ce pode ver isso nesse livrinho aqui, ó...nesse livrinho foda do Peter Burke, historiador, que chama “Testemunha ocular”. Aqui ele analisa como conceitos e ideias de maneira linda pela arte. Observe esse quadro aí que ce tá vendo, é o quadro “A liberdade guiando o povo” de Eugène Delacroix, você tá observando esse quadro...esse quadro representa o que é a liberdade pro francês durante a Revolução de 30, então a gente percebe nesse momento como que as imagens elas tem esse papel de quê? De representar ideias, conceitos, um quadro não é simplesmente um quadro, ele representa um ideal, e aí pensando no Michelangelo, Michelangelo então ele traduziu na época esse ideal de beleza e esse ideal de força de Florença.

Mas se a gente for analisar essa obra com mais carinho, com um pouquinho mais de profundidade, a gente vai perceber que existe uma dimensão além disso na arte. Arte não é só...é...representação de ideologia ou de vontade política. Arte é uma forma de o homem resistir, é resistência, arte não é só política, é resistência, representa força. E eu vou mostrar pra vocês uma visão que o Nietzsche tem sobre a arte muito interessante. Olha a cara desse Nietzsche aí, olha o que a gente pode pensar da concepção de arte de Nietzsche. Nietzsche tá dizendo assim “Arte é resistência dos homens ao tempo. O tempo quer o tempo todo nos devorar”. Lembra lá da imagem de Chronos, esse tempo que devora? Então, assim, olha legal, como o Deus da noite de Game of Thrones, o tempo, o vazio, quer nos levar o tempo todo ao esquecimento, ao caos. E aí a arte, junto com a memória, tem o papel de lembrar a gente e nos proteger da dissolução do tempo, da fragmentação do tempo. A arte é essencial na luta humana contra o caos. E o Davi, olha essa imagem que ce tá vendo, Davi é um verdadeiro monumento à vida. Então se a gente pensar num sentido mais profundo, arte não representa apenas conceitos, arte é o jeito de o homem se firmar ao tempo, porque o tempo é voraz. E aí analisando ainda a profundidade filosófica dessa arte, o Michelangelo, que é esse artista que começou aos 13 anos esculpindo e aos 13 fez um fauno que chamou a atenção de Lorenzo de

Medici, aos 23 fez a Pietà, aos 26 fez o Davi, depois ele faz a Capela Sistina, depois ele faz o túmulo do Papa Júlio II, ou seja, esse grande artista...o que que ele tava querendo? Ele tava querendo representar as formas perfeitas, por que ele é um quê? Um neoplatônico. Que que significa um neoplatônico? É alguém que quer copiar algo que não existe? Não, Michelangelo ele queria reproduzir a perfeição universal, ele queria sair do caos do particular, ele queria sair do caos da diversidade, ele queria trazer essa unidade do mundo que nos corrói. E aí o Davi representa a bela forma, então por isso que quando a gente olha o Davi, ele não tá de roupa, ou ele não tá com a cara cheia de x ou y...ele tá representando o que na época era considerado o ideal de homem, que é o grego. A Grécia pro pessoal do Renascimento era o berço da civilização, é aquilo que o homem tinha produzido de mais belo, então Davi ele tem essa cara aí de grego justamente porque Michelangelo tá tirando do mármore não é simplesmente uma cópia da natureza, Michelangelo tá tirando do mármore não é uma produção realista, ele tá tentando reproduzir em justa proporção aquilo que é o belo, o bonito. Ce quer ver que sensacional? Por isso que Davi não tá com uma cara de árabe, o Davi original ele teria uma cara parecida com a minha...essa cara feia aqui. Davi está representado de maneira a representar o ideal de homem.

Outra coisa que ce pode perceber na imagem...vai olhando aí pra ce ver a imagem...como que a gente tem, por exemplo, este Davi sem pelos. Por que que ele tá sem pelos? Porque pelo representa animalidade, e Michelangelo quer esculpir o que ele julga que é melhor do homem, Michelangelo está privilegiando aquilo que a gente chama de apolíneo na dimensão humana. Sabe o que é isso? A racionalidade, a luz, a beleza, então tudo que representa a animalidade Michelangelo não quer representar. É só você pensa, por exemplo, por que que a obra está, veja esse zoom, com esse piruzinho? Esse piruzinho aí é justamente porque os órgãos sexuais representavam um lado humano que é importante, que é o lado dionisíaco, que é o lado do impulso, da força. Hoje o Freud poderia chamar de inconsciente esse lado da dissolução, do vinho. E Michelangelo não queria representar essa força, que é também importante, ele queria marcar aquilo que é universal...o belo em Michelangelo.

Outro elemento que a gente pode aí na obra, é como que ela tá cheia de proporção e simetria. Isso é uma tara do pessoal do Renascimento, eles faziam estudos anatômicos. Então se você observar o homem vitruviano, que tá aí na tela, olha pra ce ver...isso aí é um grande gabarito, e o Michelangelo, apesar de ser um grande rival do Leonardo da Vinci, ele tá seguindo mais ou menos as ideias da época de anatomia. O tamanho do corpo representa oito

cabeças. Se a gente for perceber, por exemplo, o tamanho do pé é exatamente o tamanho do antebraço...a envergadura e o tamanho dele. Aí ce pensa assim, tá, beleza, mas e esse mãozão e esse cabeção? Calma meu jovem, tudo tem um motivo. Olha só, essa mão grande aí e essa cabeça grande, que realmente tem uma certa desproporção com o corpo, tem possíveis duas explicações, ou até mais. Pensa comigo: como era feito pra ficar no alto lá da Igreja, no ângulo que ce visse de baixo pra cima, ce veria exatamente proporcional por causa do ângulo de visão lá do alto da Igreja ficaria distorcido, então o gênio Michelangelo já pensou nisso, então a ideia qual que era? Pensar onde a obra seria feita. Outra explicação possível é que desde a Idade Média a ideia de mão forte representa poder, e ali Davi estaria representando o poder de Florença. Se a gente for pensar também na cabeça, podemos pensar nessa valorização da racionalidade, a valorização dessa visão humana, dessa dimensão apolínea.

Agora uma coisa muito importante que a gente pode pensar é: como que Davi, esse gigante aí, ao longo do tempo ele se torna uma referência de beleza. Mas quando a gente pensa no mundo da vida, no mundo real, no mundo dos acontecimentos, a coisa ela ganha contornos de força. Por exemplo, essa estátua Davi ela sofreu. Não sei se vocês sabem...olha os pezinhos aí, os pés já sofreram marretadas... em 1991 essa estátua sofreu um atentado. Se a gente voltar mais atrás ainda, na época de Florença do Renascimento, numa das revoltas em Florença jogaram um banco em Davi e aí quebraram um desses braços aí e aí ele tá colado com uns pregos...fizeram um trabalho de restauração magnífico. Ou seja, o mundo da vida é esse mundo do choque. E sabe por que que eu tô falando isso? Com o passar dos anos, essa ideia que representava tanto pra Michelangelo, que era a ideia do universal, essa resistência diante da dissolução do tempo que segundo Nietzsche representava essa coisa boa, essa coisa profunda, representava a vida, ela vai perdendo seu sentido.

Hoje, no mundo contemporâneo, quando a gente pensa nessas imagens como estão aí na tela, essa imagem de Davi, o que que pensa? A gente pensa num ideal de beleza simplesmente esvaziado desse sentido original...a gente não pensa num homem se defendendo contra a dissolução do tempo. A gente pensa num ideal estético que vende, um ideal estético que nos dá prazer. Por quê? A gente vive hoje, segundo Guy Debord, nós vivemos hoje a sociedade de espetáculo, onde tudo é relacionado à imagem. E nessa sociedade de espetáculo, as imagens e as ideias elas vão se esvaziando do seu sentido originário e elas vão se tornando apenas imagens. Sabe quando você fica na tela passando stories, só vendo coisas, e aí de repente aquilo...nada faz sentido? Hoje a gente vive nessa dimensão...de tudo se tornou um

grande espetáculo e a gente vive uma alienação do sentido original das coisas. Sabe aquela imagem que eu mostrei pra vocês do Eugène Delacroix? A liberdade guiando o povo? É a capa do CD do Coldplay e aí a gente pensa assim “Nossa, que legal!”. Eu adoro o Coldplay, só que quando o Chris Martin escolheu essa capa, se foi ele, ele não queria reviver a Revolução. Ele queria o quê? Vender! E as imagens hoje elas meio que são significadas...representam essa dimensão da vida. E aí, o que acontece? Hoje a gente vive uma verdadeira ditadura das imagens e este corpo de Davi que naquela época de Florença representava o ideal de beleza, representava o ideal de luta, de liberdade...hoje, por uma certa perspectiva, pode representar algo que nos oprime a termos um corpo que é reproduzido pela mídia, que é difícil de a gente ter...alcançar esse corpo. E aquele ideal de liberdade se perde, e a gente vai sendo preso num ideal que é construído nessa sociedade de espetáculo.

Agora, eu disse no início do vídeo...faltava uma coisa anatomicamente para o Davi. O que que faltava? Faltava um músculo atrás das costas. Esse músculo estaria entre a escápula e entre a coluna. Este músculo, aí você pensa...pode pensar “Ham! Peguei Michelangelo!”, foi descrito por Michelangelo numa carta porque que ele não colocou esse músculo e sabe que que é o mais sensacional? O mármore não permitia esse músculo. Ou seja, a vida não permitia essa perfeição que ele tava idealizando. E eu faço uma pergunta pra gente finalizar o nosso vídeo: será que não tá faltando algo pra gente também, não? Será que não tá faltando um músculo em algum lugar, não? Gente, se ce gostou desse vídeo comenta aí, dá o seu like, assina, liga o sininho aí e é isso aí. Falou!

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DE VÍDEO - DE ONDE VÊM OS FÓSSEIS - NERDOLOGIA ENSINA 07



<https://www.youtube.com/watch?v=WUPECN3YPz0&list=PLf3WdQPlwNt5HsHbkAU0Hf58GOShuXWYj&index=8>

Sejam bem-vindos a esse Nerdologia Ensina! Eu sou o Átila, biólogo, pesquisador e chegando no surgimento dos pokémons evolutivos. No sétimo episódio dessa série especial sobre evolução, vamos ver a grande explosão animal.

Seguindo com a nossa linha do tempo evolutiva, por volta de 3,5 bilhões de anos atrás certamente já tínhamos as primeiras formas de vida. Com 2,5 bilhões de anos começa a fotossíntese e lá pelos 635 milhões de anos vários organismos complexos começam a surgir, mas nada muito grande. A gente já tá em 550 milhões de anos atrás...dá pra ver um Dickinsonia aqui, uma Spriggina ali na fauna Ediacarana, mas tudo anda meio parado. Mas tudo bem, porque o que tava por vir compensaria toda essa ausência. A partir de 542 milhões de anos atrás, os fósseis começaram a aparecer aos montes e simplesmente não pararam.

O que a gente encontra em sítios como Burgess Shale no Canadá e ChengJiang na China é algo completamente diferente do que tínhamos até então, ou desde então. Dos tradicionais Trilobitas a criaturas que a gente nem sonha atualmente como o Opabinia ou o Anomalocaris. É como se a gente tivesse até então uma forma de vida aqui e outra ali, mas do nada um mundo de fósseis se revela. Como se a vida fosse tímida e deixasse de deixar registros por 3 bilhões de anos e de repente deixasse toda essa vergonha pra trás e mostrasse a que veio...mostrasse todas as formas de diversidade animal que nunca teve. Na verdade, a gente encontrou tantos fósseis nos estratos dessa ideia que chamamos o evento de “Explosão Cambriana”, por causa do nome da data.

Essa explosão de vida é um tanto paradoxal pra evolução. Bom pra evolução da vida, complicado pro nosso entendimento dela. Por um lado, esse é o momento em que a gente encontra os primeiros animais mais próximos do que nós somos. Alguma coisa tava acontecendo, e a gente já vai ver o que pode ter sido. Por outro lado, quando Charles Darwin escreveu o livro “A origem das espécies”, em 1859, essa riqueza de fósseis de animais cambrianos de repente pareceu um problema pra teoria evolutiva que ele tava propondo com o Alfred Russel Wallace. A teoria da evolução que eles propuseram, ou melhor, a teoria da descendência com modificações propunha justamente isso, que a evolução acontecia porque os descendentes dos seres vivos nasciam com pequenas variações que eram selecionadas pouco a pouco. E esse era um passo enorme pro pensamento da época já.

Olhando pros fósseis, Darwin podia reconhecer que as formas de vida como o Trilobitas ou os dinossauros que vieram depois não existiam mais no planeta, o que quer dizer que a vida na Terra não foi sempre igual, ela mudou com o tempo. E pela forma como os fósseis eram empilhados, uma camada em cima da outra, cada camada com os seus fósseis...os Trilobitas, por exemplo, tavam sempre em camadas mais inferiores do que os dinossauros...essa variação deve ter acontecido ao longo do tempo. Era bastante intuitivo achar que os Trilobitas eram mais antigos que os dinos, mas essa variação provavelmente tomava muito, mas muito tempo, mais tempo até do que muitos acreditavam que a Terra tinha naquela época, o que tava certo. E o que não combina com isso são tantos animais surgindo de repente, tanto que na sexta edição de seu livro, Darwin escreveu: “À pergunta de por que não encontramos ricos depósitos fossilíferos pertencentes a esses supostos primeiros períodos anteriores ao sistema cambriano, não posso dar uma resposta satisfatória”. Afinal, naquela

época a gente ainda não tinha descoberto registros fósseis de vida antes do cambriano, muito menos essa linha do tempo que a gente contou logo no começo do episódio.

E essa questão continuou cutucando os biólogos até bem recentemente, levou inclusive à teoria evolutiva do equilíbrio pontuado, que propõe que a evolução intercala intervalos longos com pouca mudança pontuados por períodos de mudanças rápidas, visão que não é mais tão sustentada conforme a gente descobriu mais fósseis e vimos que a “Explosão do cambriano” não foi lá tão explosiva assim. Essa diversidade parece ter vindo do nada, mas não foi bem do nada...a vida já tava se diversificando antes, mas pra gente poder ver isso, dependemos da formação dos fósseis, e até aqui falamos bem pouco disso. A reconstrução do passado que a gente fez até agora nesse série dependeu bastante de métodos mais indiretos. Olhar pra minerais formados há bilhões de anos, como os zircões, pra tentar entender em que condições eles se formaram e como o planeta era no período, estudar os organismos pra saber o que todas as células têm em comum e provavelmente carregam desde quando surgiram, comparar ao nosso DNA pra poder saber quais os genes a gente compartilha com cada ser vivo foi o que a gente fez até aqui. Mas nós temos uma forma bem mais direta de olhar pro passado...com os fósseis a gente pode olhar pra como a vida já foi olhando direto pro que foram os seres vivos, ou pelo menos o que ficou preservado deles.

A questão é que a fossilização depende de uma série de fatores que não eram tão comuns até 542 milhões de anos atrás. Pra um fóssil existir ele depende de ser preservado, e pra um ser vivo, ou melhor, um ser morto virar um fóssil ele precisa ser preservado. O motivo pra gente poder encontrar tantos esqueletos fósseis é porque restos biomineralizados como os ossos, os dentes e as conchas são mais resistentes, enquanto os tecidos moles são desmanchados e decompostos logo depois que o organismo morre. E também tem o ambiente onde o organismo morreu...um ambiente calmo, com pouco oxigênio e altas taxas de sedimentação, ou seja, com bastante sedimentos se acumulando, como é o fundo de uma lago, têm mais chances de preservar fósseis. Quem morrer aí vai ser soterrado em pouco tempo e em condições onde a decomposição é bem demorada. O ambiente com as condições ideais pode preservar até tecidos moles, como a Formação Santana, na Chapada do Araripe, no nosso Nordeste, que preservou até insetos. Já o alto de uma montanha, que é um ambiente cheio de erosão, não deixa a sedimentação acontecer e não preserva fósseis. Ou seja, se a gente encontra mais fósseis de um peixe de lago do que que um pássaro de montanha, não quer dizer que esses peixes eram mais comuns...pode ser o caso de eles serem mais bem

preservados porque tavam num lugar certo. Alguns tipos de restos orgânicos e de certos ambientes sedimentares vai ser mais fossilizados e a gente também vai encontrar mais fósseis de organismos com partes do corpo duras, biomineralizadas, do que aqueles que têm o corpo todo mole. Se a fisiologia animal permitisse, por exemplo, os tiranossauros poderiam ter sido aterrorizados por minhocas predadoras de 30 metros de diâmetro e de 200 metros comprimentos, produtoras de muco ácido e com uma juba de tentáculos, e a gente não ia ver nenhum fóssil delas. Isso é o que acontece, inclusive, com os insetos.

Os insetos são alguns dos organismos mais comuns e mais diversos do planeta, com cerca de 750 mil espécies viventes já descritas. Trilhões de formigas andam por aí, mas a gente só conhece 20 mil espécies fósseis, já que é bem mais difícil de eles serem preservados fora de situações como o âmbar, ou no Araripe. Não é como se a gente não tivesse seres vivos até o Cambriano...a gente tinha, mas organismos como o Dickinsonia deixaram bem menos evidência. Alguma coisa mudou durante o Cambriano e parece ser justamente a chance de fossilização dos seres vivos, e aqui que surgem os grandes organismos com esqueletos mineralizados como os Trilobitas. A “Explosão Cambriana” mais do que uma explosão de formas de vida foi uma explosão de organismos preservados e uma explosão de esqueletos internos e externos. O que levanta a pergunta: Por que todo mundo precisou se proteger com esqueleto de repente?

Uma das hipóteses é a noção de que nesse período a concentração de cálcio nos oceanos teria aumentado e agora os organismos podiam acumular esse cálcio em minerais como a hidroxiapatita, que a gente usa pra poder fazer os esqueletos. Mas vários esqueletos animais poderiam ter sido feitos de sílica também, que já tava ali disponível. Por que de repente esse aumento de cálcio e de esqueletos de cálcio incentivaria todo mundo a se proteger e fazer o mesmo? Ou alguns organismos até acumularem sílica como as esponjas fazem? Por uma corrida armamentista. Os esqueletos de cálcio permitem organismos maiores com garras e dentes muito mais duras, e eles vão predar todo mundo que der mole, literalmente, a não ser que se virem pra se proteger com o que der. Ou seja, a evolução de um esqueleto pode causar a competição que provoca a demanda de evolução de outros esqueletos pra se protegerem desse primeiro.

Outra hipótese interessante é a de que nesse período podem ter surgido os primeiros olhos, ou pelo menos a visão com mais resolução, e olhos mudam todo o cenário evolutivo. Até então os fósseis indicam que nós tínhamos organismos complexos, como os cnidários

filtradores, o equivalente às anêmonas de hoje, que ficam fixos no mar filtrando a água que passa, mas com olhos os animais poderiam ver o que estavam fazendo e agir como predadores...perseguido outros animais tudo muda. E assim como um esqueleto convida outro, predadores com olhos selecionam presas que veem eles chegando e evitam sua presença. Ou seja, os olhos são uma excelente pressão evolutiva por outros olhos, ao mesmo tempo que os esqueletos podem proteger quem não conseguiu escapar só com os olhos e com pouco movimento. Ou seja, a visão pode ser o pontapé evolutivo pros primeiros esqueletos como os do Trilobitas exagerados surgirem.

Com mais pesquisa e mais descobertas acabamos encontrando mais fósseis anteriores da fauna Ediacarana, como o Dickinsonia, que mostram que o conceito de explosão não se aplica tão bem aqui, e reforçando a noção de que a evolução favoreceu a biomineralização a partir de um período específico. As evidências que a gente tem no DNA dos organismos ainda vivo mostra que o surgimento desse acúmulo de cálcio nos esqueletos aconteceu várias vezes em diferentes grupos durante o mesmo período, como se de repente todos os organismos que já existissem no período do Cambriano tivessem resolvido fazer o esqueleto mineralizado ao mesmo tempo. Ou seja, não foi como se a vida tivesse surgido ou se tornado mais complexa nesse período, mas sim que um desses motivos ou uma combinação deles fizeram com que os tecidos duros surgissem e esses tecidos aumentaram bastante a chance desses organismos serem preservados até hoje e nós encontrarmos.

Uma coisa é certa: com ou sem Explosão é graças a essa mudança que a gente tem tantos fósseis animais a partir do Cambriano e é graças a esses fósseis que podemos ver o que acontece o acúmulo de pequenas mudanças que Darwin e Wallace propuseram ao longo de milhões de anos, e fazer sentido de como a gente veio parar por aqui. Mas antes de vermos os próximos passos da nossa evolução, ao longo dos próximos milhões de anos, vamos fazer um desvio pra poder ver um exemplo de evolução recente que a gente pode testemunhar acontecendo ao nosso redor que não depende de fósseis.

APÊNDICE F- TRANSCRIÇÃO DE VÍDEO - ENTENDA O IMPERIALISMO



https://www.youtube.com/watch?v=608WuWDe_dY&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPvE-t

E aí gente, tudo bem? Sejam bem-vindos a mais um vídeo do Parabólica, e hoje a gente vai falar sobre um tema extremamente interessante, que é sobre Imperialismo. Origens e desdobramentos do Imperialismo. Antes de a gente começar a falar, eu já te convido a me seguir nas redes sociais, no Instagram e no Twitter também pra acompanhar aí um pouquinho do que vem acontecendo comigo no Instagram com o meu trabalho de fotografia e no Twitter pra gente trocar uma ideia por lá, que é muito bacana. Ok?

E o que que a gente tem pra falar sobre o Imperialismo? Imperialismo seria uma...um tipo de dominação, principalmente dos países europeus que começaram lá no século XIX e vai até o século XX, um tipo de dominação...ahn...política, econômica, social principalmente na África, Ásia e também na América. Então os países europeus, as principais potências europeias no século XIX começaram a dominar...é...África, principalmente a África, que é o

que a gente mais fala, mas a Ásia também em grande peso e a América também, Estados Unidos, né, ele faz parte também do Imperialismo...não são só países europeus. Ahn...o Vladimir Lenin, o líder da Revolução Russa, ele trabalha com a ideia que o Imperialismo é uma fase superior do capitalismo, justamente porque ele escreveu esse livro...foi lançado no ano de 1917, ano, inclusive, da Revolução Russa e ele diz que é quando o Imperialismo...o capitalismo, na verdade, ele já não tá conseguindo se conter em seu próprio lugar e ele começa a explorar outras regiões, ele começa a expandir o seu domínio, né, o capitalismo ele é flexível...tem vários tipos de dominação, tem vários tipo de exploração.

O primeiro ponto é entender que o Imperialismo ele se faz, na maioria das vezes, não significa que é sempre...mas na maioria de maneira industrial, o imperialismo é uma forma de dominação principalmente através da indústria, da busca de mercados consumidores dos países desenvolvidos para as regiões que não são desenvolvidas, né, então ele tenta industrializar, ele tenta é...trazer, conquistar trabalhadores assalariados pra viver sob o domínio de exploração...ahn...das indústrias, do capitalismo, né. Então é assim, é um momento que a gente já não tá falando como se a colonização da América, a gente tá falando onde...ahn...a forma de capitalismo é diferente, tá. Então no século XIX, principalmente por conta do advento da Revolução Industrial na Inglaterra, que vem, né, se estendendo desde o século XVIII, aí no século XIX ela consegue ter...ter um inchaço muito grande, né, da sua forma de exploração, aí o Imperialismo é...é como os países europeus e essas principais potências fossem conquistar, tá, outras regiões pra conseguir uma mão de obra mais barata, abrir mercado consumidor pro crescimento da própria indústria.

Para que os países europeus fizessem isso, eles tinham alguns tipos de dominação. Como por exemplo, o protetorado, onde a região ou o país era dominado através de...de um líder, né, de um governante local, mas de acordo com os interesses do país dominante. Também tem o sistema de colônia, que é uma dominação através da metrópole, é a metrópole diretamente, ela não necessita de um líder...ahn...local lá, a colônia mesmo já é o país já dominando diretamente, né, então assim, não há intermediários. Você tem também a dominação por área de influência, que é...se mantém o líder, né, o governante daquela região, aí você vai dominar locais específicos. Vou dar um exemplo aqui bem prático: seria a dominação da Inglaterra em Hong Kong, um lugar específico ali na China, onde se mantinha o governo local, aquilo tudo, mas ficava sob domínio...ahn...domínio superior, né, na questão macro da Inglaterra. E você tem uma que é muito comum também, que é a dominação

econômica. Você influencia o outro país economicamente...como foi, por exemplo, a Inglaterra na América Latina. Se você pensar no Brasil no século XIX, as leis contra a escravidão, que a maioria ali foi por pressão inglesa, né, os acordos que o Brasil teve que fazer com a Inglaterra, a própria era Mauá no período do Império brasileiro é uma dominação econômica, é uma influência econômica.

E o grande marco do Imperialismo pros países europeus vai ser o Tratado de Berlim, que foi um tratado que logicamente foi feito em Berlim, no ano de 1878, que definiu algumas coisas da dominação européia na África, principalmente. O Tratado de Berlim...ahn...dava algumas condições, né, o domínio, por exemplo, europeu das rotas fluviais da África, fazia tratados os chefes locais, né, pra que tenham essa dominação. Isso tudo é...vai gerar lá na frente, que não é especificamente do Tratado de Berlim, mas vai gerar lá na frente o que a gente vai conhecer como a partilha da África. A África que é um país extremamente multicultural...é...diversas culturas vivendo ali...um continente que não tinha necessariamente países, né. Tem gente que vai dizer que a África era basicamente tribal, né, se tinha várias tribos lá, várias etnias cultivando suas culturas e a...a Europa, né, os países europeus vão começar a partilhar a África, dividir a África por zonas de influência, de dominação, aí entra essas maneiras de dominação que a gente falou recentemente, tá. Então assim, pra entender que a dominação europeia na África foi...principalmente isso é feito por dominação militar, tá gente, de maneira violenta. A gente não vai falar bem do Imperialismo no sentido de que ah...é uma influência, é uma influência benéfica, não, é uma...é uma ocupação, é uma invasão, é uma imposição militar imperialista.

E logicamente os europeus eles usavam algumas justificativas pra fazer essa dominação...ahn...não é só justificativa econômica, política...ahn...justificativa das riquezas, né, eles usavam algumas justificativas que se a gente olhar hoje são justificativas bem tristes, né, naquele período já eram tristes...imagina hoje. Eles usavam a justificativa do darwinismo social, que pra pontuar um pouquinho, rapidinho aqui pra vocês, o que que seria o darwinismo social? Charles Darwin, da teoria da evolução das espécies, dizia que as espécies evoluem e tal...é...não foi ele que criou o darwinismo social, mas sim seguidores de Darwin, mas de uma maneira...ahn...de uma maneira preconceituosa que foram falar. Tentar trazer a questão da evolução das espécies pra sociedade...assim como as espécies evoluem, a sociedade também evolui, só que quando uma sociedade que não é evoluída ela consegue evoluir, as que já estavam evoluídas elas também agora já estão num nível superior. Então qual que é a ideia do

darwinismo social? Entender, né, que os europeus pensavam que como eles eram os mais evoluídos, outras sociedades nunca chegariam ao patamar que eles estavam. Então...mas era preciso começar a levar essa missão civilizadora, né é...pra África, pra Ásia, então eles vinham com essa ideia de que nós somos superiores e viemos trazer a civilização pra vocês também comecem a evoluir, mas lembrem-se sempre que nós sempre estaremos um passo à frente de vocês, ou dois, três, quatro, mil passos a frente. Esse é o pensamento triste do darwinismo social, que até é muito utilizado, por exemplo, se você for pensar na criação da ideia do nazismo, tá. É muito...tem muita relação com a ideia da superioridade, né, do pensamento superior. E seguindo a ideia do darwinismo social, a gente entra com a ideia da eugenia...eugenia significa bem nascido, os europeus acreditavam que eles eram nascidos e pra poder fazer, né, a ideia do darwinismo social, da civilização...em algumas sociedades, por exemplo aconteceu isso no Brasil, ahn...propunham o branqueamento, né, o branqueamento das raças aqui, né, aqui no Brasil...ahn...pra fazer com o que o Brasil evolua tem que excluir, por exemplo, os negros. Então como é que se faz? Se faz a ideia do branqueamento, que é relações sexuais entre brancos e negros até que tudo fique...que todas as pessoas no Brasil fiquem brancas, né, são ideias assim, completamente assim contraditórias, né, pra aquele tempo, pra hoje, pra sempre.

E agora eu vou dar pra vocês só alguns exemplos de algumas guerras, né, de dominação imperialista no mundo. E agora eu vou dar pra vocês algumas ideias, alguns momentos de guerras imperialistas no mundo. Na China, por exemplo, a gente vai ter a Guerra do Ópio, 1838 a 1842, a Inglaterra queria abrir o mercado consumidor, abrir mercado, em geral, na China, mas ahn...os chineses não permitiam. Que que os ingleses fizeram? Eles começaram a vender ópio...ahn...vender ópio de maneira clandestina e ilegal pros chineses...pra viciá-los em ópio, pra força o governo chinês a abrir o mercado. Que que é o ópio? O ópio é o leite de papoula, uma planta...extraído da papoula, que dá um efeito...ahn...no sistema nervoso, então os chineses começaram a viciar em ópio e assim os ingleses começaram a ter uma abertura gradativa do mercado chinês. Isso vai resultar lá no Tratado de Nanquim, entre ingleses e chineses, que a China acabou abrindo seus mercados pra Inglaterra e com a condição também de que Hong Kong ficasse sob domínio inglês por muito tempo, e ficou sob domínio inglês até 1997, ou seja, a história é muito recente, né. Outros exemplos são lá a Guerra dos Bôeres, de 1889 na África do Sul, que seria uma disputa entre Inglaterra e Holanda pelas riquezas naturais da África do Sul como ouro, como diamante, né. Isso também lá pra frente vai resultar na dominação inglesa sobre a África do

Sul, que vai gera mais pra frente a ideia do apartheid, que é muito elaborada em relação ao que a gente falou do darwinismo social. O apartheid seria um regime de segregação racial onde os negros eles tinham que viver em...em locais isolados, não podiam ter relações com pessoas brancas, não podia ter casamento, não podia andar nas regiões dos brancos, né. Então é bem triste essa relação que acontece no Imperialismo. Uma outra...um último exemplo que eu dou aqui pra vocês é a Guerra dos Cipayos, né, a Guerra dos Cipayos na Índia, que os jovens indianos lá em 1857, eles começaram a reclamar do alistamento obrigatório do exército britânico, né, porque eles iam se alistar no...no exército britânico pra combater os próprios indianos que tavam ali lutando pela sua liberdade, né. Então assim, ce tem relações é...é...de conflito, o Imperialismo é feito de forma militar.

E pra encerrar eu quero dar uma dica pra vocês, eu tô deixando ali na descrição uma bibliografia bacana aí pra vocês que quiserem aprofundar um pouquinho mais sobre o Imperialismo, mas eu quero deixar uma dica de literatura que dá pra entender bem o Imperialismo através da literatura. Ces perceberam que a gente falou muito da presença inglesa nessas guerras? Que a Inglaterra ela teve presente na grande maioria das guerras imperialistas? Pois é, a literatura que eu quero indicar é esse livro aqui, “A volta ao mundo em 80 dias” do Júlio Verne, que foi escrito em 1873 aí pelo Júlio Verne, que é justamente a história de ahn...de uma pessoa, né, um rico, um burguês inglês chamado Phileas Fogg, né, e ele resolve dar uma volta ao mundo em 80 dias...ahn...porque ele tinha feito uma aposta com os companheiros de clube dele. Ele e o seu...seu...seu ajudante, né, é...mas por que que é interessante? Porque ele é um inglês, e ele passa na maioria das vezes em locais que são dominados pela Inglaterra, justamente que é porque ele tem mais...ahn...mais acesso, então é interessante demais você ler o Júlio Verne, porque você entende como é o Imperialismo inglês em cada região que o Phileas Fogg, que o personagem vai passando. Ele vai de barco, ele vai de trem, ele vai de balão, né, é interessante demais. Essa versão do livro que eu tenho aqui é uma versão pocket, né, que é...geralmente eu compro até bastante livro da versão pocket justamente porque é mais barato até e você acha bem aí nas livrarias...aquelas...aquelas estantes giratórias ce sempre acha, então eu tenho a versão pocket...é um livro tranquilo de ler, é fininho, né, livro de bolso, né, versão pocket é justamente pra isso. Eu comprei justamente pra entender um pouquinho mais de Imperialismo através da bibliografia.

Então é isso, pessoal, se vocês gostaram aqui da nossa pequena explicação sobre Imperialismo, sobre esse tema...ahn...curte, compartilha, se inscreva no canal, comenta aí o

que você achou sobre isso, não deixe de me seguir lá nas redes sociais, no Instagram e no Twitter pra gente trocar aquela ideia marota lá. Eu vou ficando por aqui, e a gente se vê no próximo vídeo. Foi um grande prazer. Tchau!

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DE VÍDEO - LITERATURA - AULA 5_ ROMANTISMO (INTRODUÇÃO)



literatura - Aula 5: Romantismo (introdução)

<https://www.youtube.com/watch?v=9I2wMm6ZFe4&list=PLf3WdQPlwNt79DL4yVrznhm0erqAPIg7Q>

- Uhum. Ah, é verdade. De novo? Né, Bovary? Mas que coisa...

Bom gurizada, aqui ó, já vou começar a aula, né, e ela tá me lembrando que na aula anterior lá no neoclassicismo eu comentei sobre O Uruguai, do Basílio da Gama, que é a luta dos índios, né, o confronto dos selvagens contra as tropas luso-espanholas. Eu falei luso-portuguesas...pô cara, dei uma de português. Não, tô brincando, né. Comunidade aí de Porto, Coimbra, Ilhas dos Açores, né, que tá visualizando o aulade.com.br e também aquele abraço pro pessoal de Omã, né, grande Omã continua visualizando aí. Gurizada, continua um frio

aqui em Porto Alegre...só pra vocês terem ideia....a água tá congelando. Olha só, que maravilha, ein. E vocês que tão aí, tão aonde? Tão na Bahia? Na Finlândia? No Japão? Como é que é que tá a temperatura aí? Tudo tranquilo? Então bora aqui, aquele calor humano comigo...bora, bora.

Então tá, hoje nós vamos trabalhar o Romantismo pessoal, Romantismo...que que nós precisamos saber desse período, dessa escola literária? Talvez a escola literária mais conhecida...ahn...mais cultuada da literatura brasileira. Bom, o romantismo, pessoal, tá diretamente ligado ao que? A sentimentos...os homens choram, sabe? Se ajoelham...”Ai o mundo dói, viver dói”, sabe como é que é? Então o Romantismo, pessoal, só pra nós não esquecermos, é a primeira escola literária já da era nacional brasileira, ok? Não esqueçam que literatura dos viajantes, Barroco e Arcadismo estão na era colonial. Agora nós vamos pra primeira fase, primeira escola, primeiro movimento da era nacional brasileira, certo?

Hoje eu vou fazer como vocês o quê? Uma introdução...pra aula não ser muito...muito longa, né, muito extensa...vou trabalhar alguns aspectos aqui do Romantismo com vocês, certo? Então bora lá ver então, século XIX...pessoal, os anos de 1800 no Brasil, tá? Não esqueçam pessoal que o Romantismo ele...a sua grande produção é na primeira metade do século XIX...vamos colocar até os anos de 1860, quando vão falecer os dois, três últimos grandes escritores do Romantismo e vai adentrar quem? O realismo, o período do realismo com o nosso Machado de Assis, mas isso é pra próxima aula. Então aqui no Romantismo, o que que nós precisamos saber? Em que contexto está inserido o Romantismo brasileiro? Bom, pessoal, de novo, assim como no período anterior, eu vou ter que falar na Revolução Francesa, só que aqui a influência é grande mesmo, pessoal. Por quê? A Revolução Francesa, ela com a ascensão da burguesia, depois...após a queda da Bastilha vai nos deixar um legado. Qual legado? Liberdade, igualdade e fraternidade. A liberdade do ser humano, a liberdade do indivíduo...agora tu pode caminhar com os teus próprios pés. A aristocracia vai perdendo o seu espaço e a burguesia vai ascendendo, isso é importante, né pessoal, porque agora nós, indivíduos, vamos ter a nossa opinião e essa opinião pode ser externada e na literatura os autores vão externar os seus sentimentos, as suas visões, as suas críticas de uma maneira que não havia ocorrido dentro da literatura brasileira. Então a Revolução Francesa, lá em 1789, é muito importante pra história e pra produção artística brasileira, certo?

Outro momento importante, aqui ó, é a chegada da Família real. 1808, tá diretamente ligada ao quê? À invasão das tropas napoleônicas lá na Europa, então a família real...quem?

Dom João VI, a sua esposa Carlota Joaquina, aquela que tinha um bigode, né, eles vêm pro Brasil com toda aquela nobreza. E mais um detalhe, né pessoal, sai de Minas Gerais o centro econômico e nós temos uma nova capital no Brasil: Rio de Janeiro, cidade imperial Petrópolis...a região serrana do Rio de Janeiro, ok? Então olha como o contexto mudou significativamente e isso vai influenciar na produção artística, certo?

E não podemos esquecer, um dos momentos importantes do século XIX é qual? A Independência do Brasil, 1822. Aqui pessoal, o professor Rodrigo, que está presente, inclusive, imagina a honra que eu tenho...o cara com quem eu tiro as dúvidas de história tá aqui comigo no estúdio.

Rodrigo: Feito!

Bah, sempre um prazer, né. A Independência do Brasil é um período bem discutível, tá pessoal? É um acontecimento por que? Porque houve mesmo a Independência do Brasil? Nós deixamos de ser colônia de Portugal? Porque antes os portugueses mandavam em nós de lá, lá da Europa, agora eles tão aqui. E aí, qual foi a mudança? Independência ou morte...agora não mandam mais em nós? Mas peraí cara, o sangue azul tá aqui, né? Mas isso quem vai esmiuçar pra vocês é o professor Rodrigo lá em história do Brasil, época imperial, certo?

Então este é o contexto que o Romantismo tá inserido. E aí pessoal, pensem sempre em liberdade...a partir de agora todos os períodos, começa pelo Romantismo até os dias atuais, os artistas...em especial na nossa área, a literatura, vão ter liberdade. Liberdade de expressão, liberdade pra escrever, liberdade pra fazer o que quiser. Isso aí é interessante pra nós, né pessoal?

Então tá, só pra vocês terem ideia eu peguei essa pintura do Delacroix, um grande pintor romântico, né, francês...se chama "Liberdade guiando o povo". Olha como já muda a pintura, a estética, pessoal. Uma mulher segurando a bandeira da França...nota que ela tá com os pulmão de fora aqui, né, no meio de uns homens mortos, outros com umas carabinas, né, e tal. O povo se...se...indo pra cima, né, se revolucionando, né, querendo uma mudança nessa sociedade. Uma obra significativa mesmo que compõe e que mostra bem como é essa sociedade a partir da Revolução Francesa. Mulheres pegando em armas, pessoal, olha que bacana isso, né?

Então tá, vamo em diante? Olha só, Declaração de direitos do homem e do cidadão...lá no final do século XVIII e isso vai influenciar no século XIX e até os dias atuais...vai aparecer

as liberdades, né? O documento que fala da liberdade do indivíduo, e eu tomei aqui a liberdade de pegar um trechinho importante que vai influenciar na produção literária. Olha o que diz aqui o artigo 11, pessoal: “A livre comunicação dos pensamentos e opiniões é um dos direitos mais preciosos do homem; todo o cidadão pode, portanto, falar, escrever e imprimir livremente”. Ou seja, tá diretamente ligado ao que? À literatura, né, isso agora é um direito que nós temos...bora aproveitar, certo?

Então seguindo...ahn...com esse contexto mudando, né, em ebulição, né, batendo de frente com aquele contexto retrógrado, conservados, nós vamos ter um valor...ou alguns valores diferentes que vai adentrar a vida de cada indivíduo, ok? Que valores são esses? Bom, um novo sentido de vida. Agora tu tem liberdade...tu vai pensar, tu vai visualizar essa vida de uma maneira diferente, né,tu vai pensar tu como indivíduo...ahn...o que que tu pode conquistar, qual é o teu legado, a tua família, tu pode te dedicar ao lazer...ahn...características que antes não eram permitidas, né pessoal. Outra coisa: livre iniciativa e competição, agora tu pode mostrar o que tu sabe, tu pode crescer, né, tu vai tomar uns tapas na cara de vez em quando também, mas é uma opção tua...tu vai dar o passo do jeito, da forma que tu quiser. Isso é importante, né. Extinção dos privilégios da nobreza...a nobreza, né, a aristocracia começa perder espaço, como eu disse, ascensão da burguesia...essa nova classe vai tomar, né, um espaço muito interessante na sociedade e obviamente a arte vai proporcionar o quê? Exatamente o que a burguesia está pensando...ela vai ir pro papel, no caso da literatura, conforme a visualização de cada, né, de cada setor e em especial da burguesia, certo? Fim das barreiras entre as classes, pessoal, essa parte é legal, porque antes era aristocracia, a nobreza, e o resto. Agora não, agora tem degrauzinho, né, um outro degrauzinho e tal...essas classes não têm uma diferenciação...um espaçamento muito grande entre elas, tá? Claro que os valores entre uma e outra ainda vão ser bem marcados, bem enraizados, mas não vai ter aquele...aquele buraco, aquele abismo entre uma e outra, ok? E pra fechar, um novo público leitor, pessoal, esse pessoal...ah...ah... essa sociedade burguesa é uma sociedade letrada, que estuda...muitos vão sair aqui da colônia, né, das Américas e vão estudar na Europa, e depois vai retornar pro Brasil o doutorzinho, né, com o Direito a formação de...de Letras, de administrador, de médico e tal, então vai expandir os conhecimentos do indivíduo e automaticamente esse indivíduo vai exigir mais, ele vai exigir. E nas artes o que que ele vai fazer? Através da leitura, né, através da leitura ele vai...ahn...expandir esse conhecimento e vai se identificar, ou não, é uma premissa que ele tem, né, ahn...ahn...enfim, com a obra em si

e com os autores da sua época, certo? Esses são os novos valores, valores importantes que nós carregamos até hoje.

Outra coisa, pessoal. Quais são as influências da Europa? Porque a gente não pode esquecer o seguinte, né pessoal, ainda é a visão do europeu, né, as características do europeu, só que agora é produzida por brasileiros e nessa terra, então vai ser aí uma lapidação...características da Europa e a visão do brasileiro e tu joga tudo isso dentro de uma panela...vai começar o Romantismo brasileiro, a literatura brasileira de verdade, nacional, ok? Que influências são essas? Bom, na aula anterior eu já tinha comentado sobre o Rousseau. O Rousseau tem a teoria do “bom selvagem”...quem é o “bom selvagem”? É aquele homem da terra, o homem que não tinha ainda sido corrompido, né, pelo europeu, pelo homem branco. Ou seja, enquanto ele não tiver ainda contato com outra sociedade ele é puro, só que a partir do momento que ele tem contato ele começa a pegar as características desse homem branco...as positivas, mas também as negativas, e aí começa a ter choques culturais fortes, né, e isso vai aparecer, obviamente, na produção artística literária dessa época, ok? Cara, perdoem aqui, eu não falo alemão, né, pra você que tá nos assistindo aí de Berlim, né, Munique, né, pô, põe uma crítica aí se eu falar errado aqui. Movimento Sturm und drang, não sei se é assim que se fala, tá? Põe uma crítica, tá? Tempestade ou ímpeto, pessoal, valorizando o nacional, ou seja, valorizando as raízes, a sua terra e o Romantismo tá diretamente ligado ao quê? Ao nacionalismo, tá? Então essa...essa característica vai influenciar muito nos nossos escritores aqui, ok? Ó, outra influência importante é a publicação do livro Os sofrimentos do jovem Werther...todo mundo já ouviu falar, espero que vocês leiam essa grande obra, né, do Goethe, que mostra já uma revolução muito importante, pessoal. Que revolução é essa? Como o ser humano agora tem o direito de pensar, caminhar com seus próprios pés, tentar entender seus sentimentos, fazer as suas próprias escolhas...Os sentimentos do jovem Werther é um bom exemplo de que o amor ele...ele pula qualquer barreira, ele passa por qualquer ahh...ahh...qualquer tipo de conservadorismo que existia até então. Se eu gosto de uma pessoa, eu quero ficar com ela, não são mais meus pais ou alguém que vai decidir com quem que eu vou ficar. Então cara, Os sentimentos do jovem Werther mostra o quê? Um casal apaixonado e que se eles não podem ficar juntos...isso já tinha aparecido lá no Romeu e Julieta, lembram? Os Montéquio, os Capuleto, só que lá ainda tinha o patriarcalismo, né pessoa? Agora aqui no Romantismo...não! Se eu não puder ficar com a paixão da minha vida eu vou morrer, não tem mais motivo...o que que eu vou fazer nessa vida? É ela que eu quero, ou no caso das meninas, é ele que eu quero. Então se eu não puder ficar com quem eu quero, a morte é o que eu vou

buscar. Olha, influenciou muito a Europa, esse livro foi proibido alguns anos lá porque criou um índice de suicídio gigantesco. Por quê? Porque simplesmente as pessoas estavam com os sentimentos aflorados, né, seguindo eles a fio. E essa obra influenciou muito os autores aqui no Brasil, certo? Então essas são as influências do Romantismo, tá?

Outra coisa. Quais são as principais características? Aquelas que nós frequentemente achamos nos autores e respectivamente nas suas obras? Bom pessoal, dentre aquelas que mais aparecem, estão aqui na tvzinha pra nós. Individualismo, subjetivismo ou subjetividade. Ou indivíduo, né, como eu falei agora vai andar com seus próprios pés e subjetividade é o que eu penso, o que eu sinto e agora isso tem valor pra mim, ok? Olha que bacana, cara, tu ter o direito de falar, de expressar, externar o que tu quer. Cara, isso é matéria-prima pros românticos...imagina aqueles caras que tão só tentando entender os sentimentos...é perfeito, é o meu sentimento. Isso é legal, isso é bacana. Sentimentalismo, né, não pode falar. Culto à natureza. Pessoal, aqui tem uma pequena diferença da natureza dos árcades, do período anterior. Por quê? Porque aquela natureza era onde...dos árcades...era onde o pastor estava inserido. Pra quê? Pra viver em harmonia...lembram? O bucolismo lá do Arcadismo é isso aí, agora essa natureza dos românticos é a natureza que ele está inserido, é a natureza, é a sua terra, é a sua raiz...aqui é meu mundo. Tipo, o Brasil é o mais bonito, tem as melhores cachoeiras, os campos, as flores, o ar do Brasil é diferente. Então essa natureza tem que ser cultuada porque eu vivo nela, ela faz parte do meu cotidiano. É a mais bela, a mais linda, influencia todas as minhas ações, ok? Culto à...opa, perdão, formas de evasão, pessoal, sonhar, imaginar significa o quê? Sair um pouco da realidade, porque antes tu vivia naquela realidade que te oprimia, então agora eu tenho o direito de viajar, sair desse mundo. E essa evasão ela pode ser pra infância ou ela pode ser histórica, mas como nós não temos ainda uma história propriamente dita pros românticos lapidarem...ahn...há um retorno ao medievalismo, ou seja, aquelas cantigas, aquelas paixões da idade Média vão ser trazidas...ahn...pra produção romântica, ok? Ahn...o culto ao passado tá diretamente ligado a isso, tá? Quem é o nosso herói? Que passado é esse? Qual é a história do Brasil? E aí nós vamos começar, né, a desmembrar essas informações e os poetas vão usar isso com maestria. Nós já vamos ver isso daqui a pouquinho, certo? E liberdade artística, pra mim aqui tá a grande característica, né pessoal. A partir do momento que tu tem liberdade pra escrever o que tu quer, a escrever o que tu sente...isso torna a literatura mais verdadeira, né pessoal, não seguem padrões. Mas isso também é discutível...tem um tipo de forma europeia ainda que é seguida aqui no Brasil, mas pelo menos tu tem liberdade pra escrever e pensar e com isso colocar no papel na forma

que tu quer. Já acho isso um grande passo pra futura liberdade a mais, mais lapidada, né, mais digerida que nós vamos ter até os dias atuais. O Romantismo é o primeiro período que faz isso na história. Então pessoal, basicamente essas são as características do Romantismo.

Entretanto, tem duas delas que a gente tem que se apegar mesmo, que é o seguinte: ideia de nacionalismo...identidade...pela primeira vez na história da literatura um período vai...ahn...vai querer mostrar essa paixão, esse apego que nós temos pela terra, o famoso nacionalismo. Aqui eu nasci. aqui está minha família, meu filhos, meus amigos...ahn..onde eu trabalho, enfim cara, aqui tão as minhas tradições, o meu legado, toda a minha história. Ou seja, gostar da tua terra é o mínimo que tu tem que fazer. O mínimo, cara, porque aqui é onde tu vive, onde tu nasceu e onde tu vai morrer, então tudo gira em torno dessa terra, dessa ideia de nacionalismo. Pessoal, essa ideia de nacionalismo ela é tão grande que a partir do século XIX vai ser criado, por exemplo, o hino nacional brasileiro, só pra vocês terem ideia, uma bandeira do Brasil. Agora no século XIX também vai aparecer uma figura muito importante chamado Carlos Gomes, o primeiro compositor erudito da história. Ele compôs uma música muito conhecida chamada...vocês sabem? Me diz aí...O guarani. Todo mundo sabe e conhece essa música, né, durante a semana das 19h às 20h no Brasil, o que que aparece? O que que toca nas rádios? O que que passa pra nós? A voz do Brasil...lembra aquela música? Tãñãñã...tá ligado essa? É O guarani do Carlos Gomes, ok? E outra coisa, pessoal, pra fechar aqui o nosso Romantismo...as características iniciais. Pessoal, indianismo. É só tu pensar que a partir do momento que tu quer falar dessa terra, alguém tem que nos representar. E nós não tivemos Idade Média, aqueles cavaleiros que as...que as damas suspiravam com as suas armaduras, com o seu belo cavalo....um grande guerreiro, nós não tivemos. Então nós precisávamos de um herói. Quem é o nosso herói? Quem é que representa essa terra? O índio! O peladão, aquele que só se deu mal desde 1500 quando o maldito europeu colonizador colocou o seu pé aqui. Ele virou a representação do herói brasileiro, ou seja, ele vai nos representar. Então o índio frequentemente vai aparecer na obra como o nosso herói. Agora tem um detalhe, pessoal, esse índio...ele não...infelizmente não vai ser o índio verdadeiro. Por quê? Porque ele é o índio ainda com a visão do europeu. O que que significa isso? Vai ser um índio que até mesmo esteticamente vai lembrar um caucasiano...nariz fino, né. sarado, grandão...quase um alemão de olho azul, quase um professor de história, né, cara, não é o nosso índio, mas já é o primeiro passo pra nós...ahn...termos ideia da representação do homem local, do “bom selvagem” como diz Jean Jacques Rousseau, certo pessoal? Basicamente, o Romantismo é isso...essas são as suas influências, né, as suas características. Na próxima aula

nós vamos trabalhar a poesia, né, a poesia romântica, as fases onde são inseridos os autores, e aí nós vamos esmiuçar essas características que trabalhamos nesta aula, certo pessoal? Então eu espero que vocês tenham curtido, e até a próxima no aulade.com.br. Tchau!

APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DE VÍDEO - O BRASIL NA I GUERRA MUNDIAL - EDUARDO BUENO



#HistóriadoBrasil #EduardoBueno

O BRASIL NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL - EDUARDO BUENO

https://www.youtube.com/watch?v=QNhYixGMq8U&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPyE-t&index=30

Cara, as pessoas continuam enviando sugestões e palpites pra esse canal. Especialmente aqueles que ficam pedindo “Faz isso, faz aquilo”, só que pedem sem mandar o equivalente numérico, sem mandar o dinheiro, sem mandar a remuneração. Então não adianta ficar pedindo episódio sem pagar! Então as pessoas vão lá “Faz o Brasil na guerra, faz o Brasil na guerra, faz o Brasil na guerra, faz o Brasil na guerra”. Tá bom, eu vou fazer o Brasil na guerra, mas é diferente do que tu tá pensando.

(INTRODUÇÃO DO CANAL)

“Torpedo, torpedo, venha participar da Batalha das Toninhas!”.

Cara, tu tá querendo saber como é que foi a participação do Brasil na guerra, né? Tudo bem, então eu vou te contar como é que foi a participação do Brasil na guerra. Começou com os submarinos alemães torpedeando navios brasileiros, e aí o Brasil encheu o saco de tanto ser

torpedeado e entrou na guerra. Isso tu já sabe, né? Não cara, tu não sabe! Porque tu sabe a história dos torpedeamentos que levaram o Brasil a entrar na II Guerra, e eu tô falando da I Guerra, mané, da I Guerra. Então eu só faço o que eu quero, e o que eu vou fazer aqui agora é a história do Brasil na I Guerra Mundial. Tu sabe como foi? Beirou ao vexame ... (risos).

Começou assim, a Guerra começou em 14 e o Brasil se fez de morto, né. “Não é comigo, não é comigo”. Aí a Guerra foi avançando e o Brasil...e os Estados Unidos, os dois se fazendo de morto “Não é comigo, não é comigo”. Só que daí em abril de 1917, embora o Brasil se mantivesse neutro, o...a Alemanha torpedeou um navio brasileiro, o Paraná, no Canal da Mancha. Blu blu blu blu. Afundou, morreu um monte de gente, tragédia, e aí o Brasil declarou o seu estado...início do seu...não, rompeu relações diplomáticas com o Império Alemão, aí em maio, né, foi um navio chamado Tijuca afundado em Brest, na frente do porto de Brest na França. Blu blu blu blu. Aí o Brasil...ahn...ahn...além de romper relações ameaçou a Alemanha: “Olha, a próxima vez...” (risos). Aí em outubro...aí teve vários outros navios até que em outubro...20 de outubro afundaram outro navio, o navio Macau, perto do estreito de Gibraltar na Espanha, aí foi um protesto enorme nas ruas do Rio de Janeiro, todo mundo “Guerra! Guerra! Guerra!”, e o Brasil tinha mais é que entrar na Guerra mesmo, porque realmente...daí a Alemanha já tava abusando.

E aí, no dia 26 de outubro de 1917, o Wenceslau Braz se reuniu com a maior mentalidade da nação. A maior mentalidade da nação, quem era? O Ruy Barbosa. E mais o Nilo Peçanha, que era o vice, e que seria...ahn...presidente do Brasil a seguir, né, se reuniram no Palácio do Catete, depois se reuniram também em Petrópolis, e aí declararam guerra à Alemanha. Mesmo tendo declarado guerra à Alemanha, continuaram meio que se fazendo de morto e o...o Ministro do Interior...ahn...não, primeiro o Ministro do interior era o Lauro Müller, né, que era um germanófilo, Lauro Müller dali de Santa Catarina”tri alemão” e suspeito de...de gostar e de ter um vínculo assim...sempre piscando olho...bom, aí o cara se demitiu, né. O Lauro Müller é bem representava realmente o que de fato existia no Brasil...um monte de germanófilo, um monte de alemães que viviam especialmente em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul e que justamente por isso eram aliados, eram favoráveis à Alemanha. Né, o sul sempre enchendo o saco...sempre enchendo o saco e sempre com essa coisa meio germanófila, né.

Então o Brasil disse que não ia enviar tropas pra participar do conflito porque...ahn...bom, o exército brasileiro estava mal preparado e precisava manter contingentes

no Brasil, justamente pra que se houvesse um levante dos germanófilos do sul eles estivessem prontos para combatê-los, mas aí o Comando Geral da Guerra, especialmente a Inglaterra, né, que já tinha dado uma...dividido uma bola lá com os Estados Unidos disse “Ô, vem cá meu, vocês não vão entrar na Guerra contra esse Império do mal?”. No caso a Alemanha, e aí disse pro Brasil “Não, não, não meu chapa, tu vai entrar...tu vai entrar na Guerra”. E aí então o Brasil de fato enviou um contingente de médicos pra França, e esses médicos foram legais...trabalharam bem e tal barara, enviou também um grupo de aviadores pra França...eles não saíram do chão. E enviou...agora que chegamos na...na...na parte boa...enviou um...um...uma flotilha, enviou uma esquadra naval para Dakar...foi mandado pelo Comando Geral que fosse pra Dakar no Senegal, aí os caras saíram...foram indo pra Dakar, chegaram em Dakar, desembarcaram em Dakar, pegaram gripe espanhola (risos). É cara, metade da tripulação morreu já em Dakar...teve navios que ficaram vazios porque os caras a primeira coisa que eles pegaram foi gripe, né. Aí ficaram um tempo ali em Dakar...barara...e já fizeram umas coisas errado ali que não era pra fazer e o Comando Britânico disse “Vão lá pra Gibraltar! Não encham o saco...saíam de Dakar e vão pra Gibraltar, mas cuidado que no meio tem...ahn...ahn...ahn...ahn...submarinos alemães”. U-boats, né, como chamavam os submarinos.

Aí a frota, né, comandado pelo Pedro Fernandes de Frontin, que era o Almirante - paaam (imita som de navio - saiu de Dakar em direção ao Estreito de Gibraltar em novembro de 1918 e aí viram um telescópio “Olha aí um telescópio”...”Abram fogo! Abram fogo”...”tu tutu tu tu” (imita torpedo) torpedo “tu tutu tutu”, aí cara, atingiram os submarinos alemães, tanto é que que o mar ficou cheio de sangue, né, os submarinos alemães naquela época sangravam com muita facilidade e assim foram atingidos...tingiram o mar. Atingidos tingiram...gostei do jogo verbal. Atingidos tingiram o mar...o Oceano Atlântico de vermelho...aquela enorme mancha vermelha, aí começaram a boiar, né, mortos atingidos de barriga pra cima. Cara, era um cardume de toninhas. Toninhas é uma espécie de golfinho...é cara, os caras confundiram um cardume de toninhas com submarinos alemães e mataram os submarinos alemães. Pena que eram toninhas e...e aí esse episódio entrou para a história com o nome de Batalha das Toninhas. E se tu acha que eu tô brincando, tu vai lá e pesquisa sobre a Batalha das Toninhas pra tu ver como ela existiu em novembro de 1918.

Aí no dia 10 de novembro de 1918, depois de matar os submarinos alemães, né, o...eles chegaram em Gibraltar. No dia seguinte acabou a Guerra (risos). No dia seguinte

acabou a Guerra, e o Brasil colaborou matando um monte de submarino alemão. Então cara, se tu quer saber como é que foi a participação do Brasil na Guerra, te contém, mané. É isso aí, se tu quiser saber sobre a participação do Brasil na II Guerra, que é bem melhor do que essa, paga que eu conto. Se não pagar, não conto, e com isso acaba o episódio do Brasil na I Guerra.

O que você acaba de ver está repleto de generalizações e simplificações, mas o quadro geral era esse aí mesmo. Agora se você quiser como as coisas de fato foram...ah, então você vai ter que ler.

APÊNDICE I - EVENTO YOUTUBE EDU - 1º PARTE



YouTube Edu - Episódio 1

<https://www.youtube.com/watch?v=xLjge65-Qkg>

Introdução: Eu acho que aprender pela internet tá sendo, hoje, um ponto de mudança de paradigma. Por muito tempo, a maioria dos estudantes achou, acreditou que a internet era só um pequeno complemento no final do estudo e hoje eles tão tendo a plena certeza de que nós podemos ser a principal fonte de informação e de conteúdo.

Ivys Urquiza: Já caiu a ficha? Ces já viram onde é que vocês tão? Ces têm ideia do percentual que nós representamos da classe de professores do nosso país? Pessoal, pela primeira vez a gente tá tendo a oportunidade de entregar o mesmo produto educacional pro cara que mora no Jardins, em São Paulo, e pro cara que mora no Xingu.

Flávia Goulart: Eu acho que essa é a beleza do Youtube Edu, ela permite que professores bons saiam da sua sala de aula, né, e possam ir pro mundo, possam alcançar qualquer aluno em qualquer parte do Brasil.

Gabriella Gian: Essa é a primeira vez que o Youtube Edu abre as portas pra um evento como esse, porque a gente acredita que vocês fazem parte desse novo formato da educação. Esse formato questionador, esse formato curioso e acredita que a tecnologia tem que fazer parte desse dia a dia.

Ivys Urquiza: É uma mudança de paradigma. Pela primeira vez no nosso país a gente tem essa oportunidade, e vocês tão na ponta escrevendo isso, vocês de fato são sementes de uma mudança que tá acontecendo.

Quem é seu público? Quem é seu público? Seu público não é quarenta pessoas numa sala de aula, seu público é o mundo agora, então você tem que saber falar o mais amplo possível pra atingir esse pessoal

Fabiana Froes: Então pensem que tipo de público vocês queiram atingir e também o tipo de linguagem que vocês vão passar pra esse público. Tudo isso que vocês vão pensar é muito pro tipo de projeto que vocês vão desenvolver, pro tipo de canal que vocês podem desenvolver. Então se você vai falar pra adolescente, fala pra adolescente. Se você vai fazer uma coisa, sei lá, pra curso de direito, seja sério e fale de curso de direito.

Paulo Valim: Então é interessante que você saiba com quem você tá falando. Eu falo pra vocês...que vão fazer o ENEM, ensino médio, que tão ali prestando o vestibular, então eu tenho uma linguagem própria pra falar com esses alunos.

Ivys Urquiza: E eles são fiéis. Se ele souber que em você ele encontra o que ele precisa, ele volta lá e mais: ele traz os amigos. Eu tenho certeza absoluta que o segundo milhar é bem mais simples que o primeiro...o décimo milhar corre muito rápido.

O que é a métrica mais importante, e memorizem isso...isso é um mantra...você vai ficar lá “watch time, watch time, watch time”. (RISOS) Tempo de permanência nos vídeos, essa é a métrica. O mais importante hoje é o tempo que a plateia te assiste, é quanto tempo você e o seu canal são capazes de manter o público ligado nos seus vídeos. Se você tem 100 vídeos e o cara te assiste 30 segundos e eu tenho um vídeo só que ele passou 10 horas, desculpa aí cara, na hora que procurarem o tema é o meu vídeo que aparece ali em cima. E aí você tem que criar recursos pra aumentar esse tempo e a gente tem uns recursos legais pra isso. Por exemplo, playlists...playlist é um negócio super simples, que você monta com dois clicks pra cada vídeo e você pode concatenar um vídeo atrás do outros...canais de educação

falham quando pensam em ser canais de aulas, canais de educação têm que pensar em serem canais de cursos...têm que ter sequência. Então o que acontece é que você tem que escolher até o nome que você vai dar pro vídeo, porque lembra que você tá competindo num shopping que tem milhões de lojas, e aí você vai passando e a tua loja tem que tá bem clara pro teu cliente, ele tem que bater o olho e saber o que que você tem tá oferecendo, se não ele não te vê, ele não te escuta. Então escolha bem o título, mas não é só o título...a descrição conta. Quando aquelas miniaturazinhas você tem duas linhas pra falar do teu vídeo, se aquelas duas linhas têm palavras-chave que associa ao que tá no vídeo, o cara bate o olho e diz “Pô, é isso que eu quero” e clica. E coloquem capas que sejam bonitas, porque o efeito visual ainda é muito forte na tela, então o cara buscou lá e tem muitos vídeos bons e tem um vídeo bom e bonito...o vídeo bom e bonito conta. Ele tem que ser bom, mas ser bonito ajuda.

Paulo Valim: Então é interessante...é...só num ponto reforçar isso...é...tenta manter uma...uma identidade, que eles saibam que é o nosso material, que é o material que você tá produzindo.

Ivys Urquiza: Nas anotações você conduz de um vídeo pro outro. O cara gostou e quer saber mais, aí ele não sabe onde tá no seu canal...aí você diz “ó, clica aqui, vai lá”, aí você ganha nova audiência.

Paulo Valim: É...não é de qualquer jeito que a gente tem que usar as anotações....não é em qualquer momento. A gente tem que saber um lugar específico. Eu vou deixar solto no vídeo tampando minha cara? Tampando uma fórmula no quadro? Não! Então tem um lugar, tem um tempo...tem um time. Quanto tempo essa interação vai aparecer...

Ivys Urquiza: E taggear? Tags são aquelas palavrinhas que você bota embaixo, então escolhe palavras-chaves associadas ao que você tá falando, mas lembra de conhecer a sua audiência...não é como você procuraria, é como sua audiência procuraria.

APÊNDICE J - EVENTO YOUTUBE EDU - 2º PARTE



YouTube Edu - Episódio 2

<https://www.youtube.com/watch?v=3I4eL7cBCuc>

Pamela Brandão: Minha relação com o audiovisual, com o Youtube em si, né, ela começou por uma ação, na verdade, de assistência, de ajuda. Eu dava aula pra um cursinho que tinha alunos muito carentes e falei pro meu noivo, falei assim ó: “Vamo gravar? Vamo gravar essas aulas? E disponibilizar pra eles eles...”.

Ivys Urquiza: E eles começaram a perguntar “Professor, por que que você não grava vídeo? Professor, por que que você não grava vídeo?” E aí eu gravei e ficou um lixo, e o alunos disseram que tava ótimo.

Nerckie: Primeira coisa...é...que vocês peguem um papel, uma caneta e comecem a elaborar um roteiro. Não existe, ou pelo menos não deveria existir, nenhum tipo de produção sem roteiro. O roteiro é a mola mestre de qualquer tipo de produção. E como que você elabora o roteiro educacional? Primeira coisa é você pensar nos conteúdos do mais simples ao mais complexo. Se possível, elabore um ciclo básico.

Treinem a sua narração. Pessoal, não existe nada pior do que você chegar num canal e observar a pessoa falar assim “Uma boa narração deve colocar em destaque os elementos mais...”. Imagina eu aqui fazendo a apresentação pra vocês...então é importante que vocês destaquem alguns elementos...é...durante a fala que vocês entre aspas coloquem negritos e itálicos, justamente pra criar uma interação...uma empatia maior.

Rafael Procopio: Tipos de câmera...tem vários tipos de câmera diferente. Aquelas camerazinhas pequenininhas que você pode gravar tranquilamente...ela não entrega uma qualidade excepcional, mas já entrega uma qualidade legal...ce consegue gravar em HD ou full HD. E tem outro tipo de câmera...a câmera DSLR. Pra essas câmeras do tipo DSLR têm vários tipos de lente. As melhores lentes são aquelas que têm o F-stop maior, que é a abertura da lente, quanto mais aberta a lente é, mais luz entra na lente, mais clara é a imagem.

Nerckie: Se vocês utilizarem, por exemplo, aquelas lentes claras que ele chegou a falar pra vocês...é...você consegue simular um ambiente extremamente iluminado, você se sente, assim, quase que na superfície solar...exagerando um pouco. Mas vamos supor que vocês consigam, de alguma maneira, três fontes de luz e iluminação. Essas três fontes elas podem ser dispostas da seguinte forma: o back-light, que é a luz traseira, que é uma luz de reforço, você tem o fill-light, que é uma luz de preenchimento e você tem o key-light, que é uma luz chave.

Rafael Procopio: O áudio eu só fui descobrir isso, na verdade, um pouquinho mais tarde. Ele equivale a mais ou menos de 50% a 60% da qualidade do seu vídeo. É sempre muito importante você colocar tudo no modo manual, né, quando você for gravar... o quanto você puder. Pra quem tá começando, né, você vai adquirir experiência com o tempo. Uma coisa que melhora muito a qualidade do áudio, pra quem não tem um microfone de lapela, por exemplo, é você pegar o headphone do seu celular, pluga no seu celular, no smartphone, lá tem um gravador de áudio...você bota aquele headphone aqui e pronto...aquilo serve...o seu áudio vai ficar infinitamente melhor do que o da câmera, você pode ter certeza.

Nerckie: O *call to action* é a forma de você solicitar uma ação do seu público de uma maneira explícita, preferencialmente no começo do seu vídeo. É o famoso "Inscreva-se", "Favorite", "dê joinha" e "compartilhe nas redes sociais". Por que que essa tétrede é importante? Porque é a partir dessa construção que o seu canal vai crescer. Quando você fala "inscreva-se no meu canal", você vai fazer com que os seus usuários realmente façam parte,

que eles possam ter acesso aos conteúdos que vocês estão desenvolvendo. A segunda coisa depois do “inscreva-se”, preferencialmente vocês podem colocar o “favorite”, né, por que “favorite”? Porque é uma forma de sempre você ter aquele mesmo usuário de volta ao seu canal. “Dê joinha”. Por que “joinha”? Porque quando você coloca “joinha” no vídeo, você está fazendo com que o seu vídeo tenha uma impressão positiva. E a quarta e última coisa é justamente as redes sociais. Então o que que é importante? Que você faça parte também desse reforço de marca nas redes sociais. Não basta que você seja lembrado apenas como produtor de conteúdo que eventualmente produz uma vídeo-aula de matemática, ou de química, ou de qualquer outra matéria. Você tem que ser, além de tudo isso, uma marca, ou seja, você tem que ser lembrado...é...de forma mais onipresente possível.

APÊNDICE L - EVENTO YOUTUBE EDU - 3º PARTE



<https://www.youtube.com/watch?v=XPJApj15n4Y>

Homem 1: O que você quer aprender tem na internet hoje. Se você tiver força de vontade, se você tiver dedicação, o conteúdo que você quiser hoje você tem acesso.

Mulher 1: A gente tem expectativa hoje de que todo aluno no Brasil possa ter acesso aos melhores professores do Brasil.

Homem 2: É interessante porque no inconsciente de todos surge uma palavra, assim...a palavra é revolução.

Nerckie: Tem uma coisa que tem que ser também um mantra pra vocês... que, assim, não existe esse termo no youtube, mas ele...é...existe dentro do ramo...é...educacional, que é o CPA. Você pensar nos conteúdos do mais simples ao mais complexo...é...depois de pormenorizar todos os elementos, você vai realmente criar um rascunho de aula. Por que é

importante você fazer isso? Justamente pra evitar qualquer tipo de...entre aspas...”pulada de conteúdo”. E se vocês criam um material que não é coeso, você vai perceber isso e pior...o aluno de vocês vai perceber isso. Se vocês eventualmente fazem uma inversão muito grande, você acaba tendo um feedback negativo.

Paulo Valim: Nós que somos produtores de conteúdo, nós temos que focar não só na produção de conteúdo, mas também na forma de entrega desse conteúdo. Então primeiro, é...o seu conteúdo é compartilhável? A utilidade pra qual foco dele? Vou...o aluno vai compartilhar por que ele vai fazer o ENEM? Por que ele vai ter um vestibular? Por que aquilo sanou uma dúvida dele que ele há muito tempo não sabia? “Pô, essa cara ensinou de um jeito que é diferente do que eu tinha visto”. Segundo, o seu conteúdo tem algum elemento que fale diretamente com a audiência? Você consegue interagir com o seu público? Você consegue criar um diálogo com ele? Fazer com que...como se fosse uma aula particular? Depois, consistente, né, o que que é consistente? É se o seu canal ele tem alguns elementos que são recorrentes, que quando o aluno acessa ele sabe que é você. Tanto o formato, tanto os horários...uma certa regularidade nas postagens. Depois...é sustentável? Aquilo que você quer fazer, a sua ideia...você consegue fazer mais vezes? Isso é, sustentar aquilo no seu canal? Tá? Então...o seu formato, o próprio formato que você faz é sustentável? Acessível? Seu vídeo é acessível? Como assim...o seu canal é acessível? O conteúdo do seu canal é acessível? O aluno quando ele entra... eu pesquei um aluno ali do nada, ele tá procurando um conteúdo...ele caiu na aula de ácidos, só que ácidos precisa de mais duas, três aulas antes ali pra ele se situar no que tá acontecendo. Ele vai conseguir chegar nessas outras aulas? Ele vai conseguir acompanhar o seu raciocínio? Então essa é a questão de acessibilidade...ele consegue tomar o raciocínio e seguir com você aquilo que você pretende mostrar pra ele? E por último, o seu conteúdo é inspiracional? Né, ou seja, você...é aquilo que a gente falou lá no começo, né, por que que os alunos vão compartilhar? Por que que eles voltariam aqui pra assistir o seu canal, né? Elas vão querer inscrever no seu canal? Pra seguir...pra pegar as atualizações, pra saber o que tá acontecendo...as aulas novas, tá certo? Obrigado! (APLAUSOS)

Eu acho que a internet...é...fornece vários aspectos de uma mesma coisa, né. E eu acho que se você souber filtrar isso, ou através de uma ferramenta, né, como o Youtube Edu faz isso pra gente, eu acho isso fantástico.

Ivys Urquiza: Ninguém faz nada grandioso sozinho, então quanto mais conexões e quanto mais alinhadas estão essas conexões, mais chances de as coisas terem resultados positivos. Então aqui a gente tá tendo conexão, orientação e alinhamento.

Nerckie: Então a possibilidade de ter um grupo...é...pequeno no início...pra que a gente possa fomentar esse desenvolvimento pra mim é crucial.

Gabriella Gian: É super curioso, porque às vezes você pensa que vai ser útil pro consumidor final, pro aluno, mas pro professor se modernizar...se reinventar e conseguir se expressar de uma diferente forma, é incrível pra eles e responde a uma necessidade muito grande que eles têm.

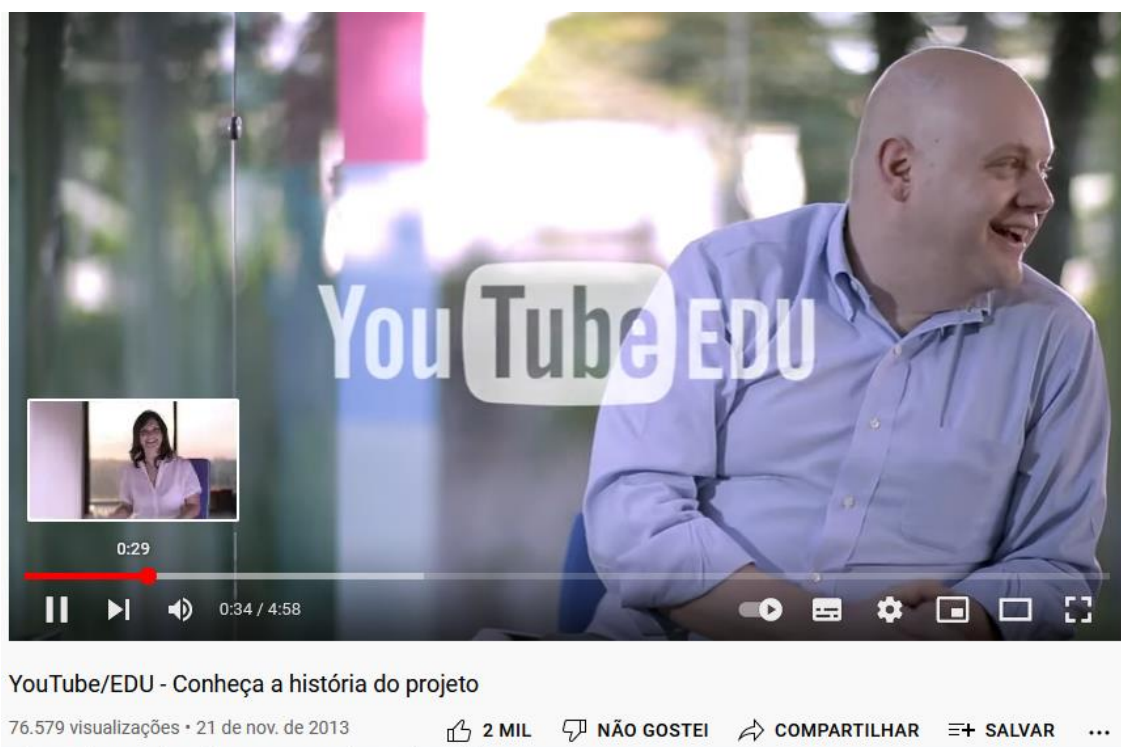
Rafael Procopio: Então a minha expectativa com o Youtube Edu é que as pessoas conheçam e que isso alavanque cada vez mais a qualidade do ensino no nosso país.

Roberto Zander: É...se você...é...é de uma família que não tem condições, se você mora muito longe e não tem um professor perto, você não vai ter uma boa educação e ponto. Ponto não. Agora não é mais ponto. Agora se você tiver uma internet você vai ter o Youtube Edu e você vai achar um dos melhores professores de física de Maceió, que tá aqui, você vai achar um dos melhores professores de matemática de Santa Catarina, que tá aqui, e não importa onde você esteja, você vai poder assistir esses melhores.

Flávia Goulart: E a gente acredita muito na tecnologia, na inovação como uma maneira de melhorar a educação no Brasil, e aí é assim que se consegue democratizar a educação de alta qualidade.

Ivys Urquiza: Quando eu vejo o que tem pra frente pra conquistar, eu só fico mais entusiasmado, porque todo mundo que tá começando hoje tá no começo de tudo, então tá aberto pra todo mundo. Todo mundo que tá aqui vai ser multiplicador...a gente vai ter outros eventos como esse que esses que tão sentados vão tá em pé.

APÊNDICE M - TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO: “YOUTUBE/EDU - CONHEÇA A HISTÓRIA DO PROJETO”



<https://www.youtube.com/watch?v=YdpWbofz8T0>

Denis Mizne (Diretor Executivo da Fundação Lemann):

“O futuro da educação tem que ser o futuro do engajamento, das crianças quererem ir cada vez mais longe, que elas possam percorrer o seu caminho. Eu acho que tem muita coisa que precisa ser feita para esse futuro chegar, mas eu acho que ele está muito mais ao alcance da mão hoje, do que ele jamais esteve”.

Lauren Pachaly (Gerente de Marketing Google):

“Então, quando a gente olhou para a educação e decidiu o Youtube como plataforma, a gente tinha quatro grandes pré-requisitos: entregar um conteúdo gratuito, de alta qualidade, curado e organizado”.

Denis Mizne (Diretor Executivo da Fundação Lemann):

“Cada vez mais as pessoas levam os seus conteúdos para o Youtube né. Então, a gente ficou pensando como é que pode ser uma plataforma de mão dupla? Quer dizer, que por um lado seja possível disponibilizar conteúdo de alta qualidade, ajudar as pessoas a navegar num mundo de tanta oferta, e de outro lado criar um local onde aquelas pessoas, professores ou não professores, possam produzir conteúdo e disponibilizar para o Brasil inteiro”.

João Luís de Almeida Machado (Coordenador da Curadoria):

“Nós nos reunimos desde de agosto desse ano para que essa equipe de curadores juntamente com a fundação e com o Google e o Youtube, pudesse definir uma base de avaliação, de análise desses vídeos”.

Adriana Cohen (Coordenadora Executiva):

“A única determinante para se um vídeo ia entrar ou não na plataforma era a questão do conteúdo”.

Aline Nieba Soares (Estudante que sonha cursar Biologia):

“Você não precisa ir tão longe pra conseguir aprender, se você quiser, você vai aprender dentro da sua casa, porque a informação está próxima, você só tem que buscar”.

Paulo César Campos (Professor da Escola Municipal Angela Cury Zákia):

“Eu acredito que quanto mais linguagens você traz para a sala de aula, *[quanto mais]* linguagens diferenciadas você traz para a sala de aula, cativa mais o seu aluno, leva ele à busca da construção do seu conhecimento né, ele construindo o seu próprio conhecimento”.

Marcelo Knobel (Coordenador da Curadoria):

“A ideia principal é aproveitar essa característica única que a internet tem, que é a diversidade de informações. Então, você tem aulas de diferentes tipos, aulas usando um tablet, aulas usando uma lousa, aula usando animações. O que eu aprendi de fundamental é que cada um tem uma visão diferente, cada um vai seguir a sua trilha, vai seguir o seu caminho de como aprender melhor”.

Daniela Caldeirinha (Coordenadora de projetos da Fundação Lemann):

“E eu acho que é aí que a tecnologia traz mesmo um ganho muito grande para a gente, mesmo quando a gente pensa nela dentro de escola né. Então, pô que legal se um professor puder usar o vídeo de um outro professor porque ele acha que aquela linguagem chega mais perto do seu aluno”.

Cesário Medeiros Júnior [Nerckie] (Professor do Canal Vestibulandia):

“Tanto é que eu imaginava que quem iria acessar o meu canal no primeiro momento iriam ser pessoas curiosas em matemática, mas eu não sabia que isso iria permitir a longo prazo a transformação de uma série de vidas”.

Vinicius Signorelli (Curador de Física):

“O meu sucesso como professor, não tenho nenhuma dúvida disso, está associado ao meu entusiasmo com o próprio conhecimento”.

Rafael Procópio (Professor do Canal MatemáticaRio):

“Então, eu quero que todo mundo goste da matemática do mesmo jeito que eu gosto”.

Cesário Medeiros Júnior [Nerckie] (Professor do Canal Vestibulandia):

“Como é que eu vou olhar para a câmera sem me sentir um louco?”

Paulo Roberto Jubilut (Professor do Canal de Biologia Total):

“Eu produzo conteúdo, eu edito, eu gravo sozinho num quarto o dia inteiro”.

Rafael Procópio (Professor do Canal MatemáticaRio):

“*[Cantando]* ‘Prepara, o teorema demonstrado é bonito de ver’ aí a gente está passando o Teorema de Pitágoras atrás”.

Paulo César Campos (Professor da Escola Municipal Angela Cury Zákia):

“Romper a sala de aula no espaço físico da escola, romper o espaço do bairro, da cidade, e isso envolve também a questão digital”.

Aline Nieba Soares (Estudante que sonha cursar Biologia):

“Você dá um futuro para as pessoas, porque quando você educa você mostra que essa pessoa pode ser mais do que os outros esperam dela”.

Lauren Pachaly (Gerente de Marketing Google):

“A gente quer muito ver muito mais professores produzindo conteúdo, democratizando o acesso ao conhecimento que eles têm, impactando mais alunos além da sala de aula deles, eu acho que esse é um papel que a plataforma... uma missão que a plataforma tem pro próximo ano”.

APÊNDICE M – RELATÓRIO PÓS-TESTE – TURMA B

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
1		Nome	Endereço c	Cidade/Mu	Estado	Iniciado em	Completo	Tempo util	Avaliar/10,	Q. 1 /2,50	Q. 2 /2,50	Q. 3 /2,50	Q. 4 /2,50					
2		PINHEIRO HERON	teacher@c	Minha cidé	Finalizada	30 Septem	30 Septem	30 minutos	10,00	2,50	2,50	2,50	2,50					
3		BARBOSA DIEGO	barbozsa@	Porto Alegi	Finalizada	4 October	6 Novembé	33 dias	Ainda não	2,50	0,00	0,00	Requer avaliação					
4		LISIANE VEJULIANA	julivestfah	Minha cidé	Finalizada	6 October	6 October	1 minuto	5,75	2,50	0,00	2,50	2,50					
5		DOS SANTIBIANCA	bianca.kau	Minha cidé	Finalizada	11 Octobei	11 Octobei	1 minuto	3,10	2,50	2,50	2,50	2,50					
6		ZARPELON GIOVANNI	giovanniza	Minha cidé	Finalizada	16 Octobei	16 Octobei	4 minutos	7,50	2,50	2,50	0,00	2,50					
7		DE BRITO BRUNA	brunabs.ca	Minha cidé	Finalizada	19 Octobei	19 Octobei	4 minutos	10,00	2,50	2,50	2,50	2,50					
8		POETA SEVTIAGO	tiago_seve	Minha cidé	Finalizada	19 Octobei	19 Octobei	2 minutos	10,00	2,50	2,50	2,50	2,50					
9		RICHTER GUSTAVO	gustavo_1	Minha cidé	Finalizada	21 Octobei	21 Octobei	6 minutos	10,00	2,50	2,50	2,50	2,50					
10		BENDATI BLORENA	lorenabenc	Minha cidé	Em progrés	21 Octobei	-	-	-	-	-	-	-					
11		MUNIZ MEFRANCINE	franphone:	Alvorada	Finalizada	24 Octobei	24 Octobei	1 minuto	4,10	2,50	2,50	2,50	2,50					
12		CRISTINE FGEORGIA	ge.cristine	Minha cidé	Finalizada	31 Octobei	31 Octobei	8 minutos	10,00	2,50	2,50	2,50	2,50					
13		Média geral							9,44	2,50	2,00	2,00	2,50					

APÊNDICE N – RELATÓRIO PRÉ-TESTE – TURMA B

Sobrenome	Nome	Endereço c Cidade/Mu Estado	Iniciado em	Completo	Tempo util	Avallar/10	Q. 1 /2,50	Q. 2 /2,50	Q. 3 /2,50	Q. 4 /2,50	
DE BRITO	BRUNA	brunabs.ca Minha cid	Finalizada	23 Septem	23 Septem	4 minutos	7,50	2,50	0,00	2,50	2,50
CHRISTINE ANDRIELLE	farias.andr	Minha cid	Em progr	24 Septem	-	-	-	-	-	-	
POETA SEV	TIAGO	tiago_seve Minha cid	Finalizada	27 Septem	27 Septem	5 minutos	7,50	2,50	2,50	0,00	2,50
REZENDE	CLAIR	clairfontan Porto Alegi	Finalizada	27 Septem	27 Septem	4 minutos	5,00	0,00	2,50	0,00	2,50
LISIANE VE	JULIANA	julivestfah Minha cid	Finalizada	28 Septem	28 Septem	2 minutos	7,50	2,50	0,00	2,50	2,50
BENDATI	LORENA	lorenabenc Minha cid	Finalizada	29 Septem	29 Septem	4 minutos	7,50	2,50	0,00	2,50	2,50
PINHEIRO	HERON	teacher@c Minha cid	Finalizada	30 Septem	30 Septem	10 minutos	10,00	2,50	2,50	2,50	2,50
RICHTER	GUSTAVO	gustavo_11 Minha cid	Finalizada	30 Septem	30 Septem	11 minutos	10,00	2,50	2,50	2,50	2,50
PACHECO	ANDRESSA	dessapl@ Porto Alegi	Finalizada	30 Septem	30 Septem	5 minutos	7,50	2,50	0,00	2,50	2,50
BARBOSA	DIEGO	barboza@ Porto Alegi	Finalizada	30 Septem	30 Septem	4 minutos	7,50	2,50	0,00	2,50	2,50
DOS SANTI	BIANCA	bianca.kau Minha cid	Finalizada	2 October	11 October	9 dias 7 hc	10,00	2,50	2,50	2,50	2,50
CRISTINE F	GEORGIA	ge.cristine Minha cid	Finalizada	8 October	8 October	2 minutos	7,50	2,50	0,00	2,50	2,50
ZARPELON	GIOVANNI	giovanniza Minha cid	Finalizada	16 October	16 October	1 minuto	4,750	2,50	2,50	0,00	2,50
MUNIZ ME	FRANCINE	franphone: Alvorada	Finalizada	24 October	24 October	1 minuto	5,00	0,00	0,00	2,50	2,50
Média geral							7,69	2,12	1,15	1,92	2,50

APÊNDICE O – RELATÓRIO DO PRÉ-TESTE DA TURMA A

Sobrenome	Nome	Endereço	Cidade/Mu.	Estado	Iniciado em	Completo	Tempo util	Avallar/10	Q. 1 /2,50	Q. 2 /2,50	Q. 3 /2,50	Q. 4 /2,50	
THOFEHRM	RICARDO	coelho.cac	Minha cidé	Finalizada	17 Septem	17 Septem	4 minutos	7,50	2,50	0,00	2,50	2,50	
SILVEIRA	HAYEZA	ayeza.haas	Minha cidé	Finalizada	17 Septem	17 Septem	2 minutos	7,50	2,50	0,00	2,50	2,50	
SINHORELI	MATHEUS	teteu449@	Minha cidé	Finalizada	20 Septem	20 Septem	1 minuto	5,00	2,50	0,00	0,00	2,50	
FIOREZE	LORENZO	filoreu@gr	Minha cidé	Em progre:	20 Septem	-	-	-	-	-	-	-	
HOFFMANI	RENAN	renan-intei	Minha cidé	Finalizada	21 Septem	21 Septem	3 minutos	10,00	2,50	2,50	2,50	2,50	
NUNES DE	DIONATHA	profe.dioni	Porto Alegre	Finalizada	21 Septem	21 Septem	52 segund	7,50	2,50	0,00	2,50	2,50	
SIMINOVIC	DENIS	siminovich@	gmail.com	Finalizada	21 Septem	21 Septem	10 minutos	10,00	2,50	2,50	2,50	2,50	
KULMANN	KETHELEN	kethelenku	Minha cidé	Em progre:	22 Septem	-	-	-	-	-	-	-	
HENRIQUE	MARCOS	marcoshaji	Minha cidé	Finalizada	28 Septem	28 Septem	3 minutos	7,50	2,50	0,00	2,50	2,50	
DA SILVEIR	DOMINIQL	mikidomi@g	Alvorada	Em progre:	6 October	-	-	-	-	-	-	-	
Média geral									7,86	2,50	0,71	2,14	2,50

APÊNDICE Q – RELAÇÃO DOS VÍDEOS COM SEUS HIPERLINKS QUE COMPÕEM A AMOSTRA GERAL.

Ídeo	Autoria/Canal	Link clicável
	Stoodi	https://www.youtube.com/watch?v=aU8X4uojx08&list=PLf3WdQPlwNt6eLCPCVjQFE_lau-QtLxDq
	Que r que desenhe – Descomplica	https://www.youtube.com/watch?v=6NbSXIIdObDk&list=PLf3WdQPlwNt6eLCPCVjQFE_lau-QtLxDq&index=2
	Ter ra Negra - Moises Lima	https://www.youtube.com/watch?v=0dz8rqapTt0&list=PLf3WdQPlwNt6eLCPCVjQFE_lau-QtLxDq&index=3
	Para bólica	https://www.youtube.com/watch?v=608WuWDe_dY&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPyE-t
	Débora Aladim	https://www.youtube.com/watch?v=eg47cCMcQr0
	Dez de História - Victor Rysovas	https://www.youtube.com/watch?v=0NwxUO3wJ2U&list=PLf3WdQPlwNt6Y-TmHagaResDaIY8t1UHC&index=7
	Se liga nessa história - Daniel Gomes	https://www.youtube.com/watch?v=cPA1Doro86E
	Maõzinha em física	https://www.youtube.com/watch?v=k0EQxiOpYvk&list=PLf3WdQPlwNt5xgQJ4AMxKvgDu3G6oExT5
	Aula De.*	https://www.youtube.com/watch?v=9I2wMm6ZFe4&list=PLf3WdQPlwNt79DL4yVrznhm0erqAPIg7Q
0	Prof . Noslen	https://www.youtube.com/watch?v=PyUy_9mKGck&list=PLf3WdQPlwNt79DL4yVrznhm0erqAPIg7Q&index=2
1	Terra Negra	https://www.youtube.com/watch?v=Tleak-Q1LdQ&list=PLf3WdQPlwNt7CtJx51KmVLN-iGI3MUFxm
2	Ferritto	https://www.youtube.com/watch?v=SPZqQ5qn3P0

ídeo	Autoria/Canal	Link clicável
	matemática	
3	Equaciona com Paulo Pereira	https://www.youtube.com/watch?v=7t8oagbsa7A&list=PLf3WdQPlwNt4eoRrTOvdE9mzE5NKPDc3G
4	A revisada	https://www.youtube.com/watch?v=uLNxeBdM5oM&list=PLf3WdQPlwNt6uhGZD3kNrIZStLtYXS0VG
5	Química com o Profº Paulo Valim	https://www.youtube.com/watch?v=bFyB6x9s-zM&list=PLf3WdQPlwNt6uhGZD3kNrIZStLtYXS0VG&index=6
6	Camila Cavalieri	https://www.youtube.com/watch?v=DRtI_j5cPvQ&list=PLf3WdQPlwNt5M3UjznnZFwnGlgJgdlVuy
7	Biologia Samuel Cunha	https://www.youtube.com/watch?v=VO0z1u7YPxA&list=PLf3WdQPlwNt5M3UjznnZFwnGlgJgdlVuy&index=2
8	Biologia na Veia Com profº Gian Brito	https://www.youtube.com/watch?v=SGQKZzkOhVI&list=PLf3WdQPlwNt5M3UjznnZFwnGlgJgdlVuy&index=4
9	Universidade Corporativa do Transporte	https://www.youtube.com/watch?v=BHfvd3OPTeI&list=PLf3WdQPlwNt5M3UjznnZFwnGlgJgdlVuy&index=5
0	Nerdologia*	https://www.youtube.com/watch?v=WUPECN3YPz0&list=PLf3WdQPlwNt5HsHbkAU0Hf58GOShuXWYj&index=8
1	Senhor Biologia	https://www.youtube.com/watch?v=bXTsEeQ2amE&list=PLf3WdQPlwNt5HsHbkAU0Hf58GOShuXWYj&index=40
2	Biologia com Samuel Cunha	https://www.youtube.com/watch?v=FhgKfSSMO&list=PLf3WdQPlwNt5HsHbkAU0Hf58GOShuXWYj&index=38
3	Khan Academy Brasil	https://www.youtube.com/watch?v=oD11SwvsxMY&list=PLf3WdQPlwNt5HsHbkAU0Hf58GOShuXWYj
4	Carreiras de saber videoaulas	https://www.youtube.com/watch?v=tVwxmvvNGnA&list=PLf3WdQPlwNt7CtJx5lKmVLN-jG13MUFxm&index=2

ídeo	Autoria/Canal	Link clicável
5	Terra Negra	https://www.youtube.com/watch?v=P0TAFHmqZ9M&list=RDCMUCbQ4CkszFFUju5XtFid-XWQ&index=7
6	Terra Negra	https://www.youtube.com/watch?v=ahH91LRqxI0&list=RDCMUCbQ4CkszFFUju5XtFid-XWQ&index=11
7	Terra Negra	https://www.youtube.com/watch?v=kr33HYAyRak&list=RDCMUCbQ4CkszFFUju5XtFid-XWQ&index=14
8	Professor em Casa - Felipe Cardoso	https://www.youtube.com/watch?v=_59ETIxrzXE
9	Um berto Mannarino	https://www.youtube.com/watch?v=Qhpu6eVJfjE&list=PLf3WdQPlwNt5WkcVZdlfT64d4DGx3eEsO&index=3
0	Ca minhos da linguagem	https://www.youtube.com/watch?v=CLX7aKYHCiY&list=PLf3WdQPlwNt5WkcVZdlfT64d4DGx3eEsO&index=6
1	Pro Enem - Professor Leandro Vieira	https://www.youtube.com/watch?v=NCyIM5tMaq4&list=PLf3WdQPlwNt5WkcVZdlfT64d4DGx3eEsO&index=16
2	Prof Noslen	https://www.youtube.com/watch?v=ZukwTsss86Y&list=PLf3WdQPlwNt5WkcVZdlfT64d4DGx3eEsO&index=20
3	Dica nota 1000 - Lucas Felipi	https://www.youtube.com/watch?v=hb6lnzwVYbY&list=PLf3WdQPlwNt5WkcVZdlfT64d4DGx3eEsO&index=25
4	Vá ler um livro	https://www.youtube.com/watch?v=YsO9eiK-EzI&list=PLf3WdQPlwNt5WkcVZdlfT64d4DGx3eEsO&index=8
5	Professor Beto Brito - Literatura Legal	https://www.youtube.com/watch?v=hR_toI0e8ic&list=PLf3WdQPlwNt7qxaBrVzDY0obL3B-KaAQ&index=3
6	Prof Noslen	https://www.youtube.com/watch?v=8RApaDphdTc&list=PLf3WdQPlwNt7qxaBrVzDY0obL3B-KaAQ&index=5
7	Karina Zandonadi	https://www.youtube.com/watch?v=92g-aleNhZI&list=PLf3WdQPlwNt66eWeMtAexzhCuz6mIwvHy&index=15

ídeo	Au toria/Canal	Link clicável
8	Eng lish Brazil by Carina Fragozo	https://www.youtube.com/watch?v=OLgTt7EOkEQ
9	Eng lish Brazil by Carina Fragozo	https://www.youtube.com/watch?v=h0Yz4StSGJc
0	Par abólica*	https://www.youtube.com/watch?v=608WuWDe_dY&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPvE-t
1	Hist ória Online	https://www.youtube.com/watch?v=woVrmgkjHdA&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPvE-t&index=2
2	Go mes, D.	https://www.youtube.com/watch?v=XW_JFbPgaI4&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPvE-t&index=8
3	Hist orizando	https://www.youtube.com/watch?v=uRtXZmWPwv4&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPvE-t&index=9
4	O incrível pontinho azul	https://www.youtube.com/watch?v=GYv8En7pqaY&list=PLf3WdQPlwNt6aJfFS9IIUDEcis3TkU0YB&index=4
5	Se liga – Enem Vestibulares	https://www.youtube.com/watch?v=x5m6RAajIdM&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPvE-t&index=11
6	Bue nas Ideias*	https://www.youtube.com/watch?v=9OD_MHW2beA&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPvE-t&index=29
7	Cin estória	https://www.youtube.com/watch?v=QNhYixGMq8U&list=PLf3WdQPlwNt6NgXTKvipNh2G_uCgPvE-t&index=30
8	Edu ca Aliança	https://www.youtube.com/watch?v=QFUIVoQlu1o&list=PL0tNxWqmqpKN5Q4nC_r54UOXGgzLV4HB39
9	Col égio Ampliação	https://www.youtube.com/watch?v=MelWqHYHvrg&list=PLMjK1hIpL7BeCarclTkXssJBfvut2nVgs&index=8
0	Sab eres em casa Eja Secretaria de educação de Guarulhos	https://www.youtube.com/watch?v=tdBR6DTzd-8

(*) Vídeo selecionado para compor o recorte da amostra inicial, para análise em profundidade

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

APÊNDICE R – QUADRO DAS ANÁLISES QUALITATIVAS DA AMOSTRA GERAL

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtube se revela?	Fluxo da narrativa
Stoodi	História - Renascimento cultural – Introdução	Contemplativo	Professor em frente ao quadro negro preenchido por um esquema/resumo com elementos textuais que sintetiza o conteúdo.	Expor o contexto histórico do renascimento cultural	Neste vídeo o professor se propõe a transmitir conhecimento objetivo e sintetizado sobre o assunto. A videoaula não difere de uma aula tipicamente expositiva. O professor sustenta uma dicação marcante que mantém a atenção da audiência, porém não agrega elementos de outras fontes de informação	Sem indicação hipertextual.
Quer que desenhe – Descomplica	História - Renascimento	Movente	20” Voz fazendo a locução/imagens e texto animado 36” chamamento do público para as redes 39” Linguagem com gírias 53” Indicação de link do mapa mental 1’03” Anúncio de assinatura paga do canal 1’20” Desenhos animados 1’40” Gíria 3’05” Desenhos com referência a memes 4’35” Gíria 5’35” mapa mental	Explicar sobre renascimento	A pretensão se revela logo no início do vídeo quando o narrador dá uma série de recados chamando o público para o canal e para assinar seus conteúdos pagos, dando uma demonstração do conteúdo de história como “degustação”. Transmitindo informações. Quanto a intencionalidade pedagógica o vídeo traz a ideia de ludicidade na aprendizagem	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
Terra Negra - Moises Lima	História - Davi, Michelangelo e Pugliese	Imersivo	02'' Saudação com gíria 12'' Elemento ilustrativo (Imagem de Davi de Michelangelo) 32'' Referência a livro 51'' Elemento ilustrativo (Imagem Pietá) 1'08'' Elemento ilustrativo (Mapa) 1'13'' Elemento ilustrativo (Foto da localidade) 1'44'' Elemento ilustrativo (Imagens de personagens pop) 2'25'' Elemento ilustrativo (Imagem de cidade romana) 3'48'' Professor contextualiza a arte no cenário político 4'09'' Elemento ilustrativo (Imagens de personagens da história e de série) 4'13'' Elemento ilustrativo (Sequência de obras de arte exemplificando) 5'44'' Elemento ilustrativo (Imagens históricas mais modernas) 7'03'' Gírias 8'23'' Indica livro - Peter Burker 9'37'' Cita o pensamento de filósofos que estudam o papel da arte 10' Referência a série Game of Thrones 11'10'' Relaciona com outras áreas do conhecimento 12'28'' Analisa as metáforas da escultura 15'37'' Traz notícias atualizadas 16'15'' Elementos ilustrativos (Imagens de jovens contemporâneos) 16'23'' Referência de livro 16'40'' Relação com questões do dia a dia 18'28'' - Encerra com uma pergunta/provocação	Aula de filosofia, história e arte sobre a escultura de Davi de Michelangelo Buonarroti	A pretensão se revela logo no início da fala do professor que anuncia que essa era uma aula de múltiplas disciplinas (História, filosofia, arte) integrando assuntos e utilizando imagens diversas para dar dinamicidade.	Indicação hipertextual do livro de Peter Burke

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtubeur se revela?	Fluxo da narrativa
Parabólica	História - Entenda o imperialismo	Movente	<p>O formato do vídeo é essencialmente o professor falando na frente de um quadro negro, simulando uma sala de aula convencional.</p> <p>06” Boas vindas</p> <p>20” Chamamento do público para as redes sociais</p> <p>33” Elementos ilustrativo e textual (definição de Imperialismo)</p> <p>38” - Recursos textuais (salienta palavras importantes da fala)</p> <p>1’07” Elementos ilustrativo e textual (Imagem de Vladimir Lenin; nome do livro “Fase superior do capitalismo” escrito por Lenin).</p> <p>2’50” Elementos textuais (Tipos de dominação: protetorado, colônia, área de influência, econômica)</p> <p>4’16” Elementos textuais (Tratado de Berlim)</p> <p>4’48” Elemento ilustrativo (Mapa da Partilha da África)</p> <p>5’46” Elementos textuais (Justificativas Imperialistas: darwinismo social, eugenia)</p> <p>7’14” Professor relaciona a ideia do darwinismo social com as ideias nazistas</p> <p>8’10” Elementos textuais (Guerras imperialistas: Guerra do Ópio, Guerra dos Boeres, Guerra dos Cípiaios)</p> <p>8’43” Elemento ilustrativo (Imagem de papoula, planta de onde se obtém o leite que origina o ópio)</p> <p>9’38” Professor relaciona o Apartheid com as ideias do darwinismo social</p> <p>10’29” Professor dá uma dica de bibliografia a respeito do Imperialismo</p> <p>10’38” Dica de bibliografia na descrição e indica um livro de literatura de Júlio Verne - Volta ao mundo em 80</p>	O vídeo tem como objetivo explicar sobre o imperialismo	A intenção se revela devido a ambiência escolhida do vídeo. Em plano simples passa as informações de forma objetiva e ressalta em texto os pontos principais a serem memorizados	Dica de livro

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			dias 12'12" Professor convida o público para segui-lo em suas redes sociais 12'25" Encerra com gíria			
Débora Aladim	História - A revolução francesa em 5 minutos	Movente	O vídeo é gravado em plano fechado ambientado no quarto da professora youtuber que é decorado com elementos da cultura pop, super heróis dividem espaço com os livros. A professora é bem dinâmica. O vídeo tem descrição em português. O formato do vídeo é um desafio de falar sobre um tema importante da história em 5 minutos. Por isso a narrativa verbal é acelerada e utiliza a forma culta. 57" - Animação representando a nobreza 1'45" Animação representando a Bastilha 2' Animação representando a declaração dos direitos humanos	O objetivo do vídeo é explicar sobre a Revolução Francesa	A intenção se apresenta ao escolher o formato para transmitir informação resumindo grande quantidade de conteúdo em 5 minutos	Durante o fluxo da narrativa ela cita um outro vídeo, do mesmo canal, para sugerir que este vídeo faz parte de uma série no mesmo formato de resumo de um fato em 5 minutos
Dez de História - Victor Rysovas	História - Egito Antigo	Movente	Professor expõe o conteúdo diante de um fundo com inserções visuais e textuais 4' Mapa antigo 4'20" esquema piramidal 5'05" Linha do tempo 5'55" Lista de principais eventos 10'15" resolução de questão de vestibular	O objetivo do vídeo é falar sobre o Egito Antigo	O professor intenciona ilustrar as informações usando imagem e texto e a fala	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
Se liga nessa história - Daniel Gomes	Filosofia - Aula de filosofia	Movente	<p>O vídeo é de um professor ministrando uma aula expositiva com apoio de reforços textuais e visual, em troca contínua</p> <p>5” Apresentação</p> <p>14” Contextualização da aula com Enem</p> <p>20” Texto (Temática da aula “Ética”)</p> <p>30” Texto (Relação da temática ética com a cultura grega)</p> <p>32” Texto (Definição do que era considerado ética para os gregos)</p> <p>40” Texto (Explicação do conceito de natureza para os gregos)</p> <p>2’14” Texto (Relação do conceito grego de natureza com a Modernidade)</p> <p>2’46” Texto (Mudança na compreensão de ética, que antes era baseada na natureza)</p> <p>2’51” Texto (Cita Maquiavel)</p> <p>2’58” Imagem de Maquiavel</p> <p>3’25” Texto (Evidencia que Maquiavel foi o primeiro a falar em pluralidade de ética)</p> <p>3’44” Texto (Cita filósofos utilitaristas)</p> <p>3’49” Imagem de James Mill, Jeremy Bentham e Stuart Mill (filósofos utilitaristas)</p> <p>4’29” Texto (Menciona Kant)</p> <p>4’32” Imagem de Kant</p> <p>4’44” Texto (Evidencia a ideia defendida por Kant de que ação ética é o rompimento com a nossa natureza)</p> <p>5’32” Relaciona ideia de ética de Kant com o cotidiano (cita exemplo do lixo no chão)</p> <p>5’56” Texto (Kant defendia que para a ética ser válida ela deveria ser universal)</p> <p>6’16” Texto (Imperativos categóricos – deveres universais)</p>	O objetivo do vídeo é dar um panorama quanto as três percepções filosófica de ética	A intencionalidade do professor se revela no formato expositivo apoiado pelo reforço textual e visual	Sem indicação hipertextual

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>6'48" Texto Explica a ideia kantiana do ser humano como a finalidade de todas as coisas)</p> <p>7'12" Texto (Explica o confronto entre os vários sistemas éticos: ética grega, ética maquiaveliana e ética kantiana)</p> <p>7'39" Relaciona ideia de ética de Kant com o cotidiano (cita frase "gostaria de ser livre como um pássaro" como exemplo)</p> <p>8'17" Texto (Explica que os outros animais não podem negar a sua própria natureza, só o ser humano)</p> <p>9'12" Finaliza aula convidando o público à visitar o canal "Se liga nessa História"</p>			
Mãozinha em física	Física - Intensidade de corrente elétrica/eletrodinâmica	Contemplativo	O vídeo consiste no professor explicar o conteúdo num esquema numa lousa, intercalando com resolução de questão	O objetivo do vídeo é explicar sobre intensidade de corrente elétrica/eletrodinâmica	O intencionalidade do professor se revela na assinatura do vídeo, informando que vai resolver questões	Sem indicação hipertextual
Aula De. com	Literatura - Romantismo (introdução)	Contemplativo e Movente	<p>Professor expõe conteúdo ao lado de um televisor com recursos textuais e visuais</p> <p>1" Abertura do canal e apresentação do episódio</p> <p>10" Professor fala com um crânio</p> <p>19" Relaciona o conteúdo da aula com conteúdo de aula anterior</p> <p>36" Faz piada com portugueses</p> <p>49" Interação com o público falando de assunto não relacionado ao conteúdo (temperatura de sua cidade)</p> <p>Professor expõe o conteúdo ao lado de um televisor com recursos textuais e visuais (semelhante à uma exibição de slides)</p> <p>2'06" Elementos textual e ilustrativo (imagens representativas do</p>	Objetivo do vídeo é explicar sobre Romantismo	A intencionalidade é passar a informação de uma maneira descontraída, quando o professor simula uma conversa de forma informal com seus prováveis alunos	Faz referência a disciplina de história no vídeo, a obra musical

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>Romantismo)</p> <p>2'39" Elementos textuais (contextualização do Romantismo brasileiro)</p> <p>4'12" Destaca que a mudança de contexto pode influenciar na produção artística</p> <p>4'29" Interage com outro professor que está no estúdio (professor Rodrigo)</p> <p>5'36" Elemento ilustrativo (Imagem da pintura "Liberdade guiando o povo" de Delacroix)</p> <p>6'20" Elemento textual (Declaração de direitos do homem e do cidadão; professor faz a leitura de um trecho do artigo 11)</p> <p>7'03" Elementos textuais (mudança de valores como uma das consequências da mudança de contexto)</p> <p>9'43" Relaciona os valores com a atualidade</p> <p>9'50" Elementos textuais (influências do Romantismo da Europa)</p> <p>10'18" Relaciona o conteúdo da aula com conteúdo de aula anterior</p> <p>10'55" Interage com o público, brincando sobre não saber falar alemão</p> <p>13'35" Elementos textuais (principais características observadas nas obras do Romantismo)</p> <p>13'54" Relaciona Romantismo com Arcadismo</p> <p>15'53" Associa a característica de 'liberdade artística' com atualidade</p> <p>16'18" Elementos textuais e ilustrativos (imagem da bandeira do Brasil e de índios, relacionando às características 'nacionalismo' e 'indianismo')</p> <p>17'40" Menciona a música Guarani, entoando seu ritmo para relembrar o público e faz utilização de gíria</p>			

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			19'15" Fechamento das ideias abordadas na aula e dá uma prévia do conteúdo que será abordado na próxima aula			
Prof Noslen	Literatura - Romantismo - Contexto Histórico	Movente	Professor expõe conteúdo com fala dinâmica utilizando recursos de apoio textuais. Usa guarda-pó lembrando os professores das escolas militares ou de cursinho 1" Saudações e apresentação da temática que será abordada na vídeoaula 52" Elemento textual com o tema da aula ("Romantismo contexto histórico") 1'13" Elemento textual com a contextualização da temática 4'43" Elemento textual com as principais características do Romantismo 7'09" Faz paralelo do Romantismo com o Neoclassicismo 8'07" Elemento textual comparando as características do Romantismo e do Neoclassicismo 9'59" Elemento textual com aprofundamento de algumas características do Romantismo, como nacionalismo e sentimentalismo romântico 12'40" Professor convida público a assistir a vídeo aula anterior, compartilhar e curtir o vídeo, e finaliza agradecendo	Objetivo do vídeo é explicar sobre Romantismo	A intencionalidade do professor é utilizar estratégias de professor de cursinho pré- vestibular para deixar a aula animada e concisa	Sem indicação hipertextual

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
Terra Negra	Geografia - Transportes, globalização e o comércio expansão marítima	Contemplativo	Professor explana conteúdo com o suporte textual em esquema na lousa branca, fala muito fluente.	Objetivo do vídeo é explicar sobre Transportes, globalização e o comércio . Expansão marítima	A intencionalidade do professor é passar o maior número de informação em menor tempo possível.	Sem indicação hipertextual.
Ferretto matemática	Matemática - Funções: Noções Básicas (aula 1 a 5)	Contemplativo	O vídeo consiste no professor explicar a matéria e resolver exercícios através de uma lousa digital	Esmiuçar o conteúdo sobre Funções: Noções Básicas	A intencionalidade é mostrar o desenvolvimento de um cálculo através de resolução de exercício	Sem indicação hipertextual.
Equaciona com Paulo Pereira	Matemática - Função 04 - Pares ordenados e Plano cartesiano	Contemplativo	Professor explicando a matéria a partir de exercício na lousa	Resolver exercício sobre Função 04 - Pares ordenados e Plano cartesiano	Sua intenção é demonstrar partir da resolução de exercícios que a matemática é fácil	Sem indicação hipertextual.
A revisada	Física - O que é um gás?	Contemplativo	Professor explicando matéria a partir de exercício na lousa	Elucidar matéria sobre gás	Sua intenção é demonstrada quando se centra no conteúdo	Sem indicação hipertextual.
Química com o Prof Paulo Valim	Química - Cinética Química: Introdução (¼) Físico Química	Contemplativo	Professor explicando a matéria utilizando de apoio lousa digital 13'02" resolução de exercício	O objetivo do vídeo é elucidar o conteúdo sobre Cinética Química: Introdução (¼) Físico Química	A intenção do professor se apresenta o início da atividade quando ele escolhe explicar de forma expositiva o conteúdo	Sem indicação hipertextual.
Camila Cavalieri	Biologia - Resumão Ecologia	Movente	Professora em primeiro plano explicando matéria com fundo com elementos da cultura pop remetendo a viagens, ciência e cinema. A fala verbal é apoiada por elementos textuais que reforçam o conteúdo 1" Apresentação 11" Professora convida o público a curtir o vídeo e a se inscrever no canal 54" Elemento textual com a palavra "espécie" (define conceito) 1'32" Elemento textual com a palavra "população" (define conceito) 2'29" Elemento textual com a palavra "comunidade" (define conceito) 2'46" Elemento textual com o termo "sucessão ecológica" (professora relembra o conteúdo, que foi abordado	O objetivo do vídeo é passar o maior número de informações sobre o tema Ecologia	A intencionalidade do professor é resumir a quantidade de informação em pouco tempo	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			em aula anterior) 3'17" Elemento ilustrativo (figuras de uma rocha e de uma duna) 3'24" Elemento ilustrativo (figura de um líquen) 3'46" Elemento textual com a palavra "mutualismo" (define conceito) 3'51" Elemento textual simbólico (símbolo de positivo para representar o benefício entre dois organismos em uma relação mutualística) 3'57" Elemento textual com a palavra "autotróficos" 6'57" Elemento textual com a palavra "produtores" (define conceito) 7'14" Elemento textual com a palavra "fotossíntese" 7'35" Elemento textual com o termo "produtividade primária bruta" (define conceito) 8'06" Elemento textual com o termo "produtividade primária líquida" (define conceito) 9'42" Elemento textual com o termo "fitoplâncton" (define conceito e relaciona com os conceitos abordados anteriormente, como comunidade clímax, fotossíntese...) 10'51" Elemento textual com o termo "aquecimento global" (relaciona as ações antrópicas aos impactos ambientais) 11'38" Elemento textual com a palavra "clorofluorcarbonetos" (explica impactos ambientais) 12'24" Elemento ilustrativo (figura de uma ave coberta de petróleo) 13'44" Professora convida o público a curtir e compartilhar o vídeo, a se inscrever no canal e a segui-la em outras redes sociais como Instagram e			

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			Twitter			
Biologia Samuel Cunha	Biologia - Ecossistema: Componentes Bióticos/Abióticos e Funcionamento geral	Movente	Professor explicando conteúdo em cenário doméstico ambientado por animais, plantas e instrumentos musicais, fala apoiada por recursos textuais 10'51" Recomendação de outros canais	O objetivo é passar uma informação contextualizada sobre Ecossistema: Componentes Bióticos/Abióticos e Funcionamento geral	A intenção do professor é integrar vários elementos humanos e não humanos e indicações hipertextuais sobre o tema	Recomendação de outros canais
Biologia na Veia Com prof Gian Brito	Biologia - A fotossíntese e o ciclo do carbono	Contemplativo	Professor discute a resolução de questão	O objetivo é demonstrar como se resolve uma questão sobre A fotossíntese e o ciclo do carbono	A intenção do professor é sintetizar a informação de como se resolve questões sobre o tema	Sem indicação hipertextual.
Universidade Corporativa do Transporte	Biologia - Educação Ambiental	Movente	Vídeo ambientado ao ar livre com professor explanando sobre o tema. 6" Saudações de boas-vindas e apresentação 14" Contextualiza a importância do tema 1'02" Vídeo apresentando o Parque Marapendí, local de gravação da vídeo aula 1'22" Esquema ilustrativo e textual representando uma cadeia alimentar 2' Animação com esquema textual (definição de cadeia alimentar) 2'56" Foco do vídeo em saguis do parque + explicação do que são animais exóticos relacionando com o tráfico de animais 3'15" Animação evidenciando a introdução dos saguis na Mata Atlântica 3'35" Foco do vídeo em saguis do parque + explicação do impacto ambiental devido à introdução destes animais 4'05" Imagem do pássaro Tiê-sangue (relaciona impacto causado à espécie)	Trazer informação sobre Educação Ambiental	A intencionalidade do professor é falar sobre o tema no seu próprio ambiente	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			devido a introdução dos saguis) 5'07" Animação com esquema textual (definição de extinção) 5'16" Imagem de Biguá, Tiê-sangue e mico-leão-dourado 6'01" Relaciona ações antrópicas com impactos ambientais 6'19" Esquema ilustrativo e textual ressaltando a importância de não alimentar animais silvestres 6'24" Esquema ilustrativo e textual evidenciando maneiras de contribuir para o equilíbrio do ecossistema 6'42" Professor com jacaré na mão finalizando o vídeo e adiantando a temática que será tratada no próximo episódio 7'04" Vídeo do parque com elementos textuais de agradecimentos			
Nerdologia	Biologia - De onde vem os fósseis	Imersivo	Professor explicando conteúdo com suporte de animações gráficas 09" Apresentação do episódio 21" Elementos ilustrativo e textual (Linha do tempo evolutiva com imagens de células, fotossíntese, fósseis...) 57" Elemento ilustrativo (Mapa) 1'05" Elemento ilustrativo (Imagem de fósseis - Trilobita, Opabinia, Anomalocaris) 1'22" Elementos textuais e ilustrativos (linha do tempo; imagens de fósseis) 1'40" Imagem com elementos textuais (evolução da vida; símbolo de ponto de interrogação e imagens de fósseis) 1'58" Elemento ilustrativo (Imagem de Charles Darwin e de seu livro "Origem das espécies", imagens de fósseis, elementos textuais - teoria da evolução, imagem de Alfred Russel Wallace)	O objetivo do vídeo é utilizar recursos gráficos para dar dinamicidade ao conteúdo sobre fósseis	A intencionalidade do vídeo é apresentar o conteúdo de uma maneira audiovisual partir da identidade visual inovadora	Referência a autor/livro

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>2'31" Elemento ilustrativo (Imagem de Charles Darwin e de uma prancheta com animações - textos e imagens vão 'surgindo' na prancheta de maneira sincronizada com a fala do professor)</p> <p>3'12" Elementos ilustrativos e textuais (linha do tempo evolutiva com imagens de células, fotossíntese, fósseis...)</p> <p>3'42" Elementos ilustrativos e textuais (teoria evolutiva do equilíbrio pontuado; esquemas)</p> <p>4'05" Elemento ilustrativo (símbolo de ponto de interrogação e imagens de fósseis)</p> <p>4'22" Elementos ilustrativos e textuais (imagens de minerais, organismos, DNA, células, cromossomos...)</p> <p>4'44" Elementos ilustrativos e textuais (processo de fossilização)</p> <p>5'05" Elementos ilustrativos e textuais (esqueletos fósseis)</p> <p>5'25" Elementos ilustrativos e textuais (fundo de um ambiente aquático)</p> <p>5'45" Elemento ilustrativo (Mapa do Brasil com foco na Formação Santana na região nordeste e imagem de inseto)</p> <p>6'03" Imagem de fósseis e elementos textuais</p> <p>6'30" Elemento ilustrativo (desenho de dinossauro em animação e de uma minhoca predadora gigante)</p> <p>6'49" Elementos ilustrativo e textual (Imagem de fóssil de inseto)</p> <p>7'12" Elementos ilustrativo e textual (linha do tempo com imagens de fósseis)</p> <p>7'40" Elemento textual (professor levanta questionamento ao público)</p> <p>7'44" Elementos ilustrativo e textual (Imagem do planeta Terra, símbolo de ponto de interrogação e símbolo do</p>			

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>cálcio) 8'02" Elemento ilustrativo (Imagem de fósfil, esponja – porífero -, símbolo do cálcio e da sílica) 8'16" Elementos ilustrativo e textual (Imagem de fósfil, esqueletos de cálcio, símbolo do cálcio e da sílica...) 8'35" Elemento ilustrativo (Imagem de fósfil com enfoque em seus olhos e elementos textuais - hipótese de surgimento de visão com maior resolução) 8'49" Elemento ilustrativo e textual (Imagem de um cnidário - anêmonas) 8'59" Elemento ilustrativo e textual (Imagem de Anomalocaris) 9'11" Elemento ilustrativo e textual sincronizados à fala do professor (imagem de Trilobita) 9'28" Elementos textuais e ilustrativos (linha do tempo e imagens de DNA, de fósseis cnidários, cordados, moluscos, artrópodes...) 10'05" Faz um fechamento de todas as ideias apresentadas ao longo do vídeo (imagens de fósseis e de elementos textuais sincronizados à sua fala) 10'25" Elementos ilustrativos e textuais (Professor conclui sua aula; imagens de fósseis e elementos textuais sincronizados à sua fala) 10'43" Elemento ilustrativo (Professor contextualiza o tema da aula com a atualidade; imagem de bactérias em uma lupa)</p>			
Senhor Biologia	Biologia – 1º Lei de Mendel de um jeito fácil e bem objetivo	Contemplativo	Professor explicando conteúdo com apoio de lousa digital	O objetivo do professor era explicar de maneira fácil e objetiva o conteúdo sobre 1º Lei de Mendel	A intencionalidade do professor é deixar claro e ilustrado o conteúdo	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
Biologia com Samuel Cunha	Biologia - Genótipo e fenótipo - Conceitos de genética	Movente	<p>Professor explica conteúdo em cenário com elementos que lembram a disciplina de biologia</p> <p>1” Saudação e apresentação da temática que será abordada na vídeoaula</p> <p>26” Elemento ilustrativo (figura do pesquisador Johannsen, que criou os termos “genótipo” e “fenótipo”)</p> <p>39” Elemento textual com o conceito de “genótipo”</p> <p>1’07” Elemento textual com o conceito de “fenótipo”</p> <p>1’48” Elemento textual com uma “fórmula” representativa do que seria o fenótipo (fenótipo = genótipo + ambiente)</p> <p>2’13” Exibição de um vídeo gravado pelo próprio professor para ilustrar a diferença entre genótipo e fenótipo</p> <p>2’59” Elemento textual evidenciando que o fenótipo pode variar ao longo do tempo</p> <p>3’36” Elemento ilustrativo e textual (professor cita exemplo de coelho da variedade Himalia, muito cobrado em vestibulares)</p> <p>4’47” Elemento ilustrativo (figura de gato siamês; professor relaciona exemplo do coelho do Himalaia com o gato siamês)</p> <p>4’56” Elemento textual com uma “fórmula” representativa do fenótipo</p> <p>5’02” Professor dá exemplo de fenótipo com plantas, utilizando a samambaia presente no cenário</p> <p>5’15” Elemento ilustrativo (figura de uma planta com pigmentação esbranquiçada devido à falta de clorofila)</p> <p>5’44” Elemento ilustrativo e textual (relação entre genótipo e fenótipo na</p>	Objetivo do vídeo é passar informação de uma maneira ilustrada sobre Genótipo e fenótipo - Conceitos de genética	A intencionalidade do professor é ambientar o aluno quanto ao conteúdo	Referências a vídeos complementar e autores

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>tipagem sanguínea) 6'25" Exemplos de exercícios de vestibulares relacionados à genótipo e fenótipo 9'40" Professor finaliza o vídeo, adiantando os temas que serão abordados em aulas posteriores e resumindo o que foi abordado nesta vídeoaula 10'13" Convida o público a se inscrever no canal e a segui-lo em suas redes sociais, como o Instagram e Facebook</p>			
Khan Academy Brasil	Biologia - Taxonomia: O sistema de arquivamento da vida	Movente	<p>Professor explana sobre conteúdo com apoio visual de elementos gráficos 1'20" Esquema gráfico de árvore filogenética (árvore da vida) 2'18" Elementos ilustrativo e textual (Biografia – Carlos Lineu) 2'23" Elementos ilustrativo e textual (Imagem de Carlos Lineu); professor explica para o público como se estivesse lendo as informações em livro (Systema Naturae) 2'37" Elemento textual (nome científico de uma planta de tomate na época) 2'44" Animação de Lineu 3'16" Elementos textuais 3'40" Elementos textuais 4'31" Elementos textuais 4'38" Elementos ilustrativos (Imagem do Systema Naturae, em que Lineu publicou suas classificações) 5'00" Esquema gráfico de árvore filogenética (árvore da vida) 5'40" Esquema gráfico de árvore filogenética (árvore da vida) 5'48" Elemento ilustrativo (explica o conceito de Domínio) 6'29" Elementos ilustrativo e textual</p>	Objetivo é informar sobre Taxonomia	A intenção do professor é transmitir o maior número de informação	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			6'40" Elementos ilustrativo e textual (aborda os Reinos que o Domínio Eucária abrange) 7'41" Elementos ilustrativo e textual (evidencia quais são os seres autótrofos e heterótrofos do Domínio Eucária) 8'42" Elementos ilustrativo e textual (aborda Reino Fungi) 9'18" Elementos ilustrativo e textual (aborda Reino Animalia) 9'43" Elemento ilustrativo e textual (Desenho de esponjas – Poríferos) 9'52" Esquema gráfico de árvore filogenética (árvore da vida) 10'07" Professor pega gato nos braços, utilizando-o para explicar a classificação dos seres vivos, desde Reino à Espécie + Elementos textuais			
Carecas de saber - videoaulas	Geografia - divisão internacional do trabalho	Contemplativo	Professor explana conteúdo com apoio de lousa eletrônica. 7'40" imagem	Objetivo é ministrar uma aula apoiado num esquema lógico sobre divisão internacional do trabalho	A intenção é transmitir a informação de maneira objetiva	Sem indicação hipertextual.
Terra Negra	Geografia - Geógrafos explicam arenização lá no Jalapão	Movente	Dupla de professores visita in loco local para explicar matéria, imagens reais ilustram o vídeo	O objetivo do vídeo é apresentar de forma realista a arenização lá no Jalapão	O objetivo se apresenta no momento da escolha da locação, apresentar o conteúdo de maneira realística, com imagens locais.	O vídeo é uma viagem in loco para o Jalapão.
Terra Negra	Geografia - demografia e Migrações	Ubíquo	Live onde o professor explana sobre o conteúdo utilizando um esquema mental no quadro branco. 10'40" O professor intercala informações do conteúdo com dicas enviadas pelas suas redes sociais 12'10" indicação de vídeo complementar 21'35" responde questões enviadas no chat 23'05" respostas a questões do público	O objetivo da live é explicar sobre demografia e Migrações	O objetivo fica claro na escolha do formato da transmissão, informação com um pouco de interação	Há dicas de vídeos complementares e resoluções de questões com interação do público.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
Terra Negra	Entenda a greve dos entregadores e motoboys de aplicativos	Imersivo	<p>O professor trata um tema da atualidade utilizando suportes musicais, textuais, e audiovisuais para ilustrar a matéria</p> <p>1” Saudações</p> <p>5” Menciona acontecimentos atuais como nuvem de gafanhoto, pandemia, live do Sidney Magal...</p> <p>14” Vídeo do cantos Sidney Magal cantando trecho de uma de suas músicas</p> <p>33” Vídeo de meme</p> <p>55” Vídeo com trecho do depoimento de um dos líderes do Movimento “Entregadores Antifascistas”</p> <p>1’33” Vídeo do protesto dos motoboys</p> <p>1’36” Professor faz questionamento ao público a respeito do salário dos entregadores e de suas condições de trabalho</p> <p>1’48” Elemento ilustrativo (imagem do Decreto nº10.292 de março de 2020 que classificou os serviços de entrega como essenciais no contexto pandêmico)</p> <p>2’01” Elemento ilustrativo (notícia evidenciando as condições de trabalho de entregadores)</p> <p>2’27” Vídeo de uma moto sendo dirigida em alta velocidade entre os carros</p> <p>2’43” Utiliza gíria</p> <p>3’19” Elemento ilustrativo (notícia relatando acidentes de moto nos últimos 10 anos)</p> <p>3’36” Elemento ilustrativo (notícia evidenciando as condições de trabalho de entregadores de aplicativo durante a pandemia)</p> <p>4’00” Relaciona o tema com a flexibilização da legislação trabalhista e o desemprego estrutural</p> <p>4’35” Elemento ilustrativo (figura de</p>	<p>O objetivo é trazer um tema da atualidade de forma contextualizada, utilizando elementos diversos utilizando o evento da greve dos motoboys de aplicativos</p>	<p>A intencionalidade do vídeo fica evidente quando o professor informa que o tema é sobre um acontecimento atual, promovendo um debate de ideias.</p>	<p>Está no vídeo entrevistas com representantes do conteúdo</p>

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			um vendedor ambulante; professor faz relação da precarização do trabalho com trabalhos informais) 5'19" Elemento ilustrativo (notícia em que a OAB classifica a morte de um entregador de aplicativo como desmonte das relações de trabalho) 6'18" Professor faz paralelo entre ganho dos aplicativos e perda dos entregadores dos aplicativos 6'22 Elemento ilustrativo (trecho de uma fala do CEO da Movile, Patrick Hruby) 7'37" Professor faz provocação ao público 7'51" Finaliza o vídeo convidando o público a se inscrever no canal, a seguirem nas redes sociais e a se inscreverem no clube de membros			
Professor em Casa - Felipe Cardoso	Sequência lógica - questões de concurso	Contemplativo	O vídeo consiste em um professor resolvendo 8 questões de matemática	O objetivo do vídeo é esmiuçar os exercícios sobre Sequência lógica	A intenção do vídeo se apresenta quando da escolha do formato das resoluções	Sem indicação hipertextual.
Umberto Mannarino	Como acertar nas questões de linguagem no Enem	Movente	O vídeo consiste em o professor resolvendo questões de português 1" Boas-vindas ao público e apresentação 7" Menciona vídeo postado anteriormente 23" Contextualiza a temática que será abordada no vídeo 1'23" Convida o público a seguir na rede social Instagram 1'46" Elemento ilustrativo (exibição, leitura e resolução de questão do Enem; professor dá dica de como resolver) 3'56" Elemento ilustrativo (exibição, leitura e resolução de questão do Enem; professor dá dica de como resolver) 6'15" Pede ao público para deixar like	O objetivo do vídeo é ensinar como se soluciona exercícios da disciplina de linguagens para o Enem	A intenção se apresenta quando o professor traz questões para resolver	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>no vídeo caso a dica dada ajude a responder questão no Enem 6'27" Elemento ilustrativo (exibição, leitura e resolução de questão do Enem; professor dá dica de como resolver) 11'35" Elemento ilustrativo (exibição, leitura e resolução de questão do Enem; professor dá dica de como resolver) 13'08" Convida o público a segui-lo em sua rede social Instagram e finaliza desejando um bom Enem ao público e adiantando o conteúdo do próximo vídeo que será publicado no canal</p>			
Caminhos da linguagem	Como fazer uma leitura de imagem	Movente	<p>Professor explica conteúdo com apoio de imagens ilustrativas 1" Elementos ilustrativo e textual (professor faz provocação inicial apresentando a temática que será abordada na aula) 45" Saudações e apresentação 51" Elemento textual (tema da aula "Leitura de imagens") 1' Elemento textual (conceitua a "semiótica", a ciência dos signos) 1'14" Elemento ilustrativo (charge com sarcasmo em alusão à interpretação de imagens críticas) 1'27" Elemento textual (conceitos de "representação" e "símbolo", utilizados para interpretar imagens críticas) 1'55" Professor faz gesto com as mãos, traçando um paralelo de seus possíveis significados (como a representação de uma arma ou do número 2 em libras) 2'24" Elemento ilustrativo (animação de uma pomba branca) 2'50" Elemento ilustrativo (bandeira do Brasil) 3'17" Menciona artista Pawel Kuczynski, escolhido para ser</p>	O objetivo do vídeo é ensinar o conteúdo através de exemplos práticos sobre como fazer uma leitura de imagens	A intencionalidade do vídeo fica claro quando o professor costura sua fala com imagens que auxilia na compreensão da matéria	Sem indicação hipertextual./mas estimula interação

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>trabalhado na aula, por fazer desenhos críticos</p> <p>3'46" Elemento ilustrativo (desenho de Pawel Kuczynski)</p> <p>4'05" Elemento ilustrativo simbólico (símbolo de divisão; explica o processo que deve ser realizado para compreender imagens críticas)</p> <p>4'09" Elemento ilustrativo (desenho de Pawel Kuczynski)</p> <p>4'43" Elemento textual (aponta a utilização de analogia para a compreensão de cada parte do desenho)</p> <p>5'29" Elemento ilustrativo (figuras de ovelhas; professor explica a analogia, em que no desenho as ovelhas representam os eleitores)</p> <p>5'58" Elemento ilustrativo (figura de um pastor e seu cão conduzindo as ovelhas; professor explica a analogia, em que o pastor representa o candidato e o cão o seu cabo eleitoral)</p> <p>6'19" Elemento ilustrativo (desenho de Pawel Kuczynski)</p> <p>7'29" Elemento ilustrativo (figura de bonecos coloridos representando os eleitores)</p> <p>7'30" Elemento ilustrativo (figura de ovelhas)</p> <p>7'36" Elemento ilustrativo (figura de um candidato)</p> <p>7'42" Elemento ilustrativo (figura de um pastor e seu cão conduzindo as ovelhas)</p> <p>7'45" Elemento ilustrativo (figura de um mega fone ecoando "vote em mim" para pessoas)</p> <p>7'59" Elemento ilustrativo (exibição de diversas charges; professor explica como associar a crítica de uma imagem à realidade)</p>			

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>8'18" Elemento ilustrativo (figura de uma pessoa refletindo)</p> <p>8'23" Elemento ilustrativo (figura de bonecos coloridos representando os eleitores)</p> <p>8'29" Elemento ilustrativo (figura de dinheiro)</p> <p>8'33" Elemento ilustrativo (Mapa do Brasil pintado com sua bandeira)</p> <p>8'38" Elemento ilustrativo (figura representativa de diversas pessoas, evidenciando os benefícios em somente alguns grupos da sociedade)</p> <p>8'54" Elemento textual (Professor retoma todos os passos abordados na vídeo aula para a interpretação de um desenho crítico)</p> <p>9'38" Professor convida o público a enviar suas dúvidas via e-mail</p> <p>9'46" Professor questiona o público a respeito de uma possível interpretação diferente para a imagem trabalhada em aula</p> <p>9'53" Menciona suas redes sociais, convidando o público a deixar mensagens nelas</p>			
ProEnem - Professor Leandro Vieira	Black Mirror e a modernidade líquida	Contemplativo	<p>No vídeo o professor aparece em cenário estático com referências ao cinema. Na ocasião temas da sociologia são tratados a partir de episódios de séries contemporâneas</p> <p>4'56" cena de série</p>	O objetivo do vídeo é fazer relações sobre a série Black Mirror e o conceito de Modernidade Líquida, Bauman.	A intenção do professor aparece quando costura as informações, integrando entretenimento e teoria.	Conteúdo com referência em série popular de tecnologia (streaming)
Prof Noslen	Autoconhecimento e autocrítica	Contemplativo	<p>Professor trata tema com apoio de fala de especialista</p> <p>1' Entrevista com especialista</p>	O objetivo do vídeo é trazer informação especializada sobre tema que circunda a disciplina de linguagens, o autoconhecimento e autocrítica	A intenção fica clara quando o especialista passa a assumir o discurso sobre o tema	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
Dica nota 1000 - Lucas Felpi	3 filmes e séries para usar na redação do Enem	Movente	<p>No vídeo o professor é substituído por um aluno de sucesso. Ele cita filmes que possam ser utilizados na redação, fazendo relação com teorias</p> <p>1” Saudação e apresentação 38” Elemento ilustrativo (indicação da série “Sex Education”; exibição de trecho de episódio da série) 54” Elemento textual (relaciona série com educação sexual na escola) 1’04” Elemento ilustrativo (exibição de trecho de episódio da série) 1’13” Elemento textual (relaciona a temática da série com as mudanças da adolescência, questões de bullying) 1’22” Elemento ilustrativo (exibição de trecho de episódio da série em referência ao bullying que um personagem sofre por ser gay) 1’28” Elemento textual (relaciona a série com a abordagem de temáticas como o vazamento de fotos íntimas, relações e configurações familiares) 1’50” Elemento textual associado ao som de uma sirene (Ressalta que dará de spoilers e sugere ao público que não quer saber, que pule para o tempo 3’15” do vídeo) 1’57” Elemento textual (aponta a possibilidade de abordar temas como aborto, homofobia, IST’s e assédio através da série) 3’22” Elemento ilustrativo (indicação da série “You”; exibição de trecho de episódio da série) 3’39” Elemento textual (evidencia a possibilidade de abordar temas como stalking, super exposição nas redes sociais, etc através da série) 3’49” Elemento ilustrativo (exibição de trecho de episódio da série em</p>	Objetivo do vídeo é mostrar a partir da lógica do estudante como utilizar referências cinematográficas na redação do Enem	A intencionalidade está aproximar do estudante o conteúdo.	Referência a filmes e séries

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>referência à exposição nas redes sociais)</p> <p>4'10" Elemento textual (evidencia a possibilidade de abordar assuntos como machismo e relacionamentos abusivos à partir da série)</p> <p>4'32" Elemento textual associado ao som de uma sirene (Ressalta que dará de spoilers e sugere ao público que não quer saber, que pule para o tempo 6'30" do vídeo)</p> <p>4'42" Elemento textual (aponta temas tratados na série como feminicídio e faz associação com a realidade brasileira, violência doméstica e proteção de crianças)</p> <p>5'51" Faz relação da série com a vida real</p> <p>6'31" Elemento ilustrativo (indicação do filme "Coringa"; exibição de trecho do filme)</p> <p>6'53" Elemento textual (aponta temas tratados no filme como doenças mentais, assistência social, porte de armas, abuso físico e psicológico, diferença de classes e violência policial)</p> <p>9'01" Elemento textual associado ao som de uma sirene (Ressalta que dará de spoilers e sugere ao público que não quer saber, que pule para o tempo 9'29" do vídeo)</p> <p>9'03" Elemento textual (faz associação do filme com a luta de classes, teoria do Karl Marx)</p> <p>9'30" Finaliza enfatizando as indicações de séries e filme dadas durante o vídeo e convida o público a interagir com ele através de suas redes sociais</p>			

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
Vá ler um livro	O que é poesia concreta	Movente	<p>No vídeo professora explica o contexto histórico do conteúdo e o próprio conteúdo</p> <p>1” Saudação e apresentação do tema que será abordado</p> <p>9” Elemento ilustrativo (provocação com a frase “vá ler um livro”)</p> <p>13” Elemento ilustrativo (vídeo de uma pessoa martelando concreto utilizado de maneira sarcástica ao introduzir o tema “concretismo”)</p> <p>46” Faz contextualização histórica do tema</p> <p>1’07” Elementos ilustrativos (Imagens de Augusto, Haroldo e Décio Pignatari, que iniciaram a poesia concreta em 1950)</p> <p>1’19” Elemento ilustrativo (Imagem relacionada ao governo de JK; faz relação da época com o governo regente)</p> <p>1’25” Elemento ilustrativo (Imagem de JK e de Brasília)</p> <p>1’35” Elemento ilustrativo (Imagem de Oscar Niemeyer e de suas obras em Brasília; faz relação de Niemeyer com o concretismo)</p> <p>2’45” Elemento ilustrativo (Desenhos das obras de Niemeyer em Brasília)</p> <p>3’ Elemento ilustrativo (Imagem do Papa-léguas relacionada à velocidade do governo JK, 50 anos em 5)</p> <p>4’22” Elemento textual (refere-se ao poema piada)</p> <p>4’32” Elemento textual (Imagens com exemplos de poesia concreta, apontando que a poesia concreta é visual, rápida e curta)</p> <p>4’52” Elemento textual (menciona que a poesia concreta é verbo-voco-visual)</p> <p>5’48” Elemento ilustrativo (Imagens de</p>	O objetivo é contextualizar a poesia concreta em seu tempo histórico	A intencionalidade do professor se demonstra ao provocar o espectador para ler livros.	Está no vídeo a ideia que para compreender os movimentos literários é preciso entender de várias disciplinas, tudo está interligado

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>peessoas que fizeram poemas concretos, como Ferreira Gullar, Caetano Veloso, Tropicalia)</p> <p>6'13" Elemento textual (exemplo de poesia concreta: "beba cola, babe cola...")</p> <p>6'58" Faz paralelo entre concretismo e poesia práxis</p> <p>7'39" Finaliza relembrando o público dos demais vídeos publicados no canal e convidando a interagirem no canal através de perguntas</p>			
Professor Beto Brito - Literatura Legal	Entendendo as vanguardas europeias em 5 tópicos	Contemplativo	Professor explica o conteúdo em plano fechado no vídeo, acompanhado de fundo de livros	O objetivo é explicar o conteúdo, de forma expositiva com referências a artistas e obras de artes de forma verbal as vanguardas europeias	Está no vídeo a intenção de dizer que uma boa aula não precisa ter pirotécnicas	Sem indicação hipertextual.
Prof Noslen	Resumão Vanguardas Europeias (Paródia)	Contemplativo	O professor convida cantor para fazer paródia musical com o conteúdo. 1'19" recursos musicais	O objetivo do vídeo é passar de forma lúdica informações sobre as vanguardas europeias	A intenção é tornar o conteúdo mais atrativo. Está no vídeo a ideia que trazer elementos lúdicos colaboram com o aprendizado	Sem indicação hipertextual.
Karina Zandonadi	Vamos falar sobre contractions em inglês? (Gimme, lemme, wanna e outros)	Movente	<p>No vídeo professora explana o conteúdo com ilustração de trechos de filmes</p> <p>1" Saudação e apresentação da temática da aula</p> <p>23" Convida público a se inscrever no canal e a compartilhar o vídeo</p> <p>38" Elemento ilustrativo (edição do vídeo com alteração de voz como se o aluno estivesse perguntando)</p> <p>2'17" Elemento ilustrativo (professora erra na hora de falar e coloca a imagem de uma tela de computador representando uma pane)</p> <p>2'44" Elemento textual (Contraction "Gimme")</p> <p>3'08" Elemento ilustrativo (trecho de vídeo em que "gimme" é utilizado)</p>	O objetivo do vídeo é explanar sobre <i>contractions</i> em inglês	O objetivo fica claro quando as cenas dos filmes começam a ilustrar o conteúdo	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			3'15" Elemento textual (Contraction "Lemme") 3'26" Elemento ilustrativo (trecho de vídeo em que "lemme" é utilizado) 3'35" Elemento textual (Contraction "Wanna") 3'46" Elemento ilustrativo (trecho de vídeo em que "wanna" é utilizado) 3'53" Elemento textual (Contraction "gotta") 4'08" Elemento ilustrativo (trecho de vídeo em que "gotta" é utilizado) 4'21" Elemento textual (Contraction "gonna") 4'38" Elemento ilustrativo (trecho de vídeo em que "gonna" é utilizado) 4'50" Elemento textual (Contraction "dunno") 5'24" Elemento ilustrativo (trecho de vídeo em que "dunno" é utilizado) 5'30" Elemento textual (Contraction "hafta") 5'53" Elemento textual (Contraction "i'mma") 6'10" Elemento textual (Contraction "gotcha") 6'27" Elemento ilustrativo (trecho de vídeo em que "gotcha" é utilizado) 6'39" Elemento textual (Contraction "whatcha") 6'53" Elemento ilustrativo (trecho de vídeo em que "whatcha" é utilizado) 7'06" Elemento textual (Contraction "outta") 7'20" Elemento ilustrativo (trecho de vídeo em que "outta" é utilizado) 8'10" Finaliza convidando público a comentar no canal caso saibam de outros tipos de Contractions			

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
English Brazil by Carina Fragoza	Gringos reagem a 15 marcas que pronunciamos Errado em Inglês	Movente	<p>Professora de inglês recebe outros professores para verificar como é a pronúncia em inglês de outras marcas</p> <p>1'02" Apresentação do tema do vídeo</p> <p>42" Elemento ilustrativo (símbolo da plataforma "Cambly")</p> <p>48" Elemento ilustrativo (fornece código ao público para que assistam 15 minutos de vídeo na plataforma de maneira gratuita)</p> <p>1'1" Apresentação do interlocutor 1 - Steven</p> <p>1'13" Apresentação interlocutor 2 - Rebekah</p> <p>1'16" Apresentação do interlocutor 3 – Maria</p> <p>1'30" Elemento ilustrativo (Marca Red Bull)</p> <p>2'10" Elemento ilustrativo (Placar de acertos)</p> <p>2'14" Elemento ilustrativo (Marca Fiat)</p> <p>3" Elemento ilustrativo (Placar de acertos)</p> <p>3'02" Elemento ilustrativo (Marca Audi)</p> <p>3'18" Elemento ilustrativo (Placar de acertos)</p> <p>3'24" Elemento ilustrativo (Marca Aeropostale)</p> <p>3'58" Elemento ilustrativo (Placar de acertos)</p> <p>4'06" Elemento ilustrativo (Marca LinkedIn)</p> <p>4'25" Elemento ilustrativo (Placar de acertos)</p> <p>4'29" Elemento ilustrativo (Marca Levi's)</p> <p>5'13" Elemento ilustrativo (Marca Ikea)</p> <p>5'25" Elemento ilustrativo (Placar de acertos)</p> <p>5'30" Elemento ilustrativo (Marca</p>	<p>O objetivo do vídeo é fazer uma espécie de jogo para ver quem acerta mais a quais são as marcas a partir da pronúncia das marcas no Brasil</p>	<p>A professor revela a intenção na entrada do vídeo depois de anunciar que os professores em outros países são participantes são de um curso de inglês online que ela participa</p>	<p>Sem indicação hipertextual.</p>

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>Xerox) 6'09" Elemento ilustrativo (Placar de acertos) 6'14" Elemento ilustrativo (Marca Kit Kat) 6'44" Elemento ilustrativo (Placar de acertos) 6'48" Elemento ilustrativo (Marca Sephora) 7'05" Elemento ilustrativo (Placar de acertos) 7'09" Elemento ilustrativo (Marca MAC) 7'45" Elemento ilustrativo (Placar de acertos) 7'52" Elemento ilustrativo (Marca Maybelline) 8'22" Elemento ilustrativo (Placar de acertos) 8'25" Elemento ilustrativo (Marca Samsung) 8'51" Elemento ilustrativo (Placar de acertos) 8'54" Elemento ilustrativo (Marca Abercrombie e Fitch) 9'04" Elemento ilustrativo (Placar de acertos) 9'15" Elemento ilustrativo (Marca Urban Outfitters) 9'52" Elemento ilustrativo (Placar de acertos) 10'14" Finaliza o vídeo divulgando um sorteio da plataforma Cambly</p>			
English Brazil by Carina Fragozo	Inglês no aeroporto, avião e imigração: aprenda a “se virar” - Survival English #2	Movente	<p>17" Apresentação da temática que será abordada no vídeo 30" Convida o público a assistir outros vídeos do canal 44" Elemento textual (refere-se as indicações encontradas em aeroportos para orientar os passageiros)</p>	O objetivo do vídeo é apresentar ao expectador as palavras relacionadas ao aeroporto	A intenção do vídeo é utilizar uma cena do cotidiano para facilitar a aprendizagem	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>1'52" Elemento textual (dá sugestões de expressões que podem ser utilizadas em alguns momentos no aeroporto)</p> <p>2'33" Elemento textual (menciona palavras referentes à objetos comumente utilizados no contexto de uma viagem)</p> <p>3'47" Elemento textual (aponta frases comuns dentro do avião)</p> <p>4'54" Elemento ilustrativo (Meme)</p> <p>6'42" Elemento textual (perguntas frequentemente realizadas na imigração)</p> <p>9'18" Convida público a comentar no canal sugestões de palavras que não tenham sido mencionadas no vídeo, e a se inscreverem no canal</p>			
Parabólica	Entenda o imperialismo	Contemplativo e Movente	<p>O formato do vídeo é essencialmente o professor falando na frente de um quadro negro, simulando uma sala de aula convencional.</p> <p>06" - Boas vindas</p> <p>20" chamamento do público para as redes sociais</p> <p>38" - Recursos textuais salienta palavras importantes da fala</p> <p>1'09" Imagens ilustrativas + texto</p> <p>4'59" Mapa</p> <p>10'35" Dica de bibliografia na descrição e indica um livro de literatura de Júlio Verne - Volta ao mundo em 80 dias</p> <p>12'32" Encerra com gíria</p>	O objetivo do vídeo é entender o imperialismo	A intencionalidade se revela na escolha da forma como transmitir a informação	Há dica de livro de literatura
História Online	Diário do Enem - Episódio 19 - Imperialismo	Movente	<p>O professor aborda o tema do vídeo de maneira clara e simples, utilizando um quadro fechado e destaques textuais para marcar pontos importantes.</p> <p>6" Saudações e boas-vindas</p> <p>20" Convida o público a se inscrever no</p>	O objetivo do vídeo é passar a informação sobre o imperialismo	A intencionalidade do professor é transmitir informação, de forma didática utilizando recursos analógicos como referência	Dica de livro

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>canal</p> <p>36” Elemento textual (apresenta o tema da aula, “imperialismo”, e evidencia a sua importância para a prova do Enem)</p> <p>50” Contextualiza o tema da aula com a Primeira Guerra Mundial</p> <p>1’09” Elemento textual (explica o conceito de imperialismo, relacionando com política de expansão de um país, através do viés político, econômico, militar e/ou cultural)</p> <p>2’18” Elemento textual (explica que o imperialismo se desenvolveu à partir de uma ideologia)</p> <p>2’32” Elemento textual (evidencia algumas das ideologias que embasaram o imperialismo, como missão civilizatória, darwinismo social, corrida armamentista, belle époque)</p> <p>5’06” Elemento ilustrativo (exibição de algumas imagens que podem aparecer futuramente em questões do Enem)</p> <p>10’35” Elemento textual e ilustrativo (exibição e resolução de uma questão do Enem de 2014, em que a temática foi cobrada)</p> <p>12’33” Finaliza o vídeo adiantando a temática que será abordada em um próximo vídeo</p>			
Daniel Gomes	Sociologia aulas Poliedro / Racismo “Científico”	Movente	<p>Professor explica conteúdo utilizando recursos visuais e textuais.</p> <p>1’15” recurso textual</p> <p>2’20” recurso textual</p> <p>2’34” recurso textual</p> <p>2’48” recurso textual</p> <p>4’39” recurso textual</p> <p>5’01” recurso visual</p> <p>7’14” recurso visual</p> <p>8’48” recurso visual</p> <p>9’23” - recurso visual</p>	O objetivo do professor é trabalhar o racismo científico	A intenção é passar a informação de maneira sintética apoiado em elementos visuais que auxilie na compreensão	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtube se revela?	Fluxo da narrativa
			10'41" recurso textual Questão 11'16" recurso textual 11'36" Recurso textual - Questão			
Historizando	Apartheid	Contemplativo	O professor utiliza do recurso de uma lousa digital para explicar conteúdo que é intercalado com recursos textuais	O objetivo do vídeo é passar informação sobre o Apartheid	A intencionalidade do vídeo é transmitir informações utilizando recursos digitais	Sem indicação hipertextual.
O incrível pontinho azul	Mudança de Estado Físico da Matéria	Movente	O vídeo é uma animação em que o personagem é um professor, denominado Bill Tyson 10" Saudações e apresentação 20" Elemento textual (tema da aula "estados físicos") 26" Elemento ilustrativo e textual (Imagem de um cubo de gelo representando o estado sólido) 31" Elemento ilustrativo e textual (Imagem de fogo, representando o aquecimento de uma substância) 36" Elemento ilustrativo e textual (Imagem de uma gota d'água, representando o estado líquido) 40" Elemento textual (processo de fusão, passagem de uma substância do estado sólido para líquido) 46" Elemento ilustrativo e textual (gota d'água e flocos de neve) 52" Elemento ilustrativo e textual (Imagem de um cubo de gelo representando o estado sólido) 56" Elemento textual (processo de solidificação, passagem de uma substância do estado líquido para sólido) 1'12" Elemento textual (processo de vaporização, passagem de uma substância do estado líquido para gasoso) 1'30" Elemento textual (processo de condensação, passagem de uma	O objetivo do vídeo é passar informação de forma ilustrada sobre Mudança de Estado Físico da Matéria	A intenção é de ilustrar o texto da professora com recursos textuais e visuais	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>substância do estado gasoso para líquido) 1'53" Elemento textual (processo de sublimação, passagem de uma substância do estado sólido para gasoso ou vice-versa) 2'06" Personagem do professor finaliza o vídeo dando um exemplo cotidiano (fazer chá) 2'25" Convida o público a compartilhar o vídeo</p>			
Se liga – Enem e Vestibulares	Primeira Guerra Mundial (Quem contra quem?)	Movente	<p>O vídeo tem um professor vestido de soldado, portando uma mochila aparentando estar pronto pra entrar em guerra. Utilizando um vocabulário bem popular e recheado de gírias o professor explica de maneira simples com apoio de recursos textuais o conteúdo. 1" Apresentação do conteúdo que será abordado na vídeo aula 16" Contextualiza o cenário da Primeira Guerra Mundial 36" Elemento textual (nome do primeiro país atacado – Sérvia, e do primeiro país agressor – Império Austro-Húngaro) 1'21" Elemento textual (cita Império Russo, no momento em que entrou na guerra) 1'51" Elemento textual (cita Alemanha, no momento em que se aliou ao Império Austro-Húngaro) 2' Elemento textual (menciona França e Inglaterra ao se aliarem à Sérvia e à Rússia) 2'49" Elemento textual (menciona a Itália como aliada à Austro-Hungria e Alemanha e contextualiza a mudança de lado da Itália ainda nos primeiros meses de guerra)</p>	O objetivo do vídeo é informar de forma lúdica sobre a Primeira Guerra Mundial	A sua intenção é ambientar o aluno trazendo elementos lúdicos no vídeo	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>3'09" Elemento textual (cita a entrada do Império Turco-Otomano como aliado da Austro-Hungria e Alemanha)</p> <p>3'55" Elemento textual (cita vários países que, ao longo da guerra, tornaram-se aliados da Sérvia, Rússia e França, como EUA, Romênia, Grécia, Brasil, Japão)</p> <p>5'12" Professor elucida a ideia de todos os países envolvidos na guerra, traçando um paralelo do que eles imaginavam que seria e do que realmente aconteceu</p>			
Buenas Ideas	O Brasil na Primeira Guerra Mundial - Eduardo Bueno	Imersivo	<p>O professor é um conhecido comunicador de história, o Peninha, ele abre o vídeo dizendo que há muitos pedidos para eles falar sobre a segunda guerra, mas ele diz que não vai falar, a não ser que pague. Depois ele passa a comentar o conteúdo de maneira descontraída intercalado de sons, textos e imagens.</p> <p>01" Provocação inicial para que o público pague pelo conteúdo desejado</p> <p>12" Elemento ilustrativo (Imagem de pessoa olhando para dinheiro caindo do céu)</p> <p>37" Elemento textual (apresentação do tema do episódio do dia)</p> <p>45" Elemento textual e ilustrativo (Imagem representando a participação do Brasil na I Guerra Mundial)</p> <p>48" Elemento ilustrativo (Desenho de um soldado na guerra)</p> <p>55" Elemento ilustrativo (notícia de jornal sobre um navio brasileiro torpedeado)</p> <p>1'17" Utilização de gíria em fala de provocação ao público (confusão existente entre I e II Guerras)</p>	O objetivo do vídeo é informar de uma maneira bem descontraída a partir da linguagem coloquial dos jovens o conteúdo sobre a Primeira Guerra Mundial	A intenção é trazer informações inusitadas para apresentar uma forma diferente e divertida de como é apresentado o conteúdo	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>1'29" Satirização com o público</p> <p>1'35" Elemento ilustrativo (Desenho de soldados brasileiros na I Guerra, com enfoque nos uniformes que utilizavam)</p> <p>1'57" Elemento ilustrativo (Imagem de navio brasileiro torpedeado pela Alemanha)</p> <p>2'00" Utilização de onomatopeia para representar o navio brasileiro torpedeado afundando</p> <p>2'17" Elemento ilustrativo (Imagem do navio Tijuca que afundou no porto de Brest na França)</p> <p>2'21" Utilização de onomatopeia para representar o navio Tijuca afundando</p> <p>2'29" Elemento ilustrativo (notícia do Brasil ameaçando a Alemanha)</p> <p>2'43" Elemento ilustrativo (Imagem do navio Macau que afundou próximo ao estreito de Gibraltar na Espanha)</p> <p>2'56" Elemento ilustrativo (notícia de jornal evidenciando a entrada do Brasil na Guerra)</p> <p>3'05" Elemento ilustrativo (Imagem da reunião de Wenceslau com Ruy Barbosa e Nilo Peçanha)</p> <p>3'11" Elemento ilustrativo (Foto de Ruy Barbosa)</p> <p>3'13" Elemento ilustrativo (Foto de Nilo Peçanha)</p> <p>3'26" Elemento ilustrativo (notícias de jornal evidenciando a entrada do Brasil na Guerra com som ao fundo da abertura do Jornal Nacional)</p> <p>3'44" Elemento ilustrativo (Imagem de Lauro Müller, ministro do interior na época)</p> <p>4'11" Elemento ilustrativo (Imagem do livro "Os meninos do Brasil" de Ira Levin)</p> <p>4'38" Elemento ilustrativo (Imagem do</p>			

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>livro “Command On The Western Front: The Military Career Of Sir Henry Rawlinson 1914-1918” de Robin Prior e Trevor Wilson)</p> <p>4’47” Elemento ilustrativo (Imagem “Join the army now” com som ao fundo de rugido de leão)</p> <p>4’51” Elemento ilustrativo (Imagem do álbum “Evil Empire” de Rage Against the Machine)</p> <p>4’52” Elemento ilustrativo (bandeira da Alemanha)</p> <p>4’58” Elemento ilustrativo (pôster de recrutamento “Your country needs you” com som ao fundo de instrumentos musicais)</p> <p>5’06” Elemento ilustrativo (Imagem da missão médica brasileira enviada para a I Guerra)</p> <p>5’11” Elemento ilustrativo (Imagem de grupo de aviadores enviados à França)</p> <p>5’22” Elemento ilustrativo (Imagem de esquadra naval enviada à I Guerra para Dakar no Senegal)</p> <p>5’36” Elemento ilustrativo (Imagem representando a Gripe Espanhola com som instrumental ao fundo mais som de tosse - relacionada à enfermidade)</p> <p>5’53” Elemento ilustrativo (soldados em Dakar)</p> <p>6’08” Elemento ilustrativo (pôster de recrutamento “Your country needs you”, evidenciando que eles deveriam prosseguir, pois seu país precisava deles)</p> <p>6’16” Elemento ilustrativo (Imagem de submarino com som instrumental ao fundo)</p> <p>6’23” Elemento ilustrativo (Imagem de Pedro Max Fernando Frontin)</p> <p>6’28” Utilização de onomatopeia para</p>			

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>representar o navio saindo de Dakar em direção ao Estreito de Gibraltar 6'30" Elemento ilustrativo (Imagem dos tripulantes do navio que saiu de Dakar em direção ao Estreito de Gibraltar) 6'36" Elemento ilustrativo (Imagem de um telescópio e utilização de onomatopeia imitando torpedo) 6'54" Professor brinca com palavras parônimas (produz jogo sonoro no discurso) 7'00" Elemento ilustrativo (Imagem do navio torpedeado naufragando) 7'13" Elemento ilustrativo (Imagem de Toninha, espécie de golfinho, com som da espécie ao fundo) 7'31" Elemento ilustrativo (Imagem de Toninhas) 7'55" Elemento ilustrativo (notícias de jornal evidenciando o fim da Guerra) 8'03" Elemento ilustrativo (soldados brasileiros comemorando o fim da Guerra) 8'09" Som de Toninhas utilizado em forma de sátira 8'20" Provocação final para que o público pague pelo conteúdo desejado 8'27" Animação de encerramento do episódio, com referências</p>			
Cinestória	O último imperador - Explicando colonialismo e Imperialismo - Cinema e História	Movente e Imersivo	<p>8" Apresentação do tema da vídeoaula, em que o filme "O último imperador" será trabalhado 14" Elemento ilustrativo (exibição de cena do filme "O último imperador") 1'04" Contextualiza o que foi o imperialismo 1'47" Elemento ilustrativo (exibição de cena do filme "O último imperador") 2'34" Elementos textual e ilustrativo</p>	O objetivo é informar o conteúdo sobre colonialismo e imperialismo	A intenção do vídeo é mesclar cenas de cinema e história, de uma forma lúdica, para apresentar o conteúdo.	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>(animação em lousa, com elementos da “Guerra do Ópio”)</p> <p>3’02” Elementos textual e ilustrativo (animação em lousa, com elementos da “Partilha da China”)</p> <p>3’42” Elemento ilustrativo (exibição de cena do filme “O último imperador”)</p> <p>4’24” Elemento ilustrativo (Imagem do primeiro presidente da China em 1911, Sun Yat-sen)</p> <p>4’29” Elemento ilustrativo (exibição de cena do filme “O último imperador”)</p> <p>6’07” Elemento ilustrativo (exibição de cena do filme “O último imperador”)</p> <p>6’35” Elemento ilustrativo (Imagens dos dirigentes comunistas que governaram a China à partir da Revolução Comunista)</p> <p>6’42” Elemento ilustrativo (exibição de cena do filme “O último imperador”)</p> <p>7’13” Elementos textual e ilustrativo (animação em lousa, com elementos da “Revolta dos Cipaiois”)</p> <p>7’46” Elementos textual e ilustrativo (animação em lousa, com elementos da visita forçada do Comodoro Mathew Perry ao Japão)</p> <p>8’17” Elemento ilustrativo (exibição de cena do filme “O último imperador”)</p> <p>9’06” Elementos textual e ilustrativo (Convida o público a assistir um outro vídeo do canal, que trata sobre a Primeira Guerra Mundial)</p> <p>9’18” Elemento ilustrativo (exibição de cena do filme “O último imperador”)</p> <p>10’08” Faz fechamento, retomando as ideias a respeito do imperialismo, abordadas ao longo da vídeoaula</p> <p>10’20” Elemento ilustrativo (exibição de cena do filme “O último imperador”)</p> <p>10’51” Convida o público a se inscrever</p>			

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			no canal, e a compartilhar e comentar no vídeo			
Educa Aliança	História - 9º ANO - Aula 04	Movente	<p>O professor explana sobre o conteúdo utilizando slides com recursos textuais e de imagens.</p> <p>41” Boas-vindas e apresentação da temática que será abordada na vídeoaula</p> <p>1’54” Elemento textual (título da temática da aula – “República Velha”)</p> <p>3’05” Elemento textual (conflitos sociais que marcaram a primeira república)</p> <p>4’38” Elementos textual e ilustrativo (Mapa representativo dos conflitos brasileiros na virada dos séculos XIX e XX)</p> <p>5’25” Elemento textual (realidade do sertão nordestino)</p> <p>7’35” Elemento ilustrativo (imagem de cangaceiros)</p> <p>9’20” Elemento textual (aborda sobre as origens do movimento “Cangaço”)</p> <p>12’20” Elemento ilustrativo (imagem do bando de Lampião)</p> <p>14’27” Elemento textual (trata sobre o cangaceiro mais conhecido, Virgulino Ferreira da Silva)</p> <p>15’46” Elemento ilustrativo (imagem do bando de Lampião)</p> <p>16’22” Elemento ilustrativo (aborda sobre o movimento messiânico e rural que aconteceu no nordeste do Brasil, Arraial de Canudos)</p> <p>21’25” Elemento ilustrativo (desenho do Arraial de Canudos)</p> <p>21’39” Elemento ilustrativo (foto do Arraial de Canudos)</p>	O objetivo do filme é utilizar o material referenciado dos filmes que retrataram fatos históricos para explicar e ilustrar o conteúdo sobre o 1º República do Brasil – movimentos messiânicos	A intenção é transmitir informação sobre o tema da aula, assim como numa aula expositiva	Indica ler outros livros.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			23'10" Elemento ilustrativo (foto de Antônio Conselheiro fazendo uma procissão em Arraial de Canudos) 23'38" Professor indica que o público leia mais informações em livros de História, perguntem aos seus professores e mandem suas dúvidas nos comentários do canal			
Colégio Ampliação	História - Aula 01 3º Ano Ensino Médio	Movente	O professor explana sobre o conteúdo utilizando slides com recursos textuais e de imagens. 6" Saudações 22" Interage com o público de maneira extrovertida 30" Elemento textual (temática que será tratada na vídeoaula) 41" Retoma conteúdo abordado em aulas anteriores 1'42" Elementos textual e ilustrativo (trata sobre os elementos do expansionismo romano) 3'20" Professor sugere que o público busque mais informações a respeito das Guerras Púnicas no canal "Universo da História Tuiuti" 3'46" Elemento textual (explicação a respeito do expansionismo romano) 5'50" Elemento textual (trata sobre o primeiro triunvirato) 6'15" Elementos textual e ilustrativo (imagem de Júlio César e de Cleópatra, com informações a respeito da morte de Júlio César) 6'51" Professor satiriza o público a respeito de possíveis confusões, lembrando que Júlio César nunca foi imperador de Roma e sim ditador 7'30" Elemento textual (trata sobre o segundo triunvirato) 7'52" Elementos textual e ilustrativo	O objetivo do vídeo é passar a informação sobre a Expansão Romana e o Império	A intenção é fazer a explanação com apoio de slides, como numa aula tradicional expositiva	Com indicação hipertextual (vídeo em outro canal).

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>(imagem do primeiro imperador de Roma, Otávio, e algumas informações a respeito de seu Império)</p> <p>9'03" Elemento ilustrativo (Mapa da extensão alcançada pelo Império Romano)</p> <p>9'33" Elemento textual (divisão do Império Romano em Alto Império e Baixo Império)</p> <p>10'31" Elemento ilustrativo (imagens da política do pão e do circo)</p> <p>11'49" Elemento ilustrativo (imagem das invasões bárbaras)</p> <p>12'15" Elementos textual e ilustrativo (Mapa da regionalização do Império)</p> <p>12'42" Elementos textual e ilustrativo (Mapa evidenciando a mudança da capital de Roma para Constantinopla)</p> <p>13'45" Elementos textual e ilustrativo (aponta a queda do Império Romano do Ocidente no ano de 476)</p>			
Saberes em casa Eja - Secretaria de educação de Guarulhos	Eja Ciclo II - Episódio 37 - 10 de maio	Movente	<p>O vídeo consiste no professor atuando de forma expositiva com apoio de imagens de power point que possui texto e imagens</p> <p>13" Saudações e apresentação</p> <p>27" Apresentação do conteúdo que será tratado na vídeoaula</p> <p>2'14" Elemento ilustrativo (exibição de vídeo a respeito da Gripe Espanhola)</p> <p>4'25" Professor ressalta a importância da preservação da biodiversidade como forma de evitar novas pandemias</p> <p>4'51" Elemento ilustrativo (exibição de vídeo evidenciando e relação da preservação da biodiversidade com o surgimento de pandemias, como a da covid-19)</p> <p>6'25" Professor levanta reflexão acerca do impacto emocional em decorrência</p>	O objetivo do vídeo é passar a informação quanto as pandemias que abalaram o mundo	A intenção é transpor uma aula expositiva para o formato de vídeo	Sem indicação hipertextual.

Autoria/ Canal	Título	A que tipo de leitor se destina o vídeo	Estratégias Narrativas audiovisuais – Signos comunicacionais e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Objetivo do vídeo	Como a pretensão/intencionalidade do professor youtuber se revela?	Fluxo da narrativa
			<p>da pandemia da covid-19</p> <p>11'31" Elemento ilustrativo (exibição de vídeo produzido pela Unicamp que trata sobre os cuidados necessários para evitar a disseminação do coronavírus)</p> <p>16'05" Professor menciona a importância do SUS</p> <p>18'18" Professor enfatiza a importância dos profissionais da área da saúde no combate à pandemia da covid-19</p> <p>19'06" Professor propõe ao público a realização de uma atividade, que seria desenvolver uma pesquisa e estruturar uma tabela comparando os dados e informações das pandemias</p> <p>20'20" Professor indica materiais que o público pode utilizar para realizar a atividade</p> <p>20'42" Professor sugere que o público compartilhe o resultado da pesquisa na escola e com o Saberes em Casa EJA</p> <p>21'16" Finaliza agradecendo a presença do público</p>			

APÊNDICE S – TABELA COM A DESCRIÇÃO EM PROFUNDIDADE DA AMOSTRA DE CINCO VÍDEOS SELECIONADOS PARA A ANÁLISE

Título/disciplina	Estratégia Narrativas audiovisuais (quais imagens, textuais, visuais, auditivas) e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Fala do professor	Autoria
<p>Vídeo 3 - História “Davi, Michelangelo e Pugliese”</p>	<p>01” Saudação com gíria 12” Imagem da escultura “Davi” de Michelangelo 30” Referência ao livro “Sobotta” (Atlas de anatomia humana) 52” Imagem da escultura “Pietà” de Michelangelo 1’08” Imagem do mapa da região da Toscana, com foco em Carrara 1’13” Foto da região de Carrara, evidenciando os mármores provenientes da localidade 1’42” Imagens de personagens famosos 1’49” Imagem da escultura “Davi” de Michelangelo com foco no bloco de mármore que suporta a estrutura 2’25” Imagem de cidade romana, com foco na igreja Santa Maria del Fiore 3’08” Imagem de homem observando a escultura “Davi” de Michelangelo 3’30” Professor contextualiza a arte no cenário político vigente 4’06” Imagens de personagens da história (família de banqueiros) e de série 4’13” Sequência de obras de arte em referência à seus autores, como por exemplo Botticelli, da Vinci, Rafael Sanzio, entre outros, que foram patrocinados pela família de banqueiros 4’48” Imagem do padre Savonarola 4’55” Imagem de “meme” 5’13” Imagem do quadro “Nascimento de Vênus” de Botticelli 5’33” Imagem em referência ao padre Savonarola e a fogueira das vaidades 5’39” Imagem do nazismo em menção à Adolf Hitler 5’54” Imagens históricas mais modernas em alusão à prisão do padre Savonarola e à sua morte na fogueira</p>	<p>01” “Salve, salve terra negra!” 12” “Hoje a gente vai ter o privilégio de estudar um pouquinho sobre essa escultura bonita que cê tá vendo aí na tela, simplesmente Davi de Michelangelo Buonarroti” 30” “Se você que gosta estudar Medicina... tá passando o rabo aí com o Sobotta, esse livrinho aí” 52” “Pasmem! Ele já tinha feito a Pietá com 23” 1’08” “um bloco de mármore, simplesmente esse bloco vai vir da famosa região da Toscana, região que produz o famoso mármore de Carrara” 1’13” “Essa região de Carrara é famosa porque os mármores que saíram de lá estão nas grandes esculturas do Renascimento” 1’42” “Com o passar do tempo e o encurtamento histórico a expressão se tornou o quê? ‘Cuspido e escarrado’” 1’49” “esse blocão de mais ou menos 6 metros de altura, ele estava lá em Carrara e pasmem: Michelangelo não foi o primeiro a esculpir Davi” 2’25” “por volta de 1461, tinha-se uma ideia de ainda engrandecer mais a Igreja” 3’08” “É praticamente como se essa peça, que você tá vendo aí todo bonita, de mármore Carrara...” 3’30” “culturalmente Florença estava vivendo um grande momento, um momento de fervor cultural” 4’06” “Uma família de banqueiros, os Médici, ou os Médici, tinham ascendido ao poder” 4’13” “eles estavam patrocinando uma série de artista. Olha, Botticelli, Leonardo Da Vinci, Rafael De Sanzio, o Brunelleschi que fez o Duomo de Florença...” 4’48” “um monge...um padre, na verdade, chamado Savonarola, ele ficou extremamente incomodado com esse humanismo” 4’55” “Arte incomoda, né gente?” 5’13” “o Botticelli que pintou ‘O nascimento de Vênus’, que tá aí, que foi um quadro inovador...” 5’33” “o Savonarola faz a famosa fogueira das vaidades, coloca livro, obra de arte pra ser queimada” 5’39” “o Savonarola faz a famosa fogueira das vaidades, coloca livro, obra de arte pra ser queimada” 5’54” “Eles prenderam o Savonarola e o Savonarola foi queimado nessa fogueira” 6’45” “Michelangelo vai gastar três anos pra fazer essa escultura e quando ele gasta esses três anos...cheio daquele mistério, escondido e tal, Davi nasce” 6’47” até 6’58” “E aí quando Leonardo Da Vinci, Botticelli...o pessoal de Florença e o próprio Maquiavel, [...], Donatello, todo mundo pirou na perfeição” 7’00” “Todo mundo pirou na perfeição” 7’06” “Lembra que eu falei que a ideia da estátua era ficar no alto da Igreja?” 7’17” “Botticelli, Leonardo Da Vinci começaram a falar o seguinte: ‘Essa obra tem que ficar onde? No</p>	<p>Terra Negra - Moises Lima (Integrante do Blog Science Blog Brasil)</p>

Título/disciplina	Estratégia Narrativas audiovisuais (quais imagens, textuais, visuais, auditivas) e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Fala do professor	Autoria
	<p>6'45" Imagem da escultura "Davi" de Michelangelo</p> <p>6'47" Imagem de Leonardo da Vinci</p> <p>6'48" Imagem de Botticelli</p> <p>6'51" Imagem de Maquiavel</p> <p>6'58" Imagem de Donatello</p> <p>7'00" Utilização de gírias</p> <p>7'06" Imagem da escultura "Davi" de Michelangelo no alto da igreja</p> <p>7'17" Imagem da escultura "Davi" de Michelangelo no centro da cidade</p> <p>7'41" Imagem do Gigante Golias (contextualizando a história de Davi, que era um hebreu, povo que lutou contra os filisteus)</p> <p>7'49" Imagem da escultura "Davi" de Michelangelo com foco nos detalhes do ombro esquerdo da arte</p> <p>7'53" Imagem no formato de desenho de Davi rodando a pedra para acertar a cabeça do Gigante</p> <p>7'56" Imagem da escultura de Davi rodando a pedra para acertar a cabeça do Gigante</p> <p>7'59" Imagem da escultura de Davi ajoelhado e fazendo sinal de positivo com a mão</p> <p>8'00" Professor explica metáfora que relaciona a escultura de Davi com a cidade de Florença</p> <p>8'23" Indicação do livro "Testemunha Ocular" de Peter Burke</p> <p>8'26" Imagem de Peter Burke</p> <p>8'36" Imagem do quadro "A liberdade guiando o povo" de Eugène Delacroix</p> <p>8'41" Imagem de Eugène Delacroix</p> <p>9'37" Imagem de Nietzsche e da obra de arte "Deus Cronos" de Francisco de Goya, que estudaram o papel da arte</p> <p>9'58" Imagem em referência à série Game Of Thrones</p> <p>10'20" Imagem da escultura "Davi" de Michelangelo</p> <p>10'44" Imagem da escultura "Cabeça de Fauno" de Michelangelo</p> <p>10'49" Imagem da escultura "Pietà" de Michelangelo</p> <p>10'50" Imagem da escultura "Davi" de Michelangelo</p> <p>10'52" Imagem do teto da capela sistina, feito por Michelangelo</p> <p>10'53" Imagem da Tumba de Júlio II</p> <p>11'10" Relaciona as obras de arte com outras áreas do</p>	<p>centro da cidade"</p> <p>7'41" "Davi era aquele cara que era pequenininho, baixinho e ia enfrentar um gigante, o Golias, com a sua funda"</p> <p>7'49" "tá vendo esse negócio no ombro aí da estátua? Isso aí é a funda"</p> <p>7'53" até 7'59" "onde que Davi pegou uma pedrinha, rodou essa pedrinha e em tese acertou a cabeça do gigante"</p> <p>8'00" "Olha que metáfora linda, Florença a cidade pequena que ia enfrentar os seus gigantes. Quem? O fundamentalismo"</p> <p>8'23" até 8'26" "nesse livrinho foda do Peter Burke, historiador, que chama 'Testemunha ocular'. Aqui ele analisa como conceitos e ideias de maneira linda pela arte"</p> <p>8'36" até 8'41" "esse quadro representa o que é a liberdade pro francês durante a Revolução de 30"</p> <p>9'37" "Nietzsche tá dizendo assim 'Arte é resistência dos homens ao tempo. O tempo quer o tempo todo nos devorar'"</p> <p>9'58" "como o Deus da noite de Game of Thrones, o tempo, o vazio, quer nos levar o tempo todo ao esquecimento, ao caos"</p> <p>10'20" "Davi é um verdadeiro monumento à vida. Então se a gente pensar num sentido mais profundo, arte não representa apenas conceitos, arte é o jeito de o homem se firmar ao tempo, porque o tempo é voraz"</p> <p>10'44" até 10'53" "Michelangelo, que é esse artista que começou aos 13 anos esculpindo e aos 13 fez um fauno que chamou a atenção de Lorenzo de Medici, aos 23 fez a Pietà, aos 26 fez o Davi, depois ele faz a Capela Sistina, depois ele faz o túmulo do Papa Júlio II"</p> <p>11'10" "A Grécia pro pessoal do Renascimento era o berço da civilização, é aquilo que o homem tinha produzido de mais belo"</p> <p>11'33" "quando a gente olha o Davi, ele não tá de roupa, ou ele não tá com a cara cheia de x ou y...ele tá representando o que na época era considerado o ideal de homem, que é o grego"</p> <p>11'41" "Michelangelo tá tirando do mármore não é uma produção realista, ele tá tentando reproduzir em justa proporção aquilo que é o belo, o bonito"</p> <p>12'12" "Por que que ele tá sem pelos? Porque pelo representa animalidade, e Michelangelo quer esculpir o que ele julga que é melhor do homem"</p> <p>12'28" "Sabe o que é isso? A racionalidade, a luz, a beleza, então tudo que representa a animalidade Michelangelo não quer representar"</p> <p>12'42" "Esse piruzinho aí é justamente porque os órgãos sexuais representavam um lado humano que é importante, que é o lado dionísíaco, que é o lado do impulso, da força"</p> <p>13'10" "Michelangelo não queria representar essa força, que é também importante, ele queria marcar aquilo que é universal...o belo em Michelangelo"</p> <p>13'21" "Outro elemento que a gente pode aí na obra, é como que ela tá cheia de proporção e simetria. Isso é uma tara do pessoal do Renascimento, eles faziam estudos anatômicos"</p> <p>13'33" até 13'36" "Michelangelo, apesar de ser um grande rival do Leonardo da Vinci..."</p> <p>13'36" "[...] ele tá seguindo mais ou menos as ideias da época de anatomia"</p> <p>13'52" "Olha só, essa mão grande aí e essa cabeça grande, que realmente tem uma certa desproporção com o corpo, tem possíveis duas explicações, ou até</p>	

Título/disciplina	Estratégia Narrativas audiovisuais (quais imagens, textuais, visuais, auditivas) e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Fala do professor	Autoria
	<p>conhecimento</p> <p>11'33" Imagem da escultura "Davi" de Michelangelo com foco em seu rosto</p> <p>11'41" Imagem de "meme" com a escultura de Davi</p> <p>12'12" Imagem da escultura "Davi" de Michelangelo enfatizando em seus detalhes, como a ausência de pelos</p> <p>12'28" Analisa as metáforas da escultura "Davi" de Michelangelo</p> <p>12'42" Imagem da escultura "Davi" de Michelangelo com ênfase na parte genital relacionando à metáfora encoberta na obra de arte</p> <p>13'10" Imagem da escultura "Davi" de Michelangelo</p> <p>13'21" Imagens (como a do "Homem Vitruviano" de Leonardo da Vinci) elucidando a proporção e a simetria presentes nas obras de arte dos artistas do Renascimento</p> <p>13'33" Imagem de uma reportagem que trata a suposta rivalidade entre Leonardo da Vinci e Michelangelo</p> <p>13'36" Imagem de um diagrama de anatomia humana</p> <p>13'52" Imagem da escultura "Davi" de Michelangelo relacionando a proporção do tamanho da cabeça e das mãos à metáfora (como valorização da racionalidade, poder)</p> <p>14'55" Imagem da escultura "Davi" de Michelangelo com aspecto obeso, explicando sua referência como um padrão de beleza</p> <p>15'09" Imagem da escultura "Davi" de Michelangelo com foco nos pés, mencionando o atentado à obra de arte</p> <p>15'14" Imagem de notícia de jornal que relata o atentado à escultura "Davi" de Michelangelo</p> <p>15'37" Explica a modificação das ideias ao longo do tempo e da história</p> <p>15'59" Imagem da escultura "Davi" de Michelangelo</p> <p>16'14" Imagem personagens famosos da atualidade, relacionando ao padrão considerado como ideal estético</p> <p>16:20 Referência ao livro "A sociedade do espetáculo" de Guy Debord, enfatizando a ideia de que tudo está interligado com a imagem</p> <p>16'40" Menciona a rede social</p>	<p>mais"</p> <p>14'55" "como que Davi, esse gigante aí, ao longo do tempo ele se torna uma referência de beleza"</p> <p>15'09" até 15'14" "essa estátua Davi ela sofreu. Não sei se vocês sabem...olha os pezinhos aí, os pés já sofreram marretadas... em 1991 essa estátua sofreu um atentado"</p> <p>15'37" "Com o passar dos anos, essa ideia que representava tanto pra Michelangelo, que era a ideia do universal, essa resistência diante da dissolução do tempo que segundo Nietzsche representava essa coisa boa, essa coisa profunda, representava a vida, ela vai perdendo seu sentido"</p> <p>15'59" "Hoje, no mundo contemporâneo, quando a gente pensa nessas imagens como estão aí na tela, essa imagem de Davi, o que que pensa? A gente pensa num ideal de beleza simplesmente esvaziado desse sentido original"</p> <p>16'14" "A gente pensa num ideal estético que vende, um ideal estético que nos dá prazer"</p> <p>16'20" "A gente vive hoje, segundo Guy Debord, nós vivemos hoje a sociedade de espetáculo, onde tudo é relacionado à imagem"</p> <p>16'40" "Sabe quando você fica na tela passando stories, só vendo coisas, e aí de repente aquilo... nada faz sentido? Hoje a gente vive nessa dimensão...de tudo se tornou um grande espetáculo e a gente vive uma alienação do sentido original das coisas"</p> <p>16'52" "Sabe aquela imagem que eu mostrei pra vocês do Eugène Delacroix? A liberdade guiando o povo? É a capa do CD do Coldplay [...] quando o Chris Martin escolheu essa capa, se foi ele, ele não queria reviver a Revolução. Ele queria o quê? Vender!"</p> <p>17'57" "O que que faltava? Faltava um músculo atrás das costas. Esse músculo estaria entre a escápula e entre a coluna"</p> <p>18'10" "foi descrito por Michelangelo numa carta porque que ele não colocou esse músculo e sabe que que é o mais sensacional? O mármore não permitia esse músculo. Ou seja, a vida não permitia essa perfeição que ele tava idealizando"</p> <p>18'23" "E eu faço uma pergunta pra gente finalizar o nosso vídeo: será que não tá faltando algo pra gente também, não? Será que não tá faltando um músculo em algum lugar, não?"</p>	

Título/disciplina	Estratégia Narrativas audiovisuais (quais imagens, textuais, visuais, auditivas) e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Fala do professor	Autoria
	<p>“Instagram”, relacionando a reflexão com questões do dia a dia (alienação do sentido original das coisas)</p> <p>16’52” Imagem do quadro “A liberdade guiando o povo” de Eugène Delacroix, mencionando que o quadro é a capa do CD da banda “Coldplay”</p> <p>17’57” Imagem da escultura “Davi” de Michelangelo, enfatizando no músculo que falta atrás das costas</p> <p>18’10” Imagem da carta de Michelangelo explicando a razão da ausência do músculo na escultura</p> <p>18’23” Professor encerra a vídeo aula com uma reflexão/provocação</p>		
<p>Vídeo 9</p> <p>Literatura - Romantismo (introdução)</p>	<p>1” Abertura do canal e apresentação do episódio</p> <p>10” Professor fala com um crânio</p> <p>19” Professor relaciona o conteúdo da aula com conteúdo de aula anterior</p> <p>36” Professor faz piada com portugueses</p> <p>49” Professor interage com o público falando de assunto não relacionado ao conteúdo (temperatura de sua cidade)</p> <p>Professor expõe o conteúdo ao lado de um televisor com recursos textuais e visuais (semelhante à uma exibição de slides)</p> <p>2’06” Imagem com elementos textuais e imagens representativas do Romantismo</p> <p>2’39” Imagem com elementos textuais (contextualização do Romantismo brasileiro)</p> <p>4’12” Professor destaca que a mudança de contexto pode influenciar na produção artística</p> <p>4’29” Professor interage com outro professor que está no estúdio (professor Rodrigo)</p> <p>5’36” Imagem da pintura “Liberdade guiando o povo” de Delacroix</p> <p>6’20” Imagem com elementos textuais (Declaração de direitos do homem e do cidadão; professor faz a leitura de um trecho do artigo 11)</p> <p>7’03” Imagem com elementos textuais (mudança de valores</p>	<p>10” “Uhum. Ah, é verdade. De novo? Né, Bovary? Mas que coisa...”</p> <p>19” “Bom gurizada, aqui ó, já vou começar a aula né, e ela [o crânio] tá me lembrando que na aula anterior lá no neoclassicismo eu comentei sobre O Uruguai, do Basílio da Gama, que é a luta dos índios né”</p> <p>36” “Eu falei luso-portuguesas...pô cara, dei uma de português. Não, tô brincando, né. Comunidade aí de Porto, Coimbra, Ilhas dos Açores, né, que tá visualizando o aulade.com.br”</p> <p>49” “Gurizada, continua um frio aqui em Porto Alegre... só pra vocês terem ideia a água tá congelando. Olha só, que maravilha ein. E vocês que tão aí, tão aonde? Tão na Bahia?”</p> <p>2’06” [...] século XIX pessoal, os anos de 1800 no Brasil, tá? Não esqueçam pessoal que o Romantismo, a sua grande produção é na primeira metade do século XIX”</p> <p>2’39” “Em que contexto está inserido o Romantismo brasileiro? Bom, pessoal, de novo, assim como no período anterior, eu vou ter que falar na Revolução Francesa, só que aqui a influência é grande mesmo, pessoal. Por quê? A Revolução Francesa, ela com a ascensão da burguesia...”</p> <p>4’12” “Então olha como o contexto mudou significativamente e isso vai influenciar na produção artística, certo?”</p> <p>4’29” “Aqui pessoal, o professor Rodrigo, que está presente, inclusive, imagina a honra que eu tenho... o cara com quem eu tiro as dúvidas de história tá aqui comigo no estúdio. Rodrigo: Feito! Bah, sempre um prazer, né”</p> <p>5’36” “Então tá, só pra vocês terem ideia eu peguei essa pintura do Delacroix, um grande pintor romântico né, francês... se chama ‘Liberdade guiando o povo’. Olha como já muda a pintura, a estética, pessoal. Uma mulher segurando a bandeira da França...”</p> <p>6’20” “Olha só, Declaração de direitos do homem e do cidadão...lá no final do século XVIII e isso vai influenciar no século XIX e até os dias atuais...vai aparecer as liberdades, né? O documento que fala da liberdade do indivíduo, e eu tomei aqui a liberdade de pegar um trequinho importante que vai influenciar na</p>	<p>Aula De. com</p>

Título/disciplina	Estratégia Narrativas audiovisuais (quais imagens, textuais, visuais, auditivas) e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Fala do professor	Autoria
	<p>como uma das consequências da mudança de contexto) 9'43" Professor relaciona os valores com a atualidade 9'50" Imagem com elementos textuais (influências do Romantismo da Europa) 10'18" Professor relaciona o conteúdo da aula com conteúdo de aula anterior 10'55" Professor interage com o público, brincando sobre não saber falar alemão 13'35" Imagem com elementos textuais (principais características observadas nas obras do Romantismo) 13'54" Professor relaciona Romantismo com Arcadismo 15'53" Professor relaciona a característica de 'liberdade artística' com atualidade 16'18" Imagem com elementos textuais, imagem da bandeira do Brasil e de índios (relacionando às características 'nacionalismo' e 'indianismo') 17'40" Professor menciona a música Guarani, entoando seu ritmo para relembrar o público e faz utilização de gíria 19'15" Professor faz fechamento das ideias abordadas na aula e dá uma prévia do conteúdo que será abordado na próxima aula</p>	<p>produção literária..." 7'03" "Com esse contexto mudando né, em ebulição né, batendo de frente com aquele contexto retrógrado, conservador, nós vamos ter um valor ou alguns valores diferentes que vai adentrar a vida de cada indivíduo, ok? Que valores são esses? Bom, um novo sentido de vida. Agora tu tem liberdade..." 9'43" "Esses são os novos valores, valores importantes que nós carregamos até hoje" 9'50" "Quais são as influências da Europa? Porque a gente não pode esquecer o seguinte, né pessoal, ainda é a visão do europeu, né, as características do europeu, só que agora é produzida por brasileiros..." 10'18" "Bom, na aula anterior eu já tinha comentado sobre o Rousseau. O Rousseau tem a teoria do 'bom selvagem', quem é o 'bom selvagem'? É aquele homem da terra, o homem que não tinha ainda sido corrompido..." 10'55" "Cara, perdoem aqui, eu não falo alemão, né, pra você que tá nos assistindo aí de Berlim, né, Munique, né, pô, põe uma crítica aí se eu falar errado aqui. Movimento <i>Sturm und drang</i>, não sei se é assim que se fala, tá? Põe uma crítica, tá?" 13'35" "Quais são as principais características? Aquelas que nós frequentemente achamos nos autores e respectivamente nas suas obras? Bom pessoal, dentre aquelas que mais aparecem [...] Individualismo, subjetivismo ou subjetividade" 13'54" "Culto à natureza. Pessoal, aqui tem uma pequena diferença da natureza dos arcades do período anterior. Por quê? Porque aquela natureza dos arcades era onde o pastor estava inserido. Pra quê? Pra viver em harmonia..." 15'53" "E liberdade artística, pra mim aqui tá a grande característica, né pessoal. A partir do momento que tu tem liberdade pra escrever o que tu quer, a escrever o que tu sente, isso torna a literatura mais verdadeira [...] Já acho isso um grande passo pra futura liberdade a mais, mais lapidada né, mais digerida que nós vamos ter até os dias atuais" 16'18" "Entretanto, tem duas delas que a gente tem que se apegar mesmo, que é o seguinte: ideia de nacionalismo, identidade... pela primeira vez na história da literatura um período vai querer mostrar essa paixão, esse apego que nós temos pela terra, o famoso nacionalismo..." 17'40" "Agora no século XIX também vai aparecer uma figura muito importante chamado Carlos Gomes, o primeiro compositor erudito da história. Ele compôs uma música muito conhecida chamada... vocês sabem? Me diz aí... O guarani. Todo mundo sabe e conhece essa música né, durante a semana das 19h às 20h no Brasil, o que que aparece? O que que toca nas rádios? O que que passa pra nós? A voz do Brasil... lembra aquela música? Tãñãtãñã... tá ligado essa?" 19'15" "Certo pessoal? Basicamente, o Romantismo é isso... essas são as suas influências né, as suas características. Na próxima aula nós vamos trabalhar a poesia né, a poesia romântica, as fases onde tão inseridos os autores..."</p>	
Vídeo 20 De onde vem os	09" Apresentação do episódio 21" Imagem com elementos	09" "No sétimo episódio dessa série especial sobre evolução, vamos ver a grande explosão animal"	Nerdologia

Título/disciplina	Estratégia Narrativas audiovisuais (quais imagens, textuais, visuais, auditivas) e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Fala do professor	Autoria
fósseis	<p>textuais (linha do tempo evolutiva) e imagens de células, fotossíntese, fósseis... 57” Imagem de mapa 1’05” Imagem de fósseis (Trilobita, Opabinia, Anomalocaris) 1’22” Imagem com elementos textuais (linha do tempo) e imagens de fósseis 1’40” Imagem com elementos textuais (evolução da vida) e símbolo de ponto de interrogação e imagens de fósseis 1’58” Imagem de Charles Darwin e de seu livro “Origem das espécies”, imagens de fósseis, elementos textuais (teoria da evolução), imagem de Alfred Russel Wallace 2’31” Imagem de Charles Darwin e de uma prancheta com animações (textos e imagens vão ‘surgindo’ na prancheta de maneira sincronizada com a fala do professor) 3’12” Imagem com elementos textuais (linha do tempo evolutiva) e imagens de células, fotossíntese, fósseis... 3’42” Imagem com elementos textuais (teoria evolutiva do equilíbrio pontuado) e com esquemas 4’05” Imagem de símbolo de ponto de interrogação e imagens de fósseis 4’22” Imagem com elementos textuais (reconstrução do passado) e imagens de minerais, organismos, DNA, células, cromossomos... 4’44” Imagem com elementos textuais (fossilização) e imagens de fósseis 5’05” Imagem com elementos textuais (esqueletos fósseis) e imagens de esqueletos fósseis 5’25” Imagem com elementos textuais (ambiente favorável) e imagem do fundo de um ambiente aquático 5’45” Imagem do mapa do Brasil com foco na Formação Santana na região nordeste e imagem de inseto 6’03” Imagem de fósseis e elementos textuais 6’30” Imagem de um desenho de dinossauro em animação e de uma minhoca predadora gigante 6’49” Imagem de fóssil de inseto com elementos textuais 7’12” Imagem com elementos</p>	<p>21” “Seguindo com a nossa linha do tempo evolutiva, por volta de 3,5 bilhões de anos atrás certamente já tínhamos as primeiras formas de vida. Com 2,5 bilhões de anos começa a fotossíntese e lá pelos 635 milhões de anos vários organismos complexos...” 57” “O que a gente encontra em sítios como Burgess Shale no Canadá e Chengjiang na China é algo completamente diferente do que tínhamos até então, ou desde então” 1’05” “Dos tradicionais Trilobitas a criaturas que a gente nem sonha atualmente como o Opabinia ou o Anomalocaris” 1’22” “É como se a gente tivesse até então uma forma de vida aqui e outra ali, mas do nada um mundo de fósseis se revela. Como se a vida fosse tímida e deixasse de deixar registros por 3 bilhões de anos e de repente deixasse toda essa vergonha pra trás e mostrasse a que veio... mostrasse todas as formas de diversidade animal que nunca teve” 1’40” “Essa explosão de vida é um tanto paradoxal pra evolução. Bom pra evolução da vida, complicado pro nosso entendimento dela” 1’58” “Por outro lado, quando Charles Darwin escreveu o livro “A origem das espécies”, em 1859, essa riqueza de fósseis de animais cambrianos de repente pareceu um problema pra teoria evolutiva que ele tava propondo com o Alfred Russel Wallace” 2’31” “Olhando pros fósseis, Darwin podia reconhecer que as formas de vida como o Trilobitas ou os dinossauros que vieram depois não existiam mais no planeta, o que quer dizer que a vida na Terra não foi sempre igual, ela mudou com o tempo” 3’12” “E o que não combina com isso são tantos animais surgindo de repente, tanto que na sexta edição de seu livro, Darwin escreveu: “A pergunta de por que não encontramos ricos depósitos fossilíferos pertencentes a esses supostos primeiros períodos anteriores ao sistema cambriano, não posso dar uma resposta satisfatória” 3’42” “E essa questão continuou cutucando os biólogos até bem recentemente, levou inclusive à teoria evolutiva do equilíbrio pontuado, que propõe que a evolução intercala intervalos longos com pouca mudança, pontuados por períodos de mudanças rápidas” 4’05” “Essa diversidade parece ter vindo do nada, mas não foi bem do nada...” 4’22” “Olhar pra minerais formados há bilhões de anos, como os zircões, pra tentar entender em que condições eles se formaram e como o planeta era no período, estudar os organismos pra saber o que todas as células têm em comum...” 4’44” “Mas nós temos uma forma bem mais direta de olhar pro passado... com os fósseis a gente pode olhar pra como a vida já foi olhando direto pro que foram os seres vivos, ou pelo menos o que ficou preservado deles” 5’05” “Pra um fóssil existir ele depende de ser preservado [...] O motivo pra gente poder encontrar tantos esqueletos fósseis é porque restos biomineralizados como os ossos, os dentes e as conchas são mais resistentes, enquanto os tecidos moles são desmanchados e decompostos logo depois que o organismo morre” 5’25” “E também tem o ambiente onde o organismo morreu...um ambiente calmo, com pouco oxigênio e altas taxas de sedimentação, ou seja, com bastante sedimentos se acumulando, como é o fundo de uma</p>	

Título/disciplina	Estratégia Narrativas audiovisuais (quais imagens, textuais, visuais, auditivas) e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Fala do professor	Autoria
	<p>textuais (linha do tempo) e imagens de fósseis</p> <p>7'40" Imagem com elementos textuais (professor levanta questionamento ao público)</p> <p>7'44" Imagem do planeta Terra, símbolo de ponto de interrogação e elementos textuais (como o símbolo do cálcio)</p> <p>8'02" Imagem de fóssil, esponja (porífero) e elementos textuais textuais (como o símbolo do cálcio e da sílica)</p> <p>8'16" Imagem de fóssil com elementos textuais (esqueletos de cálcio, símbolo do cálcio e da sílica...)</p> <p>8'35" Imagem de fóssil com enfoque em seus olhos e elementos textuais (hipótese de surgimento de visão com maior resolução)</p> <p>8'49" Imagem de um cnidário (anêmonas) com elementos textuais</p> <p>8'59" Imagem de Anomalocaris com elementos textuais</p> <p>9'11" Imagem com elementos textuais sincronizados à fala do professor e imagem de Trilobita</p> <p>9'28" Imagem com elementos textuais (linha do tempo) e imagens de DNA e de fósseis de cnidários, cordados, moluscos, artrópodes...</p> <p>10'05" Professor faz um fechamento de todas as ideias apresentadas ao longo do vídeo (imagens de fósseis e de elementos textuais sincronizados à sua fala)</p> <p>10'25" Professor conclui sua aula (imagens de fósseis e de elementos textuais sincronizados à sua fala)</p> <p>10'43" Professor contextualiza o tema da aula com a atualidade (imagem de bactérias em uma lupa)</p>	<p>lagoa, têm mais chances de preservar fósseis"</p> <p>5'45" "O ambiente com as condições ideais pode preservar até tecidos moles, como a Formação Santana, na Chapada do Araripe, no nosso Nordeste, que preservou até insetos"</p> <p>6'03" "Ou seja, se a gente encontra mais fósseis de um peixe de lago do que um pássaro de montanha, não quer dizer que esses peixes eram mais comuns...pode ser o caso de eles serem mais bem preservados porque estavam num lugar certo"</p> <p>6'30" "Se a fisiologia animal permitisse, por exemplo, os tiranossauros poderiam ter sido aterrorizados por minhocas predadoras de 30 metros de diâmetro e de 200 metros de comprimento, produtoras de muco ácido e com uma juba de tentáculos..."</p> <p>6'49" "Os insetos são alguns dos organismos mais comuns e mais diversos do planeta, com cerca de 750 mil espécies viventes já descritas"</p> <p>7'12" Não é como se a gente não tivesse seres vivos até o Cambriano...a gente tinha, mas organismos como o Dickinsonia deixaram bem menos evidência. Alguma coisa mudou durante o Cambriano e parece ser justamente a chance de fossilização dos seres vivos"</p> <p>7'49" "O que levanta a pergunta: Por que todo mundo precisou se proteger com esqueleto de repente?"</p> <p>7'44" "Uma das hipóteses é a noção de que nesse período a concentração de cálcio nos oceanos teria aumentado..."</p> <p>8'02" "Por que de repente esse aumento de cálcio e de esqueletos de cálcio incentivaria todo mundo a se proteger e fazer o mesmo? Ou alguns organismos até acumularem sílica como as esponjas fazem? Por uma corrida armamentista"</p> <p>8'16" "Os esqueletos de cálcio permitem organismos maiores com garras e dentes muito mais duros, e eles vão pregar todo mundo que der mole..."</p> <p>8'35" "Outra hipótese interessante é a de que nesse período podem ter surgido os primeiros olhos, ou pelo menos a visão com mais resolução, e olhos mudam todo o cenário evolutivo"</p> <p>8'49" "Até então os fósseis indicam que nós tínhamos organismos complexos, como os cnidários filtradores, o equivalente às anêmonas de hoje"</p> <p>8'59" "mas com olhos os animais poderiam ver o que estavam fazendo e agir como predadores...perseguido outros animais tudo muda"</p> <p>9'11" "Ou seja, os olhos são uma excelente pressão evolutiva por outros olhos, ao mesmo tempo que os esqueletos podem proteger quem não conseguiu escapar só com os olhos e com pouco movimento"</p> <p>9'28" "Com mais pesquisa e mais descobertas acabamos encontrando mais fósseis anteriores da fauna Ediacarana, como o Dickinsonia, que mostram que o conceito de explosão não se aplica tão bem aqui e reforçando a noção de que a evolução favoreceu a biomineralização a partir de um período específico. As evidências que a gente tem no DNA dos organismos ainda vivo mostra que o surgimento desse acúmulo de cálcio nos esqueletos aconteceu várias vezes em diferentes grupos..."</p> <p>10'05" "Ou seja, não foi como se a vida tivesse surgido ou se tornado mais complexa nesse período, mas sim que um desses motivos ou uma combinação deles fizeram com que os tecidos duros surgissem e esses tecidos aumentaram bastante a chance desses organismos serem preservados até hoje e nós encontramos"</p>	

Título/disciplina	Estratégia Narrativas audiovisuais (quais imagens, textuais, visuais, auditivas) e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Fala do professor	Autoria
		<p>10'25" "Uma coisa é certa: com ou sem Explosão é graças a essa mudança que a gente tem tantos fósseis animais a partir do Cambriano e é graças a esses fósseis que podemos ver o que acontece o acúmulo de pequenas mudanças que Darwin e Wallace propuseram ao longo de milhões de anos, e fazer sentido de como a gente veio parar por aqui"</p> <p>10'43" "Mas antes de vermos os próximos passos da nossa evolução, ao longo dos próximos milhões de anos, vamos fazer um desvio pra poder ver um exemplo de evolução recente que a gente pode testemunhar acontecendo ao nosso redor que não depende de fósseis"</p>	
Vídeo 40 - Entenda o imperialismo	<p>15" Imagem de logos de redes sociais (professor convida o público para segui-lo em suas redes sociais)</p> <p>33" Imagem com elementos textuais (definição de Imperialismo)</p> <p>1'07" Imagem de Vladimir Lenin + Elementos textuais (Nome do livro "Fase superior do capitalismo" escrito por Lenin).</p> <p>2'50" Imagem com elementos textuais (Tipos de dominação: protetorado, colônia, área de influência, econômica)</p> <p>4'16" Imagem com elementos textuais (Tratado de Berlim)</p> <p>4'48" Imagem de mapa (Partilha da África)</p> <p>5'46" Imagem com elementos textuais (Justificativas Imperialistas: darwinismo social, eugenia)</p> <p>7'14" Professor relaciona a ideia do darwinismo social com as ideias nazistas</p> <p>8'10" Imagem com elementos textuais (Guerras imperialistas: Guerra do Ópio, Guerra dos Boeres, Guerra dos Cípiaios)</p> <p>8'43" Imagem de papoula (planta de onde se obtém o leite que origina o ópio)</p> <p>9'38" Professor relaciona o Apartheid com as ideias do darwinismo social</p> <p>10'29" Professor dá uma dica de bibliografia a respeito do Imperialismo</p> <p>10'38" Professor indica o livro "A volta ao mundo em 80 dias" de Júlio Verne</p> <p>12'12" Imagem de logos de redes sociais (professor convida o público para segui-lo em suas redes sociais)</p>	<p>15" "Antes de a gente começar a falar, eu já te convido a me seguir nas redes sociais, no Instagram e no Twitter também"</p> <p>33" "Imperialismo seria uma...um tipo de dominação, principalmente dos países europeus"</p> <p>1'07" "Vladimir Lenin, o líder da Revolução Russa, ele trabalha com a ideia que o Imperialismo é uma fase superior do capitalismo, justamente porque ele escreveu esse livro... foi lançado no ano de 1917"</p> <p>2'50" "Para que os países europeus fizessem isso, eles tinham alguns tipos de dominação. Como por exemplo, o protetorado..."</p> <p>4'16" "E o grande marco do Imperialismo pros países europeus vai ser o Tratado de Berlim"</p> <p>4'48" "Isso tudo vai gerar lá na frente, que não é especificamente do Tratado de Berlim, mas vai gerar lá na frente o que a gente vai conhecer como a partilha da África"</p> <p>5'46" "E logicamente os europeus eles usavam algumas justificativas pra fazer essa dominação, não é só justificativa econômica, política justificativa das riquezas"</p> <p>7'14" "O pensamento triste do darwinismo social, que até é muito utilizado, por exemplo, se você for pensar na criação da ideia do nazismo"</p> <p>8'10" "E agora eu vou dar pra vocês só alguns exemplos de algumas guerras, né, de dominação imperialista no mundo"</p> <p>8'43" "O que que é o ópio? O ópio é o leite de papoula, uma planta, extraído da papoula, que dá um efeito no sistema nervoso. Então, os chineses começaram a viciar em ópio e assim os ingleses começaram a ter uma abertura gradativa do mercado chinês"</p> <p>9'38" "Isso também lá pra frente vai resultar na dominação inglesa sobre a África do Sul, que vai gerar mais pra frente a ideia do apartheid, que é muito elaborada em relação ao que a gente falou do darwinismo social"</p> <p>10'29" "E pra encerrar eu quero dar uma dica pra vocês, eu tô deixando ali na descrição uma bibliografia bacana aí pra vocês que quiserem aprofundar um pouquinho mais sobre o Imperialismo"</p> <p>10'38" "A literatura que eu quero indicar é esse livro aqui, "A volta ao mundo em 80 dias" do Júlio Verne, que foi escrito em 1873 aí pelo Júlio Verne, que é justamente a história de uma pessoa, um rico, um burguês inglês chamado Phileas Fogg né, e ele resolve dar uma volta ao mundo em 80 dias..."</p> <p>12'12" "Então é isso pessoal. Se vocês gostaram aqui da nossa pequena explicação sobre Imperialismo, sobre esse tema, curte, compartilha, se inscreva no canal, comenta aí o que você achou sobre isso, não</p>	Parabólica

Título/disciplina	Estratégia Narrativas audiovisuais (quais imagens, textuais, visuais, auditivas) e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Fala do professor	Autoria
		deixe de me seguir lá nas redes sociais...”	
Vídeo 46 - O Brasil na Primeira Guerra Mundial -	<p>01” Provocação inicial para que o público pague pelo conteúdo desejado</p> <p>12” Imagem de pessoa olhando para dinheiro caindo do céu</p> <p>37” Introdução do Canal + Tema do episódio do dia</p> <p>45” Imagem representando a participação do Brasil na I Guerra Mundial</p> <p>48” Desenho de um soldado na guerra</p> <p>55” Imagem de uma notícia de jornal sobre um navio brasileiro torpedeado</p> <p>1’17” Utilização de gíria em fala de provocação ao público (confusão existente entre I e II Guerras)</p> <p>1’29” Satirização com o público</p> <p>1’35” Desenho de soldados brasileiros na I Guerra, com enfoque nos uniformes que utilizavam</p> <p>1’57” Imagem de navio brasileiro torpedeado pela Alemanha</p> <p>2’00” Utilização de onomatopeia para representar o navio brasileiro torpedeado afundando</p> <p>2’17” Imagem do navio Tijuca que afundou no porto de Brest na França</p> <p>2’21” Utilização de onomatopeia para representar o navio Tijuca afundando</p> <p>2’29” Imagem de notícia do Brasil ameaçando a Alemanha</p> <p>2’43” Imagem do navio Macau que afundou próximo ao estreito de Gibraltar na Espanha</p> <p>2’56” Imagem de notícia de jornal evidenciando a entrada do Brasil na Guerra</p> <p>3’05” Imagem da reunião de Wenceslau com Ruy Barbosa e Nilo Peçanha</p> <p>3’11” Foto de Ruy Barbosa</p> <p>3’13” Foto de Nilo Peçanha</p> <p>3’26” Imagens de notícias de jornal evidenciando a entrada do Brasil na Guerra com som ao fundo da abertura do Jornal Nacional</p> <p>3’44” Imagem de Lauro Müller, ministro do interior na época</p> <p>4’11” Imagem do livro “Os meninos do Brasil” de Ira Levin</p>	<p>01” até 12” “Cara, as pessoas continuam enviando sugestões e palpites pra esse canal. [...] só que pedem sem mandar o equivalente numérico, sem mandar o dinheiro, sem mandar a remuneração”</p> <p>37” “Torpedo, torpedo, venha participar da Batalha das Toninhas!”</p> <p>45” até 48” “Cara, tu tá querendo saber como é que foi a participação do Brasil na guerra, né?”</p> <p>55” “Começou com os submarinos alemães torpedeando navios brasileiros, e aí o Brasil encheu o saco de tanto ser torpedeado e entrou na guerra”</p> <p>1’17” “Isso tu já sabe, né? Não cara, tu não sabe! Porque tu sabe a história dos torpedamentos que levaram o Brasil a entrar na II Guerra, e eu tô falando da I Guerra, mané, da I Guerra”.</p> <p>1’29” “Tu sabe como foi? Beirou ao vexame ... (risos)”</p> <p>1’35” “Começou assim, a Guerra começou em 14 e o Brasil se fez de morto, né. ‘Não é comigo, não é comigo”</p> <p>1’57” “Só que daí em abril de 1917, embora o Brasil se mantivesse neutro, a Alemanha torpedeou um navio brasileiro, o Paraná, no Canal da Mancha”</p> <p>2’00” “Blu blu blu blu. Afundou o navio...”</p> <p>2’17” “[...] foi um navio chamado Tijuca afundado em Brest, na frente do porto de Brest na França”</p> <p>2’21” “Aí em maio, né, foi um navio chamado Tijuca afundado em Brest, na frente do porto de Brest na França. Blu blu blu blu”</p> <p>2’29” “Aí o Brasil, além de romper relações, ameaçou a Alemanha: ‘Olha, a próxima vez...’ (risos)”</p> <p>2’43” “[...] afundaram outro navio, o navio Macau, perto do estreito de Gibraltar na Espanha”</p> <p>2’56” “Aí foi um protesto enorme nas ruas do Rio de Janeiro, todo mundo ‘Guerra! Guerra! Guerra!’, e o Brasil tinha mais é que entrar na Guerra mesmo, porque realmente...”</p> <p>3’05” até 3’13” “Wenceslau Braz se reuniu com a maior mentalidade da nação. A maior mentalidade da nação, quem era? O Ruy Barbosa. E mais o Nilo Peçanha...”</p> <p>3’26” “se reuniram no Palácio do Catete, depois se reuniram também em Petrópolis, e aí declararam guerra à Alemanha”</p> <p>3’44” “o ministro do interior era o Lauro Müller, né, que era um germanófilo, Lauro Müller dali de Santa Catarina ‘tri alemão”</p> <p>4’11” “O Lauro Müller representava realmente o que de fato existia no Brasil... um monte de germanófilo, um monte de alemães que viviam especialmente em Santa Catarina [...] e que justamente por isso eram aliados, eram favoráveis à Alemanha”</p> <p>4’38” “aí o Comando Geral da Guerra, especialmente a Inglaterra, né, que já tinha dado uma...dividido uma bola lá com os Estados Unidos”</p> <p>4’47” até 4’52” “[...] o Comando Geral da Guerra, especialmente a Inglaterra [...] disse ‘Ô, vem cá meu, vocês não vão entrar na Guerra contra esse Império do mal? No caso a Alemanha né’</p> <p>4’58” “E aí disse pro Brasil ‘Não, não, não meu chapa, tu vai entrar...tu vai entrar na Guerra”</p> <p>5’06” “E aí então o Brasil de fato enviou um contingente de médicos pra França, e esses médicos foram legais...”</p>	Buenas Ideias - Eduardo Bueno

Título/disciplina	Estratégia Narrativas audiovisuais (quais imagens, textuais, visuais, auditivas) e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Fala do professor	Autoria
	<p>4'38" Imagem do livro "Command On The Western Front: The Military Career Of Sir Henry Rawlinson 1914-1918" de Robin Prior e Trevor Wilson</p> <p>4'47" Imagem "Join the army now" com som ao fundo de rugido de leão</p> <p>4'51" Imagem do álbum "Evil Empire" de Rage Against the Machine</p> <p>4'52" Imagem da bandeira da Alemanha</p> <p>4'58" Imagem do pôster de recrutamento "Your country needs you" com som ao fundo de instrumentos musicais</p> <p>5'06" Imagem da missão médica brasileira enviada para a I Guerra</p> <p>5'11" Imagem de grupo de aviadores enviados à França</p> <p>5'22" Imagem de esquadra naval enviada à I Guerra para Dakar no Senegal</p> <p>5'36" Imagem representando a Gripe Espanhola com som instrumental ao fundo mais som de tosse (relacionada à enfermidade)</p> <p>5'53" Imagem dos soldados em Dakar</p> <p>6'08" Imagem do pôster de recrutamento "Your country needs you", evidenciando que eles deveriam prosseguir, pois seu país precisava deles</p> <p>6'16" Imagem de submarino com som instrumental ao fundo</p> <p>6'23" Imagem de Pedro Max Fernando Frontin</p> <p>6'28" Utilização de onomatopeia para representar o navio saindo de Dakar em direção ao Estreito de Gibraltar</p> <p>6'30" Imagem dos tripulantes do navio que saiu de Dakar em direção ao Estreito de Gibraltar</p> <p>6'36" Imagem de um telescópio e utilização de onomatopeia imitando torpedo</p> <p>6'54" Professor brinca com palavras parônimas (produz jogo sonoro no discurso)</p> <p>7'00" Imagem do navio torpedeado naufragando</p> <p>7'13" Imagem de Toninha (espécie de golfinho) com som da espécie ao fundo</p> <p>7'31" Imagem de Toninhas</p> <p>7'55" Imagens de notícias de jornal evidenciando o fim da Guerra</p> <p>8'03" Imagem de soldados</p>	<p>5'11" "enviou também um grupo de aviadores pra França...eles não saíram do chão"</p> <p>5'22" "E enviou [...] uma flotilha, enviou uma esquadra naval para Dakar...f oi mandado pelo Comando Geral que fosse pra Dakar no Senegal"</p> <p>5'36" "chegaram em Dakar, desembarcaram em Dakar, pegaram gripe espanhola (risos)"</p> <p>5'53" "Aí ficaram um tempo ali em Dakar..."</p> <p>6'08" "o Comando Britânico disse "Vão lá pra Gibraltar! Não encham o saco...saíam de Dakar e vão pra Gibraltar"</p> <p>6'16" "[...] saíam de Dakar e vão pra Gibraltar, mas cuidado que no meio tem submarinos alemães'. U-boats, né, como chamavam os submarinos"</p> <p>6'23" "Aí a frota, né, comandado pelo Pedro Fernandes de Frontin, que era o Almirante"</p> <p>6'28" até 6'30" "Aí a frota, né, comandado pelo Pedro Fernandes de Frontin, que era o Almirante – paaam saiu de Dakar em direção ao Estreito de Gibraltar em novembro de 1918"</p> <p>6'36" "Aí viram um telescópio 'Olha aí um telescópio! Abram fogo! Abram fogo' tu tutu tu tu, torpedo tu tutu tutu"</p> <p>6'54" "e assim foram atingidos... tingiram o mar. Atingidos tingiram... gostei do jogo verbal. Atingidos tingiram o mar..."</p> <p>7'00" "Atingidos tingiram o mar... o Oceano Atlântico de vermelho... aquela enorme mancha vermelha, aí começaram a boiar, né, mortos atingidos de barriga pra cima"</p> <p>7'13" "Cara, era um cardume de toninhas. Toninhas é uma espécie de golfinho... é cara, os caras confundiram um cardume de toninhas com submarinos alemães"</p> <p>7'31" "e aí esse episódio entrou para a história com o nome de Batalha das Toninhas"</p> <p>7'55" até 8'03" "Aí no dia 10 de novembro de 1918, depois de matar os submarinos alemães, né, eles chegaram em Gibraltar. No dia seguinte acabou a Guerra (risos)"</p> <p>8'09" "O Brasil colaborou matando um monte de submarino alemão [som de toninhas ao fundo]"</p> <p>8'20" "É isso aí, se tu quiser saber sobre a participação do Brasil na II Guerra, que é bem melhor do que essa, paga que eu conto. Se não pagar, não conto"</p> <p>8'27" "O que você acaba de ver está repleto de generalizações e simplificações, mas o quadro geral era esse aí mesmo. Agora se você quiser como as coisas de fato foram... ah, então você vai ter que ler"</p>	

Título/disciplina	Estratégia Narrativas audiovisuais (quais imagens, textuais, visuais, auditivas) e descrição dos minutos nas trocas de narrativas	Fala do professor	Autoria
	brasileiros comemorando o fim da Guerra 8'09" Som de Toninhas utilizado em forma de sátira 8'20" Provocação final para que o público pague pelo conteúdo desejado 8'27" Animação de encerramento do episódio, com referências		

APÊNDICE T – QUADRO COM AS MÉTRICAS DA AMOSTRA GERAL, POR VÍDEO

ÍDEO	AUTORIA/CANAL	VISUALIZAÇÕES	COMENTÁRIOS	LIKES	DISLIKES
	Stoodi	58557	605	0000	76
	Quer que desenhe - Descomplica	850505	938	6000	04
	Terra Negra – Moisés Lima*	3832	93	28	7
	Parabólica	359261	289	7000	29
	Débora Aladim	933076	1515	02000	50
	Dez de História - Victor Rysovas	14598	53	84	1
	Se liga nessa história - Daniel Gomes	179741	11	07	0
	Maõzinha em física	46428	54	700	7
	Aula De.*	1415834	871	4000	41
0	Profº Noslen	422857	471	5000	97
1	Terra Negra	4216	7	67	6
2	Ferretto matemática	2766388	2339	41000	23
3	Equaciona com Paulo Pereira	188138	275	2000	22
4	A revisada	160537	59	100	6
5	Química com o Prof Paulo Valim	574946	387	5000	67
6	Camila Cavalieri	178164	413	9000	09
7	Biologia Samuel Cunha	226313	441	3000	64
8	Biologia na Veia Com profº Gian Brito	377	0	9	0

ÍDEO	AUTORIA/CANAL	VISUAL IZAÇÕES	COME NTÁRIOS	IKES	ISLIKES	D
9	Universidade Corporativa do Transporte	144942	155	600	03	1
0	Nerdologia*	208993	559	3000	29	1
1	Senhor Biologia	74542	65	7000	7	5
2	Biologia com Samuel Cunha	174021	307	2000	03	1
3	Khan Academy Brasil	4620	10	44		6
4	Carecas de saber videoaulas	17844	21	17	4	2
5	Terra Negra	25685	77	800	4	1
6	Terra Negra	2020	1	98		2
7	Terra Negra	2359	61	08	9	2
8	Professor em Casa - Felipe Cardoso	483894	1403	8000	86	3
9	Umberto Mannarino	287322	844	3000	11	2
0	Caminhos da Linguagem	22839	50	300	0	3
1	ProEnem - Professor Leandro Vieira	61458	179	300		0
2	Prof Noslen	8771	37	000	3	1
3	Dica nota 1000 - Lucas Felpi	66679	155	400	8	4
4	Vá ler um livro	28334	40	900	7	4
5	Prof Beto Brito - Literatura Legal	710	5	0		1
6	Prof Noslen	25960	55	200	2	3
7	Karina Zandonadi	308	7	8		0
8	English Brazil by Carina Fragozo	588510	930	1000	47	7
9	English Brazil by Carina Fragozo	1008765	1295	2000	24	6
0	Parabólica*	361992	294	7000	30	2

ÍDEO	AUTORIA/CANAL	VISUAL IZAÇÕES	COMEN TÁRIOS	IKES	DISLIKES
1	História Online	4092	17	57	2
2	Daniel Gomes	80791	0	300	8
3	Historizando	10674	54	72	4
4	O incrível pontinho azul	328060	0	0000	74
5	Se liga – Enem Vestibulares	391345	395	3000	23
6	Buenas Idéias*	649907	2035	1000	200
7	Cinestória	9729	22	13	7
8	Educa Aliança	142	0	7	0
9	Colégio Amplação	45	0		0
0	Saberes em casa Eja - Secretaria de educação de Guarulhos	459	0	0	2

(*) Vídeos selecionados para compor a amostra em profundidade

Fonte : Elaborado pela autora (2021)

**APÊNDICE U – SÍNTESE DAS RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS
CONTENDO AS REGULARIDADES-SINGULARIDADES, OS
PROCEDIMENTOS DE LIMITAÇÃO INTERNA E OS TEMAS
SEGUNDO OS OBJETIVOS QUE CADA RESPOSTA SE REFERE.**

Questão	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Regularidades	Singularidades	Procedimentos de limitação interna	Temas segundo os objetivos
<p>EIXO I - SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE 1 - Qual a sua área de formação docente? (Curso, bacharelado, licenciatura, pós-graduação) Quanto tempo de atuação na docência? (pública, privada, nível)</p>	<p>Letras Licenciatura em Literatura e Língua Portuguesa - UFRGS Acadêmico de História da Arte - UFRGS</p> <p>15 anos de docência, 6 a 7 anos de Youtube</p> <p>Rede privada e projetos sociais</p> <p>Porto Alegre - RS</p>	<p>Licenciatura em História – Universidade Estadual de Campinas Licenciatura em Sociologia – Universidade de Taubaté Mestrado em Educação – Universidade Estadual de Campinas</p> <p>15 anos de docência, 4 anos de Youtube</p> <p>Rede privada, nível de aluno classe AA</p> <p>Campinas – SP</p>	<p>Mais de uma formação acadêmica - licenciatura</p> <p>Experiência média na docência</p> <p>Atuam na Rede Privada</p>	<p>Pós-Graduação</p> <p>Estados diferentes, um no sul e outro no sudeste</p>	<p>Disciplina (campo de saber)</p>	<p>Epistemologia do professor</p>
<p>2 - Como foi a sua formação profissional? Ela contemplava esses novos recursos audiovisuais?</p>	<p>Além da experiência acadêmica, atou em cursinhos pré-vestibular popular.</p> <p>Na sua formação quase não teve informações sobre o uso das tecnologias, apenas disciplinas da educação abordavam o tema. Já em campo trabalhando é que foi ter conhecimento das possibilidades do Youtube</p>	<p>E professor fez a licenciatura em história, depois o mestrado em educação que não contemplavam nada sobre os recursos audiovisuais e, também, licenciatura em sociologia, onde fez seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre canais de sociologia na internet.</p>	<p>A formação acadêmica não contemplou as novas tecnologias. Mas já surgia interesse pelo tema, (TCC e disciplinas da educação)</p>	<p>Entrevistado 1 Ex aluno de escola pública optou em dividir conhecimento com outros alunos de escola pública, atuando em projetos populares Entrevistado 2 Oriundo de uma condição financeira mais estável optou em investir na sua formação, cursando pós-graduação</p>	<p>Disciplina (campo de saber)</p>	<p>Inter-relação</p>

3 - Como você se capacitou ou se aperfeiçoou no uso dos recursos audiovisuais?	"... a capacitação veio com o trabalho"	O professor é um dos responsáveis pela análise de conteúdo do Youtube Edu, por conta disso os outros professores o incentivaram a criar o seu próprio canal. No início do Youtube Edu o próprio Google promoveu um evento com 40 professores convidados para capacitá-los para uma produção mais adequada para vídeos educacionais. Atualmente tem uma comunidade do <i>Whatsapp</i> com mais de 200 membros que se auxiliam nas questões técnicas com dicas de equipamentos, software, edição... Na faculdade não viu nada de tecnologias aplicadas a educação		O Entrevistado 1 de origem mais humilde e residente fora do eixo Rio São Paulo capacitou-se atuando na prática, com o trabalho O Entrevistado 2 de origem mais privilegiada e morador do eixo Rio – SP atua como revisor de conteúdo no Youtube Educação, recebeu capacitação da empresa em evento presencial e integra rede de apoio virtual com outros professores-Youtubers	Rituais	Inter-relação
EIXO II - A PRODUÇÃO DAS VIDEOAULAS 4 - Como você se integrou ao projeto ou ideia do Canal Youtube Edu? (Convite, edital, etc.)	O professor recebeu um convite de uma empresa para participar de um projeto de videoaulas com a disciplina de literatura direcionada para o público estudantil de baixa renda.	O professor é revisor de conteúdo do Youtube e a convite criou um canal com seu próprio conteúdo para circular na rede	Por convite, demonstrando o reconhecimento e oportunidade	Entrevistado 1 – Prestar serviços fornecendo videoaulas para uma empresa Entrevistado 2 – Para criar seu próprio canal	Disciplina	Inter-relações
5 - Você se considera um professor-youtuber? Como foi o processo de passar a produzir videoaulas para a plataforma YouTube? O que o motivou? Desde quando produz esses	Sim, mas acha estranha a denominação O processo não foi fácil, o professor teve que aprender a falar para a câmera de forma espontânea durante a gravação das videoaulas,	Pela fala do entrevistado ele se considera um professor Youtuber. Ele afirma que a partir dessa atividade se desdobra em diversas outras oportunidades. O professor	Se reconhecem como professores-Youtubers Reconhecem melhorias. Desde 2014/2015	Entrevistado 1 teve que aprender a se portar defronte a câmera através da experiência Entrevistado 2 teve capacitação profissional e rede de apoio Entrevistado 1 – compartilhar conhecimento Entrevistado 2 –	Disciplina	Inter-relação

<p>materiais? Você percebe uma evolução na qualidade dos mesmos?</p>	<p>utilizando um material de espinha dorsal de apoio. A motivação era poder contribuir com alunos de baixa renda com as informações já que é oriundo da educação pública também Melhorou nos últimos 6-7 anos "...tu diminui o tempo, faz mais vídeos e melhora claro nas imagens, melhora no formato, no tamanho das letras e obviamente na qualidade do material também né, porque tu acaba pesquisando mais, preparando melhor as aulas"</p>	<p>passou por uma capacitação da Google, por várias ocasiões, para afinar detalhes da produção. A motivação foi a insistência do Grupo de professores "padrinhos", referências quanto a canais educacionais. A evolução veio com a sua capacitação que antes precisava de uma pessoa para editar seus vídeos, hoje ele faz sozinho, com a ajuda da comunidade de professores-youtubers. No Youtube desde 2015</p>		<p>Conquistar novas oportunidades – visibilidade</p> <p>Entrevistado 1 – Melhora da qualidade do conteúdo</p> <p>Entrevistado 2 – Autonomia</p>		
<p>6 - Você trabalha em casa ou em uma empresa/instituição educacional? Como é o ambiente de trabalho?</p>	<p>Ele não trabalha em casa, tem um local, uma sala com iluminação, com TV, com uma câmera melhor e tal disponibilizado pela empresa que gerencia o canal Ambiente de trabalho com os colegas de forma amigável</p>	<p>Ele grava em casa, de início com uma estrutura simples. Atualmente possui uma estrutura profissional que foi sendo construída aos poucos</p>		<p>Entrevistado 1 – Na empresa. Sala com equipamentos adequados para gravação</p> <p>Entrevistado 2 – Em casa – Sala simples com equipamentos adequados adquiridos com recursos próprios</p>	<p>Rituais</p>	<p>Inter-relações</p>
<p>7 - Você tem auxílio de alguém na produção desenvolvimento desses materiais? (tantos os de comunicação, quanto de produção de conteúdo)</p>	<p>O professor presta serviço para uma empresa "Aula De" que possui estrutura de comunicação. Quanto ao conteúdo é ele mesmo que produz</p>	<p>No início havia uma pessoa o auxiliava na edição dos vídeos, hoje o próprio professor realiza essa atividade. Ele tem, ainda, uma pessoa que o ajuda com o Instagram. Mas ressalta que tem professores que possuem equipe de até 15 pessoas</p>		<p>Entrevistado 1 – Presta serviços a uma empresa que edita e publica o material</p> <p>Entrevistado 2 – No início tinha um colaborador para edição, hoje ele mesmo produz, edita e publica. Para maior engajamento possui um colaborador para redes sociais</p>	<p>Rituais</p>	<p>Inter-relações</p>

		auxiliando, devido o sucesso alcançado. O conteúdo é ele mesmo que produz				
8 - Descreva o seu processo de produção das videoaulas? Quais os recursos e tecnologias que utiliza? (seleção de materiais, como chega a um assunto/temática específica)	O professor se orienta pelas exigências do Enem e Vestibulares para Literatura, pesquisa o conteúdo referente ao período literário colocando num contexto histórico, já que o professor também é acadêmico de História da Arte. Os recursos são bem básicos, uma quantidade pequena de slides com imagens e texto pequeno que oriente a fala expositiva	O professor elabora tudo sozinho, do roteiro, gravação e edição, apoia-se em dicas dos membros do grupo de whatsapp de professores Youtubers para melhorar o trabalho. A sua estrutura é mais profissional tem espuma acústica e teleprompter e alta definição. Depois ele faz o que chama “você precisa fazer a água virar em volta de você”, que consiste em movimentar as redes sociais com o material postado. Trabalha sob demanda dos contratantes de cada projeto e por temáticas pertinentes ao currículo de História	Elaboram eles mesmos o material a ser divulgado	Entrevistado 1 – Baseia-se pelo Enem e vestibulares para compor os assuntos Entrevistado 2 Regula sua intencionalidade pedagógica conforme o contratante do projeto Entrevistado 1 – Apoia-se apenas no Power Point como recurso Entrevistado 2 – Possui estrutura profissional própria (espuma e teleprompter, alta definição)	Rituais	Inter-relações
9 - Em que se diferenciam as videoaulas dos materiais e aulas tradicionalmente realizadas no contexto presencial? Há vantagens e desvantagens num e noutro modo de ensinar? Quais seriam?	São bem diferentes, vantagem do presencial: - “...na aula presencial tu tem o contato né, a relação humana ali né, aquela ideia do Paulo Freire que é a troca né, tu ensina aprendendo e aprende ensinando, então ali eles podem, eles e elas tirarem as suas dúvidas, tem o olho no olho, tu percebe quando o aluno está aprendendo né, está	É diferente. Ele afirma que gosta muito da troca de energia da sala de aula, por ser uma pessoa pouco “racional”. Permite-se brincar em sala, coisa que não faz nos vídeos. Por que ele entende que o Youtube tem que ser objetivo do tipo “aperta ali, aperta aqui” “...Então, a	São contextos diferentes Na aula presencial há troca/interação – Na perspectiva Dialógica de Freire Na videoaula não há interação/Nu ma perspectiva Bancária de Freire	Entrevistado 1 – Lamenta não poder responder dúvidas na videoaula, sugere momento síncrono para trocas Entrevistado 2 – O engajamento cai se a aula não é conteudista. Lamenta não ter a possibilidade de comparação entre documentos, outras fontes de informação para colocar o aluno em suspensão/desequilíbrio para depois retomar a questão	Comentário	Inter-relação

	<p>desenvolvendo ali o raciocínio, aqueles olhares que estão com dificuldades...” Poder responder as dúvidas dos alunos. Sugere fazer momentos síncronos</p> <p>Vantagens: As vídeosaulas servem como revisão</p> <p>Desvantagens - não tem como responder os comentários de todos no Youtube</p> <p>Ele é muito brincalhão na sala de aula e nos vídeos ele utiliza-se de pequenas piadas para descontrair o momento</p>	<p>minha aula é uma aula mais seca, é uma aula que fica mais curta porque você não interage, então como a possibilidade de interação é zero, até fica de mal gosto, não sei, mas isso é encanação minha”</p> <p>Outra diferença é que não se sabe para que tipo de público está se falando, para adequar o conteúdo.”</p> <p>O engajamento cai se a aula não é conteudista</p> <p>“... é aquela educação bancária, que o Paulo Freire fala, você joga um monte de informação e depois o cara vai te dar um extrato do que ele guardou. E na verdade o extrato não é nem pra mim (risos), o extrato é para um outro professor.</p> <p>Então, a experiência de dar aulas no youtube é assim”... já o novo currículo do fundamental II, ele já fala de nichos temáticos, habilidades e tal. Mas quando você joga isso é muito mais difícil, porque habilidades e competências, na minha concepção, demanda um pouco mais de interação né, então de você apresentar um</p>				
--	---	--	--	--	--	--

		<p>documento pro aluno, apontar questões ali, trazendo o olhar que o aluno tem para aquele documento, você apresenta um outro documento, aí você convida o aluno a comparar as duas coisas. Então, eu fazer isso no vídeo sem interação se mostra uma tarefa muito ingrata, porque no máximo o que eu posso fazer é dizer ‘olha, pra comparar a gente faz assim’ e depois eu fazer a comparação, porque de toda forma não é o aluno que está fazendo a comparação, não é o aluno que está produzindo conhecimento, eu que estou fazendo a comparação, eu que estou cumprindo aquela habilidade ou aquela competência. Então, ao fim se torna uma aula expositiva de conteúdo e não uma aula mais dialógica né, pra pegar o termo do Bakhtin.”</p>				
<p>EIXO III - NARRATIVAS AUDIOVISUAIS 10 - Como percebem o potencial das estratégias narrativas utilizadas nas videoaulas (potencialidades)</p>	<p>Pode-se perceber que o entrevistado aposta em aulas expositivas tradicionais. A potencialidade das videoaulas é alcançar a quem não tem dinheiro para pagar um ensino de</p>	<p>O entrevistado afirma que as aulas por videoaulas são essencialmente expositivas, mas critica muito essa funcionalidade do Youtube, dizendo que há muitas</p>	<p>Trabalha com aulas tradicionais expositivas</p>	<p>Entrevistado 1 – Acredita que deveria haver momento síncrono para trocas Entrevistado 2 – Acredita que as videoaulas são subutilizadas, apresentando potencial para compor as</p>	<p>Comentário</p>	<p>Fluxo da narrativa</p>

<p>e fragilidades; o que poderia ter sido feito melhor?)</p>	<p>qualidade. A fragilidade é que não tem a troca com aluno, não pode responder as dúvidas. Sugere que a empresa faça um momento síncrono, uma “live” para poder tirar dúvidas dos alunos.</p>	<p>possibilidades de usar o recurso. Lembra que o professor pode utilizar os vídeos como um suporte para a sala de aula invertida, nos moldes das metodologias ativas, com que o aluno assista e faça perguntas sobre o tema e traga para discutir em sala de aula. “... ambiente muito mais preñado de possibilidades do que meramente o aluno que vai vendo aquilo ali... podem até assistir duas aulas diferentes, de dois professores diferentes do mesmo tema, ‘gente, vamos comparar isso aqui’.</p> <p>Ressalta que houve uma mudança significativa do jeito de utilizar a tecnologia na educação com a pandemia, mesmo com dificuldades de estruturas e financeiras os professores acharam alternativas. Sem glamorizar da pobreza do professor. Sendo que para ele, que possui remuneração privilegiada por trabalhar numa escola AA, os acontecimentos foram encarados de forma benéfica,</p>		<p>metodologias ativas</p>		
--	--	---	--	----------------------------	--	--

		abrindo outras possibilidades de docência remota. E ressalta que o Estado deve dar capacitação e equipamento para os professores que não possuem condições de adquirir.				
11 – Como a pandemia afetou seu trabalho?	<p>O presencial foi todo transferido para o online, utilizando a plataforma Zoom. Ele teve bom suporte de infraestrutura pois a rede que atua é privada. Mas não foi o que aconteceu na rede pública onde colegas dão aula. Tiveram que aprender a lidar com tecnologia que antes não dominavam. Não acompanha as métricas do canal, mas acredita que não alterou.</p>	<p>Toda a atividade foi transferida para o online, que o beneficiou. Possui todo o equipamento necessário em casa. O professor ressalta que sua experiência em sala de aula na pandemia trouxe a certeza que as notas não refletem o real aprendizado dos alunos, que ficou a quem do desejado. Muitos buscam respostas prontas na internet, usam softwares gratuitos que escrevem textos, portanto utilizando mal o recurso. Quanto a produção de conteúdo o professor observou que aumentou muito o número de produtores durante a pandemia, aumentou as visualizações, mas também aumentou o número de canais, dispersando a</p>	<p>Atividades todas transferidas para o online. Por terem boa infraestrutura não afetou o seu trabalho. Desafio para os professores, que tiveram que achar soluções educacionais através da tecnologia. Não alterou em número de visualizações</p>	<p>Entrevistado 1 – Recebeu o suporte da escola privada que atua Entrevistado 2 – Tinha equipamentos particulares Entrevistado 1 – Não acompanha as métricas do canal Entrevistado 2 – Aumentou muito o número de professores produzindo conteúdo, aumentando o número de acessos no geral, mas esses são dispersos. Entrevistado 2 – Afirma que as notas não refletem o real aprendizado dos alunos durante a pandemia</p>		Pandemia

		<p>atenção. Por conta disso acredita que não houve aumento de exposição do seu trabalho. Mas ressalta que foi um período que muitas soluções em educação surgiram. E que os professores adquiriram novas habilidades tecnológicas durante a pandemia</p>				
<p>12 Você conhece os vídeos interativos feitos com a tecnologia H5P?</p>	<p>Conheço e utilizo em aulas da escola. Nas videoaulas do AulaDe não. É algo mais recente, apareceu na escola que trabalho este ano na instituição após o retorno presencial. Mas na escola não trabalho com videoaulas</p>	<p>Após a entrevistadora comentar sobre os vídeos interativos, sugere que investigue as possibilidades do Nearpod, que é uma ferramenta online para inserir diversos formatos de textos, transformando o vídeo em um remix interativo. “...Então, pra ensino à distância é uma ferramenta poderosíssima, ou para aquelas escolas que o aluno assiste com um iPad ou com um notebook, também dá para fazer. Ou pra fazer assincronamente, o aluno em casa fazendo uma atividade que o professor já tenha preparado. Então, pode ser tanto síncrono como assíncrono”</p>				<p>Vídeos interativos</p>

APÊNDICE V – PRINCIPAIS ESTRATÉGIAS NARRATIVAS IDENTIFICADAS NA AMOSTRA GERAL

Tipo de leitor que se destina	Estratégias docentes frequentes utilizadas dos fluxos das narrativas	I ncidência
Contemplativo	Agradecimentos	1
Contemplativo	Presença de Animais	1
Contemplativo	Professor vestido de forma caracterizada	1
Contemplativo	Orientação para realização de tarefas	1
Contemplativo	Participação de especialista	1
Contemplativo	Relaciona com outras áreas do conhecimento	1
Contemplativ	Relaciona conteúdo com outros vídeos anteriores	1
Contemplativo	Spoilers da próxima videoaula	1
Contemplativo	Mapas mentais	2
Movente	Obras de arte	2
Imersivo	Simulação de Interação do professor com o público	2
Contemplativo	Exemplo de artistas renomados	2
Movente	Gravação do vídeo in loco	2
Contemplativo	Comparações entre movimentos históricos/literários/filosóficos	2

Contemplativo	Convida a assistir outros vídeos do canal		2
Movente	Memes/charges		2
Movente	Relaciona com notícias atuais		3
Contemplativo	Imagens de personagens pop		4
Contemplativo	Apresentação de slides		4
Contemplativo	Contextualização do tema		4
Contemplativo	Linha do tempo		6
Movente	Provocações iniciais sobre o que vai ser tratado		7
Contemplativo	Uso de esquema em quadro/lousa	0	1
Contemplativo	Linguagem jovem (gírias)	1	1
Contemplativo	Uso de questões	2	1
Contemplativo	Mapa geográfico	2	1
Contemplativo	Elementos sonoros	0	1
Contemplativo	Desenhos explicando a matéria	5	1
Movente	Animação	5	1
Contemplativo	Referência a livros	2	2
Contemplativo	Fotografias	1	4
Movente	Cenas de séries/filmes	8	4
Contemplativo	Suporte textual	98	1

APÊNDICE W – LISTA DE PALAVRAS MAIS FREQUENTES EXTRAÍDAS DOS COMENTÁRIOS DEIXADOS NOS VÍDEOS

Palavras Frequentes	Terra Negra	Aula De	Nerdologia	Parabólica	Buenas Ideias
Aula		153		47	
Muito		129	52	51	195
Aqui		67			
Aulas		61			
Literatura		58			
Bira		56			
Melhor		56			
Bom		52			
2019		38			
Parabéns		36			
Cara		35			
Vendo		30			
São			62		
Pra			53		
Fósseis			51		
Evolução			47		
Você			46		
Anos			45		
Vida			45		
Foi			44		
Explosão			38		
Milhões			38		
Terra			38		
Imperialismo				41	
Brasil					453
Guerra					403
KKKK (risos)					220
Primeira					171
História					160

Palavras Frequentes	Terra Negra	Aula De	Nerdologia	Parabólica	Buenas Ideias
Sempre					115
Cara					113
Toninhas					102
Bom					98
Brasileiros					88
Você					81
Mundial					74
Sul					74
Vai					74
País					73
Segunda					68
Dinheiro					62
Meu					60
Negra	38				
Terra	38				
Nossa	32				
Divulgar	31				
Plataforma	31				
Ajude	31				
Amigo	30				
Concursos	30				
Enem	30				
Exercícios	30				
Favor	30				
Inclusive	30				
Indique	30				
Informar	30				
Inscrição	30				
Lista	30				
Necessário	30				
Online	30				
Pessoas	30				
Públicos	30				
Vai	30				

Palavras Frequentes	Terra Negra	Aula De	Nerdologia	Parabólica	Buenas Ideas
Vestibulares	30				
Videoaulas	30				
Visitou	30				